



**CAROLINA MARIA DE JESUS:
PROJETO LITERÁRIO
E EDIÇÃO CRÍTICA DE
UM ROMANCE INÉDITO**

ALINE ALVES ARRUDA

**BELO HORIZONTE
2015**

Aline Alves Arruda

**Carolina Maria de Jesus: Projeto Literário e Edição
Crítica de um Romance Inédito**

Belo Horizonte
2015

Aline Alves Arruda

**Carolina Maria de Jesus: Projeto Literário e Edição
Crítica de um Romance Inédito**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de doutora em Letras.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientadora: Constância Lima Duarte

Belo Horizonte
2015.

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

Arruda, Aline Alves.

J58d.Ya-c

Carolina Maria de Jesus [manuscrito] : projeto literário e edição crítica de um romance inédito / Aline Alves Arruda. – 2015.

257 f., enc.

Orientadora: Constância Lima Duarte.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. – Dr. Silvio – Crítica e interpretação – Teses. 2. Autobiografia – Teses. 3. [Escrita na literatura](#) – Teses. 4. Melodrama – Teses. 5. Gêneros Literários – Teses. I. Duarte, Constância Lima. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : B869.803



Tese intitulada *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*, de autoria da Doutoranda ALINE ALVES ARRUDA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira/Doutorado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Constância Lima Duarte - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva - FALE/UFMG

Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre - FALE/UFMG

Prof. Dra. Elzira Divina Perpétua - UFOP

Prof. Dr. Sérgio da Silva Barcellos - UERJ

Prof. Dra. Myriam Corrêa de Araújo Ávila
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 24 de abril de 2015.

*A Carolina Maria de Jesus e às
várias Carolinas ainda
espalhadas pelo Brasil, que
teimam em escrever seus
diários ou simplesmente tecê-
los, tentando compreender a
“costura da vida”.*

AGRADECIMENTOS

À professora Constância Lima Duarte, pela orientação amiga, gentil e disponível. Sua amizade é muito mais que uma orientação.

Aos meus pais e irmãos pela compreensão nesses anos de ausência; pelo amor que emanaram de Ipatinga e pelo apoio de sempre, mesmo nos momentos mais difíceis de nossos últimos anos.

À família Arruda e à família Perdigão, pelo incentivo e carinho de sempre.

Aos primos Flávio, Francis e Elenita, que gentilmente me hospedaram nesses anos de doutorado em BH, carinhosamente.

Aos professores Marcos Alexandre e Eduardo de Assis Duarte, pela amizade acadêmica e fora dela, pela admiração por Carolina que compartilham comigo e pelas dicas e leituras, sempre preciosas.

Ao professor Mário Augusto que, ainda doutorando, generosamente usou sua taxa de bancada para adquirir os rolos microfilmados de Carolina da BN para a Unicamp, o que facilitou extremamente minha pesquisa com os inéditos.

Aos colegas dos grupos de pesquisa **Letras de Minas** e **NEIA**, pelo diálogo constante e grande força.

Ao IFSULDEMINAS, Câmpus Inconfidentes, pelo apoio financeiro e pelo afastamento no último ano do doutorado, essenciais para a escrita desta tese.

Aos colegas e alunos de Inconfidentes, por acreditarem tanto, especialmente aos amigos, verdadeiros presentes, Cris, José, Luís, João Paulo, Rafael, Natália, Lidi, Paulo, Áudria, Melissa e Paula, pela ajuda nas horas difíceis e companhia nas “fáceis”, pela insistência em me empurrarem pra frente e pela admiração que me transmitiram sempre (nó na garganta!).

Às amigas Cris e Claudia, verdadeiras coorientadoras, revisoras, leitoras estimadas e amigas conselheiras excelentes, que tanto amo. Também a Elis, Rosário e Fabrício, amados amigos, que muito ouviram e leram sobre Carolina comigo.

Ao Thiago, primo do coração, autor da bela capa que esta tese apresenta.

Eu preciso destas palavras escritas

(Arthur Bispo do Rosário)

RESUMO

A tese pretende investigar a existência de um projeto literário de Carolina Maria de Jesus. A escritora, conhecida quase que apenas pelo sucesso do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960, escreveu vários outros livros em prosa e verso, muitos deles ainda inéditos. Essas obras possuem um fio condutor que confirma o projeto da autora. Procurou-se analisar a obra de Carolina Maria de Jesus em todos os seus gêneros literários: diários, autobiografias, poemas, canções, provérbios e romances. A análise desses gêneros é proposta a partir de conceitos como a escrita performática e arqueológica de Carolina e, nos romances, o melodrama e o folhetinesco, dos quais a autora se aproxima e revela influência. Além disso, apresenta-se também a edição crítica do romance inédito *Dr. Silvio*, comparando-o com as obras anteriores e repensando esse conjunto de textos escritos por Carolina como seu projeto literário.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus – projeto literário – edição crítica – *Dr. Silvio*

ABSTRACT

The thesis aims to investigate the existence of a literary project by Carolina Maria de Jesus . The writer , known almost exclusively for the success of the book *Quarto de despejo: diário de uma favelada* , published in 1960 , wrote several other books in prose and verse, many of them unpublished. These works have a common thread that confirms the author's project. We tried to analyze the work of Carolina Maria de Jesus in all literary genres : diaries, autobiographies , poems , songs, proverbs and novels. The analysis of these genres is based on concepts like Carolina's performative and archaeological writing and, in novels , melodrama and the folhetinesco, which the author approaches and from which reveals influence. In addition, this work also gives a critical edition of the unpublished novel *Dr. Silvio*, comparing it with previous works and rethinking this set of texts written by Carolina as her literary project.

Keywords: Carolina Maria de Jesus – literary project- critical edition – *Dr. Silvio*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
PARTE 1 – AS INTENÇÕES LITERÁRIAS DE CAROLINA ESCRITORA	20
OS DIÁRIOS DE CAROLINA: A ESCRITA ARQUEOLÓGICA E PERFORMÁTICA	30
Do <i>Quarto de despejo</i> a <i>Casa de alvenaria</i>	37
A narrativa performática nas linhas de <i>Meu estranho diário</i>	46
O relato diarístico de viagem na América do Sul	57
A ESCRITA PERFORMÁTICA AUTOBIOGRÁFICA	61
<i>Diário de Bitita</i> , “Minha vida” e “O Sócrates africano”	64
A POESIA ROMÂNTICA DE CAROLINA E OS ENSINAMENTOS MORALIZANTES DOS PROVÉRBIOS	73
A FICÇÃO MELODRAMÁTICA DE CAROLINA	80
As marcas sociais em <i>Pedaços da fome</i>	83
Os romances inéditos	88
PARTE 2 – EDIÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE <i>DR. SILVIO</i>	91
ROMANCE <i>DR. SILVIO</i>	97
À guisa de posfácio: <i>Dr. Silvio</i> e sua importância no projeto literário de Carolina Maria de Jesus	233
CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
REFERÊNCIAS	244
Da autora	244
Sobre a autora	244
Geral	246
ANEXOS	251

INTRODUÇÃO

*(...) a mulher precisa ter dinheiro e um teto
todo seu se pretende mesmo escrever ficção.*

Virginia Woolf

A conhecida frase, publicada no livro *Um teto todo seu*, foi dita por Virginia Woolf quando de sua palestra para uma plateia feminina em Cambridge, em 1928. Transgredindo o gênero conferência, a escritora inglesa parte dessa tese – de que a mulher que deseja escrever precisa ter privacidade e condições materiais mínimas que lhe propiciem um ambiente de escrita – para proferir uma fala que transita entre palestra, ensaio, ficção ou reflexão, digna de uma escritora como ela, que, nas primeiras décadas do século XX, fez contribuições tão significativas e marcantes para a história da mulher na literatura. Tal afirmação costuma também ser usada no sentido metafórico para abordar a ausência da mulher na tradição literária e discorrer sobre os problemas que aquelas que se queriam escritoras enfrentavam no campo hostil da sociedade masculina.

A frase de Woolf ainda ecoa e nos encontra no século XXI falando sobre uma escritora do século passado: Carolina Maria de Jesus. As duas, a inglesa e a brasileira, foram durante alguns anos contemporâneas. Woolf viveu entre 1882 e 1941; Carolina, entre 1914 e 1977; entretanto, suas experiências foram completamente diversas. A londrina teve uma educação esmerada e um precoce mergulho no campo literário. Ainda jovem, com pouco mais de vinte anos, abriu com o marido uma editora, e frequentava o grupo Bloomsbury, famoso círculo intelectual de Londres. Já Carolina Maria de Jesus, de fato não possuía um “teto todo seu” nem uma renda mensal que lhe garantisse a sobrevivência, ainda mais a independência para a escrita. Aliás, suas precárias condições de moradia e classe são aspectos imprescindíveis para a leitura de sua obra ainda hoje. Além disso, Carolina pertence a outras condições de exclusão: além de mulher, era também negra. Ela tem lugar na literatura afro-brasileira, seguindo a tradição de escritoras como Maria Firmina dos Reis¹, autora de *Úrsula* (1859), e Auta de Souza, de *Horto* (1898), e precedendo outras escritoras como a romancista Conceição Evaristo, autora de *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), e Ana Maria Gonçalves, de *Um defeito de cor* (2006).

¹ Maria Firmina dos Reis (1825-1917) nasceu em São Luiz do Maranhão. Bastarda e mulata, enfrentou muitas dificuldades para se formar professora. Passou em concurso público e exerceu a profissão por muitos anos, sendo reconhecida como Mestra Régia. Fundou a primeira escola mista e gratuita do Estado e do país. Escreveu crônicas, poemas, enigmas e charadas na imprensa local, além de ser folclorista. Publicou dois romances: *Gupeva*, em 1861, de temática romântica indianista, e *Úrsula*, considerado o primeiro romance afro-brasileiro, em 1859.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu em Sacramento, Minas Gerais, e ficou conhecida em 1960 pela publicação do livro *Quarto de despejo*, um diário que conta sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, onde viveu por nove anos desde 1947. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, Carolina ficou famosa, teve o livro editado sete vezes² só no ano de lançamento e traduzido para 13 línguas. Elzira Divina Perpétua, em sua tese *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*, defendida na UFMG em 2000, comenta que o livro ficou alguns meses na lista dos mais vendidos no ano de seu lançamento. A autora cita dados da revista *O Cruzeiro*, de setembro de 1960, para mostrar que Carolina esteve no ranking ao lado de autores como Bertrand Russel, Marechal Montgomery, Graham Greene e Jean-Paul Sartre (ela em primeiro e os outros sucessivamente) (Perpétua, 2000, p. 36). No livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, os autores Robert Levine e José Carlos Meihy comentam a recepção de *Quarto de despejo* quando de sua publicação:

Feito o livro, uma verdadeira multidão de pessoas dirigiu-se às livrarias de São Paulo nos primeiros dias do mês de agosto de 1960, quando o texto foi lançado. Carolina sentada à mesa fora da loja autografou 600 cópias conversando com cada um dos leitores. (...) Carolina raiava então como um brado público contra as favelas. Nos três primeiros dias do lançamento do livro, dez mil volumes foram vendidos na cidade de São Paulo. Passados seis meses, 90 mil cópias haviam-se espalhado por todo o país. No espaço de um ano ela havia se equiparado, em vendagem, a Jorge Amado, e com ele se transformado no mais traduzido dos autores brasileiros de todos os tempos (Levine; Meihy, 1994, p. 25-26).

Uma peça de teatro baseada em *Quarto de despejo* foi montada em 1961, ano seguinte ao da publicação do livro, dirigida por Amir Haddad e estrelada por Ruth de Souza. A atriz confessa, no livro *Ruth de Souza: estrela negra*, de Maria Ângela de Jesus, que foi uma experiência muito importante para sua carreira. Ela repetiu o papel em 1983 em um episódio do *Caso verdade*, da Rede Globo. Em sua biografia a atriz

² Em 1963, saiu nova edição pela mesma editora. Em 1976, houve duas edições publicadas pela Ediouro; em 1983, outra novamente pela Francisco Alves; em 1990, uma pela Círculo do Livro; em 1993, pela Ática que já o editou cinco vezes desde então.

afirma que foi um dos melhores trabalhos que fez na televisão, pois “era um ótimo papel, interpretando uma pessoa viva, e com uma produção extremamente caprichada da Rede Globo” (Jesus, 2007, p. 62).

Entretanto, assim como foi rápida a ascensão, foi também a queda. Um ano depois ela já estava quase esquecida dos brasileiros, apesar da publicação de um novo livro, *Casa de alvenaria*, em 1961, bem pouco vendido. A biografia *Muito bem, Carolina!*, de Eliana de Moura e Castro e Marília Novais de Mata Machado, narra os altos e baixos da vida da escritora negra que morreu quase esquecida. Segundo as biógrafas,

Hoje, Carolina Maria de Jesus é bem conhecida no estrangeiro, especialmente nos Estados Unidos, onde sempre teve seus livros reeditados. No Brasil, poucos se lembram dela e quase ninguém sabe que ela escreveu muito mais que seu famoso diário de 1960 (Castro; Machado, 2007, p. 11).

Em *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, que também contém depoimentos dos filhos da escritora e de outras pessoas ligadas a ela, os autores afirmam:

Por razões diversas e algumas de explicação indireta – como a inadequação da mensagem do seu primeiro livro ao padrão proposto pelo golpe militar de 1964, que evitava a crítica social –, mas especialmente pela relação estranha da escritora em face da atitude impertinente da imprensa, da classe média paulistana e brasileira e da elite intelectual, a queda de seu prestígio foi tão brusca quanto o fora sua ascensão. Brusca, dramática e consequente. Em pouco tempo, ela foi forçada a voltar à condição de pobre, com dificuldades de sobrevivência. Na miséria viu terminarem seus dias (Levine; Meihy, 1994, p. 17).

Além dos dois primeiros livros, Carolina escreveu ainda *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1977), *Diário de Bitita* (1986), *Meu estranho diário* (1996) e os poemas da *Antologia Pessoal* (1996).

Meu interesse por Carolina surgiu quando li *Quarto de despejo* e me espantei com sua perspicácia e a crítica que apresenta a partir de um ponto de vista interno: de dentro da favela. Além da obra publicada, há, na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e recentemente no Arquivo de Escritores Mineiros da UFMG³, uma coleção de dez rolos do “Projeto Carolina de Jesus”, que contém microfilmes de manuscritos, em sua maior parte, inéditos. Nos rolos microfilmados podemos encontrar uma variedade de escritos de Carolina: peças de teatro, anotações, pensamentos, diários, letras de músicas, contos e romances inéditos. São centenas de páginas de cadernos em que a escritora mistura anotações do dia a dia e listas de compras, com passagens de diário e textos em verso e de ficção. Cada rolo microfilmado em parceria com a Biblioteca de Washington contém uma média de três ou quatro cadernos. Neles localizamos os trechos escolhidos por Audálio para serem publicados em *Quarto de despejo* e em outros diários, e também textos de ficção inéditos, os quais me interessam nessa pesquisa, especialmente os romances.

A escrita de Carolina é pungente, forte, densa, daquelas que incomodam e encantam ao mesmo tempo. *Quarto de despejo*, seu *best seller*, é um exemplo claro de sua literatura cortante. O diário, editado por Audálio Dantas, compreende os escritos datados de 15 de julho de 1955 até 1º de janeiro de 1960, com um salto de julho de 1955 retomado em maio de 1958. Nele, Carolina retrata sua indignação com o governo brasileiro, que permitia que grande parte de sua população passasse fome. E ela, a fome, será companheira inseparável de Carolina em seu diário, assunto repetido diversas vezes, quase diariamente, a ponto de concluir: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (Jesus, 2000, p. 26). A consciência demonstrada diante das condições políticas e históricas que a levaram, como a muitos, ao quarto de despejo da cidade é surpreendente. Logo na primeira página do diário a escritora comenta que chegou em casa depois do trabalho e se corrige: “aliás, no meu barracão”. Mais adiante explica a metáfora que dá título ao seu livro: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (p. 28).

³ Em novembro de 2014 a UFMG recebeu a doação deste material pelo professor José Carlos Bom Meihy.

Sobre esse “quintal” a escritora fará a maioria de seus comentários e usará sua escrita como arma de denúncia: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa” (p. 17)⁴.

Enquanto em *Quarto de despejo* a autora relata a rotina de catadora de papéis que convivia diariamente com a fome, em *Casa de alvenaria*, temos outra Carolina: a que vive o sucesso e ascensão depois do grande êxito de seu livro anterior que proporcionara a ela e à família a saída da favela e a mudança para a “sala de visitas”, comprando uma casa de alvenaria, que dá título ao livro.

Em *Casa de alvenaria*, é Audálio Dantas novamente quem edita os escritos de Carolina e prefacia o livro. No texto de apresentação ele faz referência ao passado, quando encontrou pela primeira vez os manuscritos da autora, que chama de “subversão manuscrita” e de “revolução dentro de um barraco” (1961, p. 5). Além disso, ele se defende de algumas acusações feitas por Carolina nos textos que se seguem e adianta para o leitor a ambiguidade de sua relação com ela, relatada no diário, pois Carolina por diversas vezes parece ter raiva do controle e dos palpites feitos pelo “repórter”, como o chamava, e por tantas outras o trata com carinho e gratidão.

Já o livro *Diário de Bitita* foi publicado primeiro na França, em francês, em 1982 e quatro anos depois no Brasil. Não tem a forma de diário como os anteriores; apresenta relatos da infância e juventude da autora antes de morar em São Paulo, quando era conhecida como Bitita, seu apelido de família. Duas jornalistas vindas de Paris, uma brasileira, Clélia Pisa, e outra francesa, Maryvonne Lapouge, entrevistaram Carolina em 1975 e ela lhes entregou os originais, que as duas se encarregaram de traduzir e publicar. Nos relatos, a narradora, sob um ponto de vista infantil, se mostra uma criança perspicaz, questionadora e consciente, assim como a adulta de *Quarto de despejo*. As questões de gênero, classe e etnia são muito discutidas nesse livro.

Carolina sempre se mostrou interessada em escrever ficção e ser conhecida como autora de romances, mais do que de diários. Os temas encontrados nos diários são também notáveis em sua ficção. *Pedaços da fome*, o único romance publicado, em

⁴ As citações correspondem aos textos como foram publicados pelos editores.

1963, veio quando a autora já não experimentava mais os louros da fama. O romance é marcado pelo maniqueísmo na divisão de classes sociais.

Mas, como apontado anteriormente, além dos publicados, encontram-se diversos inéditos à espera de leitores. Um dos romances encontrados na pesquisa na Biblioteca Nacional, *Rita*, tem como protagonista a personagem do título, que o narrador descreve como uma menina raquítica, de olhos grandes e narinas dilatadas. Rita não é filha do marido de sua mãe, João Rodrigues, e este abandona Maria, a esposa, assim que ela nasce e ele percebe que não era sua herdeira. A criança era filha de João dos Santos, um malandro, tocador de violão, com quem Maria teve um caso. A mãe vê na menina o motivo de sua desgraça e fim do casamento e por isso a rejeita. Frases como “Se esta desgraça não tivesse nascido, meu esposo não me deixava”, “Por que esta diaba não morreu? Morre tantas crianças, esta cadela fica”, entre outras, mostram a violência com que Rita é tratada dentro de casa; sua infância é marcada por inúmeras crueldades e tragédias. Surpreendentemente, a narrativa se assemelha à biografia de Carolina e sugere uma instigante mistura de ficção e realidade.

Outro romance ainda inédito, *Dr. Silvio*, que também se encontra nos arquivos de Carolina, frisa essa diferença social: trata de um relacionamento amoroso entre a protagonista, moça pobre, filha da dona da pensão na capital, e um de seus hóspedes, um rico estudante de medicina, personagem que dá título ao romance. Maria Alice, a protagonista, é a moça ingênua que acaba iludida e traída por Silvio. Percebemos, assim, que a consciência crítica da escritora e que os temas abordados por ela nos diários e nos romances parecem seguir uma espécie de plano, que nos faz conceituar o conjunto de sua obra como um “projeto literário”. *Dr. Silvio* é o romance escolhido para fazer a edição crítica na segunda parte desta tese.

Além dos dois romances citados, há mais quatro microfilmados: *Dr. Fausto*, *Diário de Martha ou mulher diabólica*, *O escravo* e ainda dois sem título.

Em 1996, José Carlos Sebe Bom Meihy publicou uma antologia de poemas intitulada *Antologia Pessoal*, pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O livro contém 87 poemas de Carolina que lembram o estilo romântico, com suas rimas e cadência musical, cujos temas passam também pelo conservadorismo, como as relações

familiares consideradas “perfeitas”, além do sofrimento, o amor idealizado e as questões políticas que em todo seu projeto literário são destacadas.

Várias publicações de Carolina, como essa, estão esgotadas e não são, portanto, facilmente encontradas pelo leitor comum ou pelos pesquisadores de sua obra, o que nos mostra a importância e a necessidade de novas edições de todos eles e de publicações do material inédito. Recentemente, em 2014, os textos inéditos “Onde estaes felicidade?” e “Favela” foram publicados pela *Me parió revolução edições*, juntamente com artigos sobre a autora, publicação organizada pelas pesquisadoras Raffaella Fernandez e Dinha.

O fato é que ainda há muito que se estudar sobre essa escritora mineira afrodescendente, embora exista uma expressiva fortuna crítica em torno da sua obra. Além das biografias já citadas, *Cinderela Negra*⁵, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, publicada em 1994, e *Muito bem Carolina!*, de Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado, de 2007, há ainda outra mais recente, do escritor Joel Rufino dos Santos, *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*, publicada em 2009. Há também teses e dissertações, a maioria analisando os diários, especialmente *Quarto de despejo*, por diferentes caminhos teóricos. Destaco as teses de Elzira Divina Perpétua, *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*, defendida em 2000 e publicada em livro em 2014; e de Maria Madalena Magnabosco, *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*, defendida em 2002, ambas apresentadas na Faculdade de Letras da UFMG. Há também a tese de Germana Henriques Pereira de Sousa, *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*, defendida em 2004 no Instituto de Letras da Universidade de Brasília e publicado em livro em 2012. Pela Unicamp há a tese de Mário Augusto Medeiros da Silva, *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*, defendida em 2013 e também já publicada em livro. A fortuna crítica conta ainda com muitos artigos em jornais e revistas acadêmicas ou em cadernos especiais, além de artigos acadêmicos publicados em antologias ou livros, como é o caso dos escritos da

⁵ *Cinderela Negra* traz depoimentos de pessoas ligadas a Carolina, como seus filhos Vera Eunice de Jesus Lima e José Carlos de Jesus, também do jornalista Audálio Dantas, editor da escritora e prefaciador de dois de seus diários. O livro contém ainda dois textos até então inéditos da autora: “Minha vida...”, texto autobiográfico sobre sua infância, e “O Sócrates africano”, no qual ela narra sobre o avô.

professora Marisa Lajolo. Assim, os estudos sobre Carolina se concentram predominantemente em seus diários, especialmente no primeiro, e não há, ainda, estudos aprofundados que contemplem sua obra como um todo.

Curiosamente, nos Estados Unidos a escritora é muito conhecida, graças a pesquisadores como Robert M. Levine, que confessa, em seu texto “Um olhar norte-americano”, ter sofrido forte impacto depois de ler *Child of the Dark*, a tradução estadunidense para *Quarto de despejo*. Levine, então professor da State University de Nova York, incluiu em sua disciplina sobre a história da América Latina o diário de Carolina de Jesus. Depois, juntamente com o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, fez parte de um projeto que resultou em vários livros e trabalhos, um dos mais importantes foi a microfilmagem dos inéditos da autora pela Biblioteca de Washington juntamente com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1996. Recentemente, a escritora Sapphire afirmou ao repórter Fábio Victor que seu livro *Push* teve Carolina e seu *best-seller* como inspiração. O livro de Sapphire foi tema do filme *Preciosa*, que, em 2010, concorreu a vários prêmios no Oscar. Na trama, alunas marginalizadas socialmente são alfabetizadas pela professora por meio da escrita de diários. Segundo Sapphire, “Eu dava um curso baseado em diários de mulheres, Virginia Woolf, Sylvia Plath, Frida Kahlo, Carolina Maria de Jesus. Os das brancas eram introspectivos. O dela falava de classe, raça, luta por comida para os filhos”⁶, afirma, em alusão a *Quarto de despejo*. A autora norte-americana disse também ao jornalista que achou estranho os brasileiros não conhecerem a escritora, já que nos Estados Unidos seu livro ainda é bastante lido e facilmente encontrado.

A professora Eva Paulina Bueno, da St. Mary’s University em Santo Antonio, no Texas, já publicou artigos sobre a autora. Em um deles, na Revista *Espaço Acadêmico*, em março de 2005⁷, a pesquisadora faz um relato curioso sobre quando foi procurada por jovens estudantes estadunidenses do Estado do Kansas, que gostariam de ter mais informações de Carolina para apresentar um trabalho sobre ela na escola. O que chamou a atenção de Eva Bueno no acontecimento foi que a escritora, ultrapassando as fronteiras de seu país, continua despertando interesse de pessoas como as adolescentes

⁶ Entrevista em reportagem da *Folha de São Paulo* de 23 de janeiro de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2301201015.htm>. Acesso em 10/10/2011.

⁷ Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/046/46bueno.htm>. Acesso em 05/03/2014.

do Kansas e cumprindo sua “função” de se destacar por sua literatura tão surpreendente e forte.

No Brasil, nas diversas bibliotecas e arquivos literários, fiquei surpresa ao encontrar, entre os dez rolos de microfimes, um material inédito vasto e muito rico, especialmente os romances; daí surgiu o desejo de contribuir para tornar esses escritos conhecidos e dedicar a eles uma pesquisa atenta e um estudo mais profundo.

Os manuscritos não publicados de Carolina são verdadeiros arquivos que representam sua memória literária, e sua preservação equivale a resgatar parte da história da literatura brasileira do século XX que, se, por um lado, foi marcada por autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa, na sala de visitas, no quarto de despejo teve Carolina como representante de uma memória coletiva.

Esta tese faz uma leitura mais completa da obra da autora, inclusive dos romances inéditos, e defende que sua obra possui um fio condutor que revela um “projeto literário” feito de reflexões, denúncias e reivindicações, que praticamente atravessam toda sua escrita. Para além do estudo da obra como um todo, a tese apresenta a edição crítica do romance *Dr. Silvio*.

Dividido em duas partes, este trabalho se propõe, na parte 1, a analisar a obra de Carolina Maria de Jesus em todos os seus gêneros literários: diários, autobiografia, poesia, provérbios e romances, observando como ela possuía um projeto literário. A análise desses gêneros é proposta a partir de conceitos como a escrita performática e arqueológica de Carolina e, nos romances, o melodrama e o folhetinesco, dos quais a obra da autora se aproxima.

A parte 2 é a edição crítica do romance inédito *Dr. Silvio*. Nela, usa-se o conceito de arquivo apresentado por Foucault, “um sistema de discursos que encerra possibilidades enunciativas agrupadas em figuras distintas, compostas umas com as outras segundo relações múltiplas e mantidas ou não conforme regularidades específicas” (2008, p. 147). Dessa forma, de acordo com o professor Wander Melo Miranda, o arquivo não é simplesmente um amontoado de textos reduzido apenas à memória ou à contribuição cultural, no caso de Carolina percebe-se que se constitui de um emaranhado de textos reunidos pela própria autora e cuidadosamente escritos com o objetivo de, neste caso, uma publicação que não se realizou em vida, devido aos

percalços vividos que a legaram ao esquecimento. Faço, portanto, a leitura dos inéditos de Carolina como pertencentes de seu projeto literário e o objetivo de preparar uma edição crítica, é, além de trazer o passado ao presente, “infundir outra vida” (Miranda, 2003, p. 38) aos arquivos dela.

Segundo Eneida Maria de Souza,

A obra submetida à edição crítica recebe tratamento editorial capaz de lhe conceder dignidade, ao introduzir metodologias de trabalho centradas nas fontes primárias, procedimento analítico em estágio de desenvolvimento e amadurecimento entre pesquisadores do manuscrito literário. Trata-se de uma das aspirações pós-modernas de recuperação da memória literária, pelo abandono do projeto totalizante e unificador da modernidade para se fixar nas diferenças que delineiam o fragmentado e vigoroso arquivo cultural da atualidade (Souza, 2011, p. 40).

Portanto, o trabalho aqui proposto passa pelo que a professora Eneida Souza chama de “recuperação da memória literária”. Entendemos que a obra de Carolina de Jesus merece esse resgate diante da importância da escritora e de sua trajetória.

O conceito de “edição crítica” é amplo e pode significar, segundo o E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia⁸, “Publicação de um texto, de tradição ou gênese complexas, segundo os métodos da crítica textual”. O dicionário afirma ainda que uma edição crítica pode ser aquela que corrige problemas de edições anteriores, indo direto à fonte manuscrita ou, conforme entendemos para esta tese, a publicação de um texto inédito e comentários sobre ele, sem prejudicar sua gênese, prezando por sua fidedignidade.

Esta tese passará, portanto, pela divulgação de parte do arquivo de Carolina, especialmente um dos romances, *Dr. Silvío*, numa edição crítica, comentada, que apresentará o trabalho de Carolina Maria de Jesus sem desconsiderar sua obra já publicada e a recepção crítica existente sobre ela.

⁸ Disponível em <http://www.edtl.com.pt/> - acesso em 10/10/2013.

Assim, além de transcrever e editar o romance da escritora, a tese também faz uma análise comparando-o com as obras anteriores e repensando como esse conjunto de textos escritos por Carolina, diários e romances, se configuram como seu projeto literário.

PARTE 1

AS INTENÇÕES LITERÁRIAS DE CAROLINA ESCRITORA

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão.

Regina Dalcastagnè

Excluída da literatura brasileira ou levada para o campo da literatura de testemunho, Carolina é um bom exemplo do que afirma a professora Regina Dalcastagnè na epígrafe desta primeira parte. Desde as inúmeras tentativas⁹ para ser publicada até o lançamento de *Quarto de despejo*, as polêmicas em torno da obra foram grandes. Houve quem dissesse que ela era uma invenção de Audálio Dantas, mesmo mais recentemente, nas reedições do famoso diário da favelada. Em 1993, quando a editora Ática lançou sua primeira edição de *Quarto de despejo*, após comprar os direitos da Francisco Alves, o poeta Wilson Martins escreveu no *Jornal do Brasil* que o livro não passava de uma “mistificação literária”, ao que Dantas respondeu também na imprensa e convidou quem quisesse para conferir os manuscritos de Carolina. Antes, em 1960, já havia boatos de que Dantas era o *ghostwriter* de Carolina e, na ocasião, foi defendido pelos poetas Manoel Bandeira e Ferreira Gullar. Também a escritora Marilene Felinto, em artigo publicado na *Folha de São Paulo* na ocasião do lançamento de *Antologia Pessoal e Cinderela Negra*, afirma que Carolina teria sido “equivocadamente trazido a público como escritora de literatura”. A teimosia em acreditar que uma mulher negra, mãe solteira de três filhos, de origem pobre e na condição de catadora de papel e favelada pudesse escrever um livro ainda deve persistir nos rincões da crítica literária e das aulas de Literatura.

O que diriam essas pessoas se soubessem, então, que Carolina de Jesus sentia-se escritora, tinha certeza de seu potencial e, mais, tinha um projeto literário? Ou seja, nas dezenas de cadernos nos quais escreveu diversos textos de diferentes gêneros, a escritora pensava em viver de literatura muito antes de a editora Francisco Alves publicar seu diário. Na verdade, o que ela enxergava como obra ia muito além do registro de seu cotidiano, pois abrangia outros gêneros como poemas, contos, romances e provérbios. Embora tenha publicado apenas pequena parte desses escritos e não tenha tido tempo nem incentivo para lapidar e organizar os demais, percebemos claramente ao estudar a autora e seu legado literário o quanto ela tinha consciência desse projeto.

Sua necessidade básica de escrever é sempre comentada pelos seus biógrafos e estudiosos. Em *Muito bem, Carolina!*, as autoras relatam que ela escrevia para “(...) ordenar as ideias e os sentimentos, obtendo, assim, certo alívio. Escrever, para ela,

⁹ Carolina já havia enviado seus escritos para revistas e jornais, inclusive para a *Reader Digest*, da qual recebeu uma negativa que muito a abalou.

torna-se necessidade básica. (...) Acalenta, realmente, um projeto de ascensão social pela literatura” (Castro; Machado, 2007 p. 45). Joel Rufino dos Santos afirma que Carolina era “o que os dicionários chamam de grafomaniaca: pessoa com tendência compulsiva, doentia, de fazer registros gráficos, rabiscos e, especialmente, escrever em qualquer superfície ou material imediatamente acessível. Vício de escrevinhar, ser infeliz se passar um dia sem escrever” (2009, p. 25). A escrita parecia ser mesmo uma necessidade vital para a autora de *Quarto de despejo*, mesmo não possuindo “um teto seu” ou condições “mínimas” para a necessária concentração e criação, ou, ainda, um ambiente intelectual que a incentivasse. A propósito, Dalcastagnè afirma o seguinte acerca da escritora:

Pensem no quanto é grande o desejo de escrever, para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que “não lhes cabe”, aquilo para o que “não foram talhadas”. Imaginem o constante desconforto de se querer escritor ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita pretensão” (2012, p. 9).

Os julgamentos de valor sobre a obra de escritores à margem do cânone, como é o caso de Carolina, sempre sentenciarão os textos produzidos por esses autores como “pobres em estética”, “panfletários” ou desprovidos de literatura. Tais críticos dificilmente reconhecem os escritos dos excluídos como literários de fato, no máximo, aceitam seu “valor social e histórico”. No ano de lançamento de *Quarto de despejo*, no dia 26 de agosto de 1960, Casmurro de Assis, colunista do jornal *A voz de São Paulo*, argumentou:

O livro é singelo. Sem amargura. Carolina não tem reivindicações. Ela é criatura como muitas outras e sabe que tudo acontece porque tem que acontecer. Deus fez o pobre e Deus fez o rico. Aí o seu sentido real. Não é Carolina uma intelectual, escrevendo sobre a miséria, para fazer populismo, para fazer literatura. É mesmo uma marginal da favela do Canindé. Escreve seu diário como se estivesse escrevendo uma carta para outra marginal, sua comadre da favela do Esqueleto. Sem qualquer intenção. Sem objetivo. Sem literatura. Com certeza pela primeira vez podemos saber como tais criaturas reagem em face da vida. O perigo é que Carolina Maria de Jesus queira se tornar uma escritora. Que aconteça com ela o que está acontecendo com esses negros que Marcel Camus recolheu nos morros e colocou

no Orfeu do Carnaval e que andam por aí agora com banca de artistas (Texto presente nos arquivos microfilmados da *Coleção Audálio Dantas*¹⁰).

A opinião do jornalista surpreende pela banalização da obra e das intenções da autora, conclui enfaticamente que Carolina não se pretende escritora e, mesmo que ela quisesse, seria um “perigo”. A crueldade racista das expressões “criatura” e “esses negros” é opinião recorrente ainda hoje; não ficou, infelizmente, no século passado. Não poderia Carolina, na opinião do autor, ter objetivos e reivindicações de uma obra literária; para ele, ela deveria resignar-se a ser apenas mais uma “negra do morro”, orgulhando-se, diria a letra de um funk carioca largamente cantado em todo o país, de que “o pobre tem seu lugar” e este não é na literatura.

Elzira Divina Perpétua (2000), em sua tese *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*, menciona por diversas vezes a existência de um projeto na obra de Carolina. A pesquisadora estuda especialmente os diários, inclusive seus manuscritos, e afirma que Carolina, embora tenha ficado famosa com o diário, acalentava o mesmo rumo para sua ficção e para seus versos. A professora confirma, em entrevista feita com Audálio Dantas e no estudo dos diários e dos manuscritos, que Carolina inicialmente não dá valor ao diário e é o jornalista quem lhe pede que ela se dedique à escrita autobiográfica, pois via neste gênero a melhor atuação da escritora diante do cenário em que vivia e do contexto social pelo qual passava o país em meados de 1960. Carolina, assim, dedica-se ao diário por solicitação de Audálio, “no entanto, junto à escrita do diário, ela continuaria alimentando outras formas de texto e passaria o resto de seus dias tentando se projetar por meio da escrita ficcional” (p. 56). Analisando os manuscritos da autora, Perpétua enfatiza a importância e o valor estético da obra de Carolina de Jesus:

Os manuscritos apontam um método de escrita muito particular, que não se inscreve na tradição da escrita laboriosa, reflexiva, que se volta constantemente sobre si mesma, modificando-se e/ou corrigindo-se. Esse modo peculiar de enunciação escrita vai-se aproximar, em alguns pontos, da linguagem oral (...) (Perpétua, 2000, p. 167).

¹⁰ A Coleção Audálio Dantas nesta parte é composta de recortes de jornais e revistas sobre Carolina.

Além da proximidade com a linguagem oral, a pesquisadora ressaltava também outros dois aspectos importantes da escrita de Carolina, como o vocabulário refinado:

O vocabulário de Carolina apresenta-se bastante sofisticado se visto em relação ao seu grau de escolaridade. Ela própria descreve a impressão que sua linguagem causa nos ouvintes, denominando-a de ‘clássica’ por pertencer a um acervo não popularizado, e cujo sentido muitas vezes pode ser entendido em seu contexto no manuscrito (...)” (Perpétua, 2000, p. 167).

e a repetição como recurso transparente para a escrita cotidiana:

A escrita do dia-a-dia de Carolina é marcada pela repetição das descrições dos atos diários, que se justifica, primeiramente, pela concepção de Carolina a respeito da linguagem do cotidiano, segundo a qual a linguagem deve obedecer a uma transparência dos atos rotineiros; logo, se a rotina é repetitiva, a escrita assim deve ser (Perpétua, 2000, p. 170).

Outra estudiosa de Carolina Maria de Jesus, Germana Henriques Pereira de Sousa (2012), faz um estudo de sua obra a partir da teoria de Antonio Candido (1993) sobre os sistemas literários. Para a pesquisadora, após a “surpresa” que representou para o público leitor em 1960, a escritora mineira se mantém viva e desperta ainda o interesse da academia pelo seu valor estético. Para Sousa, Carolina “tece uma obra literária única” (2012, p. 17). Sua permanência na crítica brasileira deve-se “ao deslocamento do ponto de vista de classe que o seu texto opera e à linguagem fraturada” (p. 20). Essa linguagem seria a mistura que Carolina faz entre o preciosismo linguístico, já desprezado pelos modernistas desde 1922, e a sintaxe “fraturada” que marca sua literatura e a mantém fora dos moldes da elite: “A linguagem fraturada de Carolina deve ser entendida pelo que de fato é: a tentativa de uma pessoa das camadas subalternas de dominar os códigos da cidade letrada” (p. 21). A professora acredita, portanto, que desses aspectos é que vem o interesse estético pela autora ainda hoje, mais de 50 anos depois da publicação estrondosa de *Quarto de despejo*.

Por sua vez, Joel Rufino observa que um dos mais admiráveis aspectos em relação à Carolina é que ela tenha escrito mais de cinco mil páginas de anotações mescladas aos textos literários sem dominar a chamada norma culta. Era, portanto, muito grande seu desejo de escrever e sua coragem para submeter seus textos ao crivo nacional e internacional.

Para Levine e Meihy, “Carolina se via como uma escritora profissional” (1994, p. 29), era confiante em relação a sua literatura e, embora tenha sido “descoberta” em virtude de um diário, e a partir dele muitos grupos terem tentado manipular sua escrita, ela traçava seu próprio caminho, mesmo que, com isso, não conseguisse perpetuar o sucesso de seu primeiro livro.

Disciplinada, os que a conheceram admiraram sua dedicação ao cotidiano do trabalho com o lixo, o cuidado com os filhos e o entusiasmo com a escrita. Dona Maria Puerta, vizinha da autora no Canindé, relata que Carolina “vivia para escrever, trabalhar e educar os filhos, numa disciplina que assustava” (Puerta, 1994, p. 112). Em outro depoimento transcrito em *Cinderela Negra*, Marta Teresinha Godinho, assistente social que acompanhava a família da escritora, revela sua admiração por Carolina e sua determinação para a escrita:

Escrever era sua maior obrigação, sua disposição para aprender e, principalmente, para reverter o aprendizado em texto, destoava naquele contexto e chamava a atenção. Ela me passava muitos manuscritos para ler, e já tinha, naquela ocasião, uma preocupação em publicar sua produção (Godinho, 1994, p. 116).

O depoimento revela mais uma vez a consciência de Carolina enquanto escritora, identidade que ela mostrava às pessoas do seu convívio. E mais: o fato de mostrar seus manuscritos para outras pessoas, como Marta Godinho, pode revelar também seu propósito de publicar seus escritos. Carolina não escrevia apenas para si, mesmo seus diários mereciam, na sua visão, especialmente depois de conhecer Audálio, vir a público. O trecho a seguir, ainda do depoimento da assistente social, confirma isso:

(...) sempre nos procurava para mostrar seus escritos e quando fazíamos observações, comentávamos alguma parte, ela se interessava em discuti-los mostrando seus pontos de vista. Já naquela época, ela tinha vontade de ver suas ideias comunicadas. Nunca passou pela sua cabeça escrever para si mas, por outro lado, nunca se preocupou em passar nada para os favelados. Ela sempre imaginava que estava escrevendo para um outro público (Godinho, 1994, p. 116)

O projeto de Carolina harmoniza-se, pois, com seu intento de sair do Canindé. Ela realmente via na literatura a chance de ascensão social, quando busca um público fora da favela, pois seu sentimento de não pertencimento àquele meio é revelado a todo momento nos diários. Não que ela fosse preconceituosa ou racista, como já disseram alguns, mas seu pensamento de escritora a levava além das brigas de vizinhos por miudezas, do alcoolismo disseminado na favela, entre outros vícios e defeitos. E, diferente de outros escritores negros, Carolina não estava ligada aos movimentos coletivos, não encampava uma luta política engajada a instituições ou grupos, mas queria, como mostra Godinho, “ver suas ideias comunicadas”, publicadas de fato, lidas por pessoas de outros círculos sociais, os mesmos leitores dos livros que costumava ler, ela que era leitora como poucos no ambiente onde morava.

No final de seu depoimento, Marta Godinho relata que reencontrou Carolina em Parelheiros, depois de muitos anos sem vê-la e que ela continuava escrevendo. Contou que estava terminando outro livro, o qual tentaria publicar e mostrou outros sem terminar (talvez os romances cujos manuscritos foram microfilmados). Sua prioridade continuava sendo o texto e a assistente social comenta que a escrita de Carolina havia evoluído consideravelmente.

Ainda sobre o projeto de uma obra da escritora mineira, Bianca Manfrini afirma que Carolina, ao se recusar a escrever apenas diários que relatassem a vida na favela, após o sucesso do *Quarto*, revela um desejo de fazer uma literatura que “formaliza as incoerências de nossa modernização de modo surpreendente, realizando ainda uma reflexão sobre a escravidão e nossa tradição literária” (2011, p. 30). Como mostraremos mais adiante, os romances de Carolina apresentam uma preocupação temática e política que assinala um fio condutor entre eles. Manfrini destaca também o “milagre” realizado pela escritora ao criar toda essa obra a partir do lixo e de seu lugar totalmente fora do sistema literário da época e ainda do de hoje.

Em meio aos cadernos inéditos microfilmados de Carolina, encontramos sete cartas, numeradas pela Biblioteca Nacional, cujo conteúdo também demonstra sua organização e planejamento como escritora e suas intenções literárias. Na primeira, endereçada ao senhor Hernani (sem data), a escritora comenta sobre o filho João, que está internado e não pode trabalhar e que por isso ela teria arranjado um emprego. Em seguida, Carolina menciona que seu atual patrão fala e escreve em inglês e que traduzirá seu conto “O escravo”, mais uma confirmação de que ela divulgava seus textos entre os conhecidos e tinha ambições de escritora.

A segunda carta microfilmada no rolo nomeado “Miscelânea”, é datada de 31 de dezembro de 1970¹¹, escrita em Parelheiros e endereçada ao senhor Gerson Tavares, cineasta importante na década de 1960, hoje esquecido, diretor de dois longas-metragens: *Amor e desamor* (1966) e *Antes o verão* (1968). Na carta, Carolina começa narrando e descrevendo a origem da favela do Canindé, provavelmente a pedido do cineasta, que pretendia filmar a biografia da escritora e publicar seus livros, o que fica claro ao longo da carta, tudo mencionado por Carolina. A autora então volta ao ano de 1948, quando o prefeito Adhemar de Barros recolheu os moradores de rua que dormiam debaixo dos viadutos e levou-os para um terreno baldio às margens do rio Tietê, a fim de esconder os pobres de um importante general português que visitava a cidade de São Paulo. Após a descrição, Carolina pergunta: “Será que o senhor conseguirá montar uma favela nas margens de um rio?” (carta 2), evidenciando nossa inferência sobre as intenções do cineasta (a favela do Canindé não existia mais nesta ocasião). Mais à frente, Carolina afirma também estar reunindo roupas velhas para “o nosso filme”. Na carta a escritora menciona os nomes de vários editores internacionais, faz comentários sobre eles (“Dizem que o editor pão duro é o argentino”) e uma autocrítica ao seu livro *Pedaços da fome*:

Quando eu escrevi este livro pedaços da fome, o título era “A felizarda”. Mas o ilustrador Suzuki – muito antipático, trocou o nome do livro para pedaços da fome. E enfraqueceram a estória. A editora não pagou a gráfica, e o dono da tipografia deu-me os livros. Mas está tão fraco que eu não tenho coragem de pô-los a venda. Quando puder, quero mandar imprimi-lo do jeito que escrevi. O livro é mais forte que

¹¹ No rolo microfilmado no qual se encontram as cartas, denominado “Miscelânea” pela Fundação Biblioteca Nacional, aparece no índice descritivo das cartas a data de 1976 para esta. Entretanto, ao ler o texto manuscrito, comprovamos que a data correta é 1970.

Quarto de despejo, tem mais críticas e mais desajustes, para debates (carta 2, rolo 4 “Miscelânea”, caderno 8)

Na carta de quatro páginas, Carolina revela a organização do seu acervo, a administração de suas publicações e as dificuldades que encontra diante dos editores e das pessoas envolvidas com sua carreira desde a publicação de seu *best-seller*. Demonstra tristeza e decepção por estar no ostracismo e alegra-se com o interesse de Gerson Tavares, que a reanima para a vida literária e para o sucesso.

Na terceira carta, em que não há nome de destinatário, datada de 24 de maio de 1976, Carolina escritora, preocupada com a repercussão de seus escritos e interessada em continuar na carreira literária, afirma que pretende seguir escrevendo e pede que ele fale por ela, como uma espécie de agenciador. Ela demonstra novamente sua decepção diante das negociações com os editores e diz que pretende ficar “semi-afônica” desta vez. Em seguida comenta sobre suas leituras, menciona que anda lendo muito, cita Jorge Amado e Érico Veríssimo e fala sobre o projeto que quer seguir: “Mas não quero ser de escrever diários, dá muita confusão. Diário é coisa que deve ser escrita dia a dia. Só que quem escreve arranja inúmeros inimigos” (carta 3). Novamente Carolina deixa claro que suas pretensões literárias não passavam mesmo pelo gênero que a deixou famosa. Ela almejava a literatura em versos e a ficção em prosa.

A quarta carta escrita em Parelheiros é datada de 8 de junho de 1976 e endereçada a Naylor de Oliveira, radialista baiano conhecido em São Paulo nesta época, que possuía um programa na Rádio Nacional, “Bairros em desfile”, em que denunciava os problemas dos bairros da cidade. Mais tarde, Naylor foi eleito vereador em São Paulo pela Aliança Renovadora Nacional, a ARENA. Na carta, Carolina se queixa de problemas com uma vizinha, Dona Ana, de quem reclama por ter estragado sua cerca, jogar lixo no seu quintal e cortar as árvores frutíferas de seu sítio. No mesmo dia, ela escreve outra carta com o mesmo conteúdo, sobre a vizinha e seus filhos, a outro destinatário, o Sr. Marinho – a carta número cinco na organização da BN.

A sexta carta tem como destinatário um editor da Francisco Alves, Leo Magarinos, e data de 15 de agosto de 1976. Carolina escreve-lhe cobrando uma nova edição de *Quarto de despejo*. A escritora comenta que já lhe havia escrito várias vezes e não obtivera resposta. Reclama que a editora não entrou em contato com ela, nem

quando o contrato havia completado 10 anos. Menciona que a Edibolso pretende publicar nova edição do livro e que ela quer transferir-lhe os direitos autorais. Comenta que há muita procura dos leitores pelo diário e suplica que lhe respondam liberando os direitos. Como já citado, neste mesmo ano a Ediouro lançará duas edições do livro, o que revela que os pedidos de Carolina foram enfim atendidos.

Portanto, acreditando nessa intenção de Carolina em construir uma obra, mesmo levando em conta que ela estava longe de ter as condições necessárias para produzi-la, propomos a partir daqui traçar uma trajetória de sua obra publicada e parte da inédita, mostrando como ela merece estar dentro da literatura brasileira e como, de forma surpreendente, sua escrita arqueológica e performática faz de Carolina de Jesus uma escritora.

OS DIÁRIOS DE CAROLINA: A ESCRITA ARQUEOLÓGICA E PERFORMÁTICA

Philippe Lejeune (2008) define o gênero diário como “uma escrita cotidiana: uma *série de vestígios datados*” (p. 259). A palavra, em português, já nos traz esse significado. “É claro”, reafirma o autor, “que os diaristas têm, apesar de tudo, em comum, o gosto pela escrita e a preocupação com o tempo” (p. 258). Em seguida, Lejeune questiona se existiria um perfil social para o autor de diários e responde que sim, “uma vez que o diário é mais frequente entre pessoas instruídas”. Sabemos que Carolina rompe com esse estereótipo. O termo “instruídas” ao qual se refere o pesquisador francês inclui as pessoas que tiveram acesso à educação formal, o que não é o caso da autora mineira. Carolina escrevia em seus diários num misto de anotações cotidianas, lembretes, listas, versos e outros gêneros manuscritos.

A questão é que o diário caiu muito bem para Carolina. A fragmentação e a repetição, traços formais marcantes do gênero (Lejeune, 2008), estão presentes em seus cadernos e não deixam que a autora se distancie muito dos textos “cânicos” das escritas de si mais conhecidos da história literária, como o famoso diário de Anne Frank e, para citar um exemplo brasileiro, o *Minha vida de menina*, de Helena Morley. A diferença se dá, obviamente, na realidade de cada uma das autoras. E, como a realidade da família de Carolina é atípica para o leitor, especialmente para o contexto de publicação de *Quarto de despejo*, as milhares de cópias vendidas são compreensíveis. Para Perpétua (2000),

A “autenticidade” projetada na figura de Carolina diz respeito à sua escrita diária, que autenticaria a realidade de misérias até então apresentada aos leitores apenas com a intermediação de um jornalista de fora dessa realidade. Credita-se, pois, à escrita de Carolina **um valor mimético incomparável ao de outro cronista**. Por isso, também, sua escrita não é valorizada apenas pelo que revela de sua vida pessoal, mas pelo que contém das revelações sobre a comunidade em que vive (p. 58, grifo meu).

A voz de Carolina em seus diários é, portanto, coletiva e representa uma comunidade inteira, embora ela não escreva com essa intenção. Por diversas vezes a

autora denuncia os problemas sociais vivenciados por ela e pelos vizinhos, mas, por outras, vemos também que ela não se identifica com a vida na favela e com as pessoas que lá moram. Carolina se sente (e na verdade se mostra também) diferente daquelas pessoas, pois se define como “cultura”, embora vitimizada pelas ocorrências em sua vida. Seu papel assemelha-se mesmo ao de um cronista, como destaque no trecho, por mimetizar o cotidiano e de forma tão autêntica.

Esse “crédito” citado por Elzira Perpétua se dá especialmente pela condução de Audálio Dantas na escrita diária da autora mineira. A lacuna entre os anos de 1955 e 1958 nos mostra isso. Dantas enxergou nessa visão sociológica o sucesso e a oportunidade de mostrar ao mundo a favela, como já foi dito, pelo ponto de vista de alguém de dentro dessa realidade.

É possível perceber nos escritos cotidianos da autora sua força política, denunciadora e, por isso, também performática. Richard Schechner, no ensaio “O que é performance?” insiste na presença da *performance* em nosso dia a dia, apontando a importância de se delimitar o uso e a função que se quer da palavra para que o conceito não se perca na sua vastidão de significados. De sua longa explanação sobre os tipos e usos da *performance*, importa-nos em especial o fato de estar ligada à ideia de recuperação atrelada a ações, comportamentos e relacionamentos (Schechner, 2003). O pesquisador trabalha com a noção de comportamentos restaurados para explicar a manifestação performática nos rituais, mas sua ideia nos é apropriada na medida em que trata da possibilidade de deslocar sentidos já habituais para um outro universo inesperado ou inusitado. Para ele, “performances são comportamentos marcados, emoldurados ou acentuados, separados do simples viver”, dessa forma, Carolina é um exemplo perfeito para essa teoria, especialmente por situar sua escrita num espaço “inesperado ou inusitado” (Schechner, 2003, p. 25).

O movimento de *performance art* ganhou espaço principalmente nas décadas de 1950 e 1960, quando se sedimenta no contexto cultural em todo o mundo. Segundo Graciela Ravetti, “o que distingue a performance de outros movimentos é, a princípio, sua interação entre o individual e o coletivo, com a clara tendência a mexer e revelar temas controversos em seus aspectos mais revoltantes e impalatáveis” (2011, p. 17). Os temas “controversos” serão, assim, motes para a arte performática, como a violência, o racismo, as infrações aos direitos humanos, o desrespeito à natureza e a escravidão,

todos presentes na escrita de Carolina, especialmente nos diários. Outro aspecto que marca a *performance art* é o envolvimento com o corpo do artista. Diana Taylor explica que “Performance se refere a uma ampla gama de comportamentos e práticas corporais” (2012, p. 7, tradução minha). O artista, para apresentar sua arte, estaria livre das instituições e espaços oficiais como teatros e galerias, pois a performance surge de repente, em qualquer canto, em qualquer momento, basta para isso o corpo do artista, sua linguagem, seu talento e imaginação. Segunda ela, a performance pode também incluir uma “dimensão mimética”, mas assume muitas vezes a possibilidade de crítica e de criatividade.

Como novidade, a *performance art* é definida também como um ato de ruptura, de transgressão e de desafio, o que acaba dando ao movimento posições ideológicas e políticas. Para Ravetti,

a politização da performance direciona as energias públicas para o interior do campo da arte, problematizando as fronteiras entre os gêneros e tipos de arte, assim como as delimitações entre arte e vida; conspira contra o academicismo, embora acabe criando um novo padrão intelectual (2011, p. 18).

Artistas como John Cage, que defendiam o silêncio como forma de protestar contra a falta de liberdade de criação musical, ou o brasileiro Hélio Oiticica, que acreditava na arte como incondicional e nada elitista, são exemplos dessa atividade política e que reivindicam a liberdade de expressão, uma “ênfase no processo e na ação mais que no produto” (Ravetti, 2011, p. 19), e, geralmente, esta ação está ligada ao cotidiano, ao banal. Carolina se assemelha ao que os artistas defendem como arte, por estar à margem do convencional.

A relação da *performance art* com o espectador também é marcada pela novidade no século XX. Os artistas costumam provocar quem lhes assiste, muitas vezes

exigindo a participação do espectador ou mesmo fazendo com que ele interaja ou faça parte da obra de arte consciente ou inconscientemente¹².

Além da *performance art*, Ravetti conceitua também a “performance cultural”, que seria “produto de um conhecimento consensual entre os membros da comunidade e se constitui como uma parcela de experiência que tem a ver com a memória coletiva” (2011, p. 20). A performance cultural é feita igualmente pelo corpo dos participantes e é singularizada por suas experiências. É o caso das danças populares, festas tradicionais, rituais e narrativas orais.

Cláudia Matos afirma que, “no sentido mais restrito, performance designa certos eventos e formas do domínio das artes cênicas, que desde os anos 60 se distinguiram do teatro tradicional, destacando as dimensões *encenativas* e interpretativas da obra em detrimento das instâncias textual e autoral” (Matos, 2003, p. 49, grifo da autora). Mas a autora explica que os estudos atuais, como o de Ravetti, consideram a performance não como “objeto de estudo específico”, mas como “noção ou perspectiva central para abordar práticas artísticas e culturais de natureza variada” (p. 49). Portanto, considerando essas características do ato performático, é possível também pensar numa *escrita performática*.

Ravetti afirma que as narrativas cujos traços literários compartilham a natureza da performance cênica podem ser assim chamadas. Tais textos transgridem os gêneros literários e mostram-se gerando outras leis no presente. A performance escrita também passa pelo corpo, “da mão que escreve, da agência que singulariza o texto que é também, sem dúvida, só legível a partir de uma cultura, de uma história, de um território” (Ravetti, 2011, p. 20). Como a palavra performance, etimologicamente, nos remete à expressão, a escrita, como forma de expressão, também pode ser vista como uma performance do corpo. Outros aspectos da arte performática, segundo Ravetti, podem ser trazidos para os textos escritos: os textos performáticos podem atuar como arquivos na medida em que revelam “um passado irremediavelmente perdido” (2011, p. 37); podem interagir também com outras artes, como os rituais, as performances artísticas e culturais; revelam ainda uma nuance “autobiográfica, confessional ou

¹² O museu de Arte Contemporânea e Jardim Botânico Inhotim, que fica em Brumadinho-MG, é um exemplo de instituição que abarca vários artistas do mundo inteiro realizadores de performances. Lá estão expostas obras de Oiticica, Cildo Meireles, Lygia Clark, Yayoi Kusama, entre muitos outros.

testemunhal” (p. 38), pois o autor se performatiza em narrador; participam da “ordem do indevassável” (p. 38); “a performance da escrita afunda no mistério e desdenha aquele discurso que, para explicar e interpretar, não tem medo de reduzir para clarear” (p. 38); têm certa aproximação com a oralidade e com o texto antropológico e são visíveis apenas ao olho também performático, ou seja, o leitor entra “em sintonia com a obra” (p. 39). Vários desses aspectos podem ser encontrados nos textos de Carolina, especialmente nos diários e autobiografias. Cristiane Côrtes (2010), em dissertação de mestrado que analisa o romance de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, considera que as narrativas afro-brasileiras são marcadas por atitudes performáticas e que *Quarto de despejo* seria um exemplo dessa literatura, devido a sua força de denúncia e seu caráter de resistência. Tais aspectos nos remetem à questão da performance no trecho anterior que, por sua vez, dialoga com a capacidade mimética da obra de tratar a realidade da qual a autora faz parte, mas rechaça, critica e vê na escrita uma forma de sair dela. Essa contradição (representar/ falar de uma realidade que não é a desejada) é uma performance e aparece mais na autobiografia porque é nela que encontramos o aspecto confessional.

Para Ravetti, a performance é um dos caminhos da exteriorização do saber inconsciente, o “desenho que sai da alma na busca constante que nos é negada em sua visibilidade” (2003, p. 31). A partir disso, notamos como a escrita autobiográfica de Carolina de Jesus é trazida para a visibilidade, sua e do leitor, de maneira performática, numa forma de transmissão da memória, numa explicitação da experiência dela. No caso dos diários, um testemunho de “escrevivência¹³”; no caso das autobiografias como *Diário de Bitita*, além dessa experiência revelada, teremos a ficcionalização, de forma corporificada e híbrida, transgredindo o gênero.

Ravetti (2003) afirma ainda que a escrita do tipo performática pode contribuir para a efetivação de diálogos culturais considerados impossíveis. Talvez esteja aí a explicação para o sucesso da favelada que escreve seu cotidiano e vira *best-seller* no Brasil e em outros países. Essa subversão e transgressão do cânone seria uma característica dessas narrativas. Carolina de Jesus ganha voz e corpo ao transgredir o espaço do quarto de despejo e “invadir”, com sua performance escrita, a sala de visitas

¹³ Termo criado por Conceição Evaristo que mistura o conceito de escrita com a experiência, com a “vivência”.

de São Paulo e do mundo. Ela possibilita, assim, que sua voz corporificada, sua encenação de vida, seja ouvida e não mais silenciada e resguardada ao barraco onde mora no Canindé. Suas denúncias sociais e étnicas, mesmo vindo a público através de sua “linguagem fraturada” (Sousa, 2012) e de sua sintaxe nada culta para os padrões intelectuais, atinge um leitor pouco acostumado a esse tipo de literatura. As características observadas em seus textos – a linguagem oral, a sintaxe fragmentada e não padrão, a denúncia, a exposição do sujeito, entre outras – performatizam a escrita da escritora mineira.

Segundo Juliana Leal, em sua tese de doutoramento,

Se consideramos o conceito de corpo não mais a partir dessa instância integral que advém da ideia de “corpo em si”, mas o tomamos, ao contrário, pelo seu vestígio, seu rastro, seu resto, não será estranho considerar o elemento “voz” como uma entidade corpórea, uma vez que corresponde à materialidade mesma do corpo, tomado agora não mais a partir de uma concretude visual, mas de características imateriais como discursividades, movimentos, reflexos, reverberações, etc., já que um “corpo” pode ser visível ou invisível, animado ou inanimado, cadeira ou gente, luz, ideia, texto ou voz (...). Por isso refletir sobre a ideia de uma escrita-corpo ou de uma escrita encarnada não nos parece senão o transbordamento em outras esferas artísticas, como na escrita literária performática, da presença do corpóreo que potencializa a força do verbo (2012, p. 39).

Como já afirmado também por Ravetti, a corporificação da voz torna a performance possível nos textos literários. É interessante retomar essa ideia a partir da reflexão da pesquisadora no trecho citado, pois ela propõe que a voz e outras características imateriais do corpo sejam consideradas rastros, restos, vestígios da “entidade corpórea”. Essas características marcam então o ato performático no texto, reforçando a força da escrita.

A literatura de Carolina de Jesus insere-se perfeitamente nessa teoria. No caso dos diários, estes seriam testemunhas de um tempo apreendido por ela, que inventa o presente com seus resíduos e transforma-os em elementos autobiográficos na escrita. Além do tom performático, acreditamos, por isso, na escrita arqueológica da autora. Segundo Calvino, o arqueólogo

torna a descobrir utensílios cujo destino ignora, cacos de cerâmica que não se encaixam, jazidas de eras distintas daquela que ele esperava encontrar ali: sua tarefa é descrever peça por peça também e sobretudo aquilo que não consegue sistematizar numa história ou numa utilização, reconstruir numa continuidade ou num todo (Calvino, 2009, p. 314).

Carolina vivia dessa forma: recolhendo resíduos, muitas vezes sem saber exatamente onde começar no início do seu dia, para se sustentar e a seus filhos. Os papéis eram a principal mercadoria retirada das ruas, mas ela cita também latas, vidros e ferros. Além de recolher esses materiais para vendê-los e deles retirar a subsistência, o que percebemos é que, ao relatar isso em seus diários, juntamente com as denúncias e a descrição de sua rotina marginal, a autora torna-se uma espécie de arqueóloga na escrita.

O conceito de escritor arqueólogo é comentado também por Jacques Rancière: “O escritor é o geólogo ou arqueólogo que viaja pelos labirintos do mundo social e, mais tarde, pelos labirintos do eu. Ele recolhe os vestígios, exuma os fósseis, transcreve os signos que dão testemunho de um mundo e escrevem uma história” (2009, p. 38). Dessa forma, os resíduos recolhidos pela catadora Carolina e mencionados em seus diários são uma parte fragmentada de sua existência como escritora e uma espécie de testemunhos de sua rotina e experiência narradas nos diários.

Segundo Reinaldo Marques,

os elementos descartados, as memórias dos grupos subalternos, das minorias, que foram aliados do processo de enunciação do relato legitimador da nação, costumam se insinuar pelo vazio e pelo fragmento, como resíduo inclassificável, no arquivo das memórias oficiais da comunidade nacional (2008, p. 107).

É o que acontece com a escritora. Alijada do cânone literário brasileiro mesmo tendo escrito um diário considerado *best-seller* e sendo autora de um conjunto significativo de obras, insinua sua “escrita muda” (Rancière, 2009, p. 34) através dos fragmentos de seu dia a dia, como veremos nos livros analisados a seguir.

Do Quarto de despejo a Casa de alvenaria

*15 DE JULHO DE 1955-
Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu
pretendia comprar um par de sapatos para
ela. Mas o custo dos generos alimenticios
nos impede a realização dos nossos desejos.
Atualmente somos escravos do custo de
vida. Eu achei um par de sapatos no lixo,
lavei e remendei para ela calçar.*

Carolina Maria de Jesus

A epígrafe deve ser lida como exemplo do olhar atento de Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo* contém vários relatos semelhantes, em que o cotidiano de uma catadora de papel é desvelado através da própria experiência e de seu ponto de vista. O excerto é um misto de denúncia, de memória individual e coletiva e de um olhar de dentro também sobre os resquícios da vida, especialmente a urbana, os “restos” que permeiam nossa existência e que, no caso de Carolina, entremeiam a sua. O relato destacado na epígrafe é o primeiro do livro publicado em 1960. A narradora vai do cotidiano afetivo com os filhos à arqueologia de catadora de lixo na luta diária pela sobrevivência.

Mulher, negra e mãe solteira, sabia muito bem o que é estar no “quarto de despejo” de São Paulo e ter que sobreviver nele. Sua vida passa então pelo ato cotidiano de recolher os resíduos da sociedade e vendê-los para se sustentar. O que ela também juntava em meio ao lixo eram os cadernos, que usava para escrever. Tudo misturado às listas de compras, às contas que fazia com o pouco que ganhava e até aos deveres de casa dos filhos. Os fragmentos de vida que Carolina reunia nesses cadernos oriundos da rua, jogados fora por alguém na capital paulistana, tornaram-se pedaços de sua obra que viraram sucesso pelo mundo afora e são estudados ainda hoje. Isso a torna uma escritora arqueóloga.

Por se sentir tão diferente dos vizinhos, é na escrita que Carolina se encontra. Segundo Maria José Motta Viana, “o diário é, ao mesmo tempo, a masmorra onde o eu se encarcera e se isola do mundo e o refúgio onde se protege desse mundo que ameaça e desintegra” (1995, p. 54). Para a autora mineira, a escrita era uma necessidade. Quando contou a Audálio Dantas que escrevia, o repórter não imaginava encontrar naquele

barraco da rua A, na favela do Canindé, aproximadamente vinte cadernos encardidos que revelavam o dia a dia da favela a partir do ponto de vista de alguém de dentro. Em diversos momentos de *Quarto de despejo*, Carolina mostra ao leitor seus instantes de escrita, de madrugada, sentada na calçada, cercada de curiosos que, talvez, duvidassem de seu talento e odiada por vizinhos que temiam ter publicadas as próprias histórias. Não é à toa que Carolina divulga preferir os livros a um marido ou a um copo de cachaça, como muitos que a invejavam. A escritora parecia buscar na fragmentação do diário a unidade que precisava para continuar a viver.

Enquanto em *Quarto de despejo* ela relata a rotina de catadora que convive diariamente com a fome, em *Casa de alvenaria* temos outra Carolina: a que vive o sucesso e ascensão depois de seu diário anterior tornar-se um *best-seller* e proporcionar a ela e à família a saída da favela e a compra de uma casa de alvenaria.

Segundo Perpétua,

Na seleção de *Casa de alvenaria*, a preocupação passa a ser a de compor a imagem de uma mulher bem sucedida pelo seu próprio esforço. As reportagens continuam a divulgar a história de Carolina, anunciando o *Quarto de despejo*. Seu segundo diário publicado vai mostrar os registros em que consta o crescimento de sua notoriedade (2000, p. 205).

Uma notoriedade relatada pela orgulhosa Carolina. Na sua escrita de *Casa de Alvenaria*, percebe-se a todo momento a exaltação de si mesma, tão marcante na escrita performática.

Casa de alvenaria nasce no dia 5 de maio de 1960 quando Carolina assina o contrato com a livraria Francisco Alves para lançamento de *Quarto de despejo*. Nas primeiras linhas, inclusive, ela menciona essa parceria com a editora. É a última vez que o leitor verá Carolina reclamar da fome. Ela inicia afirmando que não faria café porque não tinha açúcar nem dinheiro para comprar o pão e termina descrevendo os ganhos do dia, entre eles os dois mil que recebeu de adiantamento pela assinatura do contrato. De lá, ela leva os filhos ao restaurante para jantar e ouve de um deles:

– Sabe, mamãe, eu vou dizer uma coisa para a senhora.

– Que é? – perguntei apreensiva, pensando – será uma coisa grave?
 – Como é bom a gente comer até encher!
 A ida foi triste, porque estávamos com fome. Mas a volta foi sublime
 (Jesus, 1961, p. 15).

A partir daí, diversas vezes Carolina se dá conta da mudança maior que a literatura lhe trouxe: a despedida da fome e também da favela. Em *Quarto de despejo*, a autora sempre reclamava da miséria alimentar. Em 2 de junho de 1955, ela registra: “...De manhã estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para ter o que comer” (*Quarto de despejo*, p. 44). Já no dia 18 de agosto de 1960, no diário pós-*Quarto de despejo*, Carolina relata o lançamento do primeiro livro e, no dia 30 de agosto, a saída da favela: “Até que enfim deixo este recanto maldito. Não vou incluir a saudade na minha bagagem” (*Casa de alvenaria*, p. 45). Como é sabido, Carolina sai da favela vaiada e debaixo de pedras, tudo documentado pela imprensa, que retrata sua saída para a “sala de visitas” de São Paulo. Ao fazer o pagamento ao dono do caminhão que levou sua mudança, Carolina afirma: “Foi o dinheiro mais sagrado para mim, porque pagava o seu trabalho de ter retirado-me da favela” (*Casa de alvenaria*, p. 47), e mais adiante: “Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita” (*Casa de alvenaria*, p. 48).

Mas não será fácil a nova vida. Primeiramente ela se muda com os filhos para a casa do senhor Antonio Soeiro Cabral, onde ficará até o final do ano de 1960, pois no dia 24 de dezembro se muda para outra casa em Santana. Os pedidos de ajuda, os mais diversos e absurdos, que haviam começado no Canindé, continuam ininterruptamente. Desde uma vizinha que pede um emprego na TV para a filha, até uma senhora que quer uma lista de ferramentas para o marido trabalhar como marceneiro por conta própria. Tudo isso irrita a autora, que reclama não ter mais tempo para escrever porque precisa diariamente atender pessoas. Quando recusava ou explicava porque não podia, muitos a xingavam e a chamavam de egoísta ou vaidosa.

A vaidade parece ter sido mesmo uma característica marcante de sua personalidade que se transfere para a escrita de forma encenada e performática. Ao definir a escrita performática, Ravetti cita como um dos aspectos compartilhados entre a arte e a escrita de performance a “exposição radical do si-mesmo do sujeito enunciator”

(Ravetti, 2002, p. 47). Embora o gênero diário já apresente essa característica, Carolina evidencia essa exposição em seus relatos cotidianos. Por onde passa ela relata que faz questão de ser reconhecida, o que parece acontecer diversas vezes: nas ruas, no ônibus, no avião, por pessoas comuns, seus leitores e por autoridades e celebridades, como Leonel Brizola, Jorge Amado, a família Suplicy, entre muitos outros. “E viva os livros que é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus” (*Casa de alvenaria*, p. 123). “Tenho a impressão que estou vivendo um sonho. Onde há momentos maravilhosos e momentos trágicos” (*Casa de alvenaria*, p.127). Essas comemorações nos mostram um “aparecimento de si mesma” (Ravetti, 2011, p. 38), que também se configura parte da escrita performática. Isso acontece outras vezes de forma implícita, quando ela evidencia a diferença entre sua personalidade e a de seus vizinhos na favela, por exemplo.

As questões relacionadas à cor da pele continuam fazendo parte do universo de Carolina, mesmo depois de sua saída da favela. Como escritora conhecida, passa a ser convidada para se juntar ao movimento negro e a artistas militantes como Ruth de Souza e o poeta Solano Trindade. Por diversas vezes foi aos eventos e discursou ou declamou poemas seus. A data 13 de maio, já lembrada no primeiro diário, quando a autora afirma que lutava contra a “escravatura atual – a fome!” (Jesus, 2000, p. 27), é novamente mencionada em *Casa de alvenaria*. No registro deste dia, Carolina afirma que, se a escravidão não tivesse acabado, ela seria escrava, porque é preta, numa reafirmação de sua condição étnica. Conta ainda que foi convidada pelo repórter Audálio Dantas para ir ao Teatro Popular Brasileiro dirigido por Solano Trindade, que estreava a peça “Rapsódia Afro-Brasileira”. Trindade anuncia ao público a presença de Carolina, que sobe ao palco aplaudida. Depois do evento, refletindo, a escritora repete a conclusão já citada anos antes no outro diário: “Eu estava pensando na festa comemorativa da Abolição da Escravatura. Mas temos outra pior – a fome” (*Casa de alvenaria*, p. 20). Mais adiante, reafirma que gosta de ser negra e diz que “negra é a existencia dos favelados”, demonstrando sua preocupação com a favela e com os que lá moram, mesmo tendo saído dela. O tema, tão recorrente na sua obra, revela o aspecto de denúncia, também típico das artes performáticas. No caso do racismo, lembrando a própria condição da autora, a escolha por abordar o tema e relatá-lo no diário que será publicado demonstra sua vertente coletiva, além da individual e política, aspectos que

distinguem a performance de outros movimentos, a revelação de temas como o preconceito racial, polêmicos e controversos.

Em outra ocasião, no dia 6 de setembro, Carolina relata um episódio de racismo que sofreu em evento na Faculdade de Direito, quando receberia um diploma de Membro Honorário da Academia da Faculdade. Tal diploma estava reservado anteriormente ao filósofo Jean Paul Sartre¹⁴, que não pode ir recebê-lo. Apesar de ovacionada pelos estudantes, um deles perguntou à autora porque ela, sendo preta, estava recebendo o diploma. Segundo Carolina, o rapaz foi vaiado e acusado de racista. Nos boletins espalhados pelos estudantes no evento, lia-se: “Esta Faculdade, que já libertou os escravos, precisa libertar os favelados” (*Casa de alvenaria*, p. 56). Esta e outras passagens dos diários de Carolina mostram como a escritora associa frequentemente a questão étnica à social de forma encenada, marcada, seu corpo-presença, desta forma, é revelador de seu ato político na escrita.

A vertente coletiva expressa pela autora quando trata da temática negra é um exemplo do que entendemos por voz corporificada na escrita performática. Carolina, dessa forma, revela a experiência da alteridade, além da sua própria, já comentada nesta tese e desvelada em sua escrita de si. A metalinguagem da descrição de suas “performances” nos eventos negros faz lembrar a ideia do uso do corpo, da voz, para, duas vezes neste caso, reformatizar sua literatura. Nos diários, especialmente nos escritos após o sucesso, não é raro lermos a descrição de suas declamações de poemas em eventos políticos ou literários. É a performance do corpo e seu relato, num interessante jogo performático entre a narradora/autora e a personagem.

Um dos trechos mais interessantes sobre o racismo e a referência à negritude se refere ao episódio de Carolina ter contratado uma empregada branca, Dona Maria. A mulher, por sua vez, não aceitava o fato de ter que trabalhar para uma patroa negra e, segundo Carolina, quando chegavam visitas, ela ficava “descontente e triste, murmurando: – Meu Deus do céu, isto é o fim do mundo! Deus está me castigando. O mundo está virando. Eu, branca, ter uma patroa preta...” (*Casa de alvenaria*, p. 103). A

¹⁴ No dia 2 de setembro de 1960 o casal de intelectuais Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir desembarcaram no Brasil acompanhados do escritor Jorge Amado. Eles foram convidados pelos alunos da Escola Paulista de Medicina. A visita foi um grande agito cultural na época, o casal visitou muitas cidades e encontrou-se com diversas personalidades, inclusive o presidente Juscelino Kubistchek.

criada não atende aos mandos de Carolina, que ainda comenta que ela “não bebe nas minhas xícaras, não come a comida de minhas panelas. Ela é muito orgulhosa” (*Casa de alvenaria*, p. 111).

Quanto à estética negra, Carolina faz interessantes considerações sobre o cabelo, forma demonstrativa de sua memória corporal étnica. Em *Quarto de despejo*, depois de relatar que os donos de circo gostavam de suas peças, mas lamentavam o fato de ela ser negra, a autora reafirma sua afro-brasilidade:

(...) eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (*Quarto de despejo*, p. 58).

A inversão do preconceito estético evidencia que a autora está ligada à literatura afro-brasileira, ao contrário dos que a acusam de ser indiferente a questões do negro. Em *Casa de alvenaria*, por exemplo, ela narra um episódio em que foi visitada por umas “pretinhas”. Uma delas, pintora, aconselhou-a a alisar os cabelos, e ela recusa, reafirmando mais uma vez sua identidade negra.

Por vezes, em *Casa de alvenaria*, Carolina tem uma visão otimista do racismo no Brasil, diferente de *Quarto de despejo*, em que essa visão é mais crítica. Talvez por frequentar o “mundo dos brancos” e ser bem recebida, a escritora apresente uma visão mais idealista, como quando vai a uma joalheria e é apresentada aos donos, americanos. Ela não entendia o que eles falavam e conclui:

Percebi que um preto na presença de um norte-americano fica intranquilo. Parece que eles olha o preto com repugnancia. Como deve sofrer os pretos nos Estados Unidos. Senti pavor, depois pensei: meu Deus, eu estou no Brasil. Sou cidadã brasileira. Aqui branco vota, o preto também vota. Aqui no meu Brasil o preto dança quadrilha vis a vis com o branco (*Casa de alvenaria*, p. 98).

Em certas passagens, Carolina também se apresenta crítica diante do racismo em outros países, como faz com os Estados Unidos. A África é frequentemente citada com

desolação: “A África é terra dos pretos, mas os brancos foram para lá assambarcar o território dos coitados” (*Casa de alvenaria*, p. 137). Em trechos como este, pode-se perceber a vitimização do negro, mas ao mesmo tempo a consciência diaspórica, de memória coletiva, também revelada de forma encenada e representativa.

As questões de gênero também são abordadas. Em *Quarto de despejo*, elas são mais frequentes e manifestas. Carolina, mãe de três filhos, cada um de um pai, não aceita submeter-se a marido. Suas observações a respeito mostram sua personalidade forte e determinada. Diversas vezes Carolina é rechaçada na favela por ser mãe solteira. Diante de situações assim ela afirma: “Não invejo as mulheres casadas da favela, que levam vida de escravas indianas” (*Quarto de despejo*, p. 14). Prefere ficar sozinha a ser submetida a maus tratos e desmandos machistas, comportamento que observa nos maridos das vizinhas, ou a ter que sustentar um homem, como argumenta nos escritos do dia 19 de julho de 1955: “Há mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais” (*Quarto de despejo*, p. 18).

A consciência de que o patriarcalismo domina seu mundo é revelada pela escritora na seguinte passagem:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe:

– Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

– Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem

(*Quarto de despejo*, p. 48).

O relato memorialístico em forma de diálogo transporta a narradora, adulta, crítica e consciente dos problemas enfrentados pelas mulheres ao longo da história, com os quais ela tem experiência, para a menina questionadora, personagem dessa escrita de si, já consciente da “desvantagem” feminina ou performatizada assim.

A cultura popular sobre o arco-íris também está presente nas primeiras páginas do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, igualmente escritora negra e

mineira. Além de pertencer à cultura popular, a lenda é uma alusão ao *angorô*, referência da cultura banto, e a Oxumaré, da nação ketu¹⁵.

A ideia de passar debaixo do arco-íris traz a dimensão corpórea típica da escrita performática, a transformação do corpo físico, do gênero de uma forma transgressora. A vontade da menina em mudar de sexo passa pela questão política, afinal, a predominância masculina na História a faz pensar assim. A intertextualidade evidencia o caráter político de Carolina de Jesus e de Conceição Evaristo como sua leitora. A escrita performática denuncia e evidencia as questões coletivas. Temos neste caso duas escritoras negras que tocam na questão patriarcal e esta, por sua vez, se desdobra na política e social. Se pensarmos na palavra performance como transformação ou apropriação de uma questão que evidencia outras mais tensas ou obscuras, esse exemplo (do angorô) se faz muito importante, a apropriação de uma lenda para fazer a denúncia. Carolina faz isso como crítica e Conceição, como reflexão.

Em *Casa de alvenaria*, Carolina não menciona tantas referências críticas e explícitas de sua condição de mulher. O leitor percebe, no entanto, que a incomoda muito depender de Audálio Dantas para administrar suas finanças. Em um trecho do diário em que Carolina está conversando com algumas mulheres antes de uma entrevista para um programa de TV, as “ilustres” senhoras na sala de espera dizem a Carolina que ela deve adorar o repórter, pois ele faz tudo para ela e de graça, ao que a escritora responde: “O que ganho num mês ele ganha em 6 meses. Tem dia que o reporter diz que seu ordenado é pouco e eu digo: sinto não poder dizer-te o mesmo” (*Casa de alvenaria*, p. 65). A declaração de superioridade deixa-a alegre, pois receber mais que um homem branco é a mostra de que seu trabalho deu certo e que seu sonho se realizou.

Outras mulheres também são observadas por Carolina e ela as admira por serem personalidades importantes no cenário nacional. É o caso da esposa de Brizola, Dona Neuza, e das mulheres da família Matarazzo. Ela também registra a admiração por Suzana Rodrigues, apresentadora de TV. Outras lhe provocam indignação, como uma senhora da sociedade que diz ter ficado contente quando o esposo faleceu. Carolina tem a impressão de estar “vivendo num mundo de joias falsas” (*Casa de alvenaria*, p. 81). A transição entre os dois mundos mostra a ela que o ser humano é bem parecido. As

¹⁵ Em minha dissertação de mestrado, analiso essa intertextualidade no romance de Evaristo.

reclamações antes relatadas no primeiro diário continuam, apenas mudando, por vezes, de classe social.

O que fica da passagem entre as duas realidades é que a literatura, sua paixão maior, proporcionou-lhe a fuga da fome, sua maior inimiga, trouxe-a para um novo mundo de reconhecimento, dinheiro e fama, mas deu-lhe também a certeza de que o dinheiro é sujo e mostra a hipocrisia das pessoas, suas ambições desmedidas.

Como já mencionado, Carolina agradece frequentemente ao repórter por ter saído do quarto de despejo de São Paulo. Ela lembra o leitor dos muitos momentos em que seu livro a tirou de lá e, principalmente, acabou com a fome de sua família. É a trajetória da empregada doméstica, lavradora e catadora de papel que se transforma na escritora admirada e cortejada por políticos importantes e celebridades do mundo artístico e social. Numa comemoração já no final do livro, Carolina resume o que a literatura pôde lhe proporcionar:

Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no Universo:

Viva meu livro!

Viva os meus dois anos de grupo escolar!

E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus

(*Casa de Alvenaria*, p. 123).

A narrativa performática nas linhas de *Meu estranho diário*

Quando passei perto da fabrica vi varios tomates. Ia pegar quando vi o gerente. Não aproximei porque ele não gosta que pega. Quando descarregam os caminhões os tomates caem no solo e quando os caminhões saem esmaga-os. Mas a humanidade é assim. Prefere vê estragar do que deixar seus semelhantes aproveitar. Quando ele afastou-se eu fui pegar uns tomates. Depois fui catar mais papeis.

(Carolina Maria de Jesus)

Meu estranho diário foi organizado pela autora em 1968, mas só foi publicado postumamente, em 1996, pelos pesquisadores Meihy e Levine. São fragmentos dos diários de Carolina em sua versão original, como nos manuscritos, sem a edição feita por Audálio Dantas nas versões publicadas anteriormente. Contém os três momentos distintos da vida da autora: na favela, na casa de alvenaria, e no sítio, em Parelheiros, no final de sua vida. Os relatos começam em 30 de outubro de 1958 e terminam em 18 de dezembro de 1963. Neles pode-se perceber a trajetória de Carolina do anonimato no Canindé, passando pelo vigoroso sucesso e depois pelo esquecimento.

Assim como nos anteriores, *Meu estranho diário*, especialmente na primeira parte, quando a escritora ainda habitava a favela, revela-nos uma Carolina “arqueóloga” em sua escrita.

Segundo os organizadores, os cadernos de Carolina não apresentavam uma sequência e eram compostos por diversos gêneros. Faltavam também algumas páginas e não havia numeração dos cadernos, assim como existiam lacunas que aparentemente representavam textos desaparecidos. No entanto, os pesquisadores ressaltam o cuidado que Carolina teve em preservar os manuscritos. Ela copiava os próprios textos e por vezes enxertava fragmentos e repetições, quase sempre à caneta, como uma forma de, segundo Levine e Meihy, “perpetuar o legado” (Levine;Meihy, 1996, p.6). Essa consciência arquivística nos prova mais uma vez a necessidade arqueológica de Carolina de “reconstruir o seu todo”, na expressão de Rancière (2009, p. 36).

Como argumentado anteriormente, os objetos recolhidos por Carolina permeiam a narrativa de seu cotidiano. No relato do dia 7 de novembro de 1958, por exemplo, a autora começa dizendo que não havia dormido porque a filha, Vera, estava tossindo. Ela se levanta às 05h30min da manhã, carrega água, prepara o café para os filhos e pede a uma vizinha um carrinho emprestado para levar alguns ferros que havia recolhido na rua, para vender. No meio desse relato, ela repentinamente conta ao leitor que a caminho do depósito ouviu uma mulher que lavava a calçada xingar o “dr. Adhemar”, prefeito de São Paulo na ocasião. Carolina reflete sobre a fala da mulher e critica o desagrado de sempre do povo, que nunca está satisfeito:

(...) pensei no Circulo Vicioso se chove, e tem lama, o prefeito não presta porque não calça as ruas. Se faz sol e tem pó, o Prefeito não presta porque não molha as ruas. Quando será que o povo vae compreender que quando chove tem lama. E quando tem sol tem pó. A carreira política é espinhosa (Jesus, 1996, p. 51).

Em seguida, volta ao relato de sua venda: “O senhor Manoel pesou os ferros ganhei 70. Comprei pão, e média para os filhos. Dois sabões 9 cruzeiros cada um” (Jesus, 1996, p. 51-52). E passa a criticar a alta dos preços e revoltar-se contra os políticos, na sua opinião, os responsáveis por isso. No mesmo dia, vai vender uns “papeis de cimento” com os quais ganha “21” e afirma que não sairá para catar papel porque está cansada. Em seguida, retorna ao assunto política e elogia novamente o prefeito que promete acabar com a favela. Ainda no mesmo relato, revolta-se contra um vizinho que reclamou de seu filho José Carlos e critica as ciganas e os vizinhos, que considera preguiçosos. Antes do próximo relato, do dia 8 de novembro, há um fragmento de julho em que Carolina afirma estar reiniciando a escrever o diário. Esse aparente caos pode representar a “potência da palavra”, segundo Rancière (2009), de Carolina. A fragmentação discursiva de sua rotina revela uma tentativa de dar sentido à vida e, conseqüentemente, à sua literatura. Segundo o teórico,

a escrita não quer dizer simplesmente uma forma de manifestação da palavra. Quer dizer uma ideia da própria palavra e de sua potência intrínseca. (...) para ele [Platão], a escrita é o *logos* mudo, a palavra que não pode nem dizer de outro modo o que diz, nem parar de falar: nem dar conta do que profere, nem discernir aqueles aos quais convém ou não convém ser endereçada. A essa palavra, ao mesmo tempo muda e tagarela, opõe-se uma palavra em ato, uma palavra guiada por

um significado a ser transmitido e um efeito a ser assegurado (Rancière, 2009, p. 34).

As palavras de Carolina que, ao mesmo tempo, falam e se calam, alternam assuntos e sentidos; dizem, portanto, de outra forma, o que está implícito e fragmentado. As palavras se tornam vestígios significativos dessa rotina repetitiva e ao mesmo tempo caótica.

A escrita anda, portanto, lado a lado ao trabalho de recolher o lixo. Nas anotações de 15 de novembro de 1958, a escritora, já no final do dia, lembra-se de dizer que comprou no “senhor Eduardo” meio litro de óleo e um tinteiro, dois exemplos de produtos imprescindíveis para o sustento de Carolina e sua família, já que a escrita, pra ela, era uma necessidade viva: “crêio que, não poderei viver sem escrever porque os dramas, continuam acontecer enquanto vivemos” (Jesus, 1996, p. 54).

O lixo pode prover também para a família de Carolina outro sustento. No relato de 17 de novembro de 1958, ela afirma ter encontrado uma bola, que dá para os filhos brincarem. Em seguida, como não poderia deixar de ser, ela protesta contra os “homens vagabundos” que roubam a bola das crianças porque jogaram pedra neles “e eles querem bater nas crianças. Quando me vê quietam. Porque ninguem quer ficar incluído no meu Estranho Diário” (Jesus, 1996, p. 74). O título do livro é então explicado. A noção de estranho é uma alegoria da sua condição, que, performaticamente, manifesta as contradições da autora e de sua experiência com a escrita. Além disso, notamos como o diário serve de ameaça àqueles que Carolina considera tão diferentes dela; como observa Dalcastagnè é a maneira que a autora encontra de mostrar-lhes a diferença entre uma artista e um “punhado de favelados sem eira nem beira” (2012, p. 12). A escrita fragmentária, denunciativa e potente é a arma de Carolina Maria de Jesus.

A fome, como já afirmamos, é o assunto mais forte nos diários de Carolina. Nas suas andanças pela cidade em busca do lixo que a sustenta, especialmente de papel, muitas vezes a comida é conquistada nos restos e sobras. Os relatos nos mostram que quase sempre ela levava a filha junto e, quando estavam em frente ao frigorífico, a menina pedia uma salsicha e sempre ganhava. A rua Araguaia é descrita por Carolina como o local onde ela mais encontra comida, no lixo ou nas casas das pessoas para quem ela pede. Com certas famílias que a ajudam, a escritora mantém um vínculo. No

relato do dia 20 de novembro de 1958, novamente vemos os fragmentos e resíduos se misturarem à escrita de Carolina. Uma portuguesa que lhe fornece papéis repreende-a quanto à ideia de ser poeta, dizendo-lhe que “todos poetas ficam loucos” (Jesus, 1996, p. 84), ao que a escritora não deixa passar, recusando o rótulo e afirmando que os brancos continuam escravizando os negros e a escrita é sua forma de resistência a essa dominação; tal afirmação endossa a ideia do “estranho diário”. A escritora acrescenta, ainda, que não tem medo do trabalho, que já experimentou vários empregos e que vê mais vantagem em catar papel. A autoafirmação mantém-se por algumas linhas de protesto que se juntam, sem pontuação, a uma frase final do parágrafo em que afirma ter passado em uma fábrica para catar tomates, a mesma citada na epígrafe, mas que agora tem um novo gerente que entrega a ela os tomates diretos da caixa, limpos. Logo após, a autora volta a pensar nas palavras da portuguesa. A falta de pontuação, além de revelar o pouco domínio que ela tinha da língua, reflete a escrita ansiosa, faminta e urgente, evidência da escrita performática que tenta transpor para o papel a indignação.

A aparente desorganização evidencia a força do pensamento da escritora em meio ao trabalho e à obrigação de levar alimentos para casa. Esse desalinho, na verdade, revela também a *escrita performática* de Carolina Maria de Jesus, como já afirmamos nas páginas anteriores. O caos e a mistura das palavras, frases e ideias aparentemente mudas mostram na verdade a potência implícita das palavras usadas pela escritora, uma transgressão ao gênero diário e ao mesmo tempo uma voz (corpo) aparentemente confusa em que se destaca o protesto, o brado e a revolta.

Outros artistas ligados ao lixo e aos resíduos também se revelaram arqueólogos e performáticos em suas obras, como Arthur Bispo do Rosário, um dos mais reconhecidos. O sergipano que passou 51 anos de sua vida na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, colecionava objetos e restos com o propósito de usá-los após o fim do mundo, numa tentativa de salvar o que fosse possível e necessário após o Juízo Final. Bispo é autor de várias obras emblemáticas da arte contemporânea, como o famoso manto bordado, embora a construção desse conjunto artístico fosse inconsciente ou motivada por sua loucura.

Para Maria Esther Maciel, as escolhas do artista para montar seu mundo “copiado” passam pelo cotidiano, e podem ser lidas como

a grande narrativa de sua história pessoal. Cada coleção que a integra não deixa de ser, portanto, uma espécie de diário, mas um diário que abala a obviedade da cronologia e instaura a ordem do simultâneo, deflagrando uma temporalidade heterogênea, sem datas, que nunca se inscreve num instante determinado nem na perspectiva que este delimita (2008, p. 123).

Tal qual a escrita diária e autobiográfica de Carolina, a coleção de Bispo do Rosário é transgressora e performática. Transcende o presente e o simultâneo pela história pessoal, inclusive através do corpo, como faz quando costura o manto sagrado, a roupa com a qual vai se encontrar com Deus. O artista, também excluído pela cor da pele e pelo aspecto social, como Carolina, tem o agravamento da sua condição psiquiátrica. Ele, assim como ela, faz do resíduo sua obra de arte, do lixo vêm os objetos para a construção do novo mundo¹⁶.

Para Marta Dantas, estudiosa de Bispo, sua obra apresenta caráter *mitopoético*. Ela cita Wunenburger (1994), para quem a mitopoética se origina de uma imaginação transcendental, e consiste na

elaboração de um conjunto a partir de resíduos e fragmentos de acontecimentos, testemunhas fósseis da história de um indivíduo ou de uma sociedade (...). Assim, “mitopoética”, aqui, designa o conjunto da narrativa e da obra plástica criada por Arthur Bispo do Rosário, porque ambas nasceram da organização de resíduos míticos e materiais em busca de descobrir o sentido (ou de denunciar a falta deste) de um conteúdo que não encontra no pensamento racional o seu meio de expressão adequado (Wunenburger apud Dantas, 2012, p. 20).

Analisando por esse olhar, a escrita cotidiana de Carolina de Jesus é, da mesma forma, mitopoética, pois organiza (e desorganiza) os resíduos da vida diária, os restos da existência que se encontram no limbo em cadernos também vindos do lixo, à procura de sentido, muitas vezes nada racional.

¹⁶ Outros artistas vêm fazendo arte dos resíduos, embora de forma diferente, como Vik Muniz, artista plástico brasileiro radicado em Nova Iorque; Sayaka Kajita, japonesa que usa peças descartáveis de plástico, como colheres e copos; a americana Ann P. Smith, que utiliza partes de eletrodomésticos e eletrônicos descartados para criar formas de animais; e o brasileiro Jaime Prade, que reúne pedaços de madeira encontrados na rua para construir esculturas em forma de árvore, entre muitos outros.

Na segunda parte de *Meu estranho diário*, estão as transcrições dos manuscritos que se referem ao momento em que Carolina já havia saído da favela e morava na sonhada casa de alvenaria com os filhos. Vários trechos desta fração estão também presentes no segundo diário; entretanto, na edição lançada em 1996, os pesquisadores mantiveram os escritos da autora e não a sua edição, o que nos proporciona uma leitura mais ampla e fidedigna dos diários e a confirmação de uma escrita autobiográfica performática.

Após o sucesso de *Quarto de despejo*, Carolina vive os momentos da fama e seus escritos revelam seus dois lados. A vida de catadora de papel e a presença do lixo em seu cotidiano são agora uma lembrança, mas que não deixa de segui-la. Na performance escrita que a narrativa diária de Carolina apresenta, percebe-se um turbilhão de sentimentos confusos revelados por sua sintaxe impactante e seu vocabulário afiado. A linguagem da autora continua forte e a expressão de seus “pensamentos poéticos”, como ela mesma denomina, é desordenada e linear ao mesmo tempo, se considerarmos que a descrição de sua realidade, apesar de completamente diferente de antes do sucesso do livro, revela a mesma Carolina arqueóloga na literatura e na vida diária. Há uma vontade de juntar os rastros e ao mesmo tempo de abrir mão deles. Tudo isso faz parte da construção de uma estética que se manifesta na performance do texto.

No relato do dia 2 de novembro de 1961, Carolina descreve que, enquanto percorria a Avenida Tiradentes, lembrava-se de sua vida anterior à fama, “suja com o saco nas costas, debruçada na lata do lixo” (p. 143). Pouco antes dessa lembrança, a autora reclama de estar vivendo angustiada, com a cabeça “pesada das ideias”, temendo enlouquecer. Tais sentimentos vêm de uma mistura de indignação política, revolta com as injustiças sociais, decepções amorosas e com pessoas que ela julgava amigos, desespero de estar sem dinheiro novamente mesmo depois do sucesso do livro. A imagem de sua figura catando papel, portanto, surge como alento e totalmente invertida daquela que tínhamos antes, quando a lembrança era a realidade de Carolina: “Ficava alegre quando encontrava metal alumínio para vender no ferro velho. Parava para escrever nas ruas. – pensava... se eu pudesse viver sempre escrevendo... se eu pudesse viver lendo!” (p. 143). Outro momento em que a lembrança de catadora é mostrada como positiva se dá no relato do dia 9 de novembro de 1961, em que ela afirma gostar

de catar papel porque não tinha “detetive” em sua vida (p. 162). Essa “encenação” da escrita nos revela seu jeito de reinventar o passado e trazer à tona os resíduos dos fatos, no caso, o resto de seus dias como catadora, que, ressignificados neste trecho e neste momento de sua vida, podem ser exemplos de sua escrita performática. É como se Carolina, de acordo com a teoria de Ravetti, usasse os resíduos de seu passado que se instalaram na memória e os redefinissem para o presente.

Também a imagem do passado de catadora é performatizada outras vezes em *Meu Estranho Diário*. No relato de 8 de novembro de 1961, José Carlos diz à mãe que catou açúcar na rua depois de um acidente com um caminhão que carregava o mantimento. Carolina narra o episódio no exato momento em que afirma estar pensando em voltar a catar os restos da feira, pois está sem dinheiro. Ela une os episódios e transcreve a pergunta do filho: “Vamos voltar a comer o que encontramos no lixo outra vez?” (p. 159), a que Carolina responde não saber. Em seguida, Ely, uma espécie de agregado da casa, chega com o dinheiro enviado por Lélío Andrade, da livraria Francisco Alves, com quem Carolina vivia travando batalhas para retirar dinheiro, trocado e dividido em suas visitas quase “esmoladas” à editora. Situações como esta se repetem diversas vezes, segundo ela. Apesar do sucesso e de muitos contratos assinados, especialmente para traduções de *Quarto de despejo*, a escritora parece não ter controle sobre seus gastos, o que motiva muitas de suas desavenças com Audálio Dantas e seus editores. Com viagem marcada para a Argentina, para lançar o primeiro livro que havia sido traduzido para o espanhol, Carolina menciona diversas vezes que não viajará se não tiver dinheiro para deixar com os filhos enquanto estiver fora. Ela usa a escrita nos diários, os quais são constantemente entregues aos editores, para protestar sobre a falta de dinheiro e expressar a indignação diante da necessidade de ter que mendigar os trocados para sua sobrevivência, mesmo sendo uma “escritora famosa”, que lança livros fora do país. É a continuação da encenação escrita dela, desta vez com destinatários certos, pois o texto parece ser endereçado aos interlocutores para quem ela quer “mandar recado”.

A mesma atuação pode ser vista, ainda nesta segunda fração do livro, quando trata da decepção diante da “profissão” de escritora, ou poeta, como prefere se definir diversas vezes. Os editores de *Meu estranho diário*, no posfácio da edição, inclusive, analisam a noção que Carolina tem do papel social que ocupa. Para eles, ela tem

consciência de que este papel é diferenciado e que, ao sentir-se *poetisa*, “Carolina assumia noção de que *poeta* seria sinônimo de ser triste [...]. A noção de ser *poeta* seria um aval para a responsabilidade de escrever e de publicar, pois seria sempre um ser amargurado devido sua capacidade crítica” (Levine; Meihy, 1996, p. 294).

Ao longo de seus relatos, percebe-se, então, que, ao mesmo tempo em que reitera seu amor aos livros e à literatura, ela reclama de ser uma escritora e de a literatura ter se firmado em sua vida. A escrita funciona, portanto, como um *pharmakón*, verdadeiro remédio e veneno, na teoria de Platão, desenvolvida por Derrida (2005). No relato do dia 30 de outubro de 1961, a diarista revela que, se pudesse, “escrevia dia e noite. A única coisa que eu gosto e de livros” (p. 123); no dia 01 de novembro do mesmo ano, ela chega a dizer que quando morrer quer o túmulo “no formato de um livro” (p. 134). Em 31 de outubro, entretanto, vemos a amargura de ser poeta aparecer: Carolina sai para providenciar o passaporte para viajar à Argentina, mas, como está sem dinheiro, passa novamente na Livraria Francisco Alves, à procura de Lélío Andrade, e não o encontra. Vai então à redação da revista *O Cruzeiro* e pede dinheiro emprestado a um dos jornalistas conhecidos, ao que ele responde não ter e indica outro colega que poderia emprestar. Essa humilhação deixa a escritora nervosa e ela comenta com um funcionário da revista que quer abandonar a vida literária, pois “da muita confusão” (Jesus, 1996, p. 131).

Tal sentimento é repetido pela autora em outros relatos que se seguem, como do dia 2 de novembro, quando ela ameaça novamente abandonar a carreira de escritora. “Com as confusões que enfrento com o quarto de despejo, fui perdendo o amor pela literatura” (p. 136). A cena em questão ocorre quando mais uma vez Carolina tenta conseguir dinheiro na Francisco Alves e não é sequer recebida pelo “dr Lélío”, como ela o chama. A escrita serve então para performatizar um ódio pela literatura, vinculado, aqui, aos problemas financeiros. Embora mencione em trechos dos diários que não se tornou escritora por dinheiro, por outro lado ela sempre ambicionou sair da favela e esperava um retorno financeiro de sua literatura, pois chegou a enviar os manuscritos a diversas editoras.

Os diários, já foi argumentado, não eram seu projeto principal de vida literária, mas, ao ter o primeiro publicado com tanto sucesso, ela sabia que seu triunfo poderia

ajudá-la materialmente, como de fato aconteceu: “Escrevi o Quarto de despejo para ter dinheiro e não tenho dinheiro” (p. 275). A metalinguagem aqui revelada na escrita de Carolina mostra intencionalmente o direcionamento para o qual ela foi sendo levada durante sua carreira e também como a escrita era vista por ela, especialmente a dos diários – mecanismo potente para sua sobrevivência e para encenar sua indignação com seu estado de penúria, mesmo estando na sala de visitas da cidade desta vez.

Portanto, recuperando a teoria do *pharmakón*, a escrita de Carolina está associada ao alívio de colocar no mundo sua angústia existencial e é também o antídoto para a dor e a fome, porque ela sabe que escrever pode lhe dar dinheiro. É o veneno porque é o que lhe resta a fazer e ela se vê como escrava de um sistema que insiste em colocá-la no lugar da pobreza, o mesmo sistema que a envenena contra a literatura. A mesma palavra que lhe é apresentada como saída para o não esquecimento, como meio de matar sua fome existencial e física, é a evidência da sua pobreza, o reflexo do esquecimento que lhe é imposto. Assim, a escrita de Carolina revela performaticamente a ambivalência da palavra, suas fraturas, seu remédio e seu veneno.

A segunda parte de *Meu estranho diário* termina quando Carolina faz a viagem a Buenos Aires para o lançamento da edição argentina de *Quarto de despejo*. A ocasião nos revela outro assunto caro a Carolina e base de sua escrita performática: a questão racial. Meihy e Levine comentam no posfácio que a visão da escritora sobre os negros é redentora na primeira fase de sua vida relatada em *Meu estranho diário*, quando morava na favela e escrevia o *Quarto de despejo*: “Ela faz várias referências que examinadas de forma ligeira ou em fragmentos sugerem alienação, mas, a retomada contextualizada de sua visão de mundo desmente isto” (Levine, Meihy, 1996, p. 295). Essa posição, na opinião dos editores do livro, permanece na segunda parte, aqui analisada; Carolina, portanto, segundo eles, mantém-se defensora dos negros. A autora, inicialmente, se espanta por quase não ver negros na capital argentina, depois, em entrevista registrada no dia 19 de novembro de 1961, embora defenda os negros, afirma que não há racismo no Brasil, o que pode ser interpretado, conforme fizeram os editores no posfácio, como uma maneira nacionalista de Carolina defender o país, dando mostras de sermos superiores aos argentinos neste assunto.

Na terceira parte, denominada pelos organizadores de “Diários no sítio”, o assunto é retomado, especialmente de forma performática, nas diversas vezes em que a escritora se diz vitimizada pelos brancos que tomam conta de seus livros e do mundo. Mas, por outras vezes, ela demonstra estar à frente desse estereótipo, como no relato do dia 21 de setembro de 1962, no qual critica a vizinha Cleide, que tem uma filha da idade de Vera Eunice. As meninas estudam juntas, mas Cleide não permite que a filha entre na casa de Carolina e esta atribui a proibição ao racismo. Em seguida, a escritora revela que está aprendendo a dirigir, afirma que “quem escreve necessita ter um auto” (p. 205). Ela denuncia que, enquanto dirige pelos bairros, na autoescola, espanta as pessoas, especialmente os “pretos”:

Os pretos ficam habismados quando me vê guiando. Exclamam: Olha a negra que vae comprar carro. Se o negro no Brasil ainda não desinvolveu-se é porque tem muito complexo. E os que ganham muito dinheiro não sabe organizar-se. Eu não tenho complexo (p. 205).

Sentindo-se superior, Carolina critica, através de sua escrita, a falta de autoestima e de orgulho negro dos brasileiros. Ela tem consciência que está fora deste lugar. Mais à frente, no relato de 28 de setembro do mesmo ano, ao ser convidada para ir à festa da comemoração da promulgação da lei do Ventre Livre, afirma: “Estou doente. Mas... irei. gosto de estar no meio dos negros. E espero que os negros no porvir sejam cultos. E que todos tenham cultura” (p. 214). Em outros encontros sociais, Carolina sempre elogiará os negros, incluindo-se, e denunciando, muitas vezes, o preconceito racial brasileiro. Em *Meu estranho diário* isso, portanto, fica muito claro, ao contrário do posicionamento de muitos críticos e personalidades que a acusaram durante sua vida e depois dela, em função da leitura apenas de *Quarto de despejo*, o que já seria injusto.

O último aspecto a ser observado na performance escrita de *Meu estranho diário* é o que já citamos como “potência da palavra” (Rancière, 2009) de Carolina Maria de Jesus. Em todo o livro percebe-se o engajamento da escritora com as questões políticas e sociais que a cercam, de forma sempre indignada. A autora tem plena consciência de que sua escrita é instrumento contra as injustiças, principalmente depois do sucesso de *Quarto de despejo*. Na Argentina, o livro fez com que os portenhos se dessem conta de

que em sua cidade havia favelas. Carolina visita a Vila Miséria e, conversando com políticos e moradores, sente a importância de sua presença e de sua literatura vinda de dentro da favela. Por isso, em *Meu estranho diário* é frequente a exposição de opiniões e protestos escritos como forma de registrar sua indignação. Ela protesta contra a alta dos “gêneros alimentícios”, o racismo, a falta de cultura das pessoas, especialmente de pobres e pretos. Enfim, a arma de Carolina continua apontada para as injustiças sociais e ela se vê e se sente fora disso tudo, diferente e à frente das pessoas que cometem essas injustiças ou que as suportam sem lançar mão da palavra, que ela utiliza, performaticamente, muito bem, como pudemos ver, mais uma vez, em *Meu estranho diário* e nos outros diários analisados até aqui.

O relato diarístico de viagem na América do Sul

Na tradução em espanhol de *Casa de Alvenaria*, publicada em 1963 em Buenos Aires pela editora Abraxas, *Casa de ladrillos*, há um apêndice, um diário de viagem de Carolina pela América do Sul: Argentina, Uruguai e Chile. São 63 páginas em que a autora relata sua passagem por esses países lançando livros. As impressões sobre o que viu formaram uma interessante descrição dessa viagem. Os primeiros relatos, de novembro de 1961 podem ser vistos em *Meu estranho diário*, sem edição. Comparando esses trechos percebe-se a intervenção de um editor, pois claramente há cortes na versão em espanhol. A partir do relato do dia 21 de novembro de 1961, os textos que aparecem são publicados apenas na versão argentina.

Nas páginas desse diário-apêndice, o aspecto mais marcante é com certeza a impressão de Carolina sobre a questão racial na América Latina. Sobre os países que visitou ela comenta a recepção que teve, sendo mulher brasileira negra, e também o que viu sobre os negros fora de seu país.

A Argentina foi o país que mais a encantou. Muitos elogios são tecidos pela escritora, desde o tratamento cordial que recebe à organização do país e sua estrutura: “Buenos Aires é a Paris da América Latina”¹⁷. “Os argentinos são amáveis e elegantes. São inteligentíssimos. Apreciam a cultura”¹⁸ (Jesus, 1963, p. 149, 132, tradução minha¹⁹). No entanto, a quase ausência de negros a espantou: “Aqui não tem negros, será porque na Argentina não houve escravidão? Não há negros pra comprovar”²⁰ (p. 150).

Além da observação sobre o pequeno número de negros na Argentina, Carolina se mostra ainda mais consciente de sua importância, por ser uma escritora negra em seu país. Num excerto de 24 de novembro de 1961, comenta sobre a colonização portuguesa no Brasil, que, segundo ela, nos deixou atrasados em relação a países como a Argentina, e em seguida escreve: “Estas são verdades que os escritores das Academias veem mas

¹⁷ “Buenos Aires es el París de América Latina” .

¹⁸ “Los argentinos son amables y elegantes. Son inteligentísimos. Aprecian la cultura”.

¹⁹ Todas traduções citadas deste livro foram feitas por mim.

²⁰ “Aqui no hay negros. ¿Será porque en la Argentina no ha habido esclavitud? No hay negros que lo comprueben”.

não têm coragem de dizer. Foi preciso que uma escritora de pele negra que surgiu do lixo tivesse que dizê-lo. E assim vou ganhando amigos e inimigos”²¹ (p. 150). Sua performance na escrita talvez esteja relacionada com essa autoafirmação. Sua origem “do lixo” talvez explique o diferente olhar que ela traz; sua capacidade crítica e condição intelectual dá outra abordagem aos acontecimentos, destaca um ponto de vista interno e ao mesmo tempo externo. Carolina seria a intelectual “estranha”, que capta o que os outros não viam ou destaca o que eles já haviam se acostumado a ver por pertencer a um mundo à margem, de restos e resíduos. Sua escrita é um veneno ao modelo tradicional, canônico, acadêmico e também antídoto, por trazer uma realidade à tona, sem cortinas. É a performance se fazendo em locais não institucionais, mas dialogando com eles e até incomodando-os.

Como fez muitas comparações entre Brasil e Argentina nesta primeira visita de nove dias, sempre exaltando o país vizinho, Carolina foi repreendida por dona Adélia, da livraria Francisco Alves, por criticar seu país em terras estrangeiras, o que a deixou nervosa e contrariada. E se compara a outros poetas que também tiveram problemas por dizer verdades; cita Castro Alves, Gonçalves Dias e Tomás Gonzaga. Ao registrar esse acontecimento no diário, sabendo de sua publicação posterior, Carolina, como em *Quarto de despejo*, continua fazendo do gênero sua arma de denúncia e de desabafo.

No dia 12 de dezembro de 1961 Carolina viaja para o Uruguai. Lá também é cortejada pela imprensa e por políticos, inclusive o presidente da época, Víctor Haedo. Desta vez, quando Carolina denunciou as agruras brasileiras em Montevideu, pediu ao presidente e aos outros que não divulgassem o que ela disse, pois temia por isso. Sobre os negros no Uruguai, a escritora menciona a satisfação por muitos irem comprar seu livro. Também achou o país e as pessoas encantadores. De lá seguiu novamente para Argentina, desta vez para Mendoza. No avião, espantou-se com o fato de todos a olharem por ser negra, tendo sido confundida com uma africana da Etiópia.

No Chile, Carolina se sentiu hostilizada por ser negra e mãe solteira. Chegando ao aeroporto, o motorista encarregado de buscá-la recebeu-a com um comentário preconceituoso:

²¹ “Estas son verdades que los escritores de las Academias ven pero no tienen coraje de decir. Hizo falta que una escritora de piel negra que surgió de los basurales, tenga que decirlo. Y así voy ganando amigos y enemigos”.

–É você a Carolina?

– Sim. E boa tarde!

Levou minhas malas para o carro enquanto ia comentando com seu companheiro:

– Linda coisa... solteira e com três filhos!...

Fingi não compreender²² (Jesus, 1963, p. 168).

Em outra ocasião, num jantar na casa de um deputado, sentiu-se relegada e, diante das manchetes dos jornais, também achou que os chilenos foram preconceituosos com ela. No diário, usado novamente como voz de denúncia e desabafo, ela discute sobre o casamento, afirma que não se casou porque não deu importância ao matrimônio, apesar de ter recebido 16 convites de homens de diferentes classes sociais. Revela que não tem medo de ficar sozinha, de ter que se sustentar, prefere assim a ter um marido estúpido apenas para manter a aparência social e agradar os outros. Carolina mostra ser consciente de seu papel feminino e da importância de sua independência, o que é admirável no contexto histórico em que vivia e diante das dificuldades pelas quais passou. Ela termina a digressão sobre o casamento com uma ironia para os chilenos: “Será que no Chile não há mães solteiras? Ou será o Chile o país da pureza!²³” (Jesus, 1963, p. 172).

No relato do dia 27 de dezembro, no entanto, temos o mais direto comentário sobre o racismo dos chilenos. Num jantar na casa do escritor Rubén Azocar, um outro escritor, Benjamín Subercaseaux disse: “– Carolina: você pode admirar as belezas do Chile como turista. Mas não pense em viver aqui, porque nós chilenos não gostamos de negros, nem gostamos dos judeus e também dos sírios²⁴” (Jesus, 1963, p. 175). A fala do escritor deixou-a abalada e sem dormir. Mais uma vez Carolina compara o racismo no Brasil com outro país e defende que aqui é bem tratada, não sofre discriminação. O olhar do Outro, de fora, do estrangeiro, parece fazê-la perceber melhor o preconceito racial. Na segunda viagem ao Chile, no dia 13 de janeiro de 1962, ela ainda se lembrava das palavras do escritor, mas gostou da recepção que teve em Concepción, cidade

²² “- ¿Es usted Carolina?

- Sí. ¡Y buenas tardes!

Llevó mis valijas al auto y mientras tanto iba comentando con su compañero:

- ¡Linda cosa!... ¡Soltera y con tres hijos!...

Fingí no comprender”.

²³ “¿Será que en Chile no hay madres solteras? ¡O quizás Chile sea el país de la pureza...!”

²⁴ “- Carolina: usted puede admirar las bellezas de Chile como turista. Pero no piense en vivir aquí, porque a nosotros los chilenos no nos gustan los negros, no nos gustan los judíos y no nos gustan los sirios”.

universitária onde participou de um debate na Escola de Verão. Discursou depois de Linus Pauling, famoso cientista norte-americano, e percebeu que era a única negra presente no auditório. Também estava presente no evento acadêmico o escritor peruano José María Arguedas. Mais uma vez os jornais enfatizaram o fato de ser mãe solteira e com três filhos. Ela se sentiu novamente vítima de racismo diante do olhar do sociólogo norte-americano Frank Tannenbaum. Carolina faz várias observações sobre o intelectual, relata que ele foi antipático com os colegas escritores, não lhe interessou conhecer melhor o Chile e interagir com os chilenos. Ela o achou prolixo em suas respostas durante a palestra e arrogante. Mas a escritora reconhece que os EUA faziam muito pelos negros e investiam, na ocasião, na educação e na igualdade racial.

A passagem de Carolina Maria de Jesus pela América Latina relatada neste diário mostra como seu projeto literário foi sendo construído e como esses momentos foram importantes para que isso acontecesse, afinal, os lançamentos fora do país trouxeram para ela o descortinamento de um mundo que não conhecia e pode, então, experimentar. Ela sentiu-se, assim, escritora de fato e percebeu a importância de sua escrita para além do seu país. As viagens revelaram também uma experiência cultural diferente e a confirmação de que os problemas sociais e raciais ultrapassavam o campo de seu país.

O diário latino-americano é mais um exemplo do ato de narrar a si mesma que Carolina se propõe, de forma performática. Neste caso, a forma transgressora surge novamente através de suas denúncias e desabaços, especialmente os relativos à cor da pele, parte de seu corpo performático que se revela nas observações e nos relatos que ela faz.

A ESCRITA PERFORMÁTICA AUTOBIOGRÁFICA

Conhecidamente, é Philippe Lejeune que inicia a discussão do gênero autobiografia como literário na década de 1970, na França. Ele define autobiografia como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2008, P. 14). Outros gêneros como diário, memória, biografia, autorretrato não consistiriam, segundo o pesquisador francês, em uma autobiografia. A tese de que é necessário haver uma identidade entre autor, narrador e personagem é requisito para a autobiografia. Numa definição concisa do “pacto autobiográfico”, o teórico afirma que seria “o engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida), num espírito de verdade” (Lejeune, 2008, p. 21). Essa linha foi bastante discutida em trabalhos diversos e vem sendo atualizada por teóricos como Paul De Man e William C. Spengemann, todos relatados por Ana Maria Carlos e Antonio Roberto Esteves na introdução “Narrativa autobiográfica: um gênero literário?” (2009) e em *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*, de Eurídice Figueiredo (2013).

Carlos e Esteves, que atualizam a teoria de Lejeune, afirmam, por exemplo, que a autobiografia não é um gênero, mas uma “figura de leitura ou de compreensão que estaria presente, em certa medida, em todo e qualquer texto” (Carlos; Esteves, 2009, p. 12). Além desse aspecto, De Man afirma que a diferenciação entre autobiografia e ficção é algo “indizível” e que a autobiografia é uma espécie de prosopopeia da voz e do nome, ao trazer à tona, na voz do seu autor, os “ausentes”, os seres inanimados, os mortos, o sobrenatural; o eu que escreve suas memórias é diferente do eu narrado, seria então uma metáfora entre “vivos e mortos” (De Man *apud* Carlos; Esteves, 2009, p.12).

Tal visão é semelhante à de Paul Jay, que defende a impossibilidade de separação entre a autobiografia verdadeira e a ficcional, “uma vez que ficcionalidade é o estado ontológico de todo texto” (*apud* Carlos; Esteves, 2009, p. 15). Jay afirma a aproximação da escrita de si com a psicanálise, e sua função, seria, então, de confissão e autorreflexão.

Eurídice Figueiredo chama a atenção também para a importância do nome do autor nos textos autobiográficos, que não seria a mesma coisa que o nome de uma pessoa qualquer. Passando pelos estudos de Roland Barthes e Michel Foucault, a autora discorre sobre as teorias que dessacralizaram a figura do autor na obra literária e ressalta que “um nome de autor exerce uma função classificatória que serve para delimitar um certo *corpus* (a obra de tal autor) e determinar sua recepção pelo público leitor” (2013, p. 17). Além do nome próprio, que pode ou não ser utilizado no texto autobiográfico, a autora lembra de outros signos que são marcas do gênero, como os pronomes pessoais e possessivos, os advérbios de tempo e a conjugação verbal. No “jogo biográfico” são muitos os artifícios para este aspecto, já que nem sempre o nome próprio aparece numa obra autobiográfica; a literatura contemporânea também transgride essa característica ao brincar com a autoria e o uso dela.

Sobre a questão da fantasia e da realidade nos textos autobiográficos, Brigitte Hervot e Maria do Carmo Savietto (2009), em seu artigo “A escrita autobiográfica”, no mesmo livro, concluem, a partir das releituras de Lejeune (inclusive a do próprio teórico francês, que atualizou seus conceitos), que, embora a sinceridade possa ser uma intenção do autobiógrafo, ela não poderá ser totalmente realizada, pois há sempre a necessidade de recorrer à imaginação, no passado ou no presente, para ir além da realidade ou do que ela lhe permite. A fantasia, e não a mentira, então, seria intrínseca à escrita de si. Essas invenções e recriações, acrescentam as autoras, revelam a face do eu que se esconde e se mostra nelas. Os elementos da fantasia conferem à autobiografia uma semelhança aos romances e a outros textos de ficção e, ao mesmo tempo, ao não ficcional, como a biografia. Esse aspecto da autobiografia nos permite afirmar que ela se encaixa na teoria da escrita performática já explicitada neste trabalho. A multiface do “gênero”, repleta de perfis, de vários “eus”, ganha aspecto de encenação, de performance. Assim como o “jogo cênico” criado pelo aspecto do nome próprio e dos inúmeros indícios do eu presentes neste texto, que confirmam ainda mais a ideia da teatralização da própria existência.

Ângela de Castro Gomes (2004) cita a expressão “teatro de memória” ao se referir à transformação do espaço privado em público, ou publicado, no caso dos gêneros literários da escrita de si. Ao dotar o mundo com seus significados, os autores,

então, performatizam-no também. Sobre a mistura de realidade e ficção na escrita de si, fundamentada em Bourdieu, Gomes afirma:

A “ilusão biográfica”, vale dizer, a ilusão de linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando-se e convivendo com a fragmentação e a incompletude de suas experiências, pode ser entendida como uma operação intrínseca à tensão do individualismo moderno. Um indivíduo simultaneamente uno e múltiplo, e que, por sua fragmentação, experimenta temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico (2004, p. 13).

Os diversos momentos do indivíduo narrador e narrado na autobiografia se fragmentam, se completam e se encenam ao mesmo tempo. Já vimos, anteriormente, como os diários de Carolina de Jesus são bons exemplos disso. Seus textos memorialísticos, *Diário de Bitita*, “Minha vida” e “Sócrates africano” confirmam o fio condutor de sua obra literária, do seu projeto como escritora e, ao mesmo tempo, revelam sua face autobiografada que continua encenando-se através da escrita fragmentada, memorialística e ao mesmo tempo potente, denunciativa e visceral.

***Diário de Bitita*, “Minha vida” e “O Sócrates africano”**

Apesar de ter no título a palavra “diário”, *Diário de Bitita* não pertence a essa categoria literária. Diferente de *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria* e *Meu estranho diário*, o livro se encaixa no rol das chamadas autobiografias, pois não traz relatos marcados pelas descrições datadas. Ao contrário, é contínuo e dividido em capítulos, o que provavelmente foi feito pelas pesquisadoras que o organizaram. Nele, a Carolina adulta e já conhecida volta à infância para relatar suas origens e sua formação.

Segundo as biógrafas Eliana Castro e Marília Machado, “obviamente, há elementos de fantasia na percepção da própria infância. Por isso, pode-se falar de uma construção autobiográfica com conteúdos ficcionais” (2007, p. 16). Essa mistura ficcional nos leva a classificar o livro também como *autoficção*, conceito criado por Serge Doubrosky em 1977 e citado por Eurídice Figueiredo (2007). No artigo, a professora explica que Doubrosky, desafiando Lejeune, criou um romance autobiográfico, cunhando assim o conceito de *autoficção*. O autor diferencia esse gênero da autobiografia, uma vez que, nesta última, o narrador-autor-personagem conta a sua história, desde as origens, enquanto na autoficção “pode-se recortar a história em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria do romance” (Soubrosky *apud* Figueiredo, 2007, p. 22). Talvez *Diário de Bitita* se encaixe no gênero criado por Doubrosky, afinal, seus capítulos não são lineares nem datados e, embora as origens de Bitita sejam mencionadas, a história não aparece completa ou certa, conforme é comum nas autobiografias. Entretanto, é o próprio Doubrosky que amadurece o conceito e afirma que a diferença da autobiografia para a autoficção se firma na contemporaneidade. O “novo” gênero seria um “romance autobiográfico pós-moderno, com formatos inovadores: são narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem ‘eu’ sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde” (Soubrosky *apud* Figueiredo, 2013, p. 61). Por este olhar, o livro de Carolina não poderia ser classificado como autoficção, já que ela não tinha pretensões pós-modernas, no sentido aqui usado, para sua literatura, porém, como é ampla a discussão sobre a autoficção, outros estudiosos, como Vincent Colonna, também citado

por Eurídice Figueiredo, afirmam que a “ficcionalização de si” existe em qualquer tempo, “sem se limitar à contemporaneidade” (Jeanelle *apud* Figueiredo, 2013, p. 63).

Não me parece, enfim, que Carolina teve a intenção de escrever sua biografia neste livro, mas que possivelmente tenha resolvido contar sua vida do ponto de vista de quem tem um projeto literário e acredita que a história poderia ser interessante e importante. Além de, como veremos, usar essa história pessoal para denunciar, num gesto performático, desmandos políticos do país contra seu povo. Tal maneira de narrar, de autoficcionalizar, seria feita também de forma encenada, performática.

Diana Taylor afirma que “o ato de contar é tão importante quanto o de escrever; o fazer é tão central quanto o registrar a memória passada por meio de corpos e de práticas mnemônicas” (2013, p. 70). Para ela, a escrita e a performance organizam memórias históricas individuais e de uma comunidade. Taylor ainda separa o conceito de performance em “arquivo” e “repertório”. O arquivo seria o material supostamente duradouro e o repertório a parte efêmera, a prática e os conhecimentos incorporados. Na obra autobiográfica de Carolina de Jesus, o repertório pode também ser interpretado como seu próprio corpo, que, metaforicamente, é seu ponto de vista, seu olhar sobre o passado. Esse ponto de vista revela sua subjetividade, singularidade, personalidade performática traduzida para seu relato concreto, fragmentado e, ainda, transgressor, como é a escrita performática segundo Graciela Ravetti (2003).

Ao discorrer sobre a escrita autobiográfica de mulheres, Eurídice Figueiredo destaca que a memória, aspecto muito marcante na literatura de autoria feminina, adquire forma no ato da escrita do corpo:

Ao tomar a palavra, e mais do que isso, escrever essa palavra – portanto, entrar no domínio reservado aos homens –, as escritoras subvertem a ordem masculina do mundo e instauram uma nova ordem, uma ordem em que a mulher fala de si, de seu corpo, de seus sentimentos, de suas angústias. A escrita se apresenta como um novo combate: luta com as palavras, com a censura interna, com o público que reage diferentemente diante de um texto escrito por um homem ou uma mulher (2013, p. 88).

O corpo inscrito nas memórias de Carolina é que se performatiza na escrita sobre sua vida. Ao retornar à infância em Sacramento, a distância temporal do corpo adulto

toma o lugar do corpo da criança, todos fragmentos da mulher escritora, da autora Carolina Maria de Jesus.

Os relatos de infância são caracterizados por um “eu” que se distancia, que se olha como um outro. Para Doubrovsky, citado por Eurídice Figueiredo, “o relato de infância é totalmente fabricado, já que a infância se encontra fora da narrativa porque está fora do tempo” (2013, p. 45). Como a escrita performática também tem a característica desse narrador “de fora”, ela se manifesta no relato memorialístico da infância também. Juliana Leal explica que

Narrar performaticamente é narrar o si-mesmo também a partir de um fora, do outro, do exo e situado numa localidade propositiva, cuja força reside nos meandros não delimitáveis do “mais além” interposto pelo transgênero performático. Esse narrador não se coloca em uma posição de conselheiro, nem de alguém autorizado a transmitir, exemplarmente, saberes ou fatos a outrem. Vemos, ao contrário, um narrador aberto à experiência enriquecedora e humana da alteridade, para construir uma narração de um real que lhe escapa todo o tempo, porque a relação entre quem narra e o objeto do relato transfigura aquele continuamente, transformando a possibilidade da apreensão de uma história apenas a ser transmitida em algo inviável, o que leva esse narrador a qualificar essa personagem para além do que suporia nomeá-la como “objeto” (Leal, 2012, p. 20).

É assim, portanto, que percebemos a escrita autobiográfica de Carolina no relato de sua infância: como um “eu” performático de fora, situado num presente longínquo daquele passado em Minas Gerais, mas ao mesmo tempo próximo quando lembramos que a inscrição performática é realizada pelo mesmo corpo que a experienciou.

O olhar singular de Carolina é revelado logo no início de seu livro de memórias. Percebemos a mirada performática já no primeiro capítulo, na escolha do ponto de vista infantil para narrar a própria história. O leitor, que no “contrato” (ou pacto, se retomarmos Lejeune) da escrita performática também interage com o narrado, sente-se transportado para o passado ao conhecer a menina Carolina ou Bitita, seu apelido de infância, e perceber nela uma criança sagaz: “Eu estava fazendo minha *avant-première* no mundo e conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai?” (Jesus, 1986, p. 7). Mais adiante, no mesmo capítulo, a menina responde a um desagrado da mãe:

Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

– Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

– Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.

Minha mãe sorriu e disse:

– Que menina inteligente! E está com quatro anos (p. 8).

A perspicácia da menina é encenada através do ponto de vista performático da narradora/autora/protagonista, que é elogiada pela mãe, mesmo depois de fazer o que seria considerado uma má-criação. O autoelogio é percebido em todo o livro, pois a narradora se apresenta como uma menina questionadora em diversas situações de seu relato. No capítulo 4, “Ser pobre”, ela será responsável pela expulsão de um juiz racista da cidade: a menina Bitita tem uma laranja lima roubada pelo filho do juiz, que se aproveita de sua condição de poder, segundo a narradora, para molestar as meninas negras e perturbar as crianças pobres. Bitita não aceita a atitude injusta do menino branco e rico e discute com ele, xingando-o. O pai do menino, juiz da cidade, doutor Brand, vem saber o que está acontecendo e ela o enfrenta também. Mesmo diante das ameaças do homem, Bitita se faz porta-voz e heroína dos seus:

O doutor Brand interferiu:

– Você não tem educação?

– Eu tenho. O teu filho é que não tem.

– Cala a boca. Eu posso te internar.

– Para o seu filho fazer porcaria em mim, como faz com as meninas que o senhor recolhe? É melhor ir para o inferno do que ir para a sua casa. Doutor Brand, aqui todos falam do senhor, mas ninguém tem coragem de falar para o senhor. Os grandes não têm coragem de chegar e falar! O seu filho entra nos quintais dos pobres e rouba as frutas (Jesus, 1986, p. 29).

Depois dessa discussão, mesmo advertida para não discutir com o homem poderoso, a menina persiste e recorre a Rui Barbosa:

Quando ele ia me bater, eu disse-lhe:

– O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao

maestro na orquestra. O branco tem que andar na linha (Jesus, 1986, p. 29).

A encenação-performance da narradora ganha contornos de heroísmo final quando o juiz decide deixar a cidade. Todos aclamam Bitita, presenteiam-na com vestidos e outros mimos. A menina que ainda nem sabia ler havia expulsado, através de argumentos e citações políticas, o juiz racista e malquisto. Para justificar a maturidade da menina-personagem, a narradora explica que ela sabia sobre Rui Barbosa por ouvir o senhor Nogueira lendo o jornal *O Estado de São Paulo*. Sabemos que as memórias corporificadas na personagem, em sua infância, são parte de seu *repertório* trazido para a escrita. Phillipe Vilain, citado por Nogueira, afirma que “a particularidade da imaginação autobiográfica reside em sua capacidade de **desdobramento narcísico** que permite ao sujeito inventar para um si um duplo, ideal ou não, e tornar possível uma forma de autoficcionalização” (Vilain *apud* Nogueira, 2007, p. 23, grifo meu).

Em *Diário de Bitita*, a autora preocupa-se claramente em contar sua história individual e familiar, além de representar a comunidade negra de Sacramento, pois diversas vezes refere-se aos “negros” de forma coletiva. O episódio descrito anteriormente, da expulsão do juiz racista, é um exemplo dessa escrita de denúncia que já aparecia nos diários, e também é recorrente na ficção de Carolina. É, pois, marca de sua escrita. No caso dos relatos deste livro autobiográfico ou autoficcional, fica clara a mistura intencional dessa “escrita-manifesto” ao relato pessoal, o que atesta sua ligação com a escrita performática, mais uma vez.

É o que pode ser visto no capítulo 6, “Os negros”, quando a menina Bitita rouba mangas no quintal da vizinha e cai da árvore, chamando a atenção da dona do terreno. Dona Faustina, surpreendida com a ladra de suas frutas, profere um comentário racista, “Negro não presta”, ao que a menina astuta responde: “– Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África” (Jesus, 1986, p. 55), frase de adulto performatizada na fala da criança. Em seguida, a narração parece voltar à Bitita (Carolina criança): “Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito” (1986, p. 55). Essa mobilidade narrativa também pode ser vista como uma característica da escrita de performance, pois, como já citado anteriormente, sobre a distância temporal

no relato infantil, essa narradora de fora tenta mergulhar no passado e acaba se misturando à narradora que já foi quando criança, concentrando suas forças nesse ir e vir do tempo que se reflete na escrita encenada. Essa tentativa de unir os tempos acaba escapando das mãos da narradora e fazendo com que os vários “eus” se mesquem, aspecto também importante da escrita performática.

Ainda sobre o capítulo 6, interessante notar como ele é político em relação ao tema da escravidão: a menina Bitita mostra sua descoberta sobre o racismo e aponta causas históricas da escravidão; comenta sobre a vida difícil dos negros, bem mais complexa que a dos brancos, e dá o exemplo do avô que trabalhava duro, mas muitas vezes sem oportunidades. Menciona também a perseguição policial: “Os pretos tinham pavor dos policiais, que os perseguiram. Para mim aquelas cenas eram semelhantes aos gatos correndo dos cães” (p. 56). As comparações, típicas da escrita da autora, continuam a ilustrar seu pensamento. A narradora menciona a omissão dos brancos diante da perseguição policial contra os negros. Bitita questiona, ainda, o conceito de liberdade, explica que, para os avós, os brancos haviam melhorado muito, comparados ao que viveram antes da abolição, mas, para a menina negra que via o racismo acontecer diariamente, não havia tanto a comemorar. Ao lado da perseguição policial é citado o assédio às mulheres negras: “Eu notava que, com as mulheres pretas, eles não mexiam muito. Não faziam elas correrem. Mas falavam palavões para elas e mostravam o pênis (...)” (p. 56).

A contraposição entre passado (escravidão) e presente (racismo) é amplamente trabalhada no capítulo 6. A escrita de Carolina mistura, como já afirmamos, a denúncia à autobiografia. O relato pessoal é mesclado à memória coletiva do povo negro na voz, elemento do corpo vivificado nessa “escrevivência” refletida.

A perspicácia narrativa de Bitita é notada, ainda, no final do capítulo, quando compara a vinda do negro para o Brasil à vinda de outros povos, como os turcos e sírios. Ela estranha o fato de esses grupos étnicos aqui chegarem e se enriquecerem, empregando os negros muitas vezes:

Minha tia Claudimira trabalhava para os sírios que vinham como imigrantes para o Brasil. E aqui conseguiam até empregadas. Ganhava

trinta mil-réis por mês, para lavar a roupa, passá-la, cuidar das crianças, da casa e da cozinha. (...)
Os estrangeiros não vinham pobres. Eles não eram analfabetos e dominavam o comércio. E o brasileiro analfabeto não tinha condição de progredir (p. 61).

Os capítulos 10 e 11 do livro são os “Minha vida” e “Sócrates africano” publicados no livro *Cinderela Negra*, de 1994, com algumas modificações e outros títulos²⁵. No texto que antecede os de Carolina, Meihy e Levine explicam:

“*Minha vida*” é um texto original de Carolina Maria de Jesus. Uma versão posterior, intitulada “*Um Brasil para os brasileiros*”, foi publicada na França e depois integrou a versão de *Diário de Bitita*. Interessa retomar esse texto porque, como escrita original, ele dá mostras da redação de Carolina. Além do mais, o fato de conter passagens relacionadas à sua infância revela aspectos pouco valorizados de seu projeto de escritora. Um certo encanto e lirismo marcam a percepção da pobreza antes da favela. Constatar a diferença entre a miséria que deixou saudade e a pobreza que virou denúncia possibilita o entendimento da consciência da Carolina. “*O Sócrates Africano*” obedece ao mesmo critério de seleção. Particularmente, este escrito evidencia a estranha sofisticação entre o esforço mitificador e a pobreza da estrutura vernacular (p. 171).

“Sócrates africano” ou o capítulo 10 de *Diário de Bitita*, “A morte do avô”, idealiza ainda mais a figura do avô de Carolina. Ele é representado como um negro sábio e também o detentor do repertório ancestral que repassa aos filhos e netos. O avô seria a figura do *griot* africano que, além de narrar o passado de sofrimento, alerta os mais novos para o presente e o futuro. É ele quem lhes conta sobre Zumbi e Palmares e quem, como vimos anteriormente, reza o terço, do que muito orgulha a neta-narradora.

O texto publicado em *Cinderela Negra* revela com mais detalhes alguns fatos que antecederam a morte do patriarca. Aos oitenta e dois anos, o homem iletrado, mas considerado “Sócrates africano”, sente dores nos rins e prevê a própria morte. Antes, porém, precisa ajustar algumas contas e pede que a família pague uma dívida financeira; ele propõe também pagar outra dívida, com sua companheira, Siá Maruca, com quem vive há 21 anos sem se casarem oficialmente; a mulher aceita com alegria o pedido de

²⁵ “Sócrates africano” foi publicado também na revista *Escrita*, número 11, em 1976.

Benedito e um padre a casa com o moribundo. O “acerto de contas” moral, ético e de valores com o mundo e com os seus está feito. Carolina, performatizada na menina Bitita nessas passagens, continua a narradora inquieta com os assuntos tabus; desta vez é a morte do avô que a incomoda. Benedito é mais que um pai ou avô para ela, representa sua ancestralidade, aquele que guarda toda sua história e possui seu afeto maior; para ela, o avô deveria ser imortal.

Já o texto “Minha vida” e o capítulo 11 de *Diário de Bitita*, “A escola”, tratam da entrada de Carolina para a escola. Embora a alfabetização não fosse comum aos negros de Sacramento, Bitita entra para o Colégio Alan Kardec sob o amadrinhamento de dona Maria Leite. A narradora, sempre performaticamente, nos conta sua experiência diante do racismo dos colegas e da persistência e paciência da professora. No início do relato, Bitita estranha o nome pelo qual é chamada na escola, Carolina Maria de Jesus. Ela não se identifica com ele e sim com Bitita, como até então era chamada por todos, pelos familiares, principalmente²⁶. A narradora transparece para o leitor a visão de que a escola lhe deu malícia e uma visão crítica da vida. A menina deixa de mamar tardiamente, e aprende a ler; mesmo se mostrando preguiçosa, era considerada inteligente pela professora, que usava a diferença entre negros e brancos como estratégia para incentivar a competição e a vontade de aprender entre seus alunos.

A versão de “Minha vida” publicada em *Cinderela Negra* vai além do relato de Bitita na escola e conta sua mudança para o campo com a mãe e o padrasto, que também pode ser lida no capítulo seguinte de *Diário de Bitita*, 12, “A fazenda”, provavelmente editado pelas organizadoras do livro. Neste capítulo e nesta parte do texto transcrito, há uma característica da biografia de Carolina que ela trará para sua ficção e seus diários: a idealização do campo. A escritora acreditava que a reforma agrária resolveria os problemas dos pobres brasileiros, pois em diversas vezes repete isso em sua obra. No relato autobiográfico, a passagem pelo campo, embora inicialmente traumática, pois a

²⁶ Essa não identificação acontece também com a protagonista do romance *When the spirits dance mambo*, da afro-americana Marta Moreno Vega, descendente de porto-riquenhos que cresceu no Harlem, nos Estados Unidos. A cena do romance em que a menina Cotito, como era chamada pela família, vai à escola pela primeira vez é semelhante à cena de *Diário de Bitita*. Assim como Bitita, Cotito não se identifica com o nome de batismo pelo qual a professora a chama. De forma diferente, acontece no romance de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*. A protagonista que dá nome ao livro é descendente de escravos. O sobrenome Vicêncio provém do antigo dono da terra e representa a superioridade branca sobre o povo da região. A marca da escravidão presente no sobrenome faz com que a personagem ache o nome “vazio, distante” e não se identifique com ele.

menina foi obrigada a deixar a escola de onde não queria sair, mostra-se feliz, pois havia fartura alimentícia e poucas preocupações. A volta para a cidade, narrada nos capítulos seguintes de *Diário de Bitita* e no restante do texto “Minha vida”, é difícil. Carolina começa a trabalhar como doméstica e sofre com a dureza dos patrões e com o racismo.

A chegada à capital paulistana é melhor descrita no texto transcrito do que em *Diário de Bitita*; o livro termina com a doméstica sonhando com uma vida melhor assim que avista a cidade. Para Carolina, São Paulo era a “terra prometida”, a “sucursal do paraíso” (1994, p. 184). Numa de suas comparações, afirma que a cidade era semelhante “a uma bolsa de borracha, que o que se introduz, encontra espaço” (Jesus, 1994, p. 184). A utópica metrópole causa alvoroço na doméstica de Sacramento, no dia 31 de janeiro de 1937. Inicialmente assustada com o número de pessoas, Carolina logo se entusiasma com a capital, que marcará o início de sua carreira como escritora. Ela acredita que, residindo em São Paulo, vai pensar com mais intensidade e que seu cérebro “se desenvolveu”, numa referência clara ao modo como uma cidade grande pode “abrir a cabeça” das pessoas e dar-lhes outras visões da vida e do mundo.

“Minha vida” termina com o relato do episódio em que ela ouve do jornalista Vili Aureli que era uma “poetisa” e que a escrita não largava mais sua cabeça, seu “pensamento poético”, como ela chamava. O nome com o qual não se identificava quando menina, Carolina Maria de Jesus, passa a soar bem, como nome de escritora, dito e repetido pelos vizinhos e conhecidos da cidade, que o haviam lido no jornal *Folha da Manhã*, em que estreou como escritora, o início de seu projeto literário.

A POESIA ROMÂNTICA DE CAROLINA E OS ENSINAMENTOS MORALIZANTES DOS PROVÉRBIOS

A *Antologia pessoal* de Carolina Maria de Jesus foi publicada apenas em 1996 pela editora da UFRJ e organizada pelo pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy. Aqueles que conviveram com Carolina constantemente afirmam em entrevistas que ela gostaria imensamente de ser reconhecida por seus versos e que via aí sua verdadeira vocação, desde que ouviu de Villi Aureli que era poetisa. Prova disso é que, segundo Meihy, no prefácio da antologia, a escritora passou a limpo os poemas em 1975 pela primeira vez e depois novamente em 1976, “pouco antes de sua morte, quando fez ela própria uma antologia” (1986, p. 31). Seu projeto literário passava, como vemos, pelos textos em verso e ela almejava por essa publicação que não chegou a ficar pronta em vida, já que “a memória de Carolina poetisa ficou fora de qualquer alcance público” (Meihy, 1986, p. 31).

Sua poesia é marcada por vários traços da prosa autobiográfica e ficcional. Os temas mais frequentes são a política, a lírica amorosa, a idealização da mulher, a família, a natureza, a própria poesia e o poeta, entre outros, sempre marcados pelos traços conservadores da literatura do século XIX, especialmente do movimento literário Romantismo. Para Carolina, leitora de Casimiro de Abreu e de outros poetas clássicos, o Modernismo não existia ou não a encantava. Sua estilística poética é definida pelas rimas constantes e pobres, pela cadência e ritmos românticos, com musicalidade e repetições, bem próximos do que já se percebia em suas letras de canções. Um exemplo de sua poética pouco elaborada pode ser visto no poema “Inspiração”:

Meu anjo venha ao meu lado
Contempla as flores no prado
Como é lindo o arrebol
Ouve-se a ave cantar
Tão fagueira pelos ares
Aquecendo-se ao sol

Se eu fosse um passarinho
Arquitetava o nosso ninho
No topo de um carvalho.
Adornava-o com brilhantes

Estas joias cintilantes
 As puras gotas d'orvalho.
 (...)
 (Jesus, 1996, p. 70)

Os versos seguem claramente a estética de poetas românticos, especialmente pelo ritmo que se aproxima das redondilhas maiores, típicas da poesia popular e sua musicalidade. A evocação do “anjo” feita pelo eu lírico lembra os vocativos árcades também pelo contexto bucólico, tendo a natureza como pano de fundo, ou mesmo como cúmplice, tal qual acontece no Romantismo. O poema “Sou feliz” também evoca essa vida bucólica associada à felicidade: “Como é lindo o meu viver!/ Nesta cabana que eu fiz/ Creio que... eu posso dizer: Graças a Deus, sou feliz!” (p. 101). No poema “O exilado”, a autora destaca um eu lírico admirador de Gonçalves Dias, provando a influência do poeta: “O meu autor predileto/ O imortal Gonçalves Dias/ Eu lia com muito afeto/ Os seus livros de poesia” (p. 160).

Também a idealização do passado está presente nos versos de Carolina, como em “Saudades de mãe”, poema que se assemelha ao conhecido “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu:

Oh meu Deus quantas saudades
 Da minha infância ridente
 Não conhecia a degradingolada
 Que atinge a vida da gente
 Era criança e não pensava
 Que existia o sofrimento
 Os brinquedos me fascinavam
 A todos os momentos.

Quando a aurora despontava
 Eu rodava o meu pião...
 Aos meus colegas eu contava
 Estórias de assombração.

Hoje, é bem triste a minha vida
 Porque não vivo contente
 Estou distante esquecida
 Longe dos meus parentes.
 Um dia deixei minha terra
 Minha mãe e meu irmão.
 Mas não sabia que era
 Eterna separação.
 (...)

(Jesus, 1996, p. 81)

A alusão ao clássico poema de Casimiro de Abreu é notável, entretanto, o eu lírico de Carolina, ao contrário daquele do poeta romântico, marca a diferença entre a infância idealizada e feliz e o presente triste, que, ao interpretarmos à luz da biografia da autora e de tantos outros brasileiros, lembra a viagem para a cidade grande, a busca por uma vida melhor marcada pela separação familiar.²⁷

Como já havia mostrado nos diários, Carolina admira algumas personalidades políticas. Em sua antologia é possível encontrar poemas que homenageiam o tão citado Dr. Ademar de Barros, os brasileiros Washington Luiz e Getúlio Vargas e o presidente estadunidense John Kennedy. A eles são dedicados versos elogiosos como “Teve valor imenso/ O ilustre Dr. Ademar/ Foi um político de senso/E soube governar” (p. 65), “Meu Brasil proeminente/ Pátria de Tiradentes/ Berço de Washington Luiz./ Foi um grande presidente/ Que honrou o nosso país” (p. 118), “Getúlio heróico e potente,/ Grande alma nacional” (p. 135), “Kennedy foi o orgulho do mundo” (p. 222), sempre seguindo as características estilísticas que lhe são comuns.

No livro *Provérbios*, publicado na década de 1960²⁸, os temas que percorrem sua obra podem ser lidos em frases, pensamentos e textos curtos moralizantes. Nele encontramos referências ao presidente Kennedy, como em “Kennedy, era o sol dos Estados Unidos. O sol que se apagou. Um homem que era digno de viver séculos e séculos” (Jesus, s/d, p. 39), também em “Kennedy nasceu bom e morreu bom” (p. 37), provando o quão o assassinato do norte-americano mexeu com a escritora.

Poesias ufanistas em relação à pátria também estão presentes, bem no estilo do século XIX, como é o caso de “Meu Brasil”: “Meu Brasil proeminente/ Ídolo da nossa gente/ País belo e altaneiro/ Tudo em ti pode clisar/ Tenho orgulho em declarar/ – Sou brasileiro” (p. 68), e de “Minha pátria”, em que o eu lírico, triste depois de um amor não correspondido, vai viver em outro país, em busca de sua felicidade. No entanto, nada era

²⁷ Aqui há outra semelhança com a obra de Conceição Evaristo e a confirmação de que a literatura de mulheres negras perfaz uma tradição. Na ficção de Evaristo, no romance *Ponciá Vicêncio*, e também em sua poesia, é possível encontrar muitas referências à diáspora negra atual, aos movimentos migratórios internos a que a população negra é submetida em busca de dias melhores na cidade grande principalmente. Tal qual Carolina e seu eu lírico no poema em questão, a protagonista Ponciá separa-se de sua mãe e de seu irmão ao tentar a vida na longínqua cidade grande.

²⁸ A edição publicada pela editora Luzes não apresenta a data exata.

igual ao seu país: “Vaguei montes vales e serras/ Nada era semelhante/ Nada iguala a minha terra” (p. 177). Depois das comparações entre a terra estrangeira e a sua, o eu lírico resolve voltar pra casa: “Não posso viver contente/ Longe do meu Brasil (...) Que alegria quando regressei/ Com orgulho de ser brasileiro” (p. 178).

Quanto à questão do gênero, Carolina se mostra contraditória se comparamos seus poemas às opiniões emitidas nos diários. Em “Noivas de maio” dedica versos a um eu lírico materno que aconselha a filha que está para se casar a tratar bem o marido, obedecê-lo e resignar-se diante da pobreza, tipicamente “a adesão a valores machistas da ideologia familista” (Lajolo, 1996, p. 58). A contradição se evidencia quando lembramos que Carolina, em seus diários, recusava-se a obedecer aos homens e a renunciar sua liberdade e independência por um marido.

O tema amoroso também é recorrente. Muitas vezes os poemas narram histórias amorosas, como é o caso de “Lua-de-mel”, em que um eu lírico masculino, apaixonado, lamenta um amor não correspondido. Em seguida, narra a conquista de Isabel, a mulher amada, com quem se casa e passa a lua-de-mel em Salvador. No meio do poema, no entanto, o eu lírico muda, é Isabel quem passa a narrar a desventura do amor após o casamento, o desinteresse do homem amado por ela, o afeto que “arrefeceu”. Também em “O Marginal” a idealização da mulher amada e do amor impossível é narrada em versos por um eu lírico jovem músico que se apaixona por uma nobre moça cujo pai não aceita o casamento: “É um pecado desligar/ Dois entes que se amam/ Por mera futilidade” (p. 89); todos os versos com enorme derramamento de emoção.

Curiosamente, um dos temas recorrentes no livro de poemas de Carolina de Jesus é a figura da mãe. Alguns, saudosos da mãe falecida, como “Mãe é sempre mãe” e “Saudades de mãe”, já citado. Outros, como “Minha filha” e “Súplica de mãe”, trazem a figura materna no eu lírico, que chora pela morte do filho: “Nesta campa já inerte/ Querido filho, desperte/ Sois o meu amor infinito/ Para adornar esta lousa/ Do jazigo em que repousas/ Estas flores deposito” (Jesus, 1996, p. 77). O mesmo eu lírico materno aparece em “Prece de mãe”, em que, como já sugere o título, uma mãe amorosa reza pelo bem de seu filho.

Em *Provérbios* o tema aparece novamente: “A mulher quando é mãe, e mesmo só, não abandona o filho, cuidado de sua educação merece o título de Santa, o maior

título do mundo” (XX, p. 24), e “A única coisa que a mulher sabe amar com ardor é o filho” (p. 37).

Como não podia deixar de ser, a denúncia social faz parte da temática lírica de Carolina Maria de Jesus. Seu poema mais famoso, tão declamado por ela em vida em vários eventos, é recheado deste tema. “O colono e o fazendeiro” começa criticando o trabalho escravo: “Diz o brasileiro/ Que acabou a escravidão/ Mas o colono sua o ano inteiro/ E nunca tem um tostão” (Jesus, 1996, p. 147). Os versos seguem narrando a dura vida do colono que levanta cedo para trabalhar, luta no sol quente todos os dias e não lhe sobra dinheiro. Na sexta estrofe, o eu lírico critica a exploração do fazendeiro sobre o colono, realidade tão presente ainda hoje no interior do Brasil: “Fazendeiro ao fim do mês/ Dá um vale de cem mil-réis/ Artigo que custa seis/ Vende ao colono por dez” (p. 148). A triste vida do colono termina no último verso: como um indigente enterrado; retomando o famoso “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, seria “a parte que (o) cabe neste latifúndio”. Os problemas do campo, tão caros a Carolina, são sabiamente colocados no poema, nas figuras do colono e do fazendeiro. Outro poema que também denuncia as agruras da vida vividas pelo trabalhador é “Atualidades”. Neste podemos afirmar que há uma grande semelhança entre a vida da personagem narrada em versos e de sua autora. O eu lírico nos conta que se encontrou com uma senhora triste e perguntou o motivo; em seguida os versos desfiam, através da resposta da exausta senhora, os problemas de uma difícil vida:

Trabalho o ano inteiro
Nem um dia posso perder
Luto e não tenho dinheiro
E nem pão para comer.

(...)

Não mais posso trabalhar
Pungente é a minha condição
E se eu for mendigar?
Ameçam-me com a prisão.

Não percebem as autoridades
Que já estou aprisionada
Com estas dificuldades
Que sou uma desgraçada?
(Jesus, 1996, p. 164-165).

As dificuldades do pobre, que aparecem nos diários e na ficção da autora, também estão presentes na poesia. A voz da personagem é também coletiva, corporificada em versos.

Nos provérbios a preocupação da autora com a agricultura continua: “A maioria não aprecia a agricultura. Não quer o retorno ao campo. Dá a impressão, que eles enterraram o seu umbigo na cidade. Com a desorganização do país, recorrem ao govêrno, que quer as reformas de base e a volta a agricultura” (Jesus, s/d, p. 29).

Lembrando um pouco os sambas compostos por Carolina, o poema “O turco e o lampião” traz o humor

Um turco ia contente
Levando um cesto na mão
Quando surgiu na sua frente
O famoso Lampião.

O turco logo parou!
E começou a gaguejar
Lampião lhe perguntou:
Tu tens fumo para me dar?

O turco mudou de cor
E começou a chorar.
Eu não fumo não senhor.
Mas querendo eu posso fumar (1996, p.155).

A narrativa em versos lembra anedotas ou histórias contadas oralmente no Brasil; uma delas, inclusive, sobre um encontro de um turco e o temido Lampião, o que nos leva a acreditar que talvez ela tenha ouvido a história e transformado em poema. No disco gravado por ela, *Quarto de despejo*, em 1961, o tom leve e engraçado está presente em algumas canções, como “O malandro”: “Ê ê ê a polícia me fez eu correr/ Ah ah ah mas não conseguiu me pegar”.

Outro samba que dialoga com uma temática presente em outros gêneros escritos por Carolina é “O pinguço”: “Seu José bebe pinga até ficar com soluço/ Eu é que não sirvo pra ser mulher de pinguço”. Em *Quarto de despejo*, o diário, a autora algumas vezes se refere ao fato de ser contra o álcool e narra alguns problemas vividos na favela pelas pessoas que o ingerem; afirma também que prefere ficar solteira a se casar com um alcoólatra. No poema “O ébrio” também encontramos o tema:

O homem que bebe:

Não tem valor na sociedade
Não tem nenhuma utilidade
Amar um homem assim
É ir nos braços da infelicidade.

(...)

O homem que bebe:
Pela esposa é reprovado
E o seu lar desmoronado
Fica jogado na rua.
Se queres ser ditoso no viver,
O homem não deve beber
Se és infeliz, a culpa é sua.

O ébrio é um insciente
E aborrece diariamente (1996, p. 93-94).

Certamente a escritora conhecia a famosa canção homônima de Vicente Celestino, veiculada no final da década de 1930 e transformada em filme pela diretora Gilda de Abreu, em 1946. Os versos de Celestino estão entre os clássicos da música popular brasileira. Sobre o “ébrio”, Carolina escreve em *Provérbios*: “As palavras do homem ébrio não tem valor na sociedade” (Jesus, s/d, p. 20). O tom “moral” dos provérbios, muito presente na poesia e na ficção de Carolina, aparece no poema. Há uma verdadeira antipatia da escritora pelo ébrio, talvez pelo que ela viveu e viu durante a vida, especialmente nos anos vividos no Canindé. A independência feminina também se reflete aí, pois Carolina, ao contrário de outras mulheres da sua geração, ou mesmo das de hoje, recusa-se a aguentar os maus-tratos masculinos apenas para ter um marido e ser bem vista socialmente.

A FICÇÃO MELODRAMÁTICA DE CAROLINA

No projeto literário de Carolina de Jesus os romances ocupam lugar importante. Ela escreveu seis, mas apenas um, *Pedaços da fome*, foi publicado. Carolina escrevia os romances nos mesmos cadernos nos quais escrevia os diários, e da mesma forma: o enredo é entrecortado por anotações do cotidiano, listas de compras, contas matemáticas e frases aleatórias, normalmente de protestos contra ou a favor dos políticos, além de repúdios ao racismo.

Os romances inéditos são: *Dr. Silvio*, *Diário de Martha ou Mulher diabólica*, *Dr. Fausto*, *Rita*, *O escravo* e dois romances sem título. Todos eles apresentam características marcantes da escritora e algumas típicas da sua ficção: descrições românticas da natureza no início dos capítulos, personagens semelhantes aos da prosa romântica e folhetinesca do século XIX, enredo linear e maniqueísta, discursos de denúncia social, divisão acentuada entre pobres e ricos. Tais características nos permitem afirmar a semelhança da prosa de Carolina com o melodrama, gênero que remete à expressão popular, e com o romance-folhetim.

O melodrama, de origem francesa, surgiu no Brasil no século XIX e permanece em várias formas dramáticas cultivadas ainda hoje no teatro, cinema, literatura e outras artes. A telenovela brasileira, por exemplo, mesmo a atual, é marcada pelo gênero. Sua estética moralizante é a principal característica que Carolina cultivava em sua prosa de ficção. Além desta, há ainda outras marcas, como a luta entre o bem e o mal, o chamado maniqueísmo, que termina com a vitória da virtude sobre a maldade.

Em *O Melodrama*, Jean-Marie Thomasseau (2005) explica que a palavra

traz ao pensamento a noção de um drama exagerado e lacrimajante, povoado de heróis falastrões derretendo-se em inutilidades sentimentais ante infelizes vítimas perseguidas por ignóbeis vilões, numa ação inverossímil e precipitada que embaralha todas as regras da arte e do bom senso, e que termina sempre com o triunfo dos bons sobre o maus, da virtude sobre o vício (p. 9).

Os enredos dos manuscritos de Carolina e de seu romance publicado possuem essas características, heranças, com certeza, de leituras dos clássicos folhetins do século XIX, especialmente aqueles encontrados na biblioteca da casa em que trabalhava como doméstica e depois os livros achados no lixo. As características do folhetim, que se misturam às do melodrama, também estão presentes em sua ficção.

Segundo Flávio Luiz Porto e Silva, o romance-folhetim, assim como o melodrama, é contemporâneo das grandes transformações sofridas pela sociedade francesa no século XIX. Ele afirma:

As apropriações feitas pelo folhetim em relação ao melodrama são inúmeras: enredo, personagens, linguagem, ambientação. Nele também a luta entre o Bem e o Mal calca-se em três personagens básicos: o herói, a heroína e o vilão. Definidas claramente para o leitor, as personagens em geral não são aprofundadas em sua psicologia e nem por isso deixam de seduzir o público (...) (2005, p. 48).

O sentimentalismo e o conflito, que privilegiam as emoções, permanecem no folhetim. Constatando-se que este realmente sofre influência do melodrama, Silva lembra que foram homens de teatro, como Alexandre Dumas, que aprimoraram a técnica do folhetim.

A palavra, segundo Marlyse Meyer (1996), origina-se de *le feuilleton*, que designa um lugar preciso do jornal, o rés-do-chão, rodapé, geralmente na primeira página. “Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento” (Meyer, 1996, p. 57). Inicialmente pretendia-se ocupar o lugar com frivolidades, seria o objetivo do folhetim, mas o espaço “engoliu” o jornal e os folhetins tornaram-se o grande chamariz desta época, escola e espaço de grandes nomes da literatura mundial, como Alexandre Dumas e Balzac e os brasileiros José de Alencar, Machado de Assis e Aluísio Azevedo: “Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance: o indigitado, nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim ‘folhetinesco’” (Meyer, 1996, p. 59).

O folhetim se caracterizava primeiramente por ser publicado em série, com capítulos “fatiados”, mas apenas a publicação desta forma, alerta Meyer (1996), não

garante que a obra seja um “romance-folhetim”. Com isso a pesquisadora quer dizer que há características que são típicas do gênero como: diálogos vivos, senso de corte de capítulo, relação com o melodrama e com o drama romântico, previsíveis e redundantes narrativas, sentimentalismo, pieguice, lágrimas, emoções baratas, suspense e reviravoltas, linguagem retórica e chapada, personagens e situações estereotipadas, entre outras. O gênero é também conhecido pelo nome de “romance rocambolésco”, que semanticamente refere-se a uma aventura delirante, “enrolada como o bolo ao qual deu nome” (Meyer, 1996, p. 157)

Vários dos traços folhetinescos citados podem ser encontrados nos romances de Carolina de Jesus, especialmente os personagens estereotipados ou tipificados, os dramas, a pieguice e o sentimentalismo, como veremos nos exemplos que seguem.

As marcas sociais em *Pedaços da fome*

Muitos dos temas encontrados nos diários publicados por Carolina são também notáveis em sua ficção. O romance *Pedaços da fome*, de 1963, surgiu quando Carolina já não experimentava mais os louros da fama. O livro é marcado pelo maniqueísmo na divisão de classes sociais. A protagonista, filha de um importante fazendeiro, torna-se pobre ao se casar com um golpista e experimenta o outro lado das relações de classe. Segundo Eduardo de Oliveira, que prefacia o livro,

Carolina conserva a mesma forma de escrever dos seus diários: sua palavra continua tosca, mas admiravelmente clara. O enredo é ingênuo, leve, correntio e o estilo é despido dos monumentos da retórica. Ainda assim, “Pedaços da fome” tem esse sopro de vida, traz lampejo de verossimilhança. É arrancado do mesmo barro que foi feita a humanidade (Oliveira, 1963, p. 12).

Maria Clara, a protagonista, é uma menina mimada, filha de um importante coronel do interior do Brasil. Como filha única, é privilegiada pela fortuna e pelo respeito imposto pelo pai, mas é infeliz, porque não pode desfrutar da vida por ser extremamente protegida. No trecho a seguir, o narrador nos revela a superproteção à qual Maria Clara era submetida:

Recolhida nos seus aposentos, construído especialmente para ela, Maria Clara evocava o seu passado na escola, com grande ressentimento. Era considerada a melhor aluna da classe. Se errava nas lições não era castigada. Era aprovada em tudo. Reinava na classe e nunca foi castigada e recebia as melhores notas. Ninguém mencionava seu nome. Dizia: “-A filha do coronel”. Quando atingiu a juventude com seus sonhos deslumbrantes, a reserva com que lhe tratavam foi magoando-lhe profundamente. Ninguém ousaria tocar-lhe. A filha do coronel era uma boneca de porcelana (Jesus, 1963, p. 22).

É essa menina que conhecerá o farsante Paulo Lemes, por quem se apaixona, e que pensa ser um importante dentista da capital. Entretanto, o rapaz, além de mentir para ela e para sua família, leva Maria Clara para morar em um cortiço na cidade grande, onde vivia às custas de uma tia. É assim que Carolina vai traçar a formação da

protagonista. A moça será obrigada a, corajosamente, sobreviver em um mundo que ela nem sabia que existia e forçadamente aprenderá a valorizar a independência e perceber que a vida é bem mais difícil do que pensava. Sua opinião sobre ricos e pobres muda e ela conhece a hipocrisia e a solidariedade humanas, vindas de quem menos espera. A história, portanto, assemelha-se aos *bildungsromane*, os romances de formação, gênero que tem sua origem marcada no século XIX, com obras consagradas como *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, e *As aventuras de Robinson Crusoe*, de Defoe. Na literatura escrita por mulheres, o gênero tem tratamento diferente, especialmente na literatura de escritoras negras, como Conceição Evaristo, em seu *Ponciá Vicêncio*, um romance de formação marcado pela escrita afro-brasileira²⁹. Também a personagem de Carolina percorre uma *bildung* (palavra em alemão para “formação”) diferente dos demais personagens folhetinescos do gênero literário e especialmente diferente dos personagens masculinos, como Meister.

O maniqueísmo entre riqueza e pobreza é muito enfatizado em *Pedaços da fome*. Alguns personagens se mostram avessos aos ricos e isso pode ser percebido em vários trechos, como na fala de Paulo, quando conhece Maria Clara e ainda não sabe que ela é a filha do coronel, “dono” da cidade: “– O Cel deve ser o dono da cidade. É mania dos super-ricos mandar nas cidades atuando como dragões” (Jesus, 1963, p. 30). Em seguida, Paulo Lemes afirma que “o homem para ter valor é preciso ter inteligência” (Jesus, 1963, p. 33). Os bons valores, no livro, são muitas vezes associados aos pobres e os ruins aos ricos, fruto da visão simplista da autora.

O coronel, pai da protagonista, é um exemplo de rico temido pelos conterrâneos, pela esposa e filha. Seu patriarcalismo é notável na cidade e em casa. Quando descobre que a filha está namorando um desconhecido que se diz doutor, ele afirma que quem faz as leis em casa é ele, e que só permitiria que a filha saísse de casa casada com quem ele quisesse. A fórmula romântica e shakespereana do amor proibido pela família entre mocinha e mocinho parece se repetir, mas não é o que acontece depois. Maria Clara foge com Paulo e o tom do romance muda. O enredo, então, se concentra na formação da protagonista, antes mimada e rica, agora pobre e casada com um malando que não

²⁹ Este foi o tema de minha dissertação de mestrado, intitulada *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, um Bildungsroman feminino e negro*, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, e disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-76RF2H/aline_alves_arruda_texto.pdf?sequence=1

pode sustentá-la.

É assim que vemos a questão de gênero se desenvolver na narrativa. Maria Clara sempre ouviu da mãe que a mulher deve obedecer ao marido e ser submissa, como ela era ao coronel, pai de Maria Clara, mas agora a protagonista se vê diante de uma prisão: o casamento com alguém que não era quem pensava. Esse tipo de engodo elaborado pelo “conquistador” sobre as mocinhas ingênuas é recorrente nos romances-folhetins do século XIX. Na literatura brasileira, já na fronteira com o Modernismo, podemos lembrar, por exemplo, o conhecido Cassi Jones, exímio conquistador, personagem de *Clara dos Anjos*, romance de Lima Barreto. Maria Clara toma a decisão de sobreviver mesmo diante de toda decepção e surpresa no ambiente do cortiço, para onde o marido a leva. Em São Paulo conhece o outro lado da vida: como pobre, descobre um mundo novo, seu “berço de ouro” não lhe vale para as surpresas que encontra, como podemos ver quando ela chega ao cortiço e descobre que Paulo estava mentindo quando disse que era dentista rico: “Era a primeira vez que ela entrava num lugar tão pobre. Desconhecia as classes sociais; não sabia que existia paupérrimos, médios e ricos. [...] Eu não estou habituada com as preocupações da vida” (Jesus, 1963, p. 71). Começa então o martírio da mocinha rica, com um sentimentalismo tipicamente melodramático e folhetinesco.

A denúncia social levantada por Carolina Maria de Jesus em seus diários permanece por vezes em seus romances, como no trecho a seguir:

(...) os pobres entendem de tudo um pouco. Somos felizes porque não escolhemos serviços. Enfrentamos as contingências da vida com seriedade e resignação. Vocês ricos podem escolher profissão, tem meios, podem estudar. Têm possibilidades de transformar o sonho em realidade (Jesus, 1963, p. 74).

A defesa dos pobres é feita quase sempre por Paulo, que geralmente se vitimiza e se justifica por não trabalhar e não possuir nada na vida. Muitas vezes o narrador de Carolina se posiciona diante desses fatos e opiniões, como quando se refere a Maria Clara em:

Ela também fora feliz quando estava aos cuidados de sua mãe e de seu pai, como dentro de uma muralha, protegida dos infortúnios da vida. Os ricos deviam permitir o introsamento dos pobres no seu núcleo para que seus filhos não ingnorassem os dramas da vida. E os dos pobres (Jesus, 1963, p. 75).

A assertiva, com tom declarativo, é comum em *Pedaços da fome*, e Carolina parece se apropriar da literatura, muitas vezes, para se manifestar a favor dos pobres.

Os traços melodramáticos de *Pedaços da fome* começam no título. Segundo Thomasseau (2005), um bom melodrama tem um título de efeito. Neste caso, o título dado pela autora inicialmente seria “Felizarda”, mas a editora a convenceu a mudar. Sabemos que a palavra “fome” é marca da obra publicada anteriormente por Carolina, especialmente *Quarto de despejo*. A associação da fome com o nome e o prestígio da autora poderia ajudar a gerar êxito no lançamento do livro e a chamar o público já conquistado pelo diário *best-seller*. O tema da perseguição é outro aspecto melodramático importante que se encontra no romance da autora mineira. Maria Clara é vítima inicialmente da mentira deslavada de Paulo, que depois se torna, de certa forma, seu algoz, pois as consequências dessa mentira são sofridas principalmente por ela, obrigada a trabalhar para sobreviver e criar os filhos, afastada da família por causa do marido. Além de Paulo, também perseguem Maria Clara a tia dele, Raquel, e seu filho Renato, que abusam da simplicidade e da ingenuidade da menina bonita e impõem a ela serviços domésticos, os quais a moça rica nunca havia feito, bem no estilo de histórias infantis como “Cinderela” e também das folhetinescas até hoje representadas em telenovelas. A grande perseguidora da protagonista é, portanto, a pobreza, é com ela que a menina tem de lidar ao sofrer o choque social que o falso casamento lhe proporciona.

Interessante também é a visão da autora sobre o cortiço no livro. É bem semelhante ao ponto de vista da favela que Carolina nos mostra nos diários: de um lado, a falta dos “gêneros alimentícios”, expressão que usa muito; de outro, as confusões causadas pelos moradores, as fofocas e intromissões. Maria Clara vive no cortiço momentos semelhantes aos vividos pela autora: “– Como é insípida a vida das habitações coletivas. Uns querem saber a vida dos outros. E as discórdias” (Jesus, 1963, p. 92). A tia de Paulo chega a lamentar a vida da moça de origem nobre naquela “pocilga”: “Você aqui é como uma flor da estufa” (p. 92). Quanto a este cenário, a alusão ao clássico *O cortiço* do maranhense Aluísio Azevedo é inevitável. A segunda metade do século XIX trouxe para nossa literatura as teorias filosóficas e políticas do contexto histórico de então. O Naturalismo tratou as aglomerações de pessoas como argumento para seus desvios de caráter, baseados na teoria determinista. No romance de

Azevedo não há heróis e mocinhos, a natureza humana e seus defeitos são exaltados, ao contrário do romance de Carolina, em que, apesar da preguiça de Paulo e das desvirtudes citadas no trecho anterior, Maria Clara encontra apoio e alento em personagens como Dona Maura, que a protege e auxilia nos momentos difíceis. A visão de Carolina parece conter uma mistura entre aspectos inerentes ao Naturalismo e ao Romantismo, pendendo, no caso da descrição de personagens e da condução do enredo, ao sentimentalismo romântico.

Pedaços da fome foi publicado com parte do dinheiro que a escritora ganhou pelas publicações e traduções de *Quarto de despejo*, mas foi um fracasso de vendas. Provavelmente por isso ela e as editoras não tenham investido mais na publicação de romances e demais textos que permaneceram inéditos.

Os romances inéditos

Os inícios dos capítulos da prosa de ficção de Carolina são quase sempre marcados pelas descrições da natureza, com muitos adjetivos e metáforas para compor o cenário romântico que quer apresentar. Em *Dr. Silvio*, a narrativa começa desta forma: “Os pássaros entoavam suas canções maravilhosas e voavam na amplidão. As nuvens percorriam o espaço numa carreira vertiginosa. O sol estava semioculto entre as nuvens e a viração impedia-lhe de transmitir o seu calor na atmosfera”. A clara referência romântica de idealização da natureza está confirmada nos adjetivos “maravilhosas” e “vertiginosa”. No início de “Dr. Fausto”, o narrador usa metáforas instigantes para se referir ao sol como “o astro rei” e “o king número um”. Tais descrições lembram as dos romances românticos brasileiros, como esta, retirada de *Iracema*, de José de Alencar: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba” (s/d, p. 20); ou esta, de *A Moreninha*: “Raiou o belo dia, que seguiu a sete outros, passados entre sonhos, saudades e esperanças” (Macedo, s/d, p. 124).

O mesmo tom romântico e folhetinesco é comum nas descrições dos ambientes e dos personagens, como no capítulo 1 de *Dr. Silvio*, quando o narrador descreve Maria Clara, a protagonista e heroína do romance: “A menina era esbelta, cabelos pretos, olhos verdes, a pele nívea e aveludada como pétalas de rosas. Era a lenidade em pessoa. Todos lhe devotavam uma amizade sincera e desejavam-lhe um brilhante futuro”. A idealização da personagem confirma as características mais conhecidas do romance-folhetim que Carolina tanto preza e que são evidentes em seu estilo. Além dos adjetivos empregados para descrever a linda moça, como “esbelta”, “nívea”, “aveludada”, a autora utiliza também o vocabulário rebuscado, conservador, como “lenidade”, pouco comum inclusive para sua época, porém muito utilizado pelos clássicos romances que ela lia. Em um trecho de *O Guarani*, Alencar assim descreve Cecília, a musa de Peri: “Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas” (s/d, p. 37).

Segundo Meyer o romance-folhetim retratava principalmente a mulher:

[o romance] dá evidentemente grande lugar aos personagens femininos, que vão também se transformando no decorrer do tempo,

das grandes e fortes figuras femininas do folhetim romântico, até as fracas e sofridas mulheres da última fase do folhetim, não por acaso intitulado “romance da vítima” (1993, p. 103).

As heroínas de Carolina costumam apresentar semelhanças com essas heroínas folhetinescas e românticas. Além da beleza rica de detalhes e idealizada, elas apresentam em suas trajetórias o lugar marcado de vítimas, como as citadas por Meyer anteriormente, que sofrem perseguições e cujas histórias visam levar o leitor à piedade e ao sentimentalismo. Em *Pedaços da fome*, Maria Alice é exemplo desse aspecto: sua vida no cortiço é difícil, depois de ter nascido em família rica e ser enganada pelo homem que amava. Em *Dr. Silvio*, Maria Clara sofre com um amor não correspondido, com uma gravidez antes do casamento, com o preconceito da família rica do marido e com seu desdém. Maria Luiza, em *Dr. Fausto*, é filha da governanta do conde Fausto e, apesar de ser uma menina perspicaz e inteligente, sofre preconceito por ser pobre e filha da empregada, mesmo sendo tratada como filha pelo patrão. Vanda, de *Diário de Martha ou mulher diabólica* tem a vida destroçada quando perde o marido num desastre de avião, estando com uma filha recém-nascida para cuidar. Rita, do romance homônimo, sofre desde seu nascimento, pois é rejeitada pelos pais. Glória, de um dos romances sem título, sofre com a doença de Chagas e é explorada pelas primas.

Quanto aos personagens masculinos, muitos são fúteis e mimados, outros, fracos e preguiçosos, embora alguns tragam qualidades de caráter. Os protagonistas Silvio e Fausto, personagens dos romances que levam seus nomes, são homens ricos e de prestígio. Silvio é filho de fazendeiros latifundiários, Fausto é homem nobre, um conde. Não só no título apresenta nobreza, mas também no caráter. Viúvo, é pai zeloso e homem de bom coração. Já Silvio carrega a proteção dos pais, especialmente da mãe que é viúva, e apresenta-se bastante frívolo diante das situações, como o amor e a lealdade que Maria Alice lhe devota. “Rita” apresenta um tipo masculino nada surpreendente dos folhetins (e da vida real, lembrando que a história da menina assemelha-se à biografia da autora): o pai da protagonista é um músico de boa lábia, malandro que vive corrompendo e seduzindo as mulheres, fazendo-lhes filhos e abandonando-as. Carlos, marido de Vanda, de “*Martha ou a mulher diabólica*”, é conservador e obriga a esposa a abandonar o emprego para se casar com ele. Ciumento, não aceita que outros homens se aproximem dela.

Carolina tende, portanto, a apresentar personagens femininas que, mesmo não sendo totalmente independentes, são obrigadas a sobreviver ao contexto masculino em que vivem e, de certa forma, conseguem se impor nele.

Portanto, mesmo escrevendo no contexto literário da segunda metade do século XX, quando o Modernismo já havia se consolidado e a ficção passava do regionalismo nordestino para o intimismo de Clarice Lispector e o universalismo regional de Guimarães Rosa, Carolina Maria de Jesus, em um espaço social totalmente controvertido, num certo limbo cultural e literário, escreve uma literatura sua, baseada em sua “escrevivência” e que, apesar de opiniões contrárias, insere-se nesse panorama como uma romancista legitimamente brasileira.

PARTE 2EDIÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE *DR. SILVIO*

*E viva os livros, porque é a coisa
que eu mais gosto, depois de Deus.*

(Carolina Maria de Jesus)

*O reporter desembrolhou os livros e
deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e
disse:*

*– O que eu sempre invejei nos
livros foi o nome do autor.*

*E li meu nome na capa do livro.
(...)*

*Fiquei emocionada. (...) é preciso
gostar de livros para sentir o que eu
senti (...). fiquei tão emocionada que não
dormi.*

(Carolina Maria de Jesus)

A segunda parte desta tese consiste na transcrição do romance *Dr. Silvio*, que se encontra microfilmado nos rolos de inéditos. Além de transcrever, a proposta é fazer uma edição crítica do romance. Antes, é preciso discutir um pouco sobre o conceito de edição crítica e relatar como se deu o trabalho de transcrição/edição de *Dr. Silvio*.

Para o *Dicionário do livro* uma edição crítica é

edição feita através de composição tipográfica com aparato crítico do editor ou outro inserto no texto, com inclusão de sinais (colchetes, parênteses, reticências, etc.), que marcam a intervenção levada a cabo no original. É comentada com notas que assinalam variantes de cópias do original ou esclarecem passagens obscuras do texto. As duas primeiras fases deste trabalho consistem no levantamento e na colocação dos testemunhos manuscritos. Deste modo, procura restabelecer-se o texto original do autor ou a sua melhor versão, acompanhada de um aparato descritivo, explicativo e crítico; edição com notas críticas (2008, p. 266).

Diferente, portanto, da edição comentada, a edição crítica é marcada pela leitura dos manuscritos do autor, numa apresentação deles em sua “melhor versão”, ao lado de notas explicativas sobre o texto e eventuais intertextos, além da explicitação dos “bastidores” da edição junto aos originais.

Segundo José Américo Miranda, em “Edições críticas e o ‘leitor comum’”,

De uma edição crítica de um texto, diz-se que: 1) ela deve tentar alcançar com a maior fidelidade imaginável a última forma desejada pelo autor do texto – o que implica a conservação da língua do tempo em que o texto foi escrito e da língua peculiar do autor, aspectos particularmente importantes quando o texto é poético ou literário; 2) realiza o estabelecimento, a fixação ou a apuração do texto; 3) tem por finalidade restituir ao texto sua forma genuína – o que está implícito na ideia de “última forma desejada pelo autor”; e 4) deve facilitar a leitura do texto, conferir-lhe legibilidade, torná-lo inteligível (2011, p. 89-90).

É curioso que, para o caso dos manuscritos de Carolina, a definição de edição crítica apresentada esbarra em aspectos, de certa forma, discrepantes. Entendo que, para a edição crítica de um texto antigo, como é o caso da publicação do sermão de Euzébio

de Matos³⁰ realizada por José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat, a fidelidade a qual se refere o pesquisador passe pela conservação da língua usada pelo irmão de Gregório de Matos, atualizada quando necessário e devidamente sinalizada, em notas de rodapé. No caso de Carolina, a discussão deve passar por manter ou não a forma “não padrão” como ela escreve, ou seja, devemos ou não “corrigir” o texto da autora, que, por ter frequentado apenas os dois curtos anos de escola, esbarra em imperfeições gramaticais? A respeito desse aspecto, Dalcastagnè defende, ao citar um trecho de *Quarto de despejo* revisado:

A manutenção dos erros gramaticais nos livros da autora é uma demonstração de preconceito das editoras, que julgam que, de outra forma, a “autenticidade” do relato seria comprometida, mas os textos dos escritores “normais” (isto é, da elite) é sempre cuidadosamente revisado (2012, p. 40).

Concordando com a pesquisadora, optei por revisar o texto de Carolina, mas mantenho a fidelidade defendida por Miranda (2011) em seu conceito de edição crítica, pois acaba-se esbarrando no item 2 da definição, que nos remete à “apuração” do texto. Emanuel Araújo (1986) cita a respeito o exemplo do italiano Ettore Romagnoli, que já em 1917 defendia edições mais “populares” e “tampouco abria mão da atualização ortográfica e da pontuação, o que, segundo seu ponto de vista, não corromperia o conteúdo do texto” (p. 194). Não encaro, portanto, como um desrespeito revisar o texto da autora, como alguns consideraram, mas, ao fazer isso, penso que estamos apurando-o, igualando-o a outros textos literários canônicos que, como já lembrou Dalcastagnè, são com certeza revisados pelas editoras.

Como é sabido, as edições dos textos de Carolina nem sempre passaram pela opção de revisão do(s) editor(es). *Diário de Bitita* e *Pedaços da fome* tiveram uma mesma correção, embora seus editores não comentem sobre essa escolha nos paratextos. Em *Diário de Bitita*, Clélia Pisa e Maryvonne Lapouge também não comentam sobre a edição e não há prefácio ou posfácio no livro. E sabemos que ele foi traduzido do francês, o que complica ainda mais sua autenticidade em relação à fidelidade dos

³⁰ Refiro-me à publicação *Sermão do Mandato*, editada por José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat, pela Faculdade de Letras da UFMG (FALE), em 1999.

manuscritos da autora. Em *Pedaços da fome* temos o prefácio de Eduardo de Oliveira, que comenta sobre o tipo de escrita de Carolina, mas não se refere aos desvios da norma padrão cometidos por ela ou à opção pela revisão deles. Em ambos os livros, importante ressaltar, não há indicação dos nomes dos editores.

Nas outras publicações os editores optaram por manter os “erros gramaticais” da autora, como em *Quarto de despejo*, na edição mais recente, da editora Ática, Audálio Dantas menciona no prefácio que deu um “tratamento” aos originais, explicando que tirou as repetições; cita inclusive a palavra “fome” como exemplo, além de ter corrigido a pontuação e a grafia de algumas palavras quando estas levavam “à incompreensão da leitura”, e termina dizendo que “foi só, até a última linha”(2000, p. 3). O mesmo ocorreu em *Casa de alvenaria*, também editado pelo jornalista. No prefácio, Audálio afirma: “O tratamento dado a *Casa de alvenaria* foi o mesmo que dei a ‘*Quarto de despejo*’. Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada” (1961, p. 9). Já Levine e Meihy, em *Meu estranho diário*, optaram por transcrever apenas, “sem nenhuma revisão gramatical ou estilística dos diários, que são trazidos a público como foram encontrados” (1996, p. 10). O mesmo foi feito por eles com “Minha vida” e “Sócrates africano”.

Em *Antologia Pessoal*, no entanto, organizado por Meihy, há a revisão do poeta Armando Freitas Filho, que em um pequeno texto após o prefácio do organizador e de Marisa Lajolo, explica que a escritora “teria apreciado que um colega de ofício se debruçasse sobre sua obra poética – como revisor improvisado – a fim de, na maioria das vezes, pôr em ordem a acentuação e corrigir, aqui e ali, a ortografia e algumas impropriedades gramaticais” (1996, p. 63). O poeta afirma, ainda, que acredita que Carolina desejava escrever “limpo e certo, dentro da tradição da língua”, confirmando nossa opinião e a de Dalcastagnè.

Esta opção diante da edição dos manuscritos de *Dr. Silvio* confere ao romance, acredito, mais legibilidade e inteligibilidade e atende aos outros aspectos citados no conceito de edição crítica apresentado. A meu ver, esta interferência na transcrição dos manuscritos não desrespeita as peculiaridades da escrita da autora, mas pretende apenas fixá-las. No caso de respeitar sua vontade, como não está presente para dizer, reconheço que o texto diz por si, e dele faz-se as suposições sobre este aspecto. Para

essas suposições contou-se com a leitura atenta dos manuscritos microfilmados e o conhecimento do restante da obra da autora, de seu projeto literário. É possível, assim, aproximar-se mais do texto e atenuar a distância temporal. De toda forma, escolhas editoriais muitas vezes são necessárias neste processo a que me proponho. Importante ressaltar que a realidade linguística de Carolina foi preservada, que as escolhas vocabulares, marcas tão fortes de seu estilo, foram mantidas e intentei ao máximo primar pela fidelidade ao seu modo de escrita.

Sobre o vocabulário, diversas vezes encontrei nos manuscritos palavras pouco ou nada usadas nos dias de hoje, talvez nem na época dela: a palavra “vate”, por exemplo, que significa poeta, no contexto, proferida pela protagonista Maria Alice quando quer elogiar Silvio e dizer que aprecia sua presença. Maria Alice é jovem e provavelmente a palavra não caberia no contexto, mas a escritora, que lia os clássicos, especialmente os do século XIX, entendia, ou achava, na contramão do Modernismo, que era preciso rebuscar as palavras para fazer literatura. Em outro momento do primeiro capítulo, o narrador afirma que Silvio deu um “ósculo” e um “amplexo” em Maria Alice. A preferência de Carolina pelo culto e requintado léxico aparece até nas cenas mais simples como essa. Uma vez que esta edição visa inicialmente tanto o leitor comum quanto o acadêmico, optei por inserir em nota de rodapé o significado das palavras arcaicas ou menos conhecidas, como os exemplos citados.

Curioso foi notar, durante a leitura e a transcrição dos manuscritos, que Carolina, ao lado desse vocabulário elaborado, por vezes utiliza-se de coloquialismos, pouco comuns em textos literários, como o uso do verbo “ter” ao invés do “haver” (“Na pensão tinham dois jovens que amavam Maria Alice”). Essas ocorrências foram mantidas. Outro aspecto revelador do entendimento da autora da linguagem culta como sinônimo da literária é o uso excessivo dos pronomes oblíquos, às vezes empregados dentro das normas padrões da língua, em outras não. Como a revisão foi feita, conforme já descrito, neste caso apuramos o texto.

Repetições de palavras também foram retiradas, na tentativa de burilar o texto, como aconteceria, acredito, se a autora tivesse tido tempo de revisá-lo e fazer nova leitura antes da publicação. Cuidamos para que esses cortes não interferissem no sentido do texto e mantivemos as repetições que o compõem e marcam a escrita de Carolina.

Além das revisões e alterações já citadas, estas também foram realizadas:

a) O nome da personagem amiga de Maria Alice é citado pela autora, numa primeira versão, como Vera Eunice, aliás, o nome de sua filha. Após a reescrita dos capítulos e na continuidade do romance, o nome é mudado para Veralina. Optei, portanto, por grafar o nome da personagem assim desde o início.

b) Por diversas vezes Carolina utiliza corretamente os discursos direto, indireto e indireto livre. No entanto, como os travessões aparecem algumas vezes e em outras não, a opção foi utilizá-los sempre nos diálogos e deixar o discurso indireto quando ela se vale dele. Destaco que é fácil perceber a diferença dos discursos no texto de Carolina, por isso a “ousadia” de mantê-los e usá-los quando isso fica claro.

c) A paragrafação foi feita como forma de organizar o texto e facilitar a leitura, pois nem sempre a autora utilizava do recurso.

Infelizmente, várias partes dos manuscritos microfilmados estão ilegíveis, ou porque as folhas dos cadernos estavam manchadas ou porque estavam sobrepostas. Mas creio que isso não prejudica a compreensão do enredo. Na transcrição que se segue, indico nas notas quando isso ocorre, sinalizando no texto com colchetes e reticências.

ROMANCE DR. SILVIO

CAPÍTULO I

Os pássaros entoavam suas canções maravilhosas e voavam na amplidão. As nuvens percorriam o espaço numa carreira vertiginosa. O sol estava semioculto entre as nuvens e a viração impedia-lhe de transmitir o seu calor na atmosfera.

Dona Claudia Lemes estava no alpendre da sua linda fazenda sentada confortavelmente em sua poltrona, onde relia a carta de seu filho Sílvio que estava em São Paulo estudando Direito. Faltavam dois anos para ele formar-se.

O sonho de Dona Claudia Lemes era ver o filho formado. Um homem formado é ponderado, sabia solucionar problemas. Claudia, quando recebia cartas, já sabia que ele lhe pedia dinheiro. Ela era muito econômica. Quando Sílvio nasceu, ela comprou um caderno para anotar tudo que comprava para seu uso. Queria saber em que preço ficava um filho depois de criado. Depois que ele se formasse, ela ia somar os gastos. E faltava pouco tempo para ver seu sonho realizado. Sílvio lhe pedia dinheiro e uns doces. Dizia que estava com saudades dos quitutes do lar, que a vida numa pensão era intolerável. D. Claudia começou a lhe escrever, aconselhava-o a resignar-se, pois ninguém vive como almeja. Para não desanimar, que as pessoas elevadas não retrocedem. Quem vacila não triunfa.

“Eu sei que você não está desinteressado pelo estudo. Quando seu pai era vivo dizia-me: o Sílvio é inteligente, vai ser o orgulho da nossa genealogia. Os Lemes³¹ são inimitáveis. O Sílvio não nos decepcionará. Ele confiava em você. Ele queria que você se formasse. Um homem formado está com seu futuro garantido”.

Terminou a missiva e suspirou. Que falta lhe fazia seu distinto esposo para auxiliá-la a educar seu filho!

Sílvio residia na lindíssima pensão de D. Julia Ruiz, na rua Barão de Piratininga. Era um lindo prédio. Os hóspedes eram pessoas de destaque. A pensão era tão chique que a denominaram a “pensão dos doutores”. D. Julia era uma senhora de cinquenta anos. Muito amável, cuidava muito bem da casa, havia lindos objetos de adorno e móveis de estilo, tinha com tudo um cuidado ilimitado. Era atenciosa com os hóspedes, uma mulher culta, que quando não podia agradar, também não aborrecia. Não gostava de entristecer ninguém. Os hóspedes viviam com todo conforto. Era viúva, tinha uma filha que herdara da mãe as belas qualidades. A menina era esbelta, cabelos pretos, olhos verdes, a pele nívea e aveludada como pétalas de rosas. Era a lenidade³² em pessoa. Todos lhe devotavam uma amizade sincera e desejavam-lhe um brilhante futuro. Ela era considerada a pupila da pensão. Todos que lhe pediam um favor, ela atendia com solicitude. Não sabia dizer não a ninguém. Estava sempre pronta a servir qualquer um que lhe procurasse. Os pensionistas sentiam por ela forte e leal atração.

Maria Alice simpatizava com Sílvio. O melhor pedaço de frango era para ele. Tratava-o com todo desvelo. Ela dizia-lhe:

³¹ Nas duas versões disponíveis nos manuscritos microfilmados, a autora escreve o capítulo I duas vezes, nas duas ela nomeia a família de Dona Claudia e Sílvio como os Lemes, entretanto, nos capítulos seguintes ela muda o sobrenome da família para Porto, como veremos adiante.

³² Meiguice, doçura.

– Silvio, esta casa sem você perde todo o encanto.

Quando Silvio não almoçava, ela repreendia-o com tanta doçura:

– Por que você não almoçou? Você vai adoecer. Você estuda muito, precisa alimentar-se bem. Tenho certeza de que você vai ser um preclaro³³.

Silvio sorria. Maria Alice estava sentada no jardim de inverno quando Silvio chegou.

– Oh! Desculpe-me se vim incomodar-te - disse Silvio confuso.

Maria Alice sorriu. Ficou alegre.

– Eu nunca me aborreço com a sua presença. Sinto-me tão bem ao seu lado. Gosto de te ouvir falar, classifico-te como um vate³⁴.

Maria Alice falava e não retirava os olhos de Silvio. Eram os momentos mais sublimes da sua vida quando estava perto daquele homem que fizera seu coração despertar da letargia para o amor. Tinha a impressão de que estava no paraíso. Silvio correspondia-lhe o olhar.

– Você bajula-me muito. Já estou ficando vaidosa.

Silvio dirigiu-se com passos preguiçosos e sentou-se. Perguntou-lhe:

– O que fazes aqui?

– Eu estava tentando escrever um acróstico³⁵, mas é tão difícil. Não vou tentar, reconheço que não tenho veia poética.

– Quem é o felizardo que vai receber este acróstico? É o homem que você ama? – perguntou Silvio com muita curiosidade.

– É para um cego.

– Cego? Coitado, não vai poder ler o seu acróstico, se é que vai sair acróstico.

– Eu digo cego no sentido figurado. Cego por não compreender o quanto eu gosto dele. Penso que ele ainda não percebeu o quanto eu o amo. O amor é o alimento da alma.

Maria Alice falava com eloquência.

– Se ele não te ama, aconselho-te a não deixar este afeto criar raízes no seu coração. É um conselho de um futuro advogado. E você tem esperança de ser amada algum dia? – perguntou Silvio observando-a atentamente.

– Amada eu já sou, mas não pelo homem que almejo. Você ama alguém?

Silvio curvou a cabeça antes de responder:

³³ De origem nobre, distinto, ilustre.

³⁴ Poeta

³⁵ Poesia em que as primeiras letras (às vezes, as do meio ou do fim) de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes ou um conceito, máxima etc.

– Eu ainda não amei ninguém.

As palavras de Silvio penetraram no seu ouvido como a velocidade de um relâmpago. As cores fugiram de sua face.

– Você pode não amar ninguém, mas eu conheço alguém que te ama sinceramente. E lembre-se sempre: uma amizade sincera vale muito, é joia rara.

Silvio mordeu os lábios, perguntou-lhe:

– Quem é esta coitada que está perdendo o seu tempo?

Maria Alice levantou às pressas, pediu licença e saiu confusa. Atravessou a sala de jantar tão rápido que os hóspedes estranharam. Recebeu as palavras de Silvio como uma ducha. Era a sua primeira desilusão. Sentiu a alma em choque, tremendo, penetrou no seu quarto e começou a chorar. As lágrimas derramavam ininterruptamente.

Silvio percebeu a precipitação de Maria Alice, mas não deu nenhuma importância. Tinha recebido uma carta de sua mãe, retirou-a do bolso e começou a ler.

Maria Alice descontrolou-se com a resposta de Silvio. Nem que ela chorasse horas e horas sua mágoa não diminuiria. Lavou o rosto, pintou os lábios e foi ajudar sua mãe a servir o almoço.

Silvio tinha uma mesa reservada só para ele. Maria Alice o servia primeiro, trocava a toalha no almoço e outra no jantar. Colocou a mesa de Silvio no canto da sala onde ele podia fazer suas refeições em paz. Os hóspedes notavam o desvelo de Maria Alice. E comentavam: O Silvio tem sorte. Na pensão havia ³⁶dois jovens que amavam Maria Alice. Eram eles: Ruy Reis, filho de médico que estava estudando medicina, e José Augusto. A candura e a dedicação de Maria Alice prenderam os corações dos dois jovens. Ruy não manifestava o seu afeto, reconhecia que não podia competir com Silvio. Ocultava o seu sentimento, mas sofria em silêncio. Reconhecia que é pungente e desolador retirar um amor do coração. Condoía-se porque percebia que Maria Alice não ia ser feliz casando-se com Silvio. José Augusto nutria uma esperança. “Pode ser que um dia eles se indisponham”. Silvio lhe dissera que quando se formasse, ia para a fazenda de sua mãe. Era muito rico e não precisava trabalhar para viver, era filho único e que sentia muitas saudades das manhãs ensolaradas e dos gorjeios das aves.

Era sábado, Silvio pediu-lhe para preparar sua roupa de banho que ia para Santos. Maria Alice ficou apreensiva e nervosa. Fez-lhe muitas recomendações:

– Cuidado com o mar. Não beba álcool. Não tome sorvete para não te dar câimbra. Por que você não fica aqui e vai ao cinema? Promete-me que não vai à praia?

Silvio sorriu:

– Tranquiliza-te, eu hei de voltar sem faltar um pedacinho.

D. Julia tratava Silvio com certa consideração, sabia que se alguém magoasse Silvio, magoava sua filha. Procurou persuadi-la a não se interessar demasiadamente por ele. Como

³⁶ No manuscrito a autora grafou “tinham”, mas optei pela troca, para manter a fidelidade da linguagem não coloquial, padrão, culta, seguida claramente por Carolina durante o texto.

mulher experiente, percebia que aquela amizade precisava diminuir. Se o Silvio apreciasse uma música, ela comprava o disco. Na hora do almoço ou do jantar, punha o disco tocar pra ele ouvir. E Silvio fazia suas refeições ouvindo sua música predileta. Deixava separados os seus discos prediletos. Quando Silvio regressava, ela ia cumprimentá-lo alegre e sorridente.

– Eu vou deitar! Você desperta-me amanhã às cinco horas? Quero chegar em Santos bem cedo.

Maria Alice ficou com medo de deitar e errar a hora. Passou a noite inteira fazendo tricô. Quanto sentia sono, lavava o rosto para despertar. Às cinco horas em ponto foi despertá-lo. Silvio despertou, abluuiu-se³⁷, tomou café, despediu-se de Maria Alice e saiu. O coração de Maria Alice seguia-lhe.

Sua amiga Veralina³⁸ veio procurá-la para sair. Era esbelta, muito agradável. Usava um vestido azul, sapatos pretos, um lindo colar de pérolas.

– Vamos passear, o domingo está quente. Você deve sair com um vestido leve.

– Eu estou com um vestido de lã porque estou resfriada.

Maria Alice estava tristonha, parece que lhe faltava alguma coisa.

– Sinto muito, mas vou passar o domingo em casa.

– Ora, se eu soubesse, não vinha aqui! Um domingo magnífico, você não anima sair? Essa sua tristeza denota que é o amor que já vem surgindo. Quer dizer que a coisa é séria.

Veralina resolveu retirar-se quando percebeu que Maria Alice não lhe prestava atenção, o seu pensamento estava muito distante. Ficou curiosa para saber o que lhe afligia.

– Bem, já que você não quer sair, vou-me embora.

Maria Alice pegou o tricô, mas não conseguia dar um ponto. Errava. Não conseguia manter atenção no que fazia. Para ela aquele domingo foi o dia mais triste do mundo. Dona Julia reunia os hóspedes e jogava baralho no jardim de inverno.

José Augusto apresentou seu novo amigo, Álvaro Leite, que circunvagou os olhos nos móveis e fitou os quadros nas paredes. Eram obras de pintores famosos. Pisou nos tapetes macios que abafaram os ruídos de seus passos. As paredes eram pintadas a óleo.

– Você escolheu uma pensão maravilhosa para residir. Só sendo mesmo um doutor para hospedar-se aqui.

José Augusto sorriu:

– Estou aqui há cinco anos e não me aborreci daqui. Por que você não vem morar aqui? Poderíamos ser companheiros de quarto!

[...] ³⁹

³⁷ A palavra é frequente em toda obra de Carolina. Significa lavar-se, limpar-se por meio da água.

³⁸ No manuscrito, neste capítulo, Carolina nomeia a personagem com o nome de sua filha, Vera Eunice. Mas até o final do romance, permanece Veralina, por isso optou-se por chamá-la aqui também por este nome, uniformizando.

José Augusto apresentou Álvaro Leite aos hóspedes.

– Esta é a senhorita Maria Alice e sua mãe, D. Julia Braz . Álvaro Leite gostou muito de sua casa. Está querendo vir residir aqui.

Álvaro cumprimentou-as e disse que gostou da casa e que tudo era muito bonito.

– A casa é alegre e as mulheres belas – disse José Augusto.

Álvaro, sorrindo, comentou:

– Eu prefiro bela casa e mulheres alegres.

D. Julia ficou sisuda. Não apreciava chistes.

– A senhora não precisa zangar-se. Álvaro é muito brincalhão, mas tem uma boa qualidade: sabe ser amigo. Ele veio ao mundo para favorecer quem precisa.

– Eu estava ansioso para conhecer esta pensão. É tão elogiada. A pensão dos doutores e dos futuros doutores.

Maria Alice foi fazer o café.

– O Álvaro quer vir residir aqui, há vaga, Dona Julia?

– Ele pode ficar junto com você.

– Está bem. Ele é bom, muito esforçado, está estudando Direito. Uma hora ele diz que vai abandonar os estudos, outra hora diz que vai prosseguir. Vacila muito, mas não abandona os estudos e nunca foi reprovado.

Maria Alice serviu o café. Álvaro gostou dela.

Álvaro Leite e José Augusto jogavam dominó. Quando o relógio badalava onze e meia, Silvio chegou. Maria Alice levantou alegre e foi cumprimentá-lo. Como é sublime ver o homem que a gente adora. O coração palpita com veemência e a saudade avassaladora que apossa o nosso ser vai arrefecendo e a alegria ressurge novamente. E os maus pensamentos ausentam-se rápido como um relâmpago.

– Fizeste boa viagem?

– Ótima. Vi belas mulheres. Vale a pena passar o domingo na linda praia do Guarujá. Que jovens delicadas!

– Silvio, você quer jantar? Eu guardei uns doces para você, escolhi os melhores.

– Queria deitar, estou exausto. Quem vai à praia retorna fatigado. Joguei bola, cantei, bebi.

– Você bebeu Silvio? – perguntou Maria Alice com espanto.

³⁹ O texto apresenta nesta parte algumas linhas ilegíveis (há manchas da página do verso que confundem e impossibilitam a leitura). A partir daqui, sinalizo com colchetes e reticências as partes que assim se apresentam.

– Foi só um pouquinho.

– Como ousaste desobedecer se recomendei tanto que não bebesse? O álcool manifesta-se na pessoa de vários modos, eu quando bebo penso em morrer, fico triste e me ponho a chorar.

Silvio sorriu.

– Eu sou diferente! Quando bebo, fico alegre. Canto, o meu ser rejuvenesce. Vou dormir, boa noite!

Silvio saiu. Maria Alice esfregou os olhos, deu boa noite ao Álvaro Leite e ao José Augusto e retirou-se, estava com muito sono, estava há muito tempo sem dormir. Estava contente porque Deus ouvira suas preces e nada aconteceu com Silvio.

Maria Alice despertou. Abriu as venezianas, recebeu uma rajada de vento no rosto. Seus cabelos espalharam-se. Sentiu o perfume inebriante das flores, contemplou o céu azulado com algumas nuvens esparsas. Fez sua toilette, pôs um vestido branco, sua cor predileta. Foi preparar a mesa para o almoço. Procurou Silvio no jardim de inverno, na sala de visita. Só se sentia feliz depois que o visse e lhe falasse. Não estava. Começaram os maus pensamentos fluírem-lhe a mente: “ele viu muitas jovens bonitas na praia. Quem sabe marcou encontro com alguma delas!”

José Augusto observava os gestos de Maria Alice. Como ficava impaciente quando Silvio ausentava-se. Sentia ciúmes. Ele queria que Maria Alice o amasse com devotamento, condoía-se da ingenuidade dela que não percebia que o Silvio não a amava. Como podia afeiçoar-se a um homem de natureza enigmática como aquele. Quando olhava alguém era um olhar duro e frio como um general em guerra.

Veralina veio visitá-la.

– Como passaste?

Maria Alice beijou-a e disse-lhe:

– Confesso que estou muito triste e esta tristeza creio que vai prolongar-se por muito tempo.

– O que se passou contigo? - perguntou Veralina, ardendo de curiosidades.

– Apenas um grande problema - respondeu Maria Alice, fitando o solo.

Veralina sorriu e disse:

– Eu não deixo a tristeza dominar-me. Acho que a tristeza profunda envelhece. Noto umas rugas no seu rosto. Se queres conseguir alguém, procura conservar seus encantos. Quem é ele? Você me disse um dia que só se apaixonaria por um homem bonito e culto. Por isso é que estou curiosa para saber e ver quem é o seu ídolo.

Dirigiu-se a José Augusto:

– O senhor conhece o cupido que se apossou do coração de Maria Alice?

José Augusto fitou Veralina demonstrando profunda tristeza.

- Não conheço e não desejo conhecê-lo.
- Eu pensei que era o senhor, bem vê que não se pode confiar no que pensamos.
- Mas eu não sou bonito. Creio que serei sempre o preterido. E como são felizes os preferidos.
- Pois eu acho o senhor lindo. E sabe de uma coisa? Quando te casares não terá sossego.

- Por quê? – perguntou José Augusto, curioso.
- Porque é muito bonito e a beleza é a origem do ciúme.

José Augusto ergueu os olhos e lamentou:

– Isto é que não é nada agradável. Um lar onde a harmonia não impera, não tem valor. E eu não aprecio discórdia.

Silvio entrou com uma raquete nas mãos. Maria Alice parecia a primeira vez que via Silvio naquele dia. As cores voltaram as suas faces. Veralina, que os observava, meneou a cabeça e disse consigo:

“Ah! Será que ela gosta do Silvio? Será que o Silvio gosta dela? Bem, o tempo nos dirá. Hei de me opor. Vou lhe aconselhar a não preocupar-se com ele, pois ela merece homem mais culto e mais atencioso. Silvio não sabe agradecer ninguém, é muito jactansioso⁴⁰. Maria Alice é inexperiente, há de atender-me. Quem precisa de um esposo rico sou eu! Que conheço as exigências da alta sociedade”.

– Onde foi tão cedo? – perguntou Maria Alice, fitando Silvio com seus olhos verdes cheios de ternuras.

– Fui jogar tênis com umas senhoritas. Creio que preciso arranjar amigos.

Silvio estava tão disposto e alegre, como uma criança quando consegue o que quer. Maria Alice demonstrava inquietude interior. Esforçava-se para não deixar transparecer sua mágoa. Dirigiu-se a Veralina e perguntou-lhe:

- O que vais fazer amanhã?
- Depois da missa estou disponível. A vovó obriga-me a ir à missa todas as manhãs. No princípio eu protestava, agora já me habituei a comungar todos os dias.
- Depois da missa, venha passar o dia aqui. Quero fazer umas compras. Depois de amanhã é meu aniversário e quero fazer uma festa. Vou comprar flores, copos, encomendar a orquestra. Você pode me ajudar a escolher as flores. Eu não gosto de sair sozinha.

Veralina ficou contente.

⁴⁰ Vaidoso, orgulhoso, arrogante.

– Eu não espero dois convites para uma festa. Uma festa nos reserva muitas surpresas. Diverte-se um pouco e pode-se arranjar um bom partido. Eu estou alegre à toa, e se a vovó não deixar eu vir? Eu vou convidá-la. O senhor Silvio gosta de festas?

Silvio pensou antes de responder.

– Às vezes.

Veralina circunvagou os olhos na sala e disse:

– Esta sala é espaçosa, podemos dançar até amanhecer. Você, Maria Alice, é mais feliz do que eu, vive na casa de sua mãe ao seu gosto. Aqui sua vontade impera. Eu não posso festejar o meu aniversário, se eu falar em festa, a vovó protesta. Ah! Se eu tivesse mãe! Filhos só estão bem ao lado de sua mãe. Mas o destino não compreende essas coisas. Órfãos não têm infância.

Mas ela havia de ser feliz se casasse com um homem rico. Silvio era o seu preferido. Começou a sentir rancor de Maria Alice e o motivo era Silvio. A sua imagem, seus gestos, estavam gravados no seu cérebro. Tinha vontade de convidá-lo para ir ao cinema. Mas temia a sua avó. Despediu-se e saiu. Maria Alice acompanhou Veralina até a porta. Veralina aproveitou a oportunidade e perguntou-lhe:

– Você ama o Silvio?

– Gosto dele sinceramente. Ele há de ser meu primeiro e único amor.

Veralina não gostou da resposta.

– Mas a família dele não vai consentir neste romance. Vocês não estão em igualdades financeiras. Eles te receberão como uma aventureira, uma intrusa. Por que você não dedica sua amizade ao Álvaro Leite? Ele é que gosta de você, com ele é que você será feliz.

Maria Alice não recebeu com agrado os conselhos de Vera Eunice.

– Eu só me casarei com o homem que eu amo. Desculpe-me, sinto não poder ouvir seus conselhos porque já decidi ouvir minha consciência e o meu advogado, que é o meu coração.

Veralina suspirou e foi embora. Triste com o rumo dos acontecimentos. Sua amiga transformava-se em sua rival. Compreendeu que Maria Alice levava vantagens com o Silvio porque residiam na mesma casa. Começou odiar Maria Alice e o motivo era o Silvio! Mesmo que ela decidisse lutar com a Maria Alice levaria desvantagem. A imagem de Silvio estava gravada no seu cérebro. Tinha vontade de convidá-lo para irem ao cinema, mas temia as repreensões de sua avó. Quando chegou em casa, eram seis horas da tarde.

– Boa tarde, vovó.

– Por que tardaste tanto? – foi a resposta dura de sua avó.

– Estive na casa de Maria Alice.

– Vocês modernas não sabem ficar dentro de suas casas, mas sabem ficar dentro das casas alheias.

– Mas ela é tão agradável! É porque a senhora não a conhece.

– Talvez ela te agrade por formalidade.

E Veralina não quis discutir, porque reconhecia que sua avó tinha sempre um argumento. Era melhor deixar a vovó falar. Ela era severa, não concordava com a impontualidade. Mesmo assim resolveu pedir:

– Vovó, eu queria ir ao cinema.

– Não! Termina muito tarde!

– Ora, vovó! Atualmente qualquer pessoa pode andar à noite. O mundo evoluiu, não há perigo. O povo é civilizado, nós estamos no século vinte!

– Século da loucura! Da desobediência.

– Vovó, as mulheres atuais guiam carros, jogam tênis, ambos os sexos desfrutam o mesmo cargo. Já foi abolida a inferioridade.

Sua avó ergueu a voz e disse:

– Enquanto eu viver, a senhorita faça o favor de obedecer-me.

E quanto sua avó a chamava de “senhorita” é porque queria terminar o assunto. Bastava o olhar de sua avó para dominá-la.

Maria Alice levantou assim que o relógio badalou cinco horas da manhã. Abriu a veneziana do seu quarto, contemplou o despontar da aurora, o céu cor de rosa. Os gorjeios dos pardais. Meditou a noite toda e chegou a uma conclusão: amava o Silvio, ia trajar-se com mais esmero para atraí-lo. Frequentar salões de beleza com mais assiduidade. Permanecia horas e horas diante do espelho fitando a sua imagem, procurando algum defeito em si. E pensava: ele há de ser meu! Há de declarar o seu amor.

Esperava este momento com ansiedade. Abriu as janelas da sala de visita, o ar fresco invadiu a sala. Preparava a mesa para Silvio e foi ao jardim de inverno. Silvio estava estudando.

– Bom dia, Silvio!

– Bom dia, Maria Alice.

– Eu não sabia que você deixava o leito tão cedo assim!

– Preciso estudar! Os exames estão próximos. E este ano eu me formo. Quem não quiser ser reprovado, precisa estudar muito. E você, por que levantou tão cedo?

– Hoje é o dia do meu aniversário.

Silvio sorriu.

– Então serei eu o primeiro a dar-te os meus parabéns. Posso abraçar-te?

Antes que Maria Alice respondesse, Silvio lhe deu um amplexo e um ósculo⁴¹. Beijou-lhe os cabelos, as faces. Maria Alice ficou emocionada. Sentiu a barba espinhosa de Silvio picar-lhe

⁴¹ Amplexo: abraço; ósculo: beijo.

as faces. Silvio a uniu na parede, apertou-a nos braços hercúleos, fitou-a com seus grandes olhos abertos, aqueles olhos verdes que ela admirava tanto. Percebeu que Maria Alice o amava. Que sublime momento para ela! Os dois sozinhos entre as flores. Como é sublime beijar o homem que a gente ama!

– Silvio, amo-te tanto! Principia para mim a vida que sonhei há muito tempo. Tudo refloresce para mim! Eu recebo seus beijos como presente de aniversário.

Capítulo II

Maria Alice foi preparar o café. Pôs a bandeja em cima da mesa e foi avisar o Silvio. Vieram de braços dados. Antes de sentar-se, Maria Alice beijou-lhe.

Silvio repreendeu-a:

– Alguém pode nos surpreender!

Maria Alice disse-lhe meigamente:

– Se você pretende casar-se comigo, por que teme?

Silvio mordeu os lábios, nunca lhe passou pela mente a ideia de casar-se. Fitou os lindos olhos de Maria Alice. Ela correspondeu-lhe o olhar. Ouviu os passos de sua mãe, desculpou-se fingindo que estava preparando a mesa. Dona Julia ficou impaciente notando anormalidades. Maria Alice não estava habituada a levantar-se antes de sete horas. Olhava o relógio, olhava o rosto de Maria Alice e o de Silvio. Um vago pressentimento afluiu-lhe. Uma mulher madura e perspicaz. Pensou em mandar o Silvio ir-se embora. Mas uma dona de pensão precisa conservar os bons hóspedes, e o Silvio era um dos bons. Perguntou-lhe:

– Por que deixou o leito tão cedo?

– Perdi o sono e sentia calor no leito. E, além disso, hoje é o dia do meu aniversário, tenho muitos afazeres.

Dona Julia sorriu:

– Ah! É mesmo! Eu esqueci! São as preocupações... imagina só! esquecer o aniversário de minha única filha. Esta data devia estar alojada na minha mente e não está. Meus parabéns! – e deu um abraço na sua filha. Olhou-a e sorriu-lhe: - Outro dia você era tão minúscula. E hoje, já está maior do que eu. Desejo-te felicidades!

– Obrigada, mamãe! Hoje estou contente!

Maria Alice estava alegre porque recebeu o seu primeiro beijo de amor!

Às sete horas, Veralina chegou.

– Puxa! Tão cedo! – admirou Maria Alice.

– Quem convive com a vovó aprende a ser pontual. Lá em casa tudo tem horário, as criadas não podem atrasar seus deveres. Quando elas veem a vovó, exclamam: “Lá vem o ferrão”.

Maria Alice sorriu e perguntou:

– O que é ferrão?

Silvio explicou-lhe:

– É um ferro que os carreiros⁴² usam para aguilhoar os animais.

– Eu gostaria de ver a tua avó.

– Ela virá à tarde na tua festa. Quem conversa com a vovó fica moralizado. Pensa: que mulher ideal! Mas, quem convive com ela fica descontente com a sua mania de austeridade. Eu tenho que conviver porque sou órfã e foi a vovó que me criou. Tenho que suportá-la. Não é nada agradável ser órfã.

Dona Julia e Veralina foram para a cozinha. Silvio e Maria Alice ficaram sós. Ele disse-lhe:

– Estes dias eu vou levantar às quatro horas para estudar. E você levanta às cinco e meia para conversarmos um pouco, beija-me, depois você volta ao teu quarto novamente. Percebi que tua mãe não ficou contente ao nos encontrar sozinhos.

– Está bem – concordou Maria Alice - Vamos acertar os nossos relógios para despertarmos na mesma hora.

Começaram a chegar comestíveis para a festa. E os garçons iniciaram seus afazeres preparando as mesas: toalhas brancas e flores brancas. Os hóspedes estavam contentes. Eram jovens e os jovens gostam de festas. Naquela casa a ordem predominava e não havia reclamações. Maria Alice pediu-lhes para convidarem seus amigos e umas jovens, que festa sem mulher não tem graça. Dona Julia preparou um almoço reconfortante, o que lhe preocupava era a alegria de sua filha. Cantando e dançando ao mesmo tempo, suas gargalhadas estentóreas⁴³ ressoavam pela casa. Dona Julia convenceu-se de que era melhor a sua filha demonstrar gáudio⁴⁴, assim os convidados podiam perceber que ela era feliz.

Os convidados fitavam aquela casa com curiosidade: eram os móveis antigos que davam aquele aspecto ao ambiente, comprovantes dos gastos passados.

Chegou a avó de Veralina. Ela fez as apresentações. Dona Julia estendeu-lhe as mãos sorrindo:

– Seja bem-vinda e prazer em conhecê-la.

– Eu sou a Dona Maria de Sousa Nobre e Silva. Eu nasci no tempo em que se usavam muitos nomes.

Todos riram.

– Esta é a senhorita Maria Alice, a aniversariante.

⁴² Indivíduo que conduz os carros de bois, chefiando e guiando a viagem.

⁴³ Fortes

⁴⁴ Alegria extrema

– Muito prazer em conhecer-te. Felicito-te e desejo-te muitas felicidades. Que os teus desejos se realizem.

– Oh! Deus te ouça! – sorriu Maria Alice, repetindo mentalmente: “que os teus desejos se realizem”.

Olhou Veralina e disse-lhe:

– Invejo-te porque eu não conheci a minha avó.

– Então as nossas invejas são recíprocas, porque eu não conheci a minha mãe. Mas não me julgo infeliz. A vovó substituiu a minha mãe e devo agradecer a ela os cuidados que me deu. Depois, é melhor ser criada com a minha avó do que com estranhos. A minha avó é muito boa. Quem tem uma avó assim, está feliz.

Dona Maria Sousa de Nobre e Silva ficou contente com a recepção.

– No meu tempo as festas de aniversário eram diferentes: primeiro, rezavam uma missa em ação de graças para o santo da nossa devoção por nos favorecer e conseguir mais um ano de vida. Depois, tocávamos o oboé. O meu avô, que era general e nos campos de batalha era um belipotente⁴⁵, não permitia uma festa sem os santos oficiais.

A música tocou, iniciou o baile. Os pares rodopiavam. Maria Alice dançava com José Augusto. Depois, ela foi mostrar os presentes aos amigos.

– E o Silvío? O que te deu? – perguntou José Augusto.

– Ele foi o primeiro que me presenteou.

– Onde está o presente? Quero ver.

Maria Alice sorria.

Veralina dançava com Álvaro Leite. Os olhos de sua avó seguiam-lhe como uma tocha.

– O que acha a senhora das festas atuais? – quis saber Dona Julia para averiguar a opinião da mulher de muitos nomes.

– No meu tempo as festas não eram assim tão pachouchadas⁴⁶ - Dona Maria olhou o relógio - Ih! Já são dez horas! Veralina! não me ouve? Veralina, vamos embora. Eu nunca deitei tão tarde assim.

– Não vá! – insistia Dona Julia.

Veralina nem sequer protestou. Sua avó não cedia. Despediram-se.

– Eu gostei da tua casa. É uma casa decente.

⁴⁵ Vigoroso na guerra.

⁴⁶ Asneira, tolice.

Maria Alice enalteceu as qualidades da visitante airosa que ficou sorrindo, e dizendo-lhe:

– Estou encantada com as amabilidades.

Veralina sorria dizendo:

– Eu não disse que a minha avó é uma santa?

Dona Maria sairia satisfeita porque o título de santa é o maior do mundo.

– Santa! Quem sou eu para santificar-me... as santas não blasfemam. É o maior título doado pela natureza.

Os convidados foram retirando-se. E agradeciam. Maria Alice estava contente por ter conseguido várias amiguinhas. A festa terminou, ela foi correndo pegar o relógio para acertar com o de Silvio, que sorriu. Ela deu-lhe um tapinha no rosto, deu-lhe um boa noite e foi deitar-se. Estava tão contente, pensava: O Silvio me ama. Que bom! Será que eu consigo prendê-lo? Quando o relógio despertou, Maria Alice, meio sonolenta, deixou o leito, preparou-se, pôs um *pegnoir* e foi direto ao jardim de inverno. Silvio estava de pijamas e chinelos. Ela parou, fitou-lhe e correu na sua direção. Silvio recebeu-a nos braços, alisando-lhes os cabelos.

– Sabe, Silvio, enquanto o relógio faz tique-taque, eu penso em você mil vezes. Silvio! Silvio, Silvio ! Meu doce amor!

Ela despreendeu-se dos braços de Silvio, que lhe disse:

– Vá se deitar. Sua mãe não deve saber nada ao nosso respeito. Não quero que ela nos veja neste colóquio.

– Por que, Silvio?

– Ainda não. O nosso amor está no embrião.

– Oh, Silvio! Só se for o teu amor, que está germinando, porque o meu já cresceu, falta dar flores e frutos.

Silvio achou graça e sorriu. Depois, ficou sério e disse-lhe:

– Você começa a perturbar-me numa época que preciso de tranquilidade mental para os exames que se aproximam. Conheço várias pessoas que desistiram dos estudos e depois se arrependeram. Eu quero ficar só.

Ela retirou-se.

Dona Julia deixou o leito indisposta porque foi deitar muito tarde. Fitou a casa que estava em desordem. Até recompor tudo! É bom dar festas, mas fatiga-se muito. O assoalho estava todo riscado. O linóleo⁴⁷, irreconhecível. A criada estava varrendo a sala antes de

⁴⁷ Espécie de tapete ou cobertura de assoalho, impermeável, feito de juta.

preparar a mesa para o café. Os hóspedes comentavam a festa com entusiasmo. Silvio estava sentado numa poltrona, lia o jornal. Era um homem que não se imiscuía⁴⁸ nos assuntos de ninguém.

Maria Alice entrou na sala usando o colar que José Augusto lhe deu.

– Que lindo colar! - disse Dona Julia, aproximando-se para vê-lo de perto - Foi o Silvio que te deu?

– Não! Foi o José Augusto.

– Obrigada, Senhor José Augusto, pelo presente que deu a minha filha. Pelo que vejo, o senhor será ótimo esposo para alguém, já sabe comprar adornos. Há de ser feliz a mulher que for tua sogra, porque há de ver a sua filha amparada.

– É direta ou indireta? - perguntou Álvaro Leite

– É direta. Se vocês quiserem serem meus genros, só me darão prazer. Infelizmente, eu tenho só uma filha.

– Oh, mamãe! Antigamente, eram os pais que contratavam casamentos para os filhos; atualmente, isto cabe aos filhos. Eu mesma hei de escolher meu esposo.

Maria Alice ficou nervosa, porque sua mãe não mencionou o nome de Silvio.

Veralina tocou a campainha e foi entrando. Todos olharam na direção da porta para ver quem surgia. Quando Veralina surgiu, todos sorriram:

– Bom dia!

– Como passaram?

– Bem, graças a Deus! Maria Alice cumprimentou-a, sorrindo.

– Gostei de tua festa. Jamais hei de olvidá-la. Eu estava contente, quando comecei a apreciá-la, tive que retirar-me. A vovó já foi jovem e sabe que os jovens gostam de festa. Ela podia deixar eu ficar, mas ela diz que as filhas mulheres têm que viver na frente dos olhos maternos.

Estas palavras de Vera Eunice deixaram Dona Julia inquieta internamente. Veralina deu um suspiro, lamentando:

– Como é horrível a minha vida de tutelada! Quem convive com os velhos não se diverte. Não sei que mania eles têm de enclausurar os jovens. Eram seis horas, a vovó foi despertar-me dizendo que eu devia ir à missa para me confessar, porque ontem eu pequei.

– Ao invés de ir à missa, você devia ficar aqui, e dormir mais um pouco.

⁴⁸ Intrometia-se.

– Não, Maria Alice, eu preciso ir à missa me confessar e comungar. Eu não posso burlar a vovó em nada. Ela telefona para o senhor Vigário para saber se eu confessei e comunguei. Ela tem agentes por toda parte. Todos os dias eu tenho que ouvir: “Vocês não rezam, não pensam em Deus! Pensam unicamente nas diversões”.

– E você obedece? – perguntou Silvio.

– Preciso obedecê-la, senhor Silvio, porque foi ela que me criou. Não quero polêmica, porque a vovó, quando odeia, o ódio não arrefece. Eu já sei que os velhos gostam de moralizar os jovens. É porque são velhos e gostam de se isolar. Já conhecem as inconveniências que a vida desregrada proporciona.

– Vocês jovens sentem-se mal ao lado dos velhos, mas todos envelhecem - Com a interferência de Dona Julia, as alusões de Veralina terminaram. Você vai almoçar aqui conosco?

– Aceito, porque os teus quitutes são deliciosos. E eu gosto de passar o dia aqui. A minha casa é triste. Só não tem crianças, não tem aves, não tem animais. Não se ouve um ruído durante o dia, a casa permanece fechada. A vovó diz que o sol descora os móveis e esmaece⁴⁹ as cortinas. E à noite é pior: tenho que deitar às sete horas para não gastar luz. Não posso ler. Não sei por que certos velhos adotam a mania de economia.

Silvio ouvia e comentava:

– É porque já são velhos e sabem que não podem trabalhar. Por isso economizam o que têm.

– Muito bem, Dr. Silvio! - aplaudiu Maria Alice.

Ela serviu o almoço ao Silvio, os hóspedes já estavam habituados a esperar. Eram homens maduros e compreendiam que quem vive nas grandes cidades necessita munir-se de paciência. Silvio era o único que reclamava quando a refeição não lhe agradava. Maria Alice perguntava-lhe:

– O que você gosta de comer? Ordena-me que farei com prazer. Qual é o teu prato predileto?

Álvaro Leite e José Augusto observavam os cuidados de Maria Alice. Sentiam inveja. Depois do jantar, Álvaro Leite sentava-se e escrevia. Maria Alice e Silvio estavam sentados numa poltrona lendo uma revista. O relógio badalou oito horas. Silvio levantou-se e disse-lhe:

– Tenho um encontro marcado às nove horas. Até logo.

Maria Alice deu um muxoxo e disse zangada:

⁴⁹ Perde a cor, desbota.

– Silvio, você vai me deixar sozinha? - atirou a revista em cima da mesa, os papéis que Álvaro Leite estava escrevendo espalharam-se.

– Ah, Maria Alice, conversa com o Álvaro – propôs Silvio.

– Não. Posso estar entre mil pessoas e você não estando presente, estou sempre sozinha. O meu mundo, o meu céu, é onde você estiver.

Silvio Porto acendeu um cigarro e saiu sorrindo. Maria Alice saiu nervosa, entrou no quarto e fechou a porta. Silvio estava preocupado, já era doutor e sua mãe escreveu-lhe convidando-o a regressar a sua terra, pois ela estava senil e exausta, precisava repousar, ia entregar-lhe a administração da fazenda. Dizia-lhe: “Você precisa pensar no futuro”. Ele estava indeciso. Não sabia o que decidir. Permaneceu dezesseis anos na capital e se habituara com o bulício⁵⁰ da capital. Não ousava, entretanto, desobedecer a sua mãe, permanecia horas e horas meditando. Às vezes passava dias e dias sem escanhoar-se⁵¹. Quando Silvio entristecia, Maria Alice impacientava-se, aproximava-se docilmente, interrogava-o:

– Vossa Excelência pode me dizer a causa desta nostalgia?

Silvio sorria. Ela perguntava-lhe:

– Quando é que vai me dizer “Maria Alice, amo-te”?

Silvio consultou seu coração: não amava. Mas se ela conversasse com outro, tinha ciúmes. Não pretendia desposá-la. E não queria ficar sem ela.

– Hoje vou ao Municipal, assistir à Traviata⁵². O Álvaro Leite me convidou. Vou com a mamãe. Gosto de ir ao teatro acompanhada de um cavalheiro, dá mais personalidade. O Álvaro Leite é tão distinto! O que me aborrece é que os meus vestidos já não me servem. Silvio, eu vou ser mãe! Tenho chorado tanto! Minha mãe ainda não percebeu. Quando penso que você estragou a minha vida, desespero-me. Não sou casada, não sou solteira, não tenho classe. Minha mãe não merece este golpe, não pretendia desgostá-la. Ela é uma santa, uma senhora tão distinta. Deu-me bons exemplos e apoio moral! Trabalhou incansavelmente para criar-me, dedicou-me uma parte de sua existência, não merecia esta recompensa. Procurou economizar para o meu futuro. Nunca presenciei um deslize em sua vida. Minha mãe é o meu orgulho. Reconheço que erre, mas você me domina. E eu te amo demasiadamente. Infelizmente, é depois do ato consumado que a gente percebe a extensão do seu grande erro. Dizem que o amor proporciona alegria ao coração, mas às vezes o amor cobre de luto o coração, por isso creio que no mundo existem várias mulheres que hão de dizer: “o amor foi a minha ruína!”. Agora, a única coisa que sei fazer é pensar: “que suplício para mim!”. Um filho bastardo dentro de um ventre emancipa uma mulher. Não sei se devo continuar vivendo ou se ponho fim nesta

⁵⁰ Movimentação, agitação intensa.

⁵¹ Barbear-se.

⁵² Ópera de Giuseppe Verdi inspirada no romance *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho.

existência hedionda. Quando perceberem que eu vou ser mãe, eu serei o alvo da maledicência. Meu Deus! Que hei de fazer?

A situação era por demais delicada. Silvio empalideceu pensando na Dona Julia, que ia obrigá-lo a casar-se com Maria Alice. Tudo na vida tem consequência, e as consequências do seu ato impensado surgiam. Maria Alice estava chorando. Silvio deu-lhe um beijo para tranquilizá-la:

– Não chora, eu não suporto as lágrimas. Havemos de solucionar tudo com calma. Ficou nervoso, retirou-se para o seu quarto. Foi preparar suas malas, encaixotou seus livros, decidiu ir-se embora para sua fazenda. Saiu para reservar lugar no avião, seus pensamentos não concentravam, sentia o coração pulsar desordenadamente, como se fossem as rodas de uma locomotiva. Começou a sentir mal estar, a boca amarga, dor de cabeça, frio e náuseas. Ele não queria desposar uma mulher insignificante. Se eu me casar com Maria Alice, cometerei o maior erro da minha vida. Queria reagir, mas a enfermidade dominou-lhe, percebeu que não podia cuidar dos seus negócios. Tomou um taxi, chegando em casa foi direto para seu quarto e se deitou. Maria Alice estava impaciente com a ausência de Silvio que não apareceu para almoçar, foi procurá-lo no seu quarto. Silvio estava gemendo, ficou preocupada. Auxiliou sua mãe a servir o almoço, depois foi ver se Silvio estava melhor. Os hóspedes notaram a ausência de Silvio, o galã da pensão. Ela curvou-se, uniu o seu rosto no dele e notou que ele estava com febre.

– Silvio, Silvio! O que sente, meu amor?

– Onde estou? Eu quero água, que calor! Não parava quieto na cama. Resmungava, agitava os braços, seus olhos estavam vermelhos. Fixava o rosto de Maria Alice, perguntando-lhe: quem é você?

Maria Alice foi buscar a água.

– Mamãe, o Silvio está doente! É melhor chamar um médico, urgente. Eu não posso vê-lo sofrer!

Os hóspedes que estavam almoçando, notaram que ela estava preocupadíssima. O médico chegou, examinou-o e entregou-lhe a receita. Ela pediu a sua mãe para pagar o médico. Dona Julia pagou-o.

– O que tem ele, doutor?

– Febre tifoide. É necessário ir para o isolamento hoje mesmo. Eu vou mandar o serviço sanitário aqui para eliminar este foco. Separem os utensílios que ele usar e não se esqueça de flamá-los.⁵³

Os hóspedes entreolharam-se. Cada um pegou seus pertences e partiu. Foi com lágrimas nos olhos que Dona Julia viu partir hóspedes que estavam com ela há dez anos.

⁵³ Fazer assepsia.

Ficaram apenas: ela, Dona Julia, Silvio e Maria Alice. Ela não consentiu que ele fosse para o isolamento.

– Se ele morrer, hei de morrer com ele.

Não o deixava sozinho um instante. Quando cansava, Dona Julia ia substituí-la. Maria Alice é que preparava as refeições de Silvio, flambava tudo com carinho. Dona Julia chorava pensando onde é que iria arranjar dinheiro para pagar o aluguel do prédio!

– Que fatalidade! A minha vida virou do avesso. Como é que hei de viver sem hóspedes?

Estava sentada perto do leito de Silvio, quando ele começou a delirar. Dizia:

– Silvio, Silvio! Prepara tuas malas! Encaixota teus livros! Anda depressa! Vá reservar um lugar para você no avião. Vá para a fazenda de tua mãe. Quando a Dona Julia perceber que a Maria Alice vai ser mãe, há de obrigar-me a casar com ela. A Maria Alice serve para ser minha criada, para ser minha esposa, não - continuou dizendo - eu quero água, eu quero água! Onde estou?

Dona Julia ficou horrorizada com o que ouviu. Olhou a estante: não havia um livro, todos estavam encaixotados. Abriu as gavetas, o guarda-roupas estava vazio e as malas fechadas. Maria Alice foi avisá-la que estava na hora de dar o remédio ao Silvio. Dona Julia mirou o corpo de sua filha e chorou. Interrogou-a, ela contou-lhe tudo. Dona Julia chamou o médico para perguntar-lhe se era grave a enfermidade de Silvio. Estava preocupada: e se o Silvio expirasse? Sua dor foi imensa... a felicidade ausentou-se de sua casa sem aviso prévio e cedeu o lugar para as tristezas, as desgraças e as desventuras. Que trio fatal! Quando persegue uma pessoa, definha-lhe a alma. Os pensamentos a atormentavam. Meu Deus! Eu tive pressentimento, por que não mandei o Silvio ir-se embora? Meus receios não eram infundados. Pensava na sua filha, que ela criou com tanto afeto. Sem nome e com um filho ilegítimo. Quantos aborrecimentos! A fatalidade e a desonra combinaram para atacá-la.

O médico chegou e Dona Julia relatou-lhe o que ocorreu com sua filha. Queria saber se o Silvio ia viver ou morrer. O médico ficou indeciso, disse-lhe:

– Nós, os médicos, fazemos o possível para extinguir a enfermidade, às vezes, falhamos. É melhor a senhora legalizá-los.

Dona Julia saiu de sua casa e foi a diversos lugares com tanta rapidez, como se fosse impelida por um foguete. Andava pensando: meu Deus, quando eu chegar em casa, o Silvio já expirou-se. Comprou as alianças e foi ao cartório. Às cinco horas, Maria Alice já estava casada. Dona Julia estava mais calma. Maria Alice dirigiu-se ao médico:

– Doutor, pode dizer-me se é grave o estado do meu esposo?

– Não sei. O que ele precisa é repouso e muita tranquilidade.

Maria Alice permanecia horas e horas velando-o. Agora sim, ela era feliz, não precisava beijá-lo ocultamente. Silvio dormia, ela acariciava seus cabelos. Dona Julia foi avisá-la de que a refeição estava na mesa:

– Você precisa comer qualquer coisa.

Ela se recusou:

– Enquanto eu não vê-lo restabelecido, não terei ânimo para nada. Oh, grande Deus! Não permita que eu fique aqui neste mundo sem o Silvio. Mamãe, mamãe! O meu Silvio não pode morrer! - e as lágrimas deslizavam pelas faces de Maria Alice.

Aquela casa, outrora tão alegre, estava mergulhada em profunda tristeza. Só se ouviam os soluços de Maria Alice, que contemplava o homem que ela desejava e conseguira unir-se a ele. Juntos, seguiriam a larga jornada da vida, sem que algo lhes perturbasse. Ele jazia inerte. A morte hedionda espreitava-o. E ela, que estava disposta a fazer tudo por ele, reconhecia-se impotente.

Capítulo III

O dia despontou cheio de sol, espalhando as suas raias cor de ouro no hemisfério. As aves pousavam nos arvoredos e entoavam lindas sinfonias. Contemplando as aves, tem-se a impressão de que elas adoram o globo. Outras percorriam o espaço demonstrando vivacidades. As flores escalavam seus odores atraindo as abelhas. E os receptores retransmitiam lindas melodias.

Só a vida de Silvio é que havia desviado. Ele já estava restabelecido, mas revoltado com o curso de sua vida. Enfim decidiu resignar-se, porque os lamentos não iam solucionar os transtornos. Sentado perto do berço de sua filha, contemplando-a, dizia-lhe com ternura:

– Minha querida, você sabe que é muito bonita, que teu pai te quer muito bem. Eu vou comprar uma boneca para você e um carrinho para nós dois passearmos no jardim. E eu vou dar-te dois beijos por dia. Enquanto eu viver, você há de receber o meu afeto.

Não cansava de fitá-la. A menina era o seu retrato. O médico visitava-o diariamente e dizia:

– Se o senhor restabeleceu-se deve agradecer a tua esposa. Que dedicação! Dou-te os meus parabéns. O senhor tem uma esposa companheira, vai ser feliz na vida. O mundo necessita de inúmeras Maria Alice. Confesso, senhor Silvio: invejo-te!

Dona Julia estava contente com a netinha. Nada revelou a Maria Alice: que o Silvio pretendia zarpar para não se casar com ela, para não ferir a sua sensibilidade e empanar a sua felicidade.

Maria Alice estava preparando as malas, ia para a casa de sua sogra. Silvio passou um telegrama avisando a sua chegada. Estava inquieto pensando na tesura⁵⁴ de sua mãe, que ia classificar a Maria Alice de ticaca⁵⁵.

Dona Claudia ficou contente. Mandou adornar a casa com os objetos artísticos e flores. Convidou as vizinhas para irem cumprimentá-lo, convidou Olgayres com deferência especial, dizendo-lhe que a festa sem sua presença perdia o donaire⁵⁶, que a sua presença era necessária. Olgayres era muito rica. Era a jovem que ela queria que fosse noiva de Silvio. Era finíssima, foi educada na França, conhecia vários idiomas, herdou uma fazenda de sua avó, duas fortunas unidas, era um estojo de felicidades.

Os criados estavam atarefados, uns fazendo doces, outros assando leitoas. Dona Claudia sorria, era visível o seu contentamento, comentava:

⁵⁴ Orgulho, força.

⁵⁵ Coisa sem valor, insignificante.

⁵⁶ Garbo, gesto distinto.

– Que prazer para mim rever o meu filho! Não creio que ele está formado, para mim isto é um sonho! É o primeiro doutor na família, é a melhor festa de minha vida, a festa que há de ficar gravada no meu coração de mãe. O meu filho há de ser feliz! Sempre feliz. Que Deus lhe ajude a realizar suas aspirações. Quero viver até ver o meu filho casar-se. Pretendo fazer uma festa no casamento do Silvio. Ela há de escolher uma mulher inteligente, rica e bonita. Se eu queixar-me da vida, será um pecado, porque sou muito feliz! Até aqui, o meu filho nunca me preocupou.

Às nove horas, Maria Alice partiu. Era a primeira vez que ela viajava de avião, estava com receio. E pensou na sua mãe que havia ficado sozinha: e se ela adoecer? Não se pode confiar nos criados. Sua mãe era muito atilada⁵⁷ e sabia resolver seus problemas. Era a primeira separação e ia sentir saudades. Mesmo que eu desejar rever minha mãe, uma vez por ano, o Silvio não vai permitir. Ele anula os meus desejos, não adianta eu manifestar os meus projetos.

Dona Julia ficou nervosa quando se viu só, separada de sua filha... seu ídolo! A emoção era imensa. Para certas coisas, não há solução. Resolveu resignar-se, sentou-se no divã e fitou a imensa sala de visitas, os quartos vagos. A notícia que a casa tinha um foco de tifoide propalou-se e não aparecia ninguém. Veralina era a única que telefonara. Voltou a pensar na filha. Receava morrer de um momento para o outro, e Maria Alice ficaria sozinha neste mundo enigmático. Silvio podia dar-lhe conforto. E a mãe de Silvio? Será que ia recebê-la como filha?

Ao meio-dia, eles chegaram em Ribeirão Preto. Contemplou a cidade cheia de sol. Os habitantes sorridentes, demonstrando felicidade. Percorriam as ruas da íclita⁵⁸ cidade. Tomaram um taxi, seguiram para a fazenda. Maria Alice contemplou aquelas matas verdejantes e as faixas com as inscrições: “Salve o Dr. Silvio Porto”. Fitou o disco solar que ia declinando-se. Era um sol abrasador que ela desconhecia, um sol que queimava a sua pele como se fosse soda cáustica. Os colonos sorridentes demonstrando felicidades percorriam a fazenda. Que belas paisagens! Os verdes variados dos arvoredos, verde claro e verde escuro. Fitava os canaviais e os cafezais. Silvio ia explicando, como é que se cultiva o arroz, o feijão e o café.

– Você vai gostar da fazenda, tem muitas coisas agradáveis. Espero que goste da fazenda porque eu não sei o que a mamãe vai decidir.

– Está bem, Silvio, eu compreendo. Por minha causa, você não há de inimizar-se com a tua mãe. Eu não sou intrigante. Minha mãe disse-me que devemos ser tolerantes. O que eu quero é que a tua mãe não nos separe.

Silvio sorriu e passou o braço em torno da cintura de Maria Alice.

– Silvio, eu tenho pressentimento que não vou ser feliz aqui. Parece que estou num mundo desconhecido, penso que você não desejava casar-se comigo. Em qualquer circunstância de nossa vida você pode contar com minha amizade. O meu afeto por você é

⁵⁷ Sensata, apurada, esperta.

⁵⁸ Famosa, celebrada.

coeso. Em vez de arrefecer, aquece cada vez mais. Se você deixar de amar-me, o mundo para mim perde todo valor. A vida é esplêndida para mim porque você existe.

– Chegamos.

Maria Alice perpassou o olhar ao redor. Viu o terraço cheio de flores, um jasmineiro entrelaçado no canto esquerdo, várias orquídeas nas paredes. Uma casa de construção antiga, dois andares.

– Quantas pessoas residem nesta casa?

– Eu, mamãe e as criadas.

Uma casa tão grande para duas pessoas.

– Mas vamos multiplicar, já temos uma filhinha para nos alegrar.

Maria Alice fitou sua filha que dormia tranquilamente. Silvio tocou a campainha, a criada veio atender.

– Oh! Senhor Silvio! Que prazer! A fazenda sem o senhor é um corpo sem coração. Quando o senhor nos deixa, a fazenda fenece, quando o senhor regressa, a fazenda ressuscita. Basta a tua presença para guarnecê-la.

– Obrigado, Rosa. Se eu fosse anotar os teus elogios, dava para eu editar um opúsculo⁵⁹.

– A Dona Claudia nos disse que o senhor é doutor. E quanto dinheiro ela gastou para o senhor virar doutor! O senhor é doutor operador?

– Não, sou doutor defensor - Silvio sorriu achando graça na curiosidade da criada.

– Qual é o doutor que tem mais valor? O defensor ou o operador?

– Todos doutores têm valor.

– Eu gosto do senhor, porque me ensina o que eu não sei. Eu vou dizer a Dona Claudia que o senhor já chegou para ela vir receber-te - e saiu correndo.

O olhar de Silvio pousava, ora aqui, ora ali. Disse, demonstrando satisfação:

– Gosto da minha casa, como é bom ter uma casa em qualquer lugar do mundo.

Dona Claudia veio correndo:

– Até que enfim! Pensei que havia me olvidado.

– Quem pode esquecer uma boa mãe!

⁵⁹ Livro pequeno, de poucas páginas, de conteúdo artístico, literário.

Abraçaram-se.

– Meu filho! Como você está bonito! Que prazer para uma mãe criar um filho e vê-lo formado. Eu pedia sempre a Deus para não morrer antes de ver o meu sonho realizado.

Silvio aproximou-se de Maria Alice e disse:

– Apresento-lhe minha esposa.

Dona Claudia deixou de sorrir. Fitou Maria Alice com os olhos semicerrados, perguntou:

– Sua... esposa?

– Sim, mamãe. Minha esposa.

– Mas como ousaste contrair núpcias sem consultar-me? - dirigiu-se a Maria Alice: quem são teus antepassados? Na sua genealogia tem vultos nobres? São ricos? São pessoas de decoro?

Silvio passou o braço em torno da cintura de Maria Alice e ouvia as palavras de tua mãe.

– O que eu sei, mamãe, é que a senhora vai gostar muito dela, ela tem belas qualidades!

– Meu filho! Meu filho! Você estudou tanto e ficou inciente⁶⁰, parvo. Não se usa casar com uma mulher porque é bonita, porque é boa... tem que averiguar a genitura⁶¹, a posição social e o dote.

Dona Claudia olhou Maria Alice, um olhar duro e frio. Convidou:

– Entra, meu filho!

Silvio disse:

– Entra, Maria Alice!

Chegaram na sala de jantar. Dona Claudia indicou a cadeira:

– Senta, meu filho!

Silvio ofereceu a cadeira a Maria Alice e sentou-se em outra cadeira, perto dela. Maria Alice pôs os olhos no assoalho, resignada com a sua sorte, como se fosse uma escrava à espera do comprador. Era a primeira vez que era humilhada, mas não ousava desafiar Dona Claudia porque ela era a mãe de Silvio. Dona Claudia sentou-se e prosseguiu:

– Meu filho! Você não sabia que antes de contrair núpcias é preciso aprovação dos pais? Existem famílias que não têm qualidades para unir-se. É necessário discutir os problemas

⁶⁰ Por mais de uma vez esta palavra aparece no romance, mas não se encontra nos dicionários de hoje. talvez a autora quisesse dizer “inocente” ou algo parecido.

⁶¹ Origem, descendência.

financeiros, preparei uma festa esplêndida para você, mas esta notícia veio desagradar a todos, que calamidade! Será que você não refletiu, não percebeu que este casamento era inexecuível?

A menina choramingou, Maria Alice levantou-se e apresentou-a:

– Olha a nossa filha!

Dona Claudia fitou-a com indiferença:

– Então eu sou avó e não sabia, tocou a campainha, Rosa surgiu.

– Às ordens, Dona Claudia.

– Prepara um banho para o Dr. Silvio e recolha as malas.

– Prepara primeiro para Maria Alice - suplicou Silvio, demonstrando profundo descontentamento.

– Que nome puseram na criança?

– O Silvio disse que ia deixar a senhora escolher. Ele quer que a senhora seja a madrinha.

– Ponha o meu nome.

– Foi o que sugeri ao Silvio, para por o nome da senhora.

– Em que colégio a senhora estudou?

– Eu fiz apenas o curso ginásial, não me foi possível prosseguir, porque eu precisava auxiliar a minha mãe.

– Ah! A sua mãe precisava do teu auxílio? - perguntou Dona Claudia com espanto.

– Ela é dona de pensão e o Silvio era nosso pensionista.

– Ah! Em quanto monta o seu dote⁶²?

– A mamãe é viúva. Não pode dar-me o dote.

Dona Claudia meneou a cabeça várias vezes.

– Estas viúvas são espertas. É rede de aço para pescar os peixes de ouro. Você fez um grande negócio casando-se com o Silvio. Sinto não poder dar-te os parabéns. O meu Silvio é quem não foi bem sucedido casando-se com você. Eu não posso compreender como é que o Silvio foi agir sem consultar-me. Que casamento desvantajoso para o meu único filho. Onde já se viu casar com proletária? Eu classifico o teu ato de loucura. Quando eu me casei com o teu pai,

⁶² Expressão de origem portuguesa, arcaica. Dona Claudia pretende saber quanto está o dote de Maria Alice atualmente.

o meu dote foi de quinhentos milhões de cruzeiros e esta fazenda, que herdei de minha avó. Meu filho, você não refletiu. Aqui há muitas milionárias e você podia encontrar uma ótima esposa. Na alta sociedade, só tem valor os filhos dos homens de renomes. Como é que você vai apresentar a tua esposa filha de sapateiro? Eis o que acontece quando os filhos estão distantes das mães.

Silvio ouvia sem defender-se. Estava tão agitado, era a primeira vez que sua mãe o repreendia. Conhecia profundamente a sua esposa, será que a sua pacatez e tolerância venceriam a sua mãe? Dona Claudia deu um suspiro, comentando:

– Seja lá como for, eu estou contente, porque você está aqui como eu desejo. Até o fim de tua vida você será Dr. Silvio Porto. Você não modificou a fisionomia. Quando partiu era bonito e regressou muito mais bonito.

Ele já estava tão habituado a ouvir as mulheres dizerem que ele era bonito, que nem se emocionava.

– É que eu tive muita tranquilidade nos meus estudos. A Maria Alice cuidava das minhas roupas, refeições e dos meus livros. A única coisa que eu tinha que fazer era estudar. Ninguém me atribulava.

– E você, por gratidão, casou-se com ela.

Silvio ficou sem ação. Por fim, disse-lhe:

– Ora, mamãe, a gente tem que se casar um dia.

Ficou contente quando a Rosa veio dizer-lhe que o banho estava pronto.

– Vá, Maria Alice, dar um banho na criança.

Maria Alice levantou-se, seus olhares encontraram-se. E ele percebeu que ela sofria. Estava pálida. Não é nada agradável ser recebida com ironia e desprezo. E a sua estadia naquela casa...ter que suportar as indiretas de sua mãe. Silvio dirigiu-se à criada:

– Faça o favor de acompanhar Dona Maria Alice Porto até o banheiro. E depois indique-lhe os seus aposentos.

– Silvio, eu preparei apenas o teu quarto de solteiro.

– Está bem, mamãe. A Maria Alice pode ocupar o meu quarto, eu posso ficar em qualquer lugar: no chiqueiro, na cocheira ou no inferno. Não é nada agradável ser filho de fidalgos. Não temos vontade própria, somos escravos das etiquetas sociais, temos que nos submeter a tantas formalidades, que até a vida torna-se insípida.

Quando Maria Alice entrou no banheiro, chorou. Estava tão atribulada com os modos descorteses de sua sogra. Aquelas palavras irônicas eram como brasas queimando-a

interiormente. Se é que existe purgatório, aquela casa era a sua sucursal. Silvio foi convidá-la para almoçar.

– Obrigada, Silvio, eu não quero. Você acha que ouvindo tudo o que ouvi, vou ter disposição para almoçar?

Silvio abraçou-a. Ela reclinou a cabeça no seu ombro.

– Não quero te ver triste, preciso do teu sorriso.

– É que a tua mãe não conhece a extensão do meu amor. É sincero. Pretendo ser unicamente tua. Todos nós somos felizes em nossas casas. E você... está na tua. A minha casa está tão longe! Você é feliz, tua mãe trata-te com frases aveludadas, é contra mim que ela descarrega o seu rancor.

– Não lamentos, tudo há de transformar-se. E nós havemos de ser felizes, segurou o queixo, suplicando: dá um sorriso para teu esposo.

A criada foi avisá-lo que o almoço estava na mesa.

– Ela disse para eu dizer “Doutor Silvio”, mas até eu me habituar... e o senhor sabe que Dona Claudia fica furiosa quando é desobedecida.

– Vai, Silvio, a tua mãe espera-te.

– Vamos, Maria Alice.

– Não. Não fica bem para uma senhora aristocrática almoçar na companhia de uma proletária, uma filha de dona de pensão, que não tem valor na alta sociedade.

Silvio deixou-a só. E saiu com a cabeça curvada fitando o solo. Maria Alice dirigiu-se à cozinha, ia preparar a mamadeira para a sua filha. Quando passou pela sala de jantar, Dona Claudia perguntou-lhe:

– Aonde vai?

Silvio respondeu-lhe:

– Ela vai preparar a mamadeira para a Claudinha. Maria Alice parou no centro da sala, Silvio ordenou-lhe com muita delicadeza:

– Vá, Maria Alice.

Ela seguiu, pensando: Meu Deus! Será que eu não terei liberdade aqui nesta casa?

À noite a fazenda superlotou, os colonos usando seus trajes domingueiros foram cumprimentar Silvio.

– Agora nós temos um doutor na fazenda! Um doutor que nos defenderá porque conhece leis.

Os fazendeiros vizinhos foram dar-lhes os parabéns. As jovens olhavam o rosto de Silvio com curiosidade, porque um doutor é um tipo ultra superior. Cada qual mais bem vestida. Os trajes de várias cores davam um aspecto fidalgo à festa. Todos ostentavam joias que eram um primor. Dona Claudia recebia-os atenciosamente. Estavam sentados discutindo as modas da atualidade, quando Maria Alice passou com a mamadeira na mão. Uma senhora perguntou-lhe:

– A senhora arranjou outra criada?

Silvio levantou-se e apresentou-a:

– Ela não é criada, é minha esposa. É a senhora Maria Alice Porto.

– Não te preocupes, minha querida. Eu vou contratar uma ama para cuidar da criança. Ouviu, minha flor?

As jovens devoravam aquele casal com olhares invejosos. Maria Alice era alva, a pele aveludada, olhos verdes, dentes níveos. Era muito graciosa. Silvio pediu licença e retirou-se. A reunião perdeu o encanto. Todas queriam saber quem era ela, se era uma arquimilionária da capital e os seus milhões atraíram Silvio.

– Sempre o dinheiro! Um intermediário poderoso que está sempre em evidência. Oh, dinheiro! Dinheiro... que perturbou o Judas e continua monopolizando os homens.

Cada um formulava um argumento a respeito daquela união: “A tua nora descende de família conceituada?”, “A senhora não disse que o Silvio havia se casado! E deve estar casado há mais de um ano porque ele já é pai!”, “Por que ele nos ocultou? Queria nos fazer uma surpresa?”

– Distração minha, comentou Dona Claudia, confusa com as interrogações.

Percebiam que havia qualquer coisa com Silvio e sua mãe. Iniciaram o baile. A mesa estava repleta com bebidas finas e doces variados, mas a festa não estava animada, parecia um velório. Dona Claudia estava pensativa. Sentou-se ao piano, mas a música era triste, como se ela estivesse tocando inconscientemente. Ela que estava habituada a ver todos seus desejos realizados. Era o primeiro desgosto da sua vida. Silvio entrou na sala e sentou-se. Não dançou com ninguém. Estava agitado e magoado com a sua vida que tomou um curso que ele não desejava. Admirava profundamente sua mãe, achando-a inteligentíssima, por isso a sua crítica pôs uma divisão na sua felicidade. Ficou contente quando a festa terminou. Maria Alice não conseguiu dormir pensando nas advertências de Veralina. Ela é da alta sociedade e conhece as etiquetas que eles adotam. Maria Alice era inexperiente e pensava que para casar-se só o amor era necessário. Os conselhos de Veralina continham umas doses de verdades. E ali estava ela, uma estranha, uma intrusa. Não foi apresentada a ninguém. E as visitas haviam de pensar que elas estavam em divergências. Viu Olgayres, a jovem que Dona Claudia visava para ser sua nora. Observou-a. O que prendeu sua atenção foram as joias que ela estava usando. Silvio e Olgayres estavam sentados no divã. Dona Claudia fitava-os e pensava: Que casal maravilhoso

se tivessem a sorte de casarem-se. Silvio é bonito e rico, Olgayres é bonita e rica. Era a união da riqueza e da beleza.

Maria Alice não conhecia o idioma francês, pensou em estudar para competir. Se estavam falando quando ela passava na sala, paravam bruscamente e lhe piscavam os olhos. Ela pensava: Será que falam de mim? E se falam, qual será o motivo? Creio que não é crime ser pobre. Será que as mulheres que não têm dotes, não têm o direito de casar-se?

Capítulo IV

Os meses decorriam. Silvio saía todas as manhãs, ia percorrer as lavouras, cavalgando o seu cavalo baio⁶³, presente que recebera de seu tio. Às vezes Maria Alice o acompanhava nestes passeios matinais. Vestia uma amazona⁶⁴ e ficava muito graciosa. Atualmente Silvio ia sozinho, porque Maria Alice estava prestes a ser mãe. Ela não podia cavalgar, estava enfraquecendo, com o sistema nervoso abalado, já não podia tolerar as filáucias⁶⁵ de sua sogra, que não perdia oportunidade para humilhá-la.

A Claudinha tinha um ano e seis meses, percorria a casa, não parava um minuto, puxava as toalhas. Dona Claudia não tolerava as travessuras de sua neta, se a menina lhe sorria, ela desviava o olhar. Silvio reconhecia que não podia habituar-se na fazenda, aquele silêncio enervante, mas não lamentava, para não magoar sua mãe.

O médico recomendou repouso e distração para Maria Alice, além de um calmante para ela dormir, pois estava esgotada. Não tinha ninguém que se preocupasse com ela, permanecia mais dentro do seu quarto, tinha a impressão de que estava em um exílio. Pensava na sua mãe. Se estivesse na sua casa, podia convidá-la para passar uns dias com ela. Dona Julia lhe escrevia e dizia que estava com muitas saudades da netinha. Silvio resolveu separar-se de sua mãe, percebia que ela não tolerava a presença de Maria Alice. Estava construindo sua casa na cidade. Assim que terminasse, ia embora. Maria Alice estava satisfeita, porque entre ela e sua sogra não havia solidariedade. Quando ela deixou a fazenda, sentiu-se leve como uma pluma. A melancolia não a deixava um instante extinguir-se. Preparou sua residência ao seu gosto. Ela mesma preparava as refeições, não era exigente, conformava-se com a mesada que Silvio lhe dava.

Passou a ser fagueira como noutros tempos. Silvio observava a transformação. Demonstrou ser excelente dona de casa e uma esposa muito atenciosa. Sentindo ausência do esposo, foi procurá-lo no escritório, empurrou a porta lentamente e disse sorrindo:

– Senhor Silvio, posso entrar? Senti muitas saudades do senhor, vim procurar-te e dizer-te que o almoço está pronto. Sabes que estou muito contente porque sou tua esposa? Como é sublime viver ao lado do homem que a gente ama. Oh ! se eu pudesse construir um escrínio⁶⁶ de ouro para encerrar-te! Silvio, quando é que você vai me dizer se gosta de mim ou não? Tenho um pressentimento que os argumentos de sua mãe a meu respeito afastaram você de mim. Eu fiz umas luvas e um pulôver para você. O inverno está próximo, quando vou ser mãe. Fico pensando... que se eu morrer, quem vai cuidar de você como eu? Quero viver muitos anos para estar sempre ao seu lado. A mamãe me escreveu, disse que vem passar o verão conosco. Minha mãe é tão boa sogra! Você não tem queixa contra ela. - suspirou e prosseguiu - Eu

⁶³ Marrom, castanho.

⁶⁴ Saia para montaria.

⁶⁵ Presunção, confiança excessiva.

⁶⁶ Cofre pequeno.

também gostaria de ter uma boa sogra. Convivi dois anos apenas com minha sogra e pareceram-me séculos. Sinto-me com um prisioneiro quando reconquista a liberdade.

A menina chorou, ela saiu correndo. Silvio não demonstrava o que sentia, mas, todavia, dentro do seu peito estava oculto um ressentimento. Não se conformava com seu casamento. Maria Alice retornou com a criança nos braços.

– Você não acha nossas filhas bonitas? São robustas e fortes! Até aqui só temos tido meninas, mas eu queria um varão.

– Algum dia havemos de ter um, afirmou Silvio sorrindo.

Maria Alice sentou-se perto dele, Silvio inclinou a cabeça e deu-lhe um ósculo. Se Maria Alice não fosse tolerante, há muito o seu lar já estaria desfeito. Suportara com resignação as indiferenças de Silvio e as humilhações de sua sogra. Ela atingira a maturidade, estava intelectualmente desenvolvida, já não era mais ingênua, percebia que Silvio não a amava. Às vezes chorava, mas não pensava numa separação porque longe dele quem ia sofrer era ela. Percebia que as carícias de Silvio eram apenas para equilibrar o lar. Ela, que sonhava com um esposo apaixonado, que lhe arrebatasse, lhe acariciasse. O que devia fazer para atraí-lo?

A casa tomou outro aspecto. Várias jarras de flores, as cortinas cor de rosa, os bibelôs adornavam os móveis. O eco das buzinas penetrava pela casa adentro. As meninas assustaram-se, pois estavam habituadas com o silêncio da fazenda. Maria Alice estava esperando sua mãe. Três anos separadas, a saudade já não tinha limites. Silvio fora buscá-la na estação. Quando Maria Alice viu sua mãe, correu para recebê-la.

– Que prazer! Sonhei tanto com este momento! Mamãe, como seus cabelos estão grisalhos!

– Quando se tem uma só filha e distante dos olhos, a saudade nos escraviza, e nos transforma assim. E você, minha filha, continua sempre alegre?

– Silvio é muito bom, por isso reconheço que sou feliz!

– Agora quero ver minhas netinhas.

E Maria Alice conduziu sua mãe para ver as meninas.

– Faz um mês que estou residindo na cidade, o Silvio resolveu abrir um escritório.

– Você e sua sogra são amigas?

– Eu notei nela belas qualidades, fiz o possível para captar-lhe a amizade, eu gosto muito dela.

– Ela apresentou-te aos amigos?

Maria Alice ficou confusa. Dona Julia percebeu que ela lhe ocultava a verdade. Resolveu não abordar o assunto. Agradava as netinhas e auxiliava Maria Alice em tudo.

– Por que a senhora não prosseguiu com a pensão?

– Com a sua ausência, eu perdi o interesse. Comprei uma casa no centro. Também, já estou exausta, meus hóspedes antigos não retornaram, entreguei o prédio. Custei habituar-me na casa pequena.

Os meses decorreram. Dona Julia estava sempre projetando: “tal dia vou retornar”. Com as insistências de Maria Alice, ela ia transferindo a data. Maria Alice, com o auxílio de sua mãe, tinha mais tempo para renovar seu guarda-roupa. Saía sempre de manhã com a fresca, ia nas modistas, ao salão de beleza. Um dia, Dona Julia e Maria Alice saíram, ao transporem uma esquina, encontraram com Dona Claudia. Maria Alice disse a sua mãe:

– Olha a minha sogra! Eu não sabia que ela estava na cidade.

Aproximaram-se e Maria Alice cumprimentou-a:

– Bom dia, dona Claudia! Apresento-lhe minha mãe!

Dona Claudia ficou séria, nem sequer olhou. Respondeu com desdém:

– Eu eduquei meus olhos a conhecer só as pessoas que me interessam.

Dona Julia fitou-a com os olhos imensamente abertos.

– Oh, minha filha! É assim que ela te trata? Como você deve ter sofrido!

– O Silvio disse-me para eu não maldizê-la, enaltecê-la, que um dia ela há de ceder! Os anos que passei ao lado dela ficaram gravados na minha mente, três anos apenas⁶⁷. E, para mim, parecem seis. Tenho a impressão de que os anos não corriam. Os meus olhos viam a luz, mas não vislumbrava a esperança. Não tinha com quem desafogar minhas mágoas. Eu tinha necessidade de ter-te ao meu lado. A senhora, que é a minha melhor amiga, que sempre sonhou com a minha felicidade.

– O Silvio o que pensa de tudo isso?

– Ele finge que não percebe. Ele só toma conhecimento daquilo que lhe convém.

Dona Julia ficou impressionada com a mãe de Silvio. Quando retornaram, Silvio disse-lhes que sua mãe estava hospedada na casa de uma amiga e ele ia visitá-la. Maria Alice ficou nervosa.

⁶⁷ A autora parece se confundir aqui na passagem do tempo. Nesta versão escolhida, do caderno 7, mais recente, no qual percebe-se que a autora passou o texto a limpo, fazendo pequenas alterações, Maria Alice diz ter passado três anos na casa de Dona Claudia antes de se mudar para a cidade, entretanto, no mesmo capítulo, no início, Maria Alice diz ter passado apenas dois anos lá; na mesma página, ela diz estar há três anos separada da mãe.

– Ela não nos procura, disse que eu diminuí a família dela. Mamãe, ela foi tão rude comigo!

– Todas as famílias têm suas questões - disse Silvio, querendo defender sua mãe. Estava envergonhado com as atitudes de sua mãe. Eu volto já! A mamãe não gosta de esperar - vestiu o paletó e saiu.

Dona Julia foi preparar-se, pretendia partir no outro dia. Ninguém pode permanecer longos tempos fora de sua casa.

– Quando a senhora sentir saudades minhas, retorna - pediu Maria Alice.

Aproximou-se de sua mãe e disse com candura:

– Eu tenho muito prazer em ser tua filha, sempre me deu bons conselhos, é uma viúva exemplar. Quando quiser vir residir comigo, minha casa está ao seu dispor. E se precisar de auxílio, é só escrever. A senhora está contente com minha vida conjugal?

– Não sei, não sei qual é a influência que sua sogra exerce sobre o Silvio.

– Ora, mamãe, não se preocupe, o Silvio é um homem forte, mesmo que ela o instigue, ele não cede.

Capítulo V

Silvio penetrou em sua casa risonho. Estava alegre e despreocupado porque não conhecia as dificuldades que existem na vida. A sua vida era igual ao sol que desponta no nascente e reclinou⁶⁸-se no poente. Dirigiu-se ao quarto de Maria Alice, ela estava trocando as roupas na terceira filha, que não cessava de mover os pezinhos e choramingar. Ela ficava satisfeita quando Silvio estava ao seu lado

– Com seis meses ela já conhece e distingue as nossas vozes, em breve vai dizer “papai” e “mamãe”. - disse Silvio - Eu desejava um menino, mas veio uma menina, estou contente. Já lhe tenho amor. Espero que ela seja de boa índole, não tolero as pessoas revoltadas, neuróticas. Amanhã é aniversário do nosso casamento, vamos cear fora. - Silvio sentou-se na cama e segurou-lhe as mãos carinhosamente - Não quero que preocupes demasiadamente com os mister⁶⁹.

O relógio assinalou cinco horas e a campainha tocou. Ele foi atender, demorou uns quinze minutos. A menina adormeceu, a mãe acariciou-a e deitou-a no berço. Quando ia saindo do quarto, Silvio surgiu apressado, disse-lhe:

– Um colono veio me avisar que a mamãe está doente, para eu ir lá vê-la. Vou tomar um taxi. E você, prepara um quarto, se ela estiver muito mal, ficará conosco.

Vestiu um paletó e saiu, não passava um taxi, ficou furioso. Perguntava a si próprio: onde é que estão os taxis? É sempre assim, quando temos pressa, temos que esperar. Meu Deus do céu, o que será que aconteceu com os taxis? Será que a mamãe está muito mal? E se ela morrer? Terei que voltar para a fazenda, já que sou eu o seu herdeiro. Oh, meu Deus! Penso que estou pecando ou delirando, mas nenhum filho deseja a morte de sua mãe para herdar-lhe os haveres. O meu sonho é vê-la restabelecida. As horas iam passando e sua inquietação ia duplicando-se. Exclamou, irado:

– Oh! Se eu tivesse asas! Oh! Mundo onde o homem está sempre precisando do homem.

Acalmou-se quando viu surgir um auto, fez sinal, o carro parou, ele entrou apressado, deu ordem ao motorista para zarpar. A rodovia era asfaltada e em poucos segundos chegaram. Foi direto ao quarto de sua mãe.

– Oh, mamãe! Desde quando a senhora está doente?

– São os aborrecimentos diários que vão se acumulando, e um dia eles se manifestam: ou doença ou loucura.

– Foi o meu casamento que te magoou?

⁶⁸ Põe-se

⁶⁹ Ofício, profissão, trabalho.

– Sim, meu filho. Eu não acato as uniões desiguais.

– Oh, mamãe! Se eu pudesse dar-te uma nora do teu gosto, juro que não mediria esforços, mas... vai ser difícil, tenho três filhas.

– Você trouxe o médico?

– Não senhora, porque vou levá-la para o hospital.

– Não posso, a fazenda não pode ficar sozinha.

– A senhora precisa ir, um bom exame só se consegue num hospital.

Com a insistência de Silvio, Dona Claudia decidiu, ele já estava nervoso com a obstinação de sua mãe, comparou-a com a Maria Alice, que concordava com tudo. Era o tipo de mulher que obedece ao homem. Como é horrível suportar as fidalgas! A mulher rica e petulante pensa que, por ter dinheiro, é superior.

– Você está certo, faz tempo que não procuro médico.

Deixou o leito agitada, impaciente. Notava-se que ela estava com receio de ser operada. Estava meditando, concentrada no passado, era o receio de morrer, estava tão apegada a sua fazenda... começou a transpirar, sentou-se novamente e reclinou a cabeça no travesseiro. Silvio aproximou-se:

– Mamãe! Mamãe, o que está sentindo? - e comentou: em vez de estudar leis, eu devia estudar medicina e assim amenizar as dores que torturam a minha mãe. A senhora está melhor?

– Quando estou de pé, tenho a impressão de que os objetos que estão ao meu lado e o próprio quarto, oscilam. Quando me deito, tudo se normaliza.

– Quantos dias faz que a senhora está doente?

– Não sei, minha mente está confusa.

Silvio pegou a valise e sua mãe apoiou-se no seu ombro. Ela entrou no escritório e colocou uns objetos na valise. Retirou um envelope e o entregou ao Silvio:

– Aqui está o meu testamento, para lerem depois que eu morrer.

Silvio, que achava sua mãe dissidente, estranhou a transformação. Ela pegou os objetos de sua dileção e saíram. Quando o taxi penetrou na cidade, Silvio mandou tocar para a sua residência, pensou: a mamãe vai fazer uma cena. E se ela não quiser ficar aqui em casa? Mas Dona Claudia estava dominada pela enfermidade, não se opôs, queria apenas um leito para descansar. Silvio estranhou aquela mansidão de sua mãe, porque ela era semiatrabiária⁷⁰. Maria Alice recebeu-a com delicadeza.

⁷⁰ Atrabiária: furiosa, tomada pela cólera.

– Eu estou doente, peço-te desculpas se te aborreço.

– A senhora nunca me magoou em nada, não se preocupe comigo, eu gosto da senhora, eu não sei odiar, a única coisa que aprendi foi amar.

Dona Claudia ficou pensativa, depois respondeu-lhe:

– Você aprendeu uma coisa muito bonita, foi o que Deus ensinou aos homens: “Amai-vos uns aos outros”.

– O nosso desejo é vê-la restabelecida. Eu e o Silvio vamos pensar unicamente na senhora. Ele ficou nervoso quando soube que a senhora estava doente, ele lhe quer muito bem, quando ele estava estudando dizia-me: “A mamãe é muito boa, inteligente, você vai gostar dela”. Ele a elogiava tanto que eu estava ansiosa para te conhecer.

– Ele disse isso?

– Várias vezes.

– Oh! Eu não comprovei, decepcionei-te, fui rude com você. Mas você aprendeu a amar, não sabe odiar! Então já me perdoou. O teu coração tem espaço para acolher só o que é belo, pelo que vejo, posso dizer que o meu filho casou-se com uma santa.

Maria Alice sorriu. E agradeceu. Conduziu Dona Claudia ao seu quarto, esperou ela se deitar, retirou-se. O médico chegou, examinou-a minuciosamente:

– É grave a enfermidade?

Quis saber Silvio, impaciente.

– Ela precisa de repouso. O coração está enfraquecendo e se atrofiando. Amanhã virei vê-la.

O médico se despediu, Silvio foi comprar os remédios. Ele acariciava os frascos de remédio e pensava: quando estamos doentes, depositamos as nossas esperanças nestes frascos.

Maria Alice apresentou a netinha recém-nascida, Dona Claudia acariciou-a.

– Eu gosto muito delas. Todas as mulheres ficam vaidosas quando são avós, é a descendência singrando.

Maria Alice tratava a sogra com carinho e ternura, em poucos dias ela foi se restabelecendo.

– Você é ótima enfermeira! Estou melhor aqui na tua casa do que se estivesse num hospital. E eu não desejo separar-me de você, eu devia ser melhor para você. Não procurei

conhecer tuas belas qualidades e fui logo te diminuindo. Te recebi na minha casa com apodo⁷¹. É que a minha mãe inculca-me o valor da genitura.

Silvio pensava: Maria Alice dominou-a, como produz efeito a paciência! Graças a Deus a paz reina entre as duas. Elas passavam horas e horas conversando. De manhã, Dona Claudia passeava com as netinhas no jardim e apresentava as amigas. Enquanto as meninas brincavam, ela confeccionava agasalhos de tricô para a recém-nascida. Silvio observava as risadas de sua mãe com as travessuras das crianças: parece até um milagre a transformação de minha mãe, antes assim. As rivalidades não beneficiam ninguém e diminuem uma família. O que eu sei é que os humildes são vencedores. A Maria Alice pode orgulhar-se porque foi a minha mãe quem a procurou.

Com os cuidados prodigalizados⁷² por Maria Alice, Dona Claudia restabeleceu-se, o médico deu-lhe alta. Ela estava preparando as malas para ir para sua fazenda, estava com saudades dos seus pertences: as aves, quando iniciavam suas sinfonias saudando a aurora que surgia; as flores, que exalavam seus odores que eram conduzidos pela brisa. E rever os cafezais, os canaviais, com suas folhas cor de esmeralda; ouvir o ritmo do monjolo triturando o milho para fazer farinha. Ela estava tão disposta que tinha a impressão de que os membros do seu corpo eram peças novas. Estava admirada dos modos meigos de sua nora, pretendia imitá-la. Não queria ser nervosa, ia hospedar rancor com o próximo. Ia deixar de ser rigorosa com os colonos. Compreendeu que os bons angariam amizades. Silvio devolveu-lhe o testamento dizendo:

– Para mim é um prazer devolvê-lo fechado.

– Eu nunca adoeci, mas estou satisfeita porque esta enfermidade abluí-me o coração e a consciência. Eu quero que você leve a Maria Alice na fazenda. Ela foi tão gentil comigo que eu quero consagrar-lhe o resto da minha vida. Quero agradá-la para ela gostar de mim. Eu quero prezá-la e conservar a nossa amizade. Ela não conhece a fazenda profundamente, os pomares internos, os bosques, as palmeiras e os lagos azuis. A exuberância da nossa floresta. Nunca ninguém me tratou tão bem assim.

Com o decorrer dos dias, Silvio ia sentindo a ausência de sua mãe. Estava compreensível: quem compreende, não pratica injustiça. Até as crianças insistiram com ela para ficar. Diziam:

– Fica, vovó! A senhora é boa.

Silvio pensava: minha mãe começa a ser boa ao findar a existência. Quantas pessoas ela fez sofrer! Ele estava no escritório. Maria Alice foi levar-lhe café. Ele servia muito devagar. Ela ia levar-lhe café para vê-lo. Achava o Silvio tão bonito e não acreditava que aquele homem lhe pertencia. Ele convidou-a:

⁷¹ Comparação jocosa, ultrajante. Zombaria.

⁷² Dados em grande quantidade.

– À noite vamos sair para comemorar o dia em que nos casamos, porque o dia em que nós íamos, a mamãe adoeceu, preciso dar-te um presente. Ah! E outra coisa: quero agradecer-te os cuidados que dispensaste a minha mãe. Foste demasiadamente boa para ela. Você a transformou.

Maria Alice vestiu um vestido preto adornado com arminho⁷³. Estava usando as joias de diamantes. Silvio admirou-a:

– Que deslumbramento! Estas joias são de mamãe.

– Ao sair, ela nos deu, gostei do presente, porque... não pelo valor que representam, por ser a minha sogra que ofereceu-me. Creio que já fui bem recompensada.

– A mamãe tinha um ciúme louco dessas joias. Este presente é o comprovante de que ela agora gosta de você.

– Então vamos comemorar três coisas: primeiro, o aniversário do nosso casamento; segundo, o restabelecimento de minha sogra; terceiro, a nossa amizade, que há de ser nédia⁷⁴ para sempre.

Foram ao *Night Club* dançar e cear. Era a primeira vez que ela saía à noite. Vendo os casais rodopiarem, aborreceu-se só de olhar, percebeu que não podia adaptar-se naquele núcleo. Sentia-se melhor dentro do seu lar, cuidando de suas filhas. O *Club* era o requinte da elegância. Maria Alice percebeu que ela e Silvio eram notados. Talvez por ser a primeira vez que apareciam em público. As mesas bem guarnecidas com cinzeiros de cristais e vasos de flores que exalavam perfumes que se mesclavam com as iguarias.

Os olhos de Silvio não paravam, olhava em todas as direções. Até que seu olhar pousou no rosto de uma linda jovem, que estava sentada sozinha, tendo por companhia uma taça de cristal. Fitava Silvio com seus olhos azuis demasiadamente abertos. Quando Maria Alice perpassou o olhar pelo recinto, seus olhares encontraram-se. Sorriram. Maria Alice convidou-a para sentar-se à sua mesa. Ela aceitou e dirigiu-se fagueira. Usava sapatos de saltos bem altos e sabia pisar muito bem.

Maria Alice perguntou-lhe:

– A senhorita não se aborrece sozinha?

– Confesso que sim, respondeu a jovem fitando as joias de Maria Alice.

– Sente-se. E lhe apresento o meu esposo, Dr. Silvio Porto.

– Eu sou Olga Breni, e estendeu-lhe para cumprimentá-lo.

⁷³ Pele macia de animal.

⁷⁴ Brilhante, reluzente.

Quando Silvio pegou a mão nívea de Olga, sentiu uma emoção que ele desconhecia. Pensava: que mulher bonita! Que mulher divina! Quem será o seu esposo? Que homem feliz! Ter uma mulher assim!

Silvio examinou-lhe os traços.

– Vocês residem aqui, ou estão a passeio? É a primeira vez que os vejo aqui.

– É a primeira e a última. Não gosto deste ambiente. Quem frequenta isto aqui perde a saúde e o dinheiro. Eu só me sinto feliz dentro da minha casa. Adoro o meu lar onde eu tenho sempre o que fazer. E trabalho com prazer, porque trabalho para os meus entes queridos: o meu esposo e as minhas filhas. Deixei as minhas filhas com a criada, estou apreensiva. O melhor presente que Deus me deu foram as minhas filhas. Já é da natureza as mães gostarem dos filhos, não sei ficar longe delas, já estou habituada a levantar à noite para ajeitar-lhe as cobertas.

Olga sorriu e disse-lhe:

– Eu não conheço o afeto materno porque sou solteira.

Aí foi a vez de Silvio sorrir e repetir mentalmente: solteira, livre! Solteira. Estas duas palavras ficaram vis a vis no seu cérebro. Ele fitava a sua cútis aveludada, o nariz curto e reto, as mãos pequenas e os dedos bem afilados. Esta jovem deve ser descendente de fadas. Silvio perguntou-lhe:

– O que fazes aqui, espera alguém?

– Não, Dr. Silvio, vim distrair-me um pouco. Não tenho o que fazer.

– Eu nunca dispus de tempo para passear, precisava auxiliar a minha mãe - afirmou Maria Alice.

Silvio ficou rubro, achando que Maria Alice o envergonhava. Ele, um doutor, casado com uma assalariada. E recordou as alusões de sua mãe. “Como é que você vai apresentar a tua esposa na sociedade?”

– Silvio, vamos? Eu já estou com saudades de minhas filhas. A senhorita Olga Breni quer nos acompanhar? Assim ficará sabendo onde é nossa residência.

Maria Alice entrou em casa veloz. Exclamou:

– Oh! Como eu gosto da minha casa! O meu tesouro.

Foi direto ao quarto das filhas, que dormiam sossegadas.

– Senhorita Olga, venha ver minhas filhas.

Olga dirigiu-se ao quarto das meninas.

– Que tal são elas?

Olga observou-as e disse:

– São lindas.

Maria Alice sorriu. Ela era igual a todas as mães, que gostam de ver suas filhas elogiadas.

– Eu vou me despir e fazer um café para nós.

Maria Alice beijou-as, apagou as luzes e retirou-se.

Olga permaneceu três horas sem consultar o relógio. Cantou, tocou piano e declamou. Silvio ficou deslumbrado: era assim que ele desejava uma esposa.

– A senhora toca piano?

Maria Alice sobressaltou-se, porque estava com sono.

– Oh, não. Eu não tive tempo de aprender, fiquei órfã de pai e por isso não foi possível prosseguir os estudos. Eu desejei muitas coisas, mas a metade ficou em pretensões.

– Lamento, disse Olga. - fitando o rosto de Maria Alice, que estava pálido e revelando cansaço - Eu sempre fiz o que desejei, não travei conhecimentos com as dificuldades. Bem, eu vou-me embora levando boas impressões de seu lar. Aqui se diverte mais do que nas boates.

Maria Alice achou o relógio e exclamou:

– São uma e meia! A senhora não pode ir sozinha! O Silvio vai te acompanhar. E amanhã a senhorita vem passar o dia aqui conosco, quando as crianças estão despertas e a casa é mais alegre.

Silvio foi acompanhá-la. Maria Alice estava com sono, foi deitar-se. Não viu a que horas Silvio retornou. Quando despertou, os pássaros já estavam chilreando com gáudio. Silvinha choramingou. Ela levantou-se pé ante pé e retirou-a do berço, começou a acalentá-la para não despertar o Silvio, que dormia como um justo. Olhou o relógio: eram sete horas. Abluiu-se e foi preparar a refeição matinal. Colocou a menina no carrinho e levou-a para a copa. Estava indisposta, as bebidas que ingerira no *Club* afetavam-lhe o organismo.

– Pretendo sair de casa só por necessidade. Em vez de distrair, aborreço-me.

Preparou a mesa para o café e esperou com resignação as filhas despertarem. Foi regar o jardim. Suas predileções eram as flores, Silvio e suas filhas. Estava contemplando uma rosa, quando Olga chegou.

– Bom dia, Maria Alice !

– Bom dia, senhorita Olga! Aprecio as pessoas que têm noção de responsabilidade de palavras. E não se fazem esperar. Vamos entrar.

Maria Alice ofereceu-lhe café, ela não aceitou. Claudinha despertou e começou a fazer barulho, todos despertaram. E começaram esta sinfonia:

– Mamãe, eu quero leite. Mamãe, eu quero chá. Mamãe, eu quero café.

Maria Alice sorria e dizia:

– Está vendo como as crianças são impacientes? Não gostam de esperar. E você, que é bonita, há de casar-se um dia. E há de ser mãe. Você deve ir praticando.

Ela atendia as filhas com solicitude. Evidentemente, a felicidade estava hospedada naquele lar. Silvio, com o barulho das crianças, despertou. Já sabia que não adiantava continuar no leito, não dormia novamente. As meninas faziam uma algazarra até ao anoitecer. Levantou-se, abriu a janela e recebeu o sopro da brisa que estava tépida. Fitou o espaço, o disco sol ia galgando. E de repente recordou-se de Olga. Que criatura divina! Aquela mulher deveria residir num palácio de ouro. Infelizmente ela não pode ser minha. Era a primeira vez que simpatizava com uma mulher, ela era linda, digna de ser esposa de um príncipe. O homem que a desposasse tornava-se um escravo do ciúme. Por que não a conheci há mais tempo? Por que só agora surgiste? Reanimei o meu espírito depois que a vi. Sinto o meu coração pulsar com mais veemência. Se esta mulher fosse minha, a minha vida estava completa. Eu sabia que faltava algo na minha vida, e ignorava o que era... é o amor!

Estava de pé perto da janela quando Maria Alice entrou com Silvinha nos braços. Sorriu e cumprimentou-lhe:

– Bom dia, Dr. Silvio Porto, meu ilustre esposo! A Olga já veio.

Silvio sorriu:

– Ah! Já? Vou vê-la, e saiu tão depressa que Maria Alice estranhou. Ela nunca tinha visto ele andar tão depressa assim. Não procurou Silvinha para beijá-la. Foi abluir-se e pentear os cabelos, vestiu o chambre de veludo, perfumou-se e mirou-se no espelho, depois saiu e foi cumprimentá-la.

Olga estava sentada na copa, estava tão concentrada lendo uma revista, não viu o Silvio chegar e parar na porta para contemplá-la. Na claridade ela era mais bonita. Silvio havia desleixado. Com a presença de Olga, despertou-lhe a vaidade. Pensou: há tempos que não visito um alfaiate. Penetrou na copa, Olga ouviu seus passos, ergueu os olhos e sorriram.

– Bom dia, Dr. Silvio.

– Bom dia, Olga. Dormiu bem?

– Não senhor.

– Por quê?

– Não posso explicar-te, eu senti uma inquietação que não consigo solucionar.

Maria Alice veio lhes servir o café. Quando Silvio olhou-a, pensou: onde eu estava com a cabeça quando desposi esta mulher sem atração. Não é intelectual para competir comigo. É que eu estava doente, semi-inconsciente, com o efeito da febre, não me opus ao casamento. Eu pensei que ia morrer e queria morrer com a consciência tranquila, por isso pensei em reparar o meu ato impensado.

– Silvio, meu amorzinho, vem tomar café.

Silvio sentou-se à mesa, estava superlotada: bolos e doces. Convidou Olga, ela aceitou. Maria Alice serviu o café.

– O café está muito doce - observou Silvio.

– Não te agrada este, eu faço outro. A única coisa que eu quero neste mundo é ver-te sempre contente. Eu vou fazer outro.

E lá se foi Maria Alice para a cozinha. Era um pretexto de Silvio para ficar sozinho com Olga. Quando Maria Alice veio com o café, ele recusou. Maria Alice retirou os pratos da mesa. Silvio e Olga foram para o pomar. Maria Alice foi cuidar dos seus deveres, deixando os dois a sós. Na hora do almoço ela servia as crianças e servia o Silvio, quando ela ia almoçar, já estava frio.

– Vocês não tem automóvel? - perguntou Olga olhando a garagem vazia.

– O Silvio passa o dia no escritório e eu tenho que cuidar das crianças, não nos sobra tempo para ocuparmos automóvel e usá-lo.

– Eu gosto de carro e já encomendei um, vou recebê-lo em breve. Eu sei guiar.

– Oh! A senhora sabe guiar? - perguntou Silvio, estupefato.

– Ah, papai, compra um! O senhor vai comprar um bem grande, pediu Silvinha, que já estava aprendendo a interferir.

– Está bem, o papai vai comprar.

Claudinha e Silvinha batiam palmas e bradavam:

– Que bom! Que bom! Que bom! E o senhor nos leva?

– Hei de levá-las. Eu sei guiar e vocês vão aprender a guiar, posso ensiná-las.

– Eu dispenso, porque o meu tempo é escasso. Estou ensinando a Claudinha a fazer trabalhos manuais. E eu não quero automóvel, não nos falta. Não gosto de gastar dinheiro desnecessário. Eu já trabalhei para ganhar dinheiro, por isso sei utilizá-lo. Gasto com limites, uma mulher dissipadora arruína um homem moralmente e financeiramente.

– Dona Maria Alice, eu penso que o Dr. Silvio deve comprar porque vocês têm crianças. Atualmente é moda ter automóvel, é útil e soluciona muitos problemas.

E o Silvio, para tornar-se agradável a Olga, comprou o automóvel. Foi uma festa para as crianças. Ficaram contentes. Olga é que guiava o carro. Às oito em ponto ela chegava, Maria Alice gostava muito dela, porque agradava suas filhas. As meninas despertavam e perguntavam:

– Mamãe, a Olga já chegou?

Iam para o portão. Assim que ela surgia, iam encontrá-la. Bradavam em coro:

– Olga! Olga! Olga boa!

– Vamos dar a nossa voltinha?

As meninas lhe abraçavam emaranhando-lhe o vestido, ela não protestava. Até o Silvio estacionava no portão, impaciente. Pensando: será que ela vai faltar? Quando ela aparecia na esquina, todos se rejubilavam e sentiam uma alegria interna. Ele percebeu que amava aquela mulher, não conseguia afastá-la do seu pensamento. Pensava: será que nunca poderei beijá-la, acariciá-la, prendê-la nos meus braços? Como eu havia de ser feliz, se fosse ela, a minha esposa. Ela sabe tocar piano, cantar e guiar automóvel. Estudou nos melhores colégios. A Maria Alice era apenas uma doméstica. Não sabe nem gastar dinheiro.

Se a Olga desejava comer algo, Maria Alice preparava e dizia:

– Você é tão boa! Transformou a minha casa num paraíso, todos nós te queremos bem. Por que é que você não se casa? Como há de ser feliz o homem que te desposar.

Maria Alice dava-lhe bons conselhos. Silvio amarrotou o jornal que estava lendo e mordeu os lábios.

– O que foi, Silvio? Alguma notícia desagradável?

Ele não respondeu. Não gostava de Maria Alice e procurava falar-lhe o menos possível. Olga disse-lhe:

– Dr. Silvio, o senhor precisa aprender a guiar. Se quiseres, posso dar-te umas aulas.

– Aceita, Silvio, por que não inicia hoje? Eu vou preparar as crianças, elas já estão habituadas a sair todas as manhãs.

Olga e Silvio ficaram sozinhos. Ela perguntou-lhe:

– Como passaste a noite?

– Mal, porque só me sinto bem quando você está aqui na minha casa. A minha casa não necessita adorno, basta a tua presença para guarnecê-la.

Deu um tapinha no rosto de Silvio, que sorriu. Maria Alice acompanhou as crianças que entravam no automóvel e sorriam. E disse:

– Sabe, Olga, eu ouvi dizer que as minhas filhas são as mais bem vestidas da cidade!

– Eu já notei. Quem é que lhes confeccionam os vestidos?

– Eu. A mãe sabe costurar e ensinou-me.

– Vamos, Olga! - e as crianças puxavam-lhe as mãos.

Silvio deu um beijo na esposa e saiu sorrindo. Olga e Silvio sentaram na direção. Ele sempre sentava atrás, mas agora ela era a sua professora, podiam sentar-se unidos. Ela não podia acariciá-lo, então pisava-lhe o pé. As meninas iam atrás, sorrindo. Ela ia ensinando a conhecer o motor. Seguiram pela estrada de rodagem sem empecilhos. Eles iam se olhando no espelho. Olga lhe mostrava a língua, ele sorria. Quando retornaram, Maria Alice estava terminando o almoço, perguntou-lhe:

– O meu Silvio é bom aluno?

– Ótimo. É inteligente, vai aprender em dois meses - afirmou Olga sorrindo, exibindo seus dentes pautados.

Maria Alice delirou:

– Obrigada, Olga. Fico contente quando alguém elogia meu esposo. O Silvio é um santo, que prazer ter um esposo assim. Ele é bonito, não é Olga?

– É lindo. Se fizéssemos uma exposição de homens bonitos, ele ganharia o primeiro lugar.

Este elogio de Olga o envaideceu. Ele não podia suportar a presença de Maria Alice. Era mesmo uma garçone de pensão e não podia competir com Olga.

Capítulo VI

Maria Alice estava contente, recebeu uma carta de sua mãe, avisando-lhe que a sua vida corria sem anormalidades, que havia feito boa viagem. Sua sogra convidava-a para passar uns dias na fazenda: “Aqui você respira ar puro e tenciono retribuir as atenções que me dispensaste. Gosto de você porque é boa para o meu filho. Creio que devo dizer: obrigada, minha nora!”. Ela leu o bilhete e sorriu: Já não sou infeliz, a minha vida normalizou-se, o meu esposo não me aborrece. Silvinha já estava andando, Claudinha ia para o jardim da infância, ela estava confeccionando o uniforme. Silvio e Olga foram girar com o carro. Ele já sabia guiar e resolver as panes do motor. E já estava habituado com a companhia de Olga. Quando ela não vinha, ele ficava nervoso. Quando se encontravam, discutiam:

– Ontem você saiu à noite, telefonei e você não estava em casa.

– Fui ao cinema.

– Eu não dei ordem. Assim não posso confiar em você, não cumpre o que promete - Silvio ficou rubro, era a primeira vez que amava com impetuosidade, que sentia ciúmes

– Você precisa aprender a me obedecer!

– Está bem, Silvio! Não fique zangado, eu também reconheço que não posso viver ausente de ti. Oh, Silvio, meu amor! Você não é livre, o que posso esperar de você? É melhor a separação, com o decorrer dos tempos, vamos nos esquecendo. Se os comentários de nossa amizade chegarem aos ouvidos de minha mãe, ela me repreenderá. Sou filha única e não quero desgostá-la.

Silvio mordeu os lábios e comentou:

– Cheguei à conclusão de que as mulheres não sabem amar, o amor de mulher não se aprofunda, não tem raiz.

– Oh, Silvio! Que fatalidade. Você é o primeiro homem que amo e não és livre. Quem vem ao mundo para ser infeliz, não deve correr atrás da felicidade, não consegue alcançá-la, ela se distancia sempre, sempre!

Olga chorava, Silvio ficou pensativo, disse-lhe:

– Continue indo a minha casa, é só isto que te peço.

Silvio decidiu ser mais dedicado a sua esposa, iam ao cinema, a reuniões sociais, obrigou-a a comprar toaletes⁷⁵ de alto preço. Acompanhava-a quando ela ia às casas de moda, iam de carro, comemorando os aniversários com festas.

– Vou levar-te na fazenda da mamãe, aliás, nossa fazenda. Vamos atender ao convite dela. E você descansará uns dias, aqui em casa você trabalha demasiadamente.

– Eu não noto Silvio, porque o meu sonho é viver trabalhando para proporcionar-te o bem estar, porque preciso imensamente de você. Existem as mulheres cultas, que podem viver sem depender do esposo. Eu não sei andar, fui criada dentro da pensão. Agradeço-te por ter se casado comigo, por isso é que não quero magoar-te em nada.

Silvio se irritava quando ouvia o parlatório de Maria Alice classificando-o de banalidades, se Maria Alice fosse um objeto que fosse possível desfazer-se!...

– Quando retornarmos da fazenda vamos a São Paulo, quero rever os amigos e visitar a minha sogra. Você é boa esposa, quero te dar mais atenção. Depois, vamos à Argentina, dizem que é o país das flores e nós não fizemos viagem de núpcias, vamos fazê-la agora.

Silvio saía, Maria Alice ficava em casa preparando as malas. Ela estava à espera de Silvio e Olga para almoçar, eles haviam saído a sós. As crianças já estavam se aborrecendo dos passeios diários com Silvio e Olga. Quando eles chegaram, ela os recebeu risonha, não gostava que Silvio almoçasse fora de hora, mas tolerava, não reclamava, não mostrava mau humor. Serviu a mesa e disse a ele:

– Eu fiz o doce que você gosta, tudo que faço para o meu querido esposo é com prazer.

Olga fitava Maria Alice com repugnância, como se ela fosse uma intrusa na sua vida. Queria ficar com Silvio para beijar seu lindo rosto. E assim Olga ficou sabendo que o pior martírio para uma mulher é quando um homem é hóspede do seu pensamento. Maria Alice serviu o café, Silvio convidou-a para irem ao cinema.

– Oh, Silvio, eu não gosto de sair de casa! A única coisa que desejei possuir na vida foi você, agora que você é meu esposo, nada mais desejo, a não ser que Deus te dê felicidades e uma longa existência. Eu estou bordando uma blusa para Olga e quero concluí-la antes do natal. Você, Olga, é boa para o Silvio e tolera as importunações das crianças heroicamente. Eu não gosto de sair de casa e deixá-las sozinhas, tenho receio de que elas adoeçam na minha ausência.

– Vá, Maria Alice, eu fico com as meninas!

– Oh, Olga, como você é boa! Hei de agradecer-te eternamente. Você é boa amiga e sabe conquistar os corações, gostei de te conhecer.

⁷⁵ Quando substantivo feminino, pode significar vestuário especial feminino, de luxo, ou mesmo o ato de se vestir e maquiagem.

Silvio olhou-a com os olhos semicerrados, pensou: não posso suportá-la.

– Eu vou buscar a blusa que estou bordando para você.

Silvio e Olga ficaram sozinhos, trocavam olhares de ternura. Ela voltou com a blusa nas mãos exibindo-a.

– Veja como é linda. Você gosta de crivo⁷⁶?

– Eu gosto de tudo o que você faz, você é muito habilidosa.

Maria Alice sorriu.

– Se quiser aprender a bordar, posso te ensinar.

– Eu não tenho paciência - respondeu Olga, levantando-se da mesa.

– Vá se deitar, Olga, você deve estar fatigada.

– Não estou, eu não tenho preocupações.

Maria Alice pensou: é porque as meninas importunam-te demasiadamente, mas os passeios matinais estão sendo benéficos, elas estão engordando.

– Posso tocar piano?

– Ah, Olga! Não é necessário solicitar, quero que vivas aqui como se a casa fosse tua.

Quem me dera ser a dona de Silvio! - pensou Olga enquanto se dirigia para a sala de visita. Silvio estava no escritório e ouvia Olga tocar o piano, para ele uma mulher pianista era excepcional. Maria Alice estava sentada na máquina de costura, contente com a vida. Claudinha retornou da escola e uniu-se às crianças das vizinhas, foram brincar. O dia terminou e a noite surgiu amena. Estava tépida. A lua cheia espalhava a sua luz opaca no hemisfério. As estrelas cintilantes salpicavam a abóboda celeste.

– Que linda noite! - disse Olga fitando o céu. - Vá se vestir para ir ao cinema!

– Ah! É mesmo, não mais me recordava! É porque não tenho o hábito de sair de casa - suspirou demonstrando descontentamento- eu vou para agradá-lo, gosto de obedecer ao Silvio para ele não desgostar de mim. Ele não me permite ter vontade própria. Eu sou capaz de ficar dentro de casa um ano, dois ou três.

– Então você poderia adaptar-se facilmente num convento?

– Sim, Olga, creio que seria capaz. E o que eu ia fazer se não me casasse com o Silvio? Eu vou viajar, não sei se suportarei a ausência, vou sentir saudades do meu lar.

⁷⁶ Bordado feito em bastidor.

Ela foi vestir-se, pôs o vestido preto, adornado com arminho e as joias que ganhou de sua sogra. Foi ao escritório e disse ao entrar:

– Senhor Silvio, estou pronta e ao teu dispor. Aprontei-me depressa porque pensei que o senhor ia se aborrecer esperando-me - Silvio apagou a luz, fechou a porta do escritório a chave e saíram.

– Até logo, Olga! Se você sentir sono, vá se deitar, as meninas não despertam.

Silvio olhou-a e disse:

– Ora, Maria Alice, sempre este vestido! Já te supliquei que procures modistas.

– O que tenho basta, que esposo magnífico! Será que todos Silvios são pródigos?

– Eu contratei uma criada para dirigir a casa porque você tem que preparar as malas para viajarmos. Vamos até a Europa, quero conhecer a intrépida Alemanha.

Chegaram ao cinema, todos olharam, ela ficou nervosa. Quando deixaram o cinema, foram dançar.

– Você precisa aprender!

– Oh, Silvio! Eu prefiro aprender coisas de utilidades: aplicar injeções, se as filhas adoecerem, saberei cuidá-las.

– Na França quero visitar o *Night Club* e você é que vai dançar comigo. Você deve compreender que quem não se diverte, envelhece logo!

– É tolice, a velhice vem chegando sem a gente perceber.

– Então você acha que eu disse uma tolice?

– Oh, Silvio ! perdoa-me, eu não refleti para te responder. É a primeira vez que sou indelicada com você. É que eu fico nervosa longe de minhas filhas, longe do meu lar.

Era uma hora quando Maria Alice chegou em casa, estava exausta, sentou-se.

– Puxa! Meu Deus! Prefiro trabalhar a passear.

Olga estava com sono, perguntou-lhe:

– Que tal o filme?

– Ótimo! Vá vê-lo e você vai gostar. Quer dormir aqui?

– Não posso, a mamãe está me esperando.

– O Silvio vai te levar, eu vou deitar.

– Boa noite, Olga. Mais uma vez os meus agradecimentos. E quando precisar de mim, estou às ordens.

Maria Alice adormeceu logo. Silvio estava no escritório, Olga foi procurá-lo. Fecharam a porta, ambos sozinhos naquele recanto silente. Silvio sentou-se no divã ao lado de Olga e deu-lhe um amplexo e um ósculo. Segurou-lhe o rosto dizendo:

– Que belos dentes! Níveos como flocos de algodão. Adoro o oval dos teus olhos. Você transformou a minha vida, se você não me correspondesse, creio que enlouqueceria. Você é deslumbrantemente bela.

– Penso que é por isso que te amei, Silvio! Eu quero ir-me embora! Estou com sono!

Ele foi retirar o carro da garagem.

Quando Maria Alice despertou, eram nove horas. As crianças estavam brincando, a criada preparou o café, quando chegou à copa, sorriu achando graça, porque era a primeira vez que despertava tão tarde. E o sol já estava inclinando-se. Uma dona de casa deve ser a primeira a levantar-se. Silvio a observava. Disse-lhe:

– Dona Maria Alice, faça o favor de sentar-se que a criada vem servir-te.

– Ah! É mesmo! Eu estou tão confusa... é por estar habituada na cozinha, servi inúmeras pessoas e nunca fui servida por ninguém. Quando me deito cedo, amanheço mais disposta, ergueu os olhos e implorou: oh, Silvio! Não me leve aos salões de baile. Quem frequenta estes ambientes fica notado. E você obriga-me a usar as joias sensacionais de tua mãe. Eu gosto de fazer o que é essencial e dançar não é essencial.

– Hoje vamos sair para fazer compras, já está se aproximando o aniversário de Claudinha, vamos dar uma festa para as crianças.

Ela foi trocar-se, Olga chegou e foi dar a voltinha com as meninas. Estava nervosa porque não gostava de sair sem o Silvio. Ele examinou Maria Alice com o olhar e disse:

– A esposa do Dr. Silvio não deve sair sem joias. Quem nos vir há de dizer que eu não sou atencioso.

Ela foi adornar-se, humilde como uma escrava.

– Vamos a pé, assim você vai contemplando as vitrines e compra o que te agradar.

– Oh, Silvio, atualmente você está sendo pródigo.

– Não te preocupes, Dona Maria Alice, os Porto não estão habituados a fazer economia.

– Silvio, você é bom para mim, mas nunca disse se me ama.

– Você me disse um dia, mas eu não sei mentir! Quando não posso dizer a verdade, não digo nada.

- Ninguém vive sem amor, se você não me ama, deve amar outra mulher. Quem é ela?
Silvio, não existe outra mulher na tua vida?

Ele apertou-lhe os braços:

- Vamos entrar nesta loja!

O caixeiro foi atendê-los. Silvio perguntou-lhe:

- O que você precisa, Maria Alice?

- Nada, eu tenho tudo!

- Meu Deus, meu Deus! Nunca esta mulher precisa de algo. Eu queria uma esposa que gostasse, que saísse para fazer compras, fitou as vitrines e disse-lhe: quantas coisas bonitas e nada te interessa? Nada te fascina?

- Oh, Silvio! O que me fascinou profundamente foi você.

Ele estava ciente de que sua esposa não precisava comprar nada e reconheceu o seu bom senso. Ela não era fútil. Saíram da loja.

- Você ficou ressentido comigo por não comprar nada?

- Não.

- É que não quero ver-te lutando pela vida. Você é rico, mas eu não quero prevalecer, quero empregar teu dinheiro nos estudos das filhas. Eu não estudei por impossibilidade, há os que não estudam por indolência. Não sei se o estudo dignifica uma pessoa. Eu tenho mais confiança no caráter íntegro.

Eram onze horas quando retornaram. Que suplício para ela usar os sapatos de salto! Compreendeu que as esposas dos doutores devem suportar as etiquetas da sociedade. Olga já estava almoçando com as crianças. Ficou contente quando viu as filhas à mesa. Foi despir-se. Silvio avisou a criada que ele e Maria Alice iam almoçar mais tarde. Ele foi até o banheiro para entregar-lhe uma carta que havia chegado.

- Ah! É da mamãe. Diz que está com saudades de todos, envia beijos para as crianças e “um abraço para o meu bom genro”. Ouviu? A mamãe diz que você é bom.

Silvio fitava a sua esposa com os pés dentro da banheira.

- Quando formos viajar, não apareça à mesa calçada com chinelos. Vamos nos hospedar nos hotéis mais chiques da Europa.

Foram almoçar.

- Que tal a nova cozinheira? A comida te agrada? É ótimo, porque eu não quero te ver na cozinha. Resolvi te tratar como rainha.

Ela sorriu e lhe disse:

– Oh, Silvio... você está parecendo um poeta.

– Depois você vá preparar as malas. Agora você está contente porque é a mamãe quem te convida. O teu sonho realizou-se. Você desejava uma boa sogra, espero que retornes satisfeita. Leva a sua amazona para você andar a cavalo.

– Eu prefiro usar culotes⁷⁷.

– Está bem, Dona Maria, não mais pretendo anular os teus desejos.

– Vou levar uma blusa de lã que confeccionei para minha sogra. Quantos dias vamos permanecer na fazenda?

– Você é quem decide.

– Oh, Silvio! Se eu pudesse, eu ficava residindo lá, com que prazer eu havia de flanar aqueles recantos.

Aproximou-se e beijou-lhe, disse:

– Meu bom esposo! Meu doce amor.

E alisou-lhe os cabelos. Olga vinha entrando, chegou a tempo de ouvir as últimas palavras de Maria Alice que sorriu ao vê-la.

– Querida Olga, eu vou rezar e pedir a Deus que te ajude a encontrar um bom esposo igual ao meu. E um bom chefe de família. A mulher que tem um esposo assim não pensa na morte. Vou preparar as malas - ia saindo quando se recordou, voltou e perguntou-lhe: Silvio, você vai levar a espingarda?

– Não.

Ela saiu cantarolando uma melopeia⁷⁸. Silvio e Olga ficaram sozinhos.

– Oh, Silvio! Você não sabe como eu sofro! O meu coração está ocluso para outro homem e acessível só para você. Silvio, Silvio, eu te quero! Eu amo-te. O que hei de fazer?

– Olga, Olga! Tenha paciência. Eu também sofro porque é você quem está no meu pensamento. E peço-te: não me deixes!

Claudinha vinha entrando e disse:

– O papai e a Olga estão sempre conversando. O que vocês têm a dizer um ao outro?

Saiu correndo e foi procurar sua mãe. Maria Alice bradou:

⁷⁷ Calça justa nas pernas, apropriada para andar a cavalo.

⁷⁸ Toada doce, agradável, suave.

– Não corras assim dentro de casa. Você já tem compreensão.

Era a primeira vez que ela alterava a voz dentro de casa, ela e Silvio eram corteses quando se falavam.

De manhã eles partiram. Quando saíram da cidade, Maria Alice concentrou sua atenção nas paisagens. Era a quadra das flores e as árvores estavam adornadas com as flores lilases, roxas e rubicundas⁷⁹.

– Sabe, Silvio, eu não tenho indisposição para o trabalho, mas tenho para sair de casa, gosto do meu lar. Talvez seja porque você me proporciona todo conforto e eu penso que sou a mulher mais feliz do mundo. Eu fui tomar chá na casa da Dona Ruth, ela estava lamentando que não é feliz com o esposo que lhe magoa. Eu disse-lhe que você nunca me magoou. “Deus queira que o teu esposo seja sempre assim”. Notei ironia nas suas palavras e fiquei preocupada. O esposo dela passou a gostar de outra e apresenta-a na sociedade como esposa legítima. Mas você é um homem forte, por isso não tenho receio. O esposo da Dona Ruth perdeu a simpatia pelo lar. Condoeu-me vê-la chorar, ela disse que todos invejam-me e que você é citado como o esposo exemplar!

As meninas olharam e bradaram:

– Olha a fazenda da vovó!

Quando chegaram, o pneu estourou. Silvio sorriu:

– Tivemos sorte, se isto acontecesse na estrada, íamos ter um bocado de aborrecimentos.

Dona Claudia estava sentada no terraço lendo uma revista, levantou-se para recebê-los. Estava sorrindo, disse:

– Vou beijar esta bonequinha que parece comigo - pegou Silvinha nos braços e disse: estou pegando o meu retrato. Seguia na frente conduzindo as meninas.

Claudinha ia pulando no assoalho. Agora as travessuras das crianças já não lhe aborreciam, davam-lhe prazer. O olhar de Maria Alice pousava ora aqui, ora ali. Recordava as amarguras que sofreu naquele casarão. Mas ela devia olvidar tudo, porque o Silvio era filho único e não queria polêmica com a sogra, faz de conta que foi um sonho, seja o que Deus quiser, e penetrou sorrindo. Ia fitando os objetos artísticos e os quadros expostos nas paredes.

– Faz dias que preparei o teu quarto, por que é que você não aluga a casa da cidade e vem viver aqui? Dar-me-ia um imenso prazer, você é tão habilidosa, não há quem não se sente feliz ao teu lado.

Maria Alice agradeceu sorrindo e fitando o rosto velhusco de sua sogra, que lhe disse:

⁷⁹ Coradas, avermelhadas.

– Eu queria que o Silvio desposasse a Olgayres, uma milionária da cidade, por isso fiquei nervosa com você. Mas a Olgayres é tão leviana, que o seu esposo suicidou-se. Mas você é distinta, observei-te: você não é dissipadora, você é mulher só do meu filho. Você o idolatra e por isso eu gosto de você. Cheguei à conclusão de que é tolice discutir origem de nascimento.

– Obrigada, Dona Claudia – ela estava contente porque sua sogra a recebeu novamente.

Foi ao seu quarto e desfez as malas. Dona Claudia comprou dormitório completo para ela. Abriu a janela, os raios de sol pousaram nos móveis. Sua vista perpassou pelo prado fitando as árvores floridas e achou tudo tão bonito, é que ela estava satisfeita e calma. Silvio observava sua mãe tratar a Maria Alice com frases aveludadas, pensava: a mamãe mandou por meia-sola na língua.

Surgiu o dia de São João e Dona Claudia fez a festa. Os colonos reuniram-se ao redor da fogueira, tocaram viola e contaram desafios. Era a primeira vez que Maria Alice assistia às festas juninas. Dona Claudia obrigou-a a vestir um vestido de chita. O que ela achou original foram os comestíveis. Dona Claudia apresentou sua nora aos convidados, que achavam interessante o tipo de Maria Alice: cabelos negros e olhos verdes. Dona Claudia enalteceu-a e tocou piano, agora a sua música era alegre. Tocou baladas e contou anedotas. Maria Alice dançou com Silvio, mas não apreciou, achou inútil passar a noite rodando e rodando pra lá e pra cá. Não gostava de aglomerações, mas ninguém a compreendia. Deu graças a Deus quando a festa junina terminou, foi deitar-se.

De manhã Silvio e as filhas foram passear nos cafezais. Maria Alice conversava com a sogra no escritório. Dona Claudia dizia:

– O meu extinto irmão foi escritor e escreveu livros morais, ele era moralista. Se fosse vivo, havia de gostar de você. O Silvio me disse que precisa suplicar-te para sair de casa, que há os que pensam que ele é solteiro. Eu nunca falei de você para as minhas amigas por não te conhecer, mas agora te enalteço e tenho prazer de te elogiar, porque você não há de me desapontar. Eu não sei como agradecer os cuidados que dispensas ao meu filho. Você não é frívola. Eu separei os livros que o meu irmão escreveu para você. Ele enaltece a fidelidade. Amanhã nós vamos tomar chá na fazenda do meu cunhado. Você está casada há oito anos e não conhece a nossa família. Há tempos que eu queria perguntar-te: o Silvio foi obrigado a te desposar?

– Foi sim senhora!

– Então o meu filho é um cavalheiro. Bem, isto não importa, o essencial é que vocês sejam felizes. O Silvio me disse que você trabalha muito, que contratou uma criada para te auxiliar. As meninas estão crescendo e duplicam-se os afazeres. Quando eu era jovem, dei vários concertos, à noite vou tocar para você.

À noite, Dona Claudia ofereceu uma ceia, convidou as vizinhas e a festa reanimou-se. Silvio estava apreensivo pensando na Olga: será que ela está com alguém? Sentava e

levantava, sentia uma inquietação interna. Ficava andando de um lado para o outro com o olhar fito no solo. Devo voltar. Quero vê-la. A saudade que eu sinto tortura-me. Eu não sabia que quem ama sente saudades. Agora que estou amando, sei. Será que ela está pensando em mim? Olga! Você está nos meus sonhos, você está na minha alma, você está no meu pensamento, você só não está compartilhando da minha vida. A tua imagem segue, tortura-me, meu deus! Eu preciso ser feliz! E é com ela que hei de conseguir o que aspiro.

Maria Alice observava-o, aproximou-se e perguntou-lhe:

– Silvio, o que se passa contigo? Você está doente?

– Não tenho nada.

Ela aproximou-se tentando agradá-lo:

– Diz o que sente, meu Silvinho! Divide tuas aflições comigo.

Silvio desvencilhou-se de seus braços e foi para o terraço. Olhou o relógio para se certificar quantas horas ele e Olga não se viam. Retirou-se e foi para o seu quarto, deitou-se. Quando ouviu os passos de sua esposa, fingiu que dormia. Recordava todos os momentos que passou ao lado de Olga. A mulher é a coisa mais sublime do hemisfério, o mundo não teria valor se não existisse a mulher. Durante a noite não conseguiu dormir, ouviu todas as badaladas do relógio. Quando o dia despontou, deixou o leito, vestiu-se e foi para a cidade. Deixou um bilhete avisando que retornava mais tarde. Chegou à cidade e telefonou para Olga, disse-lhe que não conseguia tranquilidade interior longe dela.

– Oh! O senhor enganou-se! Eu sou a mãe de Olga. É que as nossas vozes são idênticas. A Olga não está, ela não fica em casa.

Silvio exasperou-se. Telefonou novamente, conseguiu encontrá-la.

– Quero falar-te, estou na minha casa. Pensava: enquanto ela não me disser onde passa o dia, não me tranquilizo.

Olga chegou, Silvio puxou-a asperamente, uniu o seu rosto no dela.

– O que vieste fazer?

– Senti saudades de você! Tenho a impressão de que emagreci dez quilos. Saíste ontem?

– Não.

– Jura?

– Oh, Silvio ! Não crês em mim?

– É que eu quero ter-te sempre diante dos meus olhos. Você é a minha joia de valor.

– Obrigada, Silvio. Infelizmente eu não posso dizer “meu Silvio”, porque existe a Maria Alice.

– É... ela vai indo bem, a mamãe está tratando-a bem.

– E antes não a tratava bem? – Quis saber Olga, demonstrando inquietação.

As rivalidades femininas não têm desfecho fatal.

– Quando é que partes para São Paulo?

– Pretendo partir na próxima semana. Esta viagem há de ser a minha via sacra, porque eu não posso passar nem um dia sem te ver. Eu vou me hospedar na casa da minha sogra. E pretendo ir ao exterior, vou ficar ausente um mês.

– O que vais fazer?

– Passear. Enfim dar a Maria Alice a viagem da lua de mel. Ela já me deu três filhas, isto me deixou vaidoso, um homem tem prazer de ser pai.

– Silvio, não quer me levar?

– Não posso.

– A Maria Alice não há de se opor. Se não quer me levar é porque não me ama? Eu sei que o homem sempre volta para a esposa. Apesar de te amar, não pretendo ser sua concubina.

Silvio mordeu os lábios.

– Algum dia hei de te levar na Europa, mas você há de prometer que não irá sair de casa enquanto eu não regressar.

Olhava o rosto de Olga com tanto prazer, sentindo a volúpia do primeiro amor que habitava o seu coração. Como é sublime amar uma mulher tão bonita. Olhou o relógio:

– Vou-me embora, a mamãe espera-me para jantar – fechou a porta e entrou no carro. Antes de ligar o motor, recomendou-lhe: Não saia de casa.

Quando chegou à fazenda, a primeira pessoa que avistou foi sua esposa, pensou: lá está o esbulho⁸⁰ da minha felicidade! Quando Maria Alice lhe avistou, saiu correndo, bradando, demonstrando imensa alegria:

– Lá vem o meu amor! O meu esposo, o meu tesouro! O que foi fazer na cidade?

– O advogado sempre tem o que fazer – respondeu-lhe sem fitar-lhe o rosto.

– Eu fiquei nervosa porque você saiu sem tomar café, por que não me despertou?

⁸⁰ Ato de usurpação pelo qual uma pessoa é privada, obstáculo.

– Eu fiquei com dó. Você estava dormindo tão tranquila.

– Quanta indulgência⁸¹! Eu faria o café, depois deitava novamente. Aproximou-se e deu-lhe um beijo.

Silvio fechou os olhos.

– Você não me deixa trabalhar! Eu não tenho com o que me ocupar, vou pintar uns quadros. Você gosta de pintura?

Silvio teve ímpeto de dizer-lhe: “gosto de tudo, menos de você”. Mas conteve-se porque era um advogado e a pureza da linguagem revela a superioridade do caráter. Ela foi procurar um cavalete e a tela. Silvio estava tomando café, em poucos minutos ela fez o seu esboço, era rápida no pincel. Dona Claudia não retirava o olhar do quadro, que estava magnífico.

– Vou chamar o Silvio para vê-lo, Dona Claudia foi procurá-lo no alpendre, disse-lhe: vá ver o quadro que a Maria Alice está pintando.

– Eu não aprecio pintura, estou indisposto.

– O quadro é digno de ser visto.

– Está bem, mamãe, depois irei, suspirou e pensou: esta mulher é uma noctígena⁸² na minha vida. E eu não queria a minha existência assim, se ela soubesse como enfadam as suas palavras de amor. Seus olhares lânguidos, seus ósculos que me apavoram. A existência, para ser bela, só ao lado da mulher amada e eu quero viver com a minha Olga. Despertar e contemplar o seu rosto angelical. Ela há de ser uma companheira angelical, que mulher sublime! É encantadora. Com que prazer hei de voltar do trabalho e a Olga esperando-me. Ela é tão meiga.

Maria Alice vinha cantarolando. Silvio ouviu sua voz, saiu às pressas para o pomar. Ela estava com o quadro nas mãos, não o encontrando, voltou para o seu quarto. Lá estavam Claudinha, Luiza Helena⁸³ e Silvinha brincando com as bonecas:

– Olha, mamãe, as bonecas que a vovó nos deu! Veja esta, está vestida de rainha.

– A minha é princesa.

Maria Alice ficou contente e olvidou as ofensas de sua sogra, que agradava suas filhas. Saiu à procura de Dona Claudia.

– Eu estava procurando-a para agradecer-lhe os presentes que deu as minhas filhas.

⁸¹ Clemência, misericórdia.

⁸² Que traz a noite, as trevas, as sombras.

⁸³ Apenas neste momento, no caderno 7, o narrador menciona o nome da terceira filha de Silvio e Maria Alice. No caderno 8, de onde este capítulo foi transcrito, o nome da menina só aparecerá no capítulo VIII.

Silvio estava no pomar. Dona Claudia foi falar-lhe, queria sua opinião se o retrato estava bonito.

– Eu não vi.

– Oh, Silvio, que indelicadeza! Ficou perfeitoíssimo. E você, Maria Alice, há de pintar o meu qualquer dia, se não for incômodo.

– O prazer é todo meu, Dona Claudia.

– Hoje vamos passear na floresta, você vai admirar a exuberância dos prados. As nossas pindaíbas⁸⁴. Quero que você pinte um recanto onde eu e meu esposo passávamos as tardes. Vamos a cavalo, vá vestir-se. Eu vou mandar preparar os cavalos.

Maria Alice foi se trocar, Dona Claudia fitava-a e disse:

– Que criatura divina! Tem uns modos aristocráticos, sabe obedecer. Orgulho-me de tê-la como nora.

Maria Alice ficou graciosa usando culote e chapéu de altas abas para protegê-la do sol.

– Você não vai, Silvio?

– Não, senhora.

Maria Alice e Dona Claudia partiram a galope. Ela estava nervosa com receio de cair, pouco a pouco foi acalmando-se e começou a apreciar o passeio. Dona Claudia foi explicando-lhe as utilidades das madeiras, que devemos amar a terra. Ela é a verdadeira mãe da humanidade. A terra é tão pródiga que o que se planta, colhe-se o dobro. Chegaram ao riacho e Dona Claudia indicou-lhe o que devia pintar. Dona Claudia retirou os freios dos animais, o olhar de Maria Alice perpassava ao redor.

– Não precisa pressa, quero tudo igualzinho.

Ela se sentou e começou a fazer o esboço.

Silvio ficou contente por achar-se sozinho. Foi telefonar para Olga. Ela não estava em casa. Irritou-se. Eu recomendei-lhe para não sair. Olhou o relógio, eram dez horas. Eu vou à cidade. E ela há de me explicar o que vai fazer nas ruas. Vai encontrar-se com alguém, é melhor desistirmos, ela não me obedece. Retirou o carro da garagem e dirigiu-se a toda pressa. Foi procurá-la em sua residência.

– Ela foi ao dentista.

Ah! Por que ela não me disse que estava tratando dos dentes? Já que vim até aqui, vou esperá-la. Quando Olga chegou, ele já estava mais calmo, porque sabia o motivo de sua

⁸⁴ Arbusto nativo do Brasil.

ausência. Devo pedir-lhe perdão, ela não é infiel, os meus receios são infundados. Ficou a contemplá-la, seria capaz de viajar horas e horas para fitar o lindo rosto de Olga.

– Silvio, o que vieste fazer?

– Telefonei-te e não estava, vim disposto a desistir, mas a tua mãe me disse que você está tratando dos dentes. Agora te peço para me perdoar.

– E a Maria Alice?

– Eu só me recordo dela quando a vejo diante dos meus olhos⁸⁵.

– Você diz isto para agradar-me.

– Não vamos derivar para a polémica. E eu não sei mentir. A Maria Alice foi passear com a mamãe na floresta. Está pintando uns quadros dos lugares preferidos de mamãe.

– Ela sabe pintar? – perguntou Olga com admiração.

– A mamãe diz que sim. E ela é exigente, conhece bem a arte. Só elogia o que realmente seja digno de elogio.

Silvio passou a tarde com Olga. Foi a primeira vez que ele entrou na sua casa. Que luxo! Vasos de cristais, piano de cauda. Discutiram os projetos do futuro.

– Que espécie de mulher é a tua mãe?

– É um pouco dissidente, mas é muito boa. Ela se prendeu a Maria Alice, não quer ficar sem ela. Convidou-nos para residirmos lá.

– E eu pensando que você estava com pressa de partir. Quando é que você vai?

– Não sei.

– Eu sabia que esta viagem ia ficar em projetos, você pensa, mas não age.

Silvio ficou preocupado com as palavras críticas de Olga, porque a Maria Alice era tão delicada no falar. Olga era uma mulher que cursou as escolas superiores, tinha dos diplomas como muralhas, não precisava filtrar suas palavras.

– Sabe Silvio, é melhor findar a nossa amizade, porque quem vai levar desvantagem sou eu. Várias pessoas já nos viram juntos, perderei a minha reputação.

Silvio beijou-a.

⁸⁵ Esta frase aparece “solta” no caderno 8, o mais recente. Voltando ao caderno 7, no qual o mesmo capítulo é manuscrito anteriormente, encontramos o diálogo sem alterações e a fala de Olga, perguntando Maria Alice, que esclarece, enfim, o contexto. Provavelmente Carolina “perde” este pedaço quando reescreve o capítulo.

– Não lamentos, amanhã estarei aqui para preparar a nossa viagem⁸⁶, até amanhã –
Silvio ia olhando os objetos artísticos de alto preço – Está zangada?

– Assim como estamos não podemos continuar.

– Olga, ninguém precisa saber de nossa amizade, vamos transformar nossa amizade em amizade platônica.

– Dr. Silvio, isto compete aos que sabem educar seus desejos.

Silvio sorriu concluindo:

– É claro, meu bem, e despediu-se.

Quando chegou à fazenda, caía a tarde lentamente. O sol estava reclinando-se. Fitou aquelas paisagens, sabia que ia ficar vários dias ausente. Pensava na sua vida. Um casamento para ser realizado é preciso que os dois queiram unir-se para o resto da vida. E ele não desejava casar-se com a Maria Alice. E queria conservar a Olga na sua vida, tinha receio de perdê-la. Ele agora era um homem maduro e com experiência para conseguir realizar os seus desejos. Não tinha preocupações como dinheiro, a sua luta era Maria Alice e Olga, por isso era nervoso e sentia profunda revolta interior. Reconhecia que não podia dominar-se a não ser que Olga decidisse viver maritalmente. Evocava o seu passado, até aquela data só havia surgido contratempo na sua vida. Ele, que era inimigo de atribulações. O seu casamento não deixou recordações deliciosas, pensou que ia conseguir escapar de Maria Alice, mas a maldita enfermidade favoreceu-a. Todos têm suas preferências e Maria Alice não era a mulher que ele pretendia ter como esposa. E quando não há amor, o ente humano não sabe dissimular.

Maria Alice estava no alpendre e correu para recebê-lo.

–Meu querido Silvio! Eu estava no terraço aguardando-te. Queria ser a primeira a ver-te. Estava com saudades de você. Quando você sai, eu fico rezando, pedindo a Deus para te proteger. Tenho medo de que aconteça algum desastre, guia o carro com cuidado. Se eu soubesse que você ia à cidade, tinha preparado as meninas para irem com você. Elas gostam de andar de automóvel. Eu gostei da floresta, vi paisagens majestosas. A tua mãe vai ensinar-me a tocar piano. Quando eu era menina desejei estudar, mas não me foi possível. Os desejos dos pobres não cursam, vêm em parcela. Agora o meu sonho vai se realizar. Oh, Silvio! Você é tão bom para mim! A tua mãe trata-me bem. A minha felicidade é o tesouro que eu consegui conquistar. Devo agradecer a Deus por me incluir nesta santa família.

– Amanhã vamos embora.

⁸⁶ Na primeira versão deste capítulo, no caderno 7, a autora escreve “para sua longa viagem”, já demonstrando o primeiro fio condutor do enredo escolhido por Carolina, que foi mudado depois. A “longa” viagem a qual Silvio refere-se é, na verdade, parte de seu plano para assassinar Maria Alice e ver-se, enfim, livre dela para juntar-se a Olga. Ao mudar as palavras, a autora sinaliza para outra versão do enredo.

– Ah, Silvio! Eu gosto muito daqui, acho este silêncio delicioso, é um tonificante para mim, aqui os dias são esplêndidos, vive-se com tranquilidade de espírito, eu queria vir residir aqui para aprender a dirigir a fazenda. É o desejo de tua mãe.

– Está bem, Maria Alice, mas eu peguei uma causa, preciso defendê-la. Vá preparar as malas.

As meninas surgiram correndo.

– Olha, papai, as bonecas que a vovó nos deu.

Silvio olhou as bonecas sorrindo e comentou:

– Rainha, baronesa e princesa. Estas bonecas pertenceram a minha bisavó, vieram da Europa. Têm mais de cem anos, a minha bisavó deu-as para minha mãe porque era a neta predileta.

Dona Claudia estava no terraço e as meninas lhe atiravam beijos. Silvio olhou sua mãe e sorriu. As meninas foram balançar, estavam robustas, não paravam um instante, percorriam o pomar, iam às piscinas, brincavam com as filhas dos colonos. Quando disse-lhes que iam voltar para a cidade, elas protestaram.

– Ah, papai! Aqui é tão bom! Temos as frutas, o regato⁸⁷, as aves que gorjeiam e a vovó, que é boazinha.

– Vocês já estão aprendendo a bajular a vovó?

– O que é bajular, papai?

Com as crianças não se fala o clássico.

– É preciso estudar para compreender o que o teu pai disse.

– Está bem, mamãe, eu vou estudar – Claudinha queria ficar, disse: A vovó vai me ensinar a tocar piano.

– Havemos de voltar outro dia. Silvio resolveu ir à noite.

Dona Claudia insistia para não levar a Maria Alice.

– Gostei dela. Ela monopolizou-me, cometi um grande erro desprezando-a sem conhecê-la. A minha avó prezava a genealogia e eu incientemente preocupava-me com a genitura. Mas agora estou na maturidade e sei selecionar, antigamente ter belas qualidades era um dever, hoje é honra, adorno. E as tuas qualidades são belíssimas, você é uma mulher inimitável – despediu-se de Maria Alice dizendo-lhe: vá com Deus, minha filha, telefona-me sempre! E se precisar de mim, estarei às ordens! Qualquer agrura que te atingir hei de auxiliar-te

⁸⁷ Riacho.

porque você há de ser a minha amiga número um. Compreendi que nós, neste mundo, precisamos uns dos outros. Você me foi útil na minha enfermidade, às vezes, aqueles que nós desprezamos são os mais dignos. Aquelas senhoras que eu selecionei para serem minhas amigas, não me visitaram, temendo o contágio. Para mim, isto foi uma lição. O meu filho foi inteligente casando-se contigo! Embora tardiamente, creio que devo dar os parabéns ao meu filho.

Silvio entrou no automóvel e partiu. As meninas iam acenando as mãos. Dona Claudia estava tão encantada com as qualidades honestas de Maria Alice, que estava triste lamentando separar-se de sua sogra. Ia dizendo a Silvio:

– Eu li os livros que o teu tio escreveu, dá a impressão de que ele foi infeliz no matrimônio. A tua mãe levou-me até a divisa da fazenda, como é grande! Tua mãe disse-me para eu dizer “a nossa fazenda”. As meninas vão sentir falta de tua mãe, que é uma avó atenciosa. Ensinou-me a ordenhar e preparar os derivados do leite. Fiz tudo que ela me pediu. Graças a Deus não mais há rivalidades, eu disse a tua mãe que rezava suplicando a Deus para ela fazer as pazes comigo. Ela sorriu e me deu um rosário de ouro. Agora sim, estou contente! Você tem visto a Olga?

– Não, quando vou à cidade é a negócios, não tenho tempo de ir procurá-la.

Maria Alice confiava muito, para ela o Dr. Silvio era o homem perfeito. Silvio disse-lhe:

– Eu sonhei que nós havíamos brigado e desquitamos.

– Oh! Você sonhou isto? Eu, me desquitar de você, nunca! A única coisa que amo neste mundo é você! não posso passar nem um dia sem te ver – abriu os olhos e suplicou-lhe: Silvio, meu amor, imploro-te, é sonho ou desejo? Não me queres mais? Em que magoei-te? Já não pensas em mim? Quem me substituiu no seu coração? Que pena, perder o meu lugar... quer dizer que eu vou sair de tua vida? Eu não desejava isto! Eu pensei que nós íamos comemorar bodas de prata e depois casar as nossas filhas e eu ter que confeccionar os sapatinhos de lã, ensinar as nossas filhas a preparar as mamadeiras e ouvir os nossos netos dizerem: “vovó, o vovô está?”. E ver os nossos netos nos teus braços. E nós dois indo ficar sozinhos. Com que prazer eu havia de contemplar os teus cabelos brancos. Meu Deus! Eu sou infeliz! Meu Deus, tenha piedade de mim!

Silvio acariciou-a sorrindo:

– Tantos lamentos por causa de um sonho.

– Não é sonho, não creio! Você não se sente feliz ao lado da filha de uma Dona de pensão. Faz oito anos que eu sou tua esposa. Para mim que te amo representa oito minutos, para você que me detesta, representa oito séculos. É a primeira vez que o meu esposo, o ilustre Dr. Silvio Porto, me faz chorar.

As meninas ficaram impacientes perguntando:

– O que tem a senhora? Mamãe... não chora! Oh, papai! O que foi que o senhor fez para ela chorar? Ela é tão boazinha.

Vendo-a chorar, começaram a chorar também. E o Silvio contemplava aquele trio chorão. O automóvel penetrou na cidade e aqueles ruídos dos autos, das vozes, penetravam nos ouvidos de Maria Alice, que estava preocupada com a revelação de Silvio.

- Chegamos! Exclamaram as meninas.
- Amanhã eu vou à escola, ouviu, mamãe?
- Ouvi sim, minha filha.
- A mamãe está tão triste! É porque o papai lhe fez chorar.

Silvio percebeu que se quisesse desquitar-se ela não ia concordar. O seu desejo era dizer-lhe: “eu não queria me casar com você, este casamento que eu detesto foi obra da fatalidade que me atingiu”, mas não sabia como iniciar. Maria Alice retirou as malas do automóvel e guardou as roupas. Em menos de uma hora a casa estava em ordem. Ela foi preparar a refeição. Quando as crianças sentaram à mesa para jantar, perguntaram:

- Papai, a Olga vai continuar vindo aqui?
- Se ela quiser, nós a receberemos com prazer.
- Mamãe, telefona para Olga vir aqui amanhã para darmos a nossa voltinha de automóvel.
- Amanhã ela há de vir, se Deus quiser.

A campainha tocou. Claudinha foi atender, exclamou:

– É a Olga!

Receberam-na com solicitude, abraçando-a e amarrotando-lhe o vestido. E lhe seguiam com o olhar.

- Senta, Olga e jante conosco.
- Boa tarde⁸⁸, Maria Alice, fez boa viagem?

– Boa tarde. A viagem foi esplêndida. Tenho a impressão de que regresso do céu. A casa de minha sogra é um escrínio de ouro adornado com pedras preciosas. Adivinhou a nossa chegada? Perguntou Maria Alice fitando o rosto de Olga atentamente.

⁸⁸ Carolina provavelmente se equivocou aqui em relação ao tempo da narrativa, pois seu narrador afirma, duas páginas atrás, que Silvio havia adiado, a pedido de sua mãe, a volta para a cidade para a noite e Maria Alice, como sinaliza o narrador nesta mesma página, preparava o jantar.

– O Silvio me disse hoje de manhã que vocês viriam à tarde.

Maria Alice abriu os olhos, meneou a cabeça e fitou o seu esposo. Aqueles olhos verdes fixos no rosto de Silvio o incomodavam. Repetiu-lhe o que ele disse na viagem: “quando vou à cidade é a negócios, não tenho tempo de procurá-la”. Silvio mordeu os lábios.

– Oh, Silvio! Eu sempre fui sincera para você. Eu não cursei as escolas superiores, mas não aprendi mentir.

– O que há entre vocês? – quis saber Olga, que estava confusa.

– Dona Olga, isto é uma questão que há de ser solucionada por nós. Maria Alice pensou: o meu esposo não me diz a verdade. Ele e Olga encontram-se.

Entregou-lhe a blusa que bordou para ela. Olga pegou e não olhou se estava bonita, não demonstrou interesse pelo presente que acabava de receber, não agradeceu. Maria Alice pensou: que mulher fútil, ela passa mais tempo ao lado de Silvio do que eu. Ele tem sempre algo a dizer-lhe, pensam que eu não noto. Terminou seus afazeres e retirou-se com as meninas para o quarto. Olga foi tocar piano e o som da música chegava aos ouvidos de Maria Alice como se fosse um tiro de canhão. Considerava a sua vida ao lado de Silvio assim: uma balança com as pratas no mesmo nível, Olga era o peso que fez ceder. Começou a pensar: eu conheci a Olga num *Night Club*, sozinha, às onze horas da noite, não me foi apresentada por ninguém, desconheço suas qualidades. Que imprudência a minha convidando-a para sentar-se a minha mesa e vir a minha casa. Deixei o Silvio sair com ela várias vezes, nunca mais ele há de sair com ela, ele é meu. Será que ele me obedece?. Saiu do quarto e foi dizer-lhe para não tocar piano, que estava com dor de cabeça. Olga atendeu-a com apodo e disse-lhe:

– Você trabalha demais, você deve viajar para readquirir as energias, isto é desgaste físico. Você deve frequentar a sociedade, você está fatigada.

– Eu gosto de reunir-me com Silvio e minhas filhas. Até aqui eu tenho sido feliz seguindo as orientações de minha mãe. Ela não me ensinou a dançar, nem viver fora de casa, estou bem assim.

Retirou-se sem dizer-lhe boa noite. Silvio estava no escritório, Olga foi procurá-lo.

– O que deseja? Perguntou Silvio erguendo os olhos do jornal.

– Vamos sair, vou te esperar na minha casa. A noite está tépida e a Maria Alice já está com ciúmes.

– Está bem, irei.

O ciúme estava martelando⁸⁹ o cérebro de Maria Alice. Agora ela compreendia a revelação do sonho de Silvio, foi uma indireta. Ele está amando a Olga e quer afastar-se de mim!

⁸⁹ No caderno 8, de onde este capítulo foi transcrito, o verbo estava ilegível. Optou-se, então, pela palavra “martelando” que a autora usa no caderno 10, na escrita anterior do mesmo capítulo.

Será que a Olga não compreende que o Silvio tem responsabilidade? Pretenderá desfazer o meu lar? As pessoas egoístas não pensam com clareza, Olga pertence à classe dos que não cultivam belas qualidades. Gostará ela de Silvio como eu gosto? Se ele pudesse perceber a extensão do meu amor! E eu a pensar que ela era minha amiga... a Dona Ruth me disse: você é considerada a mulher mais feliz da cidade. Silvio é um esposo modelo! Ela queria advertir-me. Quando Maria Alice a pediu para não tocar piano, ela não estava com dor de cabeça, queria ficar sozinha dentro da sua casa sem aquela intrusa que penetrou no seu lar demonstrando amizade e se revelou sua tremenda rival. E a amizade de Maria Alice e Olga estava arrefecendo-se.

Era uma hora quando Silvio chegou.

– Ainda está desperta?

– Pensando na vida.

– É tolice, eu sou o teu esposo.

– Tenho o direito de pensar por mim e por você.

Ele notou que a voz de sua esposa estava amargurada.

– Prepara as malas para irmos a São Paulo, você vai rever tua mãe e teus amigos. E a nossa São Paulo está cada vez mais linda.

Maria Alice não demonstrou prazer.

– Quando é que vamos partir?

– Quinta-feira, vamos ficar fora um mês!

Às oito horas da manhã, Olga chegou, cumprimentou, Silvio e as meninas foram os únicos que responderam.

– Já estão prontas para a nossa voltinha de automóvel? – perguntou Olga sorrindo e acariciando os cabelos de Claudinha.

– Mamãe, a senhora vai nos vestir?

– Não, vocês não vão dar voltinhas, precisam aprender a ficar em casa para auxiliar a mamãe e fazer trabalhos manuais. Vocês vão fazer tricô, crivo e crochê, que requer muita atenção. Nós vamos sair de casa quando precisarmos.

Claudinha chorou. Maria Alice dirigiu-lhe um olhar severo.

– Eu não desobedecia a minha mãe. O teu pai pode confirmar o que eu digo.

Silvio interferiu:

– Elas já estão habituadas a sair todos os dias.

Maria Alice exaltou-se:

– É por isso que eu não queria automóvel. Mas a Dona Olga apresentou a sugestão e o Dr. Silvio aprovou.

As meninas insistiam.

– Não chorem porque vocês não vão sair, precisamos satisfazer os desejos das crianças com limites. Vão brincar!

As meninas saíram chorando.

– Ah, coitadinhas! Algum dia vocês hão de poder realizar todos os seus desejos.

– O que quer dizer com isto? – quis saber Maria Alice, olhando Olga com rancor e indiferença.

– Nada, eu disse isto para agradá-las.

As meninas foram brincar.

– Veja Silvio, elas já olvidaram o automóvel. É tempo de começarmos a educá-las. Olga, se você souber fazer alguma coisa útil, ensina as minhas filhas, você disse ser professora e as professoras têm que ser missionárias na educação dos povos. E desde já te agradeço. Você deve dizer as minhas filhas que elas devem me obedecer porque sou a sua mãe. Com licença, Olga, eu vou trabalhar.

Foi preparar as malas, ia permanecer poucos dias na sua casa, por isso não readmitiu a empregada. Olga fitou o espaço como se procurasse algo no infinito e disse:

– Vou-me embora, percebo que sou demais aqui.

Foi procurar Maria Alice para despedir-se. Ela estava colocando as roupas nas malas.

– Vai viajar? – perguntou Olga fingindo ignorar-se.

– Vou a São Paulo. É a viagem que realizo com prazer, porque vou ver a minha mãe. E sei que você já sabe porque o Silvio não te oculta nada. E quero pedir-te um grande favor: afasta-se do meu esposo, uma mulher sensata não faz a corte a um homem comprometido. Outra coisa que me preocupa: por que é que você não tem namorado? Será que os homens não têm confiança em você? Eu não tenho, Olga! Você não é feminina, não sei que espécie de mulher é você. Peço-te para não mais vir a minha casa porque as minhas filhas não mais sairão com você. Não vi em você uma ação feminina. Você sabe fazer café?

Maria Alice estava pálida. Olga sorriu e disse-lhe:

– Você está nervosa, eu vou-me embora.

– Para sempre! Suplico-te. Já que você sorriu com minhas considerações de tua pessoa, comprovou que você é cínica. Como há de ser infeliz o homem que te desposar.

– Até logo, Maria Alice, ou até a volta. Desejo-te boa viagem, porque quem faz uma viagem não sabe se regressa com vida. Vocês vão de automóvel?

– Não, vamos de avião. O Silvio não sabe guiar, seria arriscado se ele guiasse numa rodovia tão congestionada como é a de São Paulo. Depois, eu não tenho fé com debutantes.

Olga saiu revoltada com as ironias de Maria Alice, ia pensando: que dilema, duas mulheres amando um homem. Mas eu sou a mais feliz, porque sou eu que ele ama.

À noite, Silvio e Olga foram ao cinema. Sentaram tão unidos que pareciam siameses. Ele estava contente porque era a primeira vez que namorava.

– Que saudades que eu vou sentir de você!

– E eu... com que prazer hei de aguardar o teu regresso.

– Vamos sair?

Olga não se opôs. Entraram no automóvel e foram dar umas voltas. Eram três e meia quando Silvio entrou em casa, os galos estavam executando o concerto da alvorada.

– Ainda não dormiu?

– Eu só adormeço depois que você chega em casa. Depois que você conheceu a Olga é que você começou a sair à noite. É assim mesmo, tudo que é ilícito é praticado à noite.

– Obrigada, Maria Alice, você está dando uma lição a um advogado.

– Perdoa-me Dr. Silvio. Eu não tive esta intenção. Não gosto de magoar-te. Sabe, Silvio, eu estou triste, tenho pressentimento que vou ter um grande desgosto. A única coisa que peço a Deus é para prolongar a minha vida até eu criar as minhas filhas. Elas são as minhas preocupações.

Silvio já conhecia a sua Maria Alice. Bastava um beijo para reanimá-la novamente. Suas carícias tinham o efeito de um tonificante. Acariciou-a e disse-lhe frases amáveis e termos que ela ouvia com atenção.

– Amanhã vamos rever a tua mãe e lá você pode passear. E daqui a uns dias, não mais haverá preocupações para roubar-te o sono. Você precisa confiar em mim, quero-te muito bem.

– Oh, Silvio! Então você me ama? E eu a pensar que você me detestava. É por isso que não consigo dormir e penso que você está gostando de Olga. E tratei-lhe com estolidez⁹⁰.

Silvio premiu-lhe a mão e disse-lhe:

⁹⁰ Estupidez.

– O ciúme é um péssimo juiz.

Quando as aves iniciaram os seus concertos matinais, Maria Alice deixou o leito, sentia o coração inquieto. Abriu a janela e respirou o ar matinal. Foi despertar as meninas. Às dez horas viajaram de avião. Que bela viagem! O avião era de luxo, só as pessoas de destaque que viajavam muito e conheciam o globo e seus atrativos. Uns falavam de música, outros do esporte. E todos demonstravam profundo conhecimento do assunto que abordavam.

– Oh, Silvio! Não sei como te agradecer, você que me proporciona uma vida agradável, como eu nunca sonhei. Para retribuir os teus cuidados, a única coisa que posso oferecer-te é o meu amor e filhos. Quantas coisas eu hei de evocar na velhice, serão histórias para os meus filhos. Agradeço-te a tua dedicação com as nossas filhas.

Silvio deu-lhe um tapinha no rosto.

– Até que enfim você aprendeu a dizer “nossas filhas”. Veja como elas estão contentes. Quero vê-las sempre assim. Devemos venerá-las, são retalhos de nossas vidas.

Quando o avião chegou, Dona Julia estava à espera.

– Mamãe, a senhora está me esperando?

– O Silvio telegrafou-me. E as minhas netinhas? Cada vez mais bonitas? A Claudinha já aprendeu a ler?

– Já aprendi a escrever “vovó”.

– Ela não gosta de estudar.

– Oh, mamãe! Sabe, vovó, a mamãe quer que eu estude o dia todo e eu preciso brincar!

– Está bem, para aprender a ler, aprende-se devagar. Vamos para a nossa casa.

Dona Julia residia no centro e a cidade estava congestionada. Claudinha dizia:

– Quanta gente!

O sol estava tépido e um dia de sol é um dia de festa para os paulistanos. Os carros seguiam velozes.

– Eu nasci aqui, mamãe?

– Nasceu, minha filha.

Claudinha estava contente por ter nascido numa cidade bonita. Era muito vaidosa. Assim que chegaram, Maria Alice exclamou:

– Que casa bonita! Que primor! A senhora acertou, fez ótimo negócio.

Dona Julia sorria. Perguntou:

– Qual de vocês quer vir residir com a vovó?

E as três responderam ao mesmo tempo:

– Eu quero!

Silvio sorria.

– A Claudinha vem residir com a vovó quando for cursar a universidade.

– Ouviu, vovó? A mamãe fala unicamente nos estudos, eu quero vir para passear, gozar. A Olga disse-me que quando ela era menina passeava, viajava, ia aos piqueniques, nas piscinas. Eu quero viver igual a Olga. Ela diz que a mamãe é toupeira. O que é toupeira, papai?

– Quem é Olga?

– É uma mulher despreocupada que frequenta a minha casa. Mas percebi que ela é uma péssima companhia para as minhas filhas, pretendo afastá-la do meu lar.

Silvio ouvia e pensava: “é o ciúme. E eu a pensar que a Maria Alice é parva”.

Ela não conhecia São Paulo e aproveitou para visitar os locais que conhecia de nome. Acompanhou Silvio nas visitas que fez à universidade e faculdades. E conheceu os bons professores de Silvio, que ele aprendeu subestimá-los⁹¹ nos anos que passaram unidos. Onde ia, levava a esposa. Cercava-a de atenções. Dona Julia estava satisfeita porque a sua filha estava muito bem amparada. Silvio era ótimo esposo. As meninas trajavam-se bem, pareciam princesas.

– Como sou feliz vendo os meus descendentes em harmonia. Silvio não saía a não ser de carro. E as joias que Maria Alice usava atraíam atenções de todos. Dona Julia pensava: “eu sonhei um bom esposo para a minha filha, mas Deus deu-lhe um inimitável. O Silvio superou o que eu esperava”. Estimava e considerava o seu genro. E preparava a refeição para aquele homem com todo prazer porque era bom para sua filha. Se Maria Alice sentia sede, Silvio levantava, ia buscar água para ela beber. E o afeto de Dona Julia ia multiplicando-se.

– Vamos voltar para a nossa casa, convidou Maria Alice.

– Não, vamos à Europa. A viagem nos fará bem. Primeiro, multiplicam-se os nossos conhecimentos e distraímos um pouco.

– Silvio, você gasta dinheiro sem refletir.

– Ora, Dona Maria Alice, não precisava preocupar-se, o que eu ganho num ano dá para vivermos seis.

Dona Julia ficou admirada, então o Silvio era arquimilionário.

⁹¹ Provavelmente a autora se confundiu e queria dizer admirar, superestimar ou sobrestimar.

– Você vá se preparar para viajarmos, foi sempre o meu sonho conhecer a Europa, conheço através dos livros.

Maria Alice ouvia em silêncio. Ergueu os olhos e fitou o lindo rosto de Silvio. Disse-lhe com voz carinhosa e cheia de doçura:

– A única coisa que eu desejei com ardor foi você, e ajoelhou-se aos pés daquele homem que ela venerava. Oh, Silvio! Imploro-te, eu não quero ir! Tenho medo de transpor o oceano, vamos percorrer o Brasil, visitar todos estados, conhecer a serra do Roncador, visitar o Amazonas para conhecer a Ilha de Marajó. Ir ao Rio de Janeiro andar no Pão de Açúcar, contemplar o Cristo Redentor, que adorna o Corcovado. Eu sou patriota. Amo tudo que se relaciona com o Brasil. Se quiser empreender esta viagem, não me oponho. Se você quiser me agradar, peço-te: vá sozinho. Eu e tuas filhas te esperamos aqui na casa de mamãe.

– E eu vou perder as passagens? – perguntou Silvio com rancor.

– Por que não me consultou antes? – foi a resposta arrogante de Maria Alice.

– Porque você nunca se opôs. Estou estranhando-te, você nunca anulou os meus desejos, nunca me contrariou em nada, pensei que você se aquiescia, pensei que ia te agradar.

Ela coçou a cabeça demonstrando cansaço, circulou os olhos ao redor, como se já estivesse incompatibilizada com a existência. Era a desilusão que estava interferindo na sua vida. Era o mel que estava afastando-se para dar lugar ao fel.

– Pois é, Dr. Silvio, peço-te desculpas, mas não insista.

Silvio foi para o seu quarto e se deitou. Maria Alice foi procurá-lo para o lanche.

– Não apeteço nada. Não sei o que fazer com as passagens, são de primeira classe. É difícil revendê-las. Sou teu esposo há oito anos, é a primeira vez que você me magoa.

Silvio sabia que ela cedia, era só ele entristecer.

– Oh, Silvio! O desejo é teu de conhecer a Europa. Eu não sou curiosa, não exijo nada.

– Quando um homem é casado, não gosta de viajar sem a sua esposa.

Maria Alice deu um suspiro e comentou:

– Não é nada agradável fazer o que não se deseja. Quando é que você quer partir?

– Depois de amanhã.

– E as meninas?

– Vão conosco. Acha que vou suportar um dia sem vê-las? E eu gosto de estar perto de vocês!

Silvio pensou que ela ia dar-lhe um beijo, mas ela ficou em pé encostada no guarda-roupa com o olhar fito no espaço, revelando tristeza no olhar. Estava pensando? Pensando em quê? Maria Alice retirou as malas que estavam dentro do guarda-roupa. Silvio ficou contente, mas não deixou transparecer. Saiu com as meninas para ela ficar sossegada. Sua mãe foi auxiliá-la.

– Oh, mamãe! Eu não quero ir! O que hei de fazer? Orienta-me? Quando eu estava com meu espírito agitado, eram os teus conselhos que me acalmavam. Eu tenho fobia das viagens.

Dona Julia olhava sua filha pegar as roupas com as mãos trêmulas.

– Se eu aconselhar o Silvio para deixar-te, ele há de revoltar-se e ficar ressentido. E eu não quero incompatibilizar-me com o meu genro. Se você ficar, dar-me-á prazer.

– Mamãe, e seu eu não voltar? O que há de ser de minhas filhas? Se eu morrer, a senhora vele por elas, não deixe as minhas filhas transviarem-se. A senhora faça as minhas filhas casarem-se e amarem somente um homem. As roscas⁹² pertencem aos homens e não são felizes. A mulher meretriz é moeda que circula de mão em mão. A senhora é tão boa pra mim! Nós passamos um trecho da existência tão atarefadas, não tivemos tempo para conversar, mas eu sempre admirei a senhora. A senhora é bonita! Mesmo distante, eu pensava na senhora duas ou três vezes ao dia.

– Minha filha, você está delirando. Tudo há de sair bem.

– Não creio.

– Peço-te passar um telegrama para eu ir esperar-te na estação. Gosto de ver a fisionomia dos que partem e dos que retornam. Vêm demonstrando contentamentos.

– Mamãe, que fim levaram nossos hóspedes?

– Uns casaram-se, outros, depois de formados, regressaram as suas terras.

– E a Veralina?

– A avó morreu, ela recebeu a herança. E ganhou uma bolsa de estudo, está na Europa. A enfermidade de Silvio transtornou a minha vida.

– E modificou a minha – comentou Maria Alice, sorrindo.

As meninas entraram fazendo barulho, que até assustaram Dona Julia, habituada com o silêncio. Foram direto ao quarto de Maria Alice e perguntaram:

– O papai nos disse que nós vamos viajar de avião. É verdade, mamãe? Nós vamos viajar de navio? E viajar de vapor é bom?

⁹² Pessoa ardilosa.

– Não sei, nunca viajei por mar.

E as meninas começaram a bailar e a cantar.

– Nós vamos viajar! Que bom! O papai é um santo. Ele é santo, mamãe?

Silvio estava na porta ouvindo as tagarelices de suas filhas. Olhou Dona Julia e somou os anos que estava mesclado com elas. Seis quando era estudante e oito como genro. Quatorze anos com aquela família que ele não simpatizava e suportava por familiaridades. Silvio era um homem rico, estava habituado a viver como ele desejava. E casando-se com Maria Alice contra a sua vontade, tinha a impressão de que era um escravo acorrentado. Maria Alice estava fatigada, deitou-se para descansar um pouco. Silvio foi passar um telegrama para Olga, a mulher que ocupava um lugar proeminente no seu cérebro. Não a olvidava um só instante. Ela era a mulher que a sua mãe gostaria de ter como nora. Era riquíssima e herdeira de uma fortuna fabulosa. Silvio retornou e convidou Maria Alice para sair. Ela recusou, disse-lhe:

– Quero ficar mais tempo ao lado da minha mãe.

Silvio já estava farto daquela família. A única coisa que ele amava demasiadamente era só as filhas, achava a sua vida infausta.

Capítulo VII

Quando Maria Alice entrou no navio⁹³, fitou a cidade de Santos. Queria levar na mente aquelas paisagens tão atraentes. O navio apitou, ia zarpar. Maria Alice acenou o lenço para sua mãe. Dona Julia correspondia e chorava. Lá ia sua filha partindo para terras estranhas, uma tristeza profunda apoderou-se dela. Contemplou o mar imenso, sinistro e misterioso. Depois ergueu para os olhos para o céu e pediu a Deus para acompanhar sua filha e suas netas, as únicas coisas que ela possuía neste mundo.

O navio ia singrando, ia distanciando-se até não mais ser visto. Dona Julia foi a última a deixar o porto, quando chegou em casa começou a recordar-se das últimas palavras de Maria Alice: “se eu não voltar, a senhora vele as minhas filhas”. Por que será que ela temia esta viagem? Todos os viajantes sorriam e ela não. As meninas estavam contentes passeando no lindo salão do navio. Que deslumbramento! Vários quadros ornando as paredes do navio. Os lustres eram magníficos, com os reflexos da luz, pareciam brilhantes. Maria Alice contemplava e pensava que riqueza desprendendo-se deste teto! Os tapetes eram de lã com os desenhos de várias cores representando cenas marítimas.

– Está contente? – perguntou Silvio sorrindo. Você vai ver paisagens magníficas.

– Não, não nasci para viajar, nasci para viver dentro do meu lar. Cada um tem o seu ideal, estou percebendo que não sou adequada para ser a tua esposa. As esposas milionárias devem conhecer as extravagâncias da alta sociedade. Eu sou da classe média, aprendi a viver gastando com limites. Não me surpreende o teu desinteresse por mim.

Silvio não se defendeu, pensou: vou desprezá-la até ela pedir desquite, perpassou os olhos no convés:

– Veja as nossas filhas como estão fagueiras. Estas cenas que elas vão observando ficam gravadas na mente, até findar a existência.

O camareiro indicou-lhes seu camarote. Silvio e as crianças seguiam o camareiro, ele abriu a porta, Maria Alice olhou.

– Que tal? Te agrada?

Ela apenas olhava. Ele segurou-lhe as mãos e alterou a voz:

– Maria... te agrada ou não?

– É bonito, Silvio, muito bonito.

⁹³ Possivelmente a autora comete um pequeno equívoco quando Dona Julia, no capítulo anterior, menciona a estação, e as crianças perguntavam se a viagem era de avião ou navio. Só aqui o narrador esclarece que a família viajava, portanto, de navio.

Ela foi até o convés, fitou o mar, o vaivém das ondas. Várias senhoras passeavam pra lá e pra cá, usavam trajes de várias cores que exaltavam suas silhuetas de vários tipos. Sorriam, comprovando que estavam contentes acompanhadas pelos esposos. As crianças jogavam tênis na quadra de tênis, não se entendiam quando falavam por causa das nacionalidades. O sol estava escaldante. Ela usava um *tailleur* de linho. Silvio foi procurá-la, todos fitavam o seu belo porte, ela usava óculos escuros. Sentaram-se numa mesinha que estava disponível e pediram refrescos. Ela estava indisposta, detestando aquele panorama de céu e mar. Às seis da tarde foram trocar-se para o jantar. Ela vestiu um vestido de veludo *bordeaux* porque já estava arrefecendo. Silvio dizia-lhe os nomes dos passageiros, ela conheceu condes, princesas e artistas de renome. Embora bem vestidos, eles não eram felizes, dava a impressão de que eles tinham uma mágoa secreta. Eles iam exhibir-se na Europa, expor quadros e dar concertos.

Depois do jantar ela foi deitar as crianças, o seu camarote era *vis-à-vis*⁹⁴ com uma condessa, que lhe disse:

– Por que é que a senhora não contrata uma dama de companhia? A senhora fica exausta cuidando de três crianças, é muita preocupação.

Maria Alice fitou-a e disse:

- Elas não me aborrecem.
- Quantos meses vão permanecer fora do seu país?
- O meu esposo é que decide tudo.
- Qual é o destino de vocês?
- Vamos à Argentina⁹⁵ e meu esposo pretende também ir à Europa.
- São turistas?
- Somos.
- Então vocês são mais felizes do que eu, eu vou à Suíça a conselho médico.

Silvio foi procurá-la para irem assistir ao filme, pediu licença à condessa e retirou-se. A condessa acompanhou com o olhar aquele casal e pensou: eles devem querer-se muito. A viagem decorreu sem anormalidades, Maria Alice conheceu as paisagens verdejantes, as gaivotas que voavam ao redor do navio e admirou as flores aquáticas. Fitava as senhoras do alto mundo ostentando joias magníficas, ali era o requinte que predominava.

– Vamos conhecer as cidades principais onde a gente encontra o sensacionalismo. Vamos visitar a Bahía Blanca⁹⁶ e conhecer a famosa Cordilheira dos Andes – o comandante avisou que iam atracar às sete da manhã.

⁹⁴ De frente (estrangeirismo, palavra de origem francesa).

⁹⁵ Carolina esteve na Argentina pela primeira vez em novembro de 1961 para lançar seu diário *Quarto de despejo* em espanhol. Ela se encantou pelo país e talvez isso justifique sua escolha para o destino de Silvio e Maria Alice. O relato da viagem da escritora em terras portenhas pode ser lido, em parte, em português, em *Meu estranho diário* (1996) e também na versão em espanhol, *Diario de viaje* (1963).

Silvio foi auxiliar Maria Alice a preparar as malas. Assim que o navio atracou, as meninas rejubilaram-se, exclamando:

– Que beleza!

Silvio foi ao convés fitar as paisagens. Foram hospedar-se no edifício mais alto da Argentina.

– Oh, Silvio! Por que é que você não escolheu uma pensão térrea, eu não gosto de apartamentos. Quando se quer descer, o elevador não está. E quando queremos subir é a mesma coisa. E para galgar as escadas, fatiga-se.

– É que daqui pode-se ver a cidade.

As meninas acharam diferente os modos dos argentinos falarem.

– Por que é que eles falam assim? O que quer dizer “sombbrero”? o que quer dizer “minas guapas”? o que quer dizer “madre”? mamãe, queremos ir para nossa casa!

– Está vendo, Silvio? As crianças não gostam de viajar.

Silvio fingia não ouvir e gastava somas fabulosas, parecia que o dinheiro brotava em seu bolso. As meninas estranharam o clima e adoeceram. Foi preciso chamar o médico.

– Sabe, Silvio, eu percebi que só se deve viajar com as crianças quando elas compreendem.

Maria Alice não saía do hotel porque as filhas estavam doentes. Silvio saía à noite para ouvir as lindas melodias portenhas. Todos os dias o médico ia visitar as enfermas e Maria Alice ficou sabendo que ele era o archiatra⁹⁷ da Argentina e perguntou-lhe:

– Doutor, por que é que estranhamos as mudanças de ares?

– Às vezes a alimentação de um país é mais rica em vitaminas e o nosso organismo é uma máquina enigmática. Mas elas vão se restabelecer. Amanhã antes do café a senhora dá estas gotas para elas.

No outro dia Silvio saiu de manhã, foi visitar um clube de regatas⁹⁸. Maria Alice esperou o astro rei surgir, estava quente, mas agasalhou as crianças e desceu para tomar café. Quando as meninas sentaram-se à mesa, ela recordou do remédio em gotas. Disse para as filhas:

– Vocês esperem, a mamãe vai buscar os remédios.

Ela subiu de elevador, entrou no quarto e pegou os remédios. Quando ligou o elevador, a porta abriu, ela pensou que o elevador estava, entrou e caiu, porque o elevador estava no

⁹⁶ Cidade argentina, distante 650km da capital Buenos Aires. Importante complexo portuário, tem o nome originado da brancura dos salitres costeiros.

⁹⁷ Um archiatra foi um médico-chefe de um monarca, que chefiava vários médicos. Em vários países o termo ainda é usado. Provavelmente, Carolina quis dizer que o médico era muito importante em seu país.

⁹⁸ Nome usado para designar um clube onde se pratica esportes, “regatas” são competições de barcos a vela ou remo. No Brasil a expressão acabou originando nome de times de futebol, especialmente os do Rio de Janeiro, como Flamengo e Vasco.

vigésimo andar⁹⁹. O porteiro percebeu que qualquer coisa havia caído no poço do elevador, foi ver o que era.

– É uma senhora!

O dono do hotel interditou o elevador até esclarecer o desastre. O pânico foi geral. O médico compareceu, mas já era tarde. Retiraram o corpo de Maria Alice e colocaram na mesa. Ninguém sabia onde estava o Silvio. A consternação era geral: “Que pena! Ela era uma mãe carinhosa, não era nervosa com as crianças”. Quando Silvio chegou, o dono do hotel relatou-lhe o desastre. Silvio não se emocionou, pensou: “com tantas mulheres no mundo...”. Não quis ver o corpo de sua esposa, dizendo que ficava nervoso.¹⁰⁰

– Eu só dou valor ao que está vivo. Que utilidade têm os mortos?

Mandou passar um telegrama para sua sogra, os hóspedes do hotel estavam horrorizados com a indiferença de Silvio. As meninas estavam confusas fitando o corpo de sua mãe sem compreenderem, porque elas nunca haviam visto um cadáver. Silvio resolveu voltar, quando estava preparando as malas, pegou as joias e pensou: agora elas vão para o lindo pescoço de Olga. Eram mal empregadas no pescoço de Maria Alice, uma proletária. Saiu indeciso, não estava habituado a andar sozinho, suas ideias estavam confusas. Eram dez horas da noite, estava ansioso para a noite terminar, um minuto para ele parecia um século. Foi ao *dancing*, cansou-se de girar. Resolveu ir ao hotel, encontrou as filhas chorando.

– Papai, papai! Eu quero a mamãe!

A governanta do hotel queixou-se:

– Elas não dormem. E o senhor vai sofrer muito, elas não vão habituar-se com ninguém.

Silvio pensou: a Olga é amável, carinhosa, há de suplantá-la Maria Alice. E além de tudo tem mais cultura. Silvio era tratado com toda consideração e recebido respeitosamente. Beijou as crianças e foi deitar-se. Não se despiu, deitou-se por cima do cobertor, estava inquieto interiormente, o sono não surgia. Recordou-se de Maria Alice suplicando-lhe que não queria viajar. Para ele, foi a noite mais longa de sua vida. Quando deixou o leito, estava todo

⁹⁹ A escolha desta morte insólita para a protagonista Maria Alice pode ser justificada pela ocorrência frequente deste tipo de acidente em elevadores naquela época.

¹⁰⁰ Em uma outra versão escrita por Carolina e encontrada nos rolos microfilmados, Maria Alice é envenenada por Silvio na Argentina, no capítulo IX. A trama se desenvolve de forma parecida, Silvio mantém um caso extraconjugal com Olga e planeja matar a esposa, por isso passa a tratá-la bem, contratando uma empregada em casa e convidando-a para uma viagem em família, com intuito de não levantar suspeita. Depois de envenená-la, Silvio alega que a esposa teria tido um infarto e volta para o Brasil com as filhas. Entretanto, o remorso o invade e mesmo casando-se com a amante, não se sente feliz e adoce por causa disso. Álvaro Leite reaparece na história, desconfiado de Silvio, cursa Direito para investigar o crime e incriminá-lo. Volta à Argentina e descobre tudo. De volta ao Brasil, relata o assassinato para Vera Eunice (o nome inicialmente escolhido por Carolina para a personagem) e para a mãe de Maria Alice. Promete vingança. Viaja então juntamente com José Augusto para Ribeirão Preto e consegue fazer com que Silvio seja preso. Dona Claudia tenta subornar Álvaro, faz de tudo para evitar a prisão do filho. Esta trama segue até um capítulo XII inicialmente escrito e aparentemente a autora parou aí e mudou o rumo da história, conforme transcrevemos daqui pra frente. (Esta versão do assassinato pode ser lida no anexo 1 desta tese).

amarrotado, trocou-se e foi tomar café. As meninas estavam sentadas tomando chá. Quando o avistaram, perguntaram:

– Onde está a mamãe? Leva-nos para junto dela. O mundo não é bom com ausência da mamãe.

Ele não prestava atenção nas súplicas de suas filhas. Saiu para resolver uns negócios, passou o dia agitado e regressou ao hotel para providenciar a sua viagem. Quando as filhas o avistaram, correram e perguntaram:

– Papai, o senhor foi procurar a mamãe? Ela é tão boa! Onde está ela?

Silvio estava tão agitado que não queria ouvir vozes. Tomou um banho, trocou-se e sentou na cama para pensar se devia avisar sua mãe e decidiu que sim. Procurou nos bolsos uma fotografia de Olga e beijou-a com prazer. Fitou-a longamente. Ela deve estar ansiosa a minha espera. Ela há de ser muito boa para mim. Foi o que me prometeu. Pediu ao dono do hotel para preparar as meninas que eles iam viajar de manhã. Tinha a impressão de que a sua vida era igual a um baralho espalhado. Precisava recomeçar a sua vida. Resolveu viajar de avião, fretou um só para ele, mas as meninas não o deixavam em paz. Não queriam entrar no avião sem sua mãe. O aviador perguntou-lhe:

– Onde está a mãe destas crianças?

– A mãe delas morreu num desastre. Se eu soubesse que ia perder a minha prendada esposa, eu não teria empreendido esta viagem. Viajei para distrair-me e a fatalidade interferiu. E eu perdi o interesse por tudo que me cerca.

As meninas iam chamando e dizendo:

– Eu quero a mamãe!

O aviador disse-lhe:

– Que regresso amargo!

Silvio estava nervoso, as meninas o deixavam numa situação crítica, como é desagradável falar contra a vontade. Quando o avião partiu, as meninas perguntaram:

– Para onde vamos?

– Para o Brasil, para a nossa casa, explicou Silvio já no auge do nervosismo.

Eram três horas da tarde quando chegaram. Silvio não encontrou ninguém no aeroporto. Tomou um taxi e se dirigiu para a casa de sua sogra. Encontrou Dona Julia vestida de preto.

– Oh, Silvio! Então a minha filha não mais existe? Você podia transladar o corpo.

– Eu tenho fobia de olhar para um cadáver, ficar pensando que já tive contato com aquele corpo. Reconheço que não eduquei o meu sistema nervoso, não devemos ter fobia, mas eu não sei reagir.

– Ela não gostava de viajar, foi porque te obedecia muito. Você nunca mais será amado como foi. A sorte não tem reprise, a felicidade ausentou-se de tua vida.

Dona Julia estava pálida, a senilidade e o cansaço já estavam visíveis. As meninas perguntavam todos os instantes se a mãe delas ia voltar. Passavam o dia suplicando:

– Volta, mamãe! Volta, mamãe!

Dona Julia convidou os amigos pelos jornais para assistirem à missa do sétimo dia. Quando Dona Julia chegou à igreja de São Bento encontrou seus ex-hóspedes que lhe deram os pêsames. Todos queriam saber como foi que ocorreu o desastre. Tão jovem, que pena! Vera estava presente, disse:

– Faz tempo que retornei da Europa, não fui procurar-te por não saber o endereço. Dona Julia havia se mudado e no local onde era a pensão, construíram um edifício, hoje é que li nos jornais.

José Augusto aproximou-se:

– Meus pêsames, Dr. Silvio. O senhor deve estar desolado.

– Se estou! Ela era decente, sensata e habilidosa, é uma pena perder uma mulher superior.

– E o senhor não vai habituar-se sem ela, ela é insuplantável¹⁰¹.

Silvio ouvia as referências de José Augusto com os olhos fitos no solo. Álvaro Leite apareceu.

– Não é nada agradável este nosso reencontro – estava mais alto e usava um bigodinho – Lamento o que aconteceu, senhor Silvio. Se existe alguém que sentiu o passamento de tua esposa, este alguém sou eu! – Os pensionistas gostavam dela e decidiram casar-se depois que ela se casou – O senhor é o homem de sorte que veio ao mundo para ser feliz. As meninas é que vão sentir a ausência dela. Quando completarem quinze anos é que vão sentir ausência de Maria Alice. É a quadra da transição. E por infelicidade o senhor tem só filhas mulheres, que dão mais preocupações aos pais. E uma mãe faz falta para formar-lhes o caráter e lhe ensinar as ciladas da vida.

Silvio estava ansioso para desligar-se daquela gente. Assim que terminou a missa, foram todos para a casa de Dona Julia para conhecer as meninas. Ficaram encantados com a beleza dos seus traços, os cabelos ondulados e pretos como azeviche. Álvaro Leite, fitando-as, disse:

– É uma pena! Estes traços tão perfeitos na infância irem transformando-se, com o decorrer dos tempos vão envelhecendo. Estes cabelos vão embranquecer e as peles enrugarem-se e perderão estes dentes niveos e retos. As meninas tinham ombros largos e cinturas finas, como se fossem descendentes dos gregos. Assim que elas viram seu pai, perguntaram todas ao mesmo tempo:

– Papai, onde está a mamãe? eu não sei ficar sem ela. Oh, papai, vai buscá-la! Será que ela não nos quer? Por que é que ela não nos dá banho? Por que é que ela não mais prepara a nossa refeição?

¹⁰¹ Aqui a autora parece querer dizer “insubstituível”.

Vera esforçou-se para agradá-las. Dona Julia citava as apreensões de Maria Alice, que não queria ir e pediu-lhe opinião.

– Por que será que ela não queria ir? Todos gostam de viajar e ela se recusava. Ninguém tem receios infundados.

– Ela não deixou nada escrito? Eram estas as conjeturas de Álvaro Leite.

Silvio era advogado e percebia que ninguém aceitava a história que ele contava, mesmo mostrando o jornal. Já estava descontente de dar explicações. Dona Julia chorava, estava inconsolável.

– Ela pediu-me para cuidar das crianças, com quem elas vão ficar?

– Comigo porque não sei ficar sem elas. Amanhã vamos partir.

Silvio falava e observava os olhares que lhe dirigiam. Álvaro Leite levantou-se, pegou o chapéu que estava no cabide. Despediu-se das meninas e desejou-lhes felicidades, procurou consolar Dona Julia. Aproximou-se de Silvio e disse-lhe:

– Se a Maria Alice tivesse desposado-me, ela estava aqui entre nós. Eu não tive sorte, nem ela! Que mulher adorável! Aposto que ela foi sepultada como indigente, ela não significava nada para você.

Dona Julia interviu:

– O Silvio amava a Maria Alice, dava-lhe todo conforto, as joias que ela usava eram autênticas, verdadeiras obras artísticas, nunca vi joias iguais. Era um esposo atencioso, é uma injustiça suspeitarmos dele.

Álvaro Leite não se conformava:

– O Dr. Silvio está bem, tem a sogra para defendê-lo. Mas se ela fosse minha irmã, eu ia à Argentina investigar e fazer autópsia, não sosseitaria enquanto não esclarecesse tudo. Se o Silvio fosse inocente, eu lhe pediria desculpas. Se fosse culpado, denunciava-o e ele havia de terminar os seus dias na masmorra.

Silvio sentiu o seu rosto afoguar-se. As palavras de Álvaro Leite eram incômodas e ele não apreciava os agitadores, era preciso partir, o quanto antes melhor, percebeu que sua presença naquela casa suscitava comentários, estava intranquilo, deslocado naquele núcleo. Vera despediu-se, Álvaro Leite acompanhou-a. Silvio respirou quando se viu só, penetrou no seu quarto e só apareceu no outro dia para ir-se. Pretendia não mais rever aquelas pessoas que ele não considerava por serem inferiores.

Dona Julia estava abatida e tristonha, o mundo para ela havia perdido o encanto. Silvio viajou com suas filhas. Ia reclinado na poltrona meditando. Quando chegou em casa tudo estava triste e sem encanto, sem atrativo. Telefonou. Olga atendeu e veio às pressas. Ela estava no escritório, olharam-se.

– Meu Silvio, meu grande amor. Senti saudades de você. Vamos realizar os nossos desejos. O que eu sei é que eu amei-te desde o primeiro instante em que eu te vi. E o desejo de ser tua apoderou-se de mim, ser tua companheira para sempre. Estreitar-te nos meus braços,

ouvir o pulsar do teu coração. Vamos pensar no futuro, nada de remorsos, nada de apreensões. Tudo correu bem?

– As coisas nunca ocorrem como nós idealizamos, eu queria ir à Europa e veio este contratempo.

– E as meninas, como se portaram? – perguntou Olga, alisando o rosto de Silvio.

– Querem a mãe, perguntam por ela todos instantes. Às vezes choram. Como é horrível separar os filhos das mães, as crianças sofrem, elas também sentem saudades. Tem coisas que a gente percebe tardiamente.

Olga ouvia preocupada.

– Eu li a carta e fiquei confusa. Com o tempo as meninas hão de olvidá-la. E você, como se sente?

– Começo a sentir falta dela. A estas horas a casa já estaria em ordem e as roupas nos lugares, ela era tão cuidadosa!

Olga mordeu os lábios e foi abrir as janelas, guardou as roupas e perpassou o olhar nos ricos móveis que Maria Alice cuidava com todo prazer.

– Vamos passar o dia lá em casa até arranjarmos uma criada, eu não estou habituada a trabalhar, fatigo-me logo.

Olga estava apreensiva, parecia que estava despertando de um grande sonho.

– Vamos, Silvio.

– Não posso, preciso descansar. Foi tudo inesperado e eu senti profundo abalo moral. É horrível ver as nossas filhas sem mãe. Elas sentem falta da essência do amor materno. Estou com o espírito conturbado, não estou tranquilo. Não tenho ação. Parece que a Maria Alice era um combustível impulsionando-me. Agora sou eu que tenho que pensar nas minhas filhas. Depois que ela morreu eu estou ficando com medo de viver. Tenho a impressão de que estou encaixotado, amarrado com cipó. Leve as meninas para sua casa, eu quero ficar só. Quero por os meus pensamentos em ordem, à tarde você vem aqui, temos que normalizar as nossas vidas, o teu sonho era ser minha esposa, chegou a tua oportunidade.

Ele entrou no escritório e não beijou o lindo rosto de Olga, que ficou semirressentida. Olga levou as meninas. Elas não queriam ir e perguntavam a todo instante:

– Onde está a mamãe?

Olga repreendeu-as:

– A mãe de vocês não mais voltará!

– A mamãe não vai voltar? Por quê? O papai não quer mais? Eu vou deixar o papai e ficar com a mamãe? Eu gosto mais da mamãe.

Claudinha bradava:

– Eu quero a mamãe! Eu quero a mamãe! Volta, mamãe!

Os gritos das meninas atraíam os olhares dos que passavam, alguns paravam para ver os lamentos das crianças inconsoláveis.

– Olga, por que a mamãe não volta mais?

– Não sei! – respondeu Olga, muito nervosa, dilatando as narinas. Era visível a sua impaciência.

Dona Helena, mãe de Olga, ficou nervosa, não tolerava crianças.

– Não sei qual é o teu interesse por essas meninas! Que ligação tem você com elas? Você é minha filha, mas eu não sei se tuas ações são dúbias, se ocorrer algo com você, não poderei defender-te. Em casa você pode ser ouro e na rua pode ser de ferro ou de barro.

Olga conservava as meninas no quintal, elas reclamavam do calor, queriam ir-se embora. Começou a chover, Dona Helena mandou elas se ocultarem no quarto das criadas. Que suplício! Silvio não queria elas em casa, queria ficar só para repousar. Dona Helena não as queria porque elas riscavam o assoalho e faziam muito barulho. E assim ia iniciar o calvário das órfãs, elas entravam dentro de casa só para fazer as refeições.

– Não quero estas meninas aqui! Onde está a mãe delas? Deve ser uma mulher fútil para deixá-las assim! Quanto você está ganhando para ser ama seca destas crianças? Olga, Olga, já é tempo de você criar juízo. Você não faz amizades com tipos superiores, deve ser alguma coleguinha do pano verde¹⁰².

As meninas ouviam e choravam. Olga não sabia cuidar de crianças e não queria dizer a sua mãe que elas iam ser suas enteadas. Sabia que sua mãe não consentiria o seu casamento com um viúvo. Às cinco horas ela levou as crianças, Silvio estava no escritório tentando trabalhar. Assim que elas entraram, foram correndo ao escritório. Suplicaram:

– Papai, não nos deixe ir à casa de Olga. Ela não nos deixou entrar dentro de casa, ficamos o dia todo no quintal. O sol estava insuportável. Quando ela vem a nossa casa, a mamãe trata-a bem. E ela nos tratou tão mal, ficamos no quarto das criadas.

Olga ficou brava e desculpou-se dizendo:

– Eu não tenho autoridade na casa de mamãe.

Silvio pôs os olhos no chão e ficou cismando.

¹⁰² A expressão “pano verde” designa as mesas de jogos de azar.

Capítulo VIII

A tarde estava amena. As aves percorriam o espaço como se fosse um dia de festas para elas. Era outono e do pomar vinha o perfume das frutas sazonais¹⁰³. Dona Claudia estava usando um vestido preto, estava profundamente abalada. Dizia:

– A vida de meu filho desabou-se.

Estava aguardando a chegada de Silvio, que vinha lhe fazer uma visita. Estava no alpendre, olhando na direção da estrada, revoltada com o destino impiedoso que lhe arrebatara a sua nora. Sentiu muito a morte de Maria Alice e emagreceu um pouco. Às três e quinze, Silvio chegou. Estava de luto. As meninas estavam magras por terem chorado muito. Dona Claudia foi ao seu encontro, exclamou:

– Que fatalidade para nós! Eu perdi uma boa filha. E você perdeu a sua melhor amiga, não foi possível salvá-la?

– Eu não estava no hotel, existem males que quando nos atingem já não há mais salvação – respondeu Silvio. E a sua voz era triste. – Sabe, mamãe, eu estudei muito, mas as lições que nos reeducam são as lições do sofrimento – ele estava sem escanhoar-se¹⁰⁴. – A senhora pôs luto?

– Sim, meu filho. Ela merecia, era educada, tolerante. Reconheço que a magoei muito e ela nunca se exaltou, esperou o meu rancor extinguir-se sem me ofender. Juro que senti remorsos. Você é o único homem que pode dizer que teve uma esposa perfeita.

Dona Claudia olhou as meninas, que começaram a chorar. Silvio ficou nervoso e constrangido, mordeu os lábios pensando nas suas ações com Maria Alice. Dona Claudia acariciava os cabelos das meninas.

– Pobrezinhas, perder uma mãe igual aquela, tão meiga! Vale a pena vir ao mundo e ter uma mãe superior. Que mulher compreensível¹⁰⁵! Que candura! Qual é a sogra que quer perder uma nora que honra o seu filho? Maria Alice não era medíocre, que divide o seu amor com dois homens. Não era mulher de confusão. Eu estava tranquila aguardando a visita da morte, porque ela ia cuidar de você. Foi o melhor negócio que você fez na tua vida: casar-se com a filha da Dona de pensão. Eu já estou anosa¹⁰⁶ e se eu morrer, quem vai cuidar de você? Quem há de velar e orientar essas meninas? Oh, viagem maldita! – deu um longo suspiro e comentou – e ... ela vai nos fazer falta. Entra e vem ver os quadros que ela pintou. Você vai ver que obras primas.

Foram para a sala de visita.

– Olha o teu retrato! – Silvio ficou encantado. Que obra executada com capricho! E ela sabia combinar as cores. – Você devia vê-la pintar, ela queria a tua opinião.

– Eu desconhecia esta capacidade dela, podia pintar para uma exposição.

¹⁰³ Maduras.

¹⁰⁴ Barbear-se.

¹⁰⁵ Talvez a autora quisesse dizer compreensiva, já que o adjetivo é bem coerente com a personalidade da personagem Maria Alice. A palavra será usada outras vezes com o mesmo sentido no romance.

¹⁰⁶ Velha.

Olhou o retrato de sua mãe e o de suas filhas, estavam iguaizinhos.

– Mas que mulher! Que habilidade!

– E se você vir a toalha que ela bordou! Em cada canto ela bordou o teu nome em ponto cruz. Vou buscar, ela esqueceu aqui. Tudo que ela iniciava, terminava.

Dona Claudia saiu, ele ficou olhando para os quadros. Assim que Dona Claudia voltou, Silvio correu na sua direção, queria ver tudo que Maria Alice fez. Examinou a toalha e ficou encantado. No centro ela bordou o seu retrato: cabelos pretos, a face rosada, o bigode preto e os olhos verdes. Nos cantos da toalha ela bordou: “Silvio é bonito!”. No outro canto, bordou: “Silvio é nobre”, “Silvio é um santo”, “Silvio é bom”. Ele olhou tudo e disse, emocionado:

– Obrigado pelos elogios, querida Maria Alice. Sabe, mamãe, a Maria Alice era um brilhante e eu pensei que era um vidro laminado.

– Viu, meu filho, ela pensava unicamente em você! Vocês tiveram alguma desavença?

– Não, era uma mulher superior e eu não tinha motivos para criticá-la.

– Meu filho, você não encontra outra mulher igual a ela.

– É o que todos dizem, mamãe! Aquela mulher era uma exceção.

Dona Claudia mostrou-lhe as paisagens e o retrato que pintou.

– Eu fiquei bonita neste quadro! Sabe, meu filho, existem várias espécies de corações: corações de ferro, corações de chumbo e de aço. Mas o de Maria Alice era de ouro. O ouro, que é o rei dos metais. Quando ela não podia agradar, não ofendia.

O olhar de Silvio pousava ora aqui, ora ali. Depois começou a olhar os quadros novamente. Nem um pintor com longa prática pintaria um quadro assim tão real. Silvio sentou-se numa poltrona e prorropeu-se¹⁰⁷ em prantos.

– Oh, mamãe, eu sou um infeliz! Que esposa eu tinha! Merecia ser sepultada num túmulo de ouro. Se ela ressuscitasse, eu havia de tratá-la bem.

– Quando você chegar em casa, veja tudo que foi executado por ela. E veja que maravilha, ela é digna de suas lágrimas, eu já chorei muito, ofereço-lhe minhas lágrimas como presentes.

A criada avisou que o almoço estava na mesa. Dona Claudia foi lavar as mãos das meninas e pentear-lhes os cabelos. Claudinha perguntou-lhe:

– Vovó, a senhora gostava da mamãe?

– Muito, minha filha.

– A Olga disse que ela não mais voltará.

– Quem é a Olga ?

¹⁰⁷ Irrompeu-se; Manifestou-se subitamente.

– É uma jovem muito bonita. Ela vai lá em casa todos os dias e me disse que vai casar-se com o papai.

Dona Claudia ficou intrigada com a revelação de sua neta.

– Ela conhecia a tua mãe?

– Conhecia, ela e a mamãe eram amigas. E a Olga é quem ensinou o papai a guiar o automóvel.

– Ela saía só com o teu pai?

– Saía, todos os dias.

Dona Claudia meneou a cabeça prestando muita atenção no que dizia a sua neta. Não quis dar margem no seu pensamento em torno do que acabava de ouvir, porque incluía o Silvio e ele era seu filho! Conduziu as meninas à mesa e serviu a refeição. Silvio estava desolado e desanimado, recusou o almoço e foi para o seu quarto. Começou a sentir saudades de Maria Alice e remorsos por ter ofendido-a sem uma razão plausível. E o remorso é o pior inimigo do homem. Nós, os homens da lei, só admiramos os bons elementos, ela era bom elemento e eu não percebi. Recordou o seu tempo de estudante, ela cuidava de suas roupas, ele não precisava pagar lavadeiras, tudo de bom era pra ele. Esperava o seu retorno da aula para deitar-se, recomendava-o que tivesse cuidado quando atravessasse as ruas. “Olha para os lados, ouviu, Silvio? Eu não quero que você seja atropelado”. Silvio analisou o seu caráter. Eu pensei que era um santo. Não, eu sou um monstro! Como fui perverso! Pagar a sua dedicação com ingratidão. Eu pertencço à classe dos que têm corpo de santo e coração de ferro. Deus, dai-me forças para viver até criar as minhas filhas. Se eu extinguir, pobrezinhas! Minha mãe já está senil e a Dona Julia pouco tempo terá de vida. Ela é quem mais sofreu porque é mãe e quando um filho morre, a mãe morre junto. Deus há de auxiliar-me. Será que eu mereço o auxílio de Deus? Preciso e devo me casar com a Olga. Ela há de auxiliar-me a esquecer estas complicações. Deixou de cismar com as pancadas de Dona Claudia. Foi abrir a porta, ela trouxe-lhe uma xícara de café. Ela ia se retirando, ele pediu-lhe para ficar, precisava de sua opinião. Dona Claudia sentou-se na cama. Silvio disse-lhe:

– A senhora sabe, eu não posso continuar sozinho! Preciso de uma esposa para cuidar do meu lar. O que a senhora aconselha-me?

– Meu filho, você agora deve pensar o dobro antes de tomar uma resolução. Você deve procurar uma senhora sensata que tenha noção e pouca vaidade, que seja carinhosa com as meninas, não te iludas com beleza. E quem é ela?

– É uma boa moça.

– Quais são seus predicados? É muito educada, tem curso superior.

– Você não me consultou para se casar com Maria Alice e fez ótimo casamento. O que eu quero é que você seja feliz.

Silvio regressou ao cair da tarde. Quando abriu o portão, contemplou as flores que estavam fenecendo-se. Até as flores estão extinguindo-se, já que ela deixou de existir. Tudo ficou triste sem Maria Alice. Estava custando habituar-se. A casa estava aos cuidados das criadas, suas roupas não mais apresentavam aquele aspecto impecável. Ele não mais era

notado quando saía nas ruas. As vizinhas deram-lhe pêsames comentando as habilidades de Maria Alice.

– Mas que mulher! O senhor tinha uma joia.

Não podiam compreender porque o Dr. Silvio ia casar-se com Olga. A única coisa que ele vai ter é uma mulher bonita. Dona Claudia tirou informações sobre Olga, não ficou satisfeita e não compareceu ao casamento.

No início Olga quis imitar Maria Alice. Mas começou a sentir saudades dos clubes, dos jogos de baralho. Quis bordar qualquer coisa à noite, mas se aborrecia. Tinha pavor dos trabalhos manuais. Silvio não a convidava para sair à noite. Ele penetrava no escritório, quando ia deitar-se, era uma hora da manhã. Olga começou arrepender-se e pensava: na casa da mamãe eu tinha todo conforto, não precisava me casar com um viúvo, tolerar estas crianças o dia todo. Nós podíamos jantar fora. Por que será que ele pôs o retrato de Maria Alice no escritório e adornava-o de flores. Só agora ele percebeu que ela merece flores? Em vez de darmos flores aos mortos, devemos dar-lhes tranquilidades de espírito e considerações quando são vivos. Que erro eu fiz casando-me com o Silvio, ele é muito mais velho do que eu. Vou convidá-lo para irmos ao cinema amanhã. Foi ao escritório:

– Está muito ocupado, Dr. Silvio?

– Não, Dona Olga Breni Porto.

Silvio ergueu os olhos para contemplá-la. Olga sorriu, achando graça nos modos de Silvio pronunciar seu nome.

– O que deseja, Dona Olga?

– É que o dinheiro que você me dá não dá para as despesas.

Silvio fitou-a e disse-lhe:

– Eu dou-te dez mil cruzeiros por mês e você diz que não dá? E eu dava cinco mil para a Maria Alice e ela nunca exigiu mais.

Olga mordeu os lábios.

– Ela era uma burguesa, uma bolônia¹⁰⁸.

Silvio ergueu as sobrancelhas e disse-lhe:

– Ela não era rústica¹⁰⁹, sabia gastar dinheiro em coisas úteis. Ela sabia que eu sou rico e não prevalecia. E não tinha vícios como você. Você, quando tem quinhentos cruzeiros, pensa que é rica. Se você não abolir estes vícios horríveis, você arruína-me. E se eu chegar à pobreza, já percebi que você há de abandonar-me. Você não enfrenta os cilícios¹¹⁰ da existência.

Olga começou a chorar.

– Você tratava a Maria Alice melhor do que eu.

¹⁰⁸ Ingênua, parva, pateta.

¹⁰⁹ Neste caso, a palavra refere-se a uma pessoa simples, sem erudição.

¹¹⁰ Cinto ou cordão usado para penitência. Neste contexto, em sentido figurado, significa sacrifício.

Silvio perdeu aquele ar jovial, portava-se como um homem decepcionado e desiludido. Respondeu-lhe com muita calma:

– Ela possuía belas qualidades e eu a detestava. Não podia tolerar a sua presença. E você, cultivava os vícios que eu detesto e eu tolero-te porque te amo. Eu não posso beijar-te porque tenho fobia do cheiro de cigarros, não podemos dormir no mesmo leito porque eu tenho pavor do cheiro de suor. Você descuida do asseio corporal. São coisas do destino.

– Você não lhe fazia observações mordazes.

Ele já estava irritado.

– Ela era superior e as pessoas superiores não vacilam, não erram. Não precisam ser orientadas.

– Só agora que ela tem valor e que você percebeu que ela tem belas qualidades.

– Ela era uma mulher com qualidades reajustadas¹¹¹ e percebi o seu valor tardiamente. Diz-me: quanto você quer por mês?

– Não quero o teu dinheiro, eu vou arranjar um emprego.

– Olga, a Maria Alice não alterava a voz quando me dizia algo.

– Você insistia com ela para gastar – respondeu Olga com rancor.

– Ela gastava com limites e você gasta ilimitadamente.

– O que você gastava num mês, ela gastava em dois.

– Para você que é usurário, devia ter permanecido ao lado dela.

– Oh, Olga ! A Maria Alice não me ofendia assim. Era tão meiga no falar. Você estudou, mas não se educou. Tem o diploma como escudo.

Olga coçou a cabeça demonstrando impaciência como se estivesse encerrada numa masmorra esfregando as mãos.

– A Maria Alice era filha de dona de pensão, aprendeu a agradar os hóspedes porque precisava deles. Adquiriu o hábito de curvar-se, eu não, sempre fui rica. Você agora coarta-me¹¹² e passou a enaltecê-la. Eu gosto de sair à noite, gosto de ir aos bailes e jantar fora. Não pretendo levar vida de eremita.

– Nem eu quero que vivas sempre encerrada. Mas... faz apenas quatro meses que Maria Alice faleceu, preciso aparentar tristezas. E realmente eu estou muito triste. Com a Maria Alice havia mais ordem aqui em casa. Minhas filhas eram tão bonitas que até eu gostava de contemplá-las. Ela conservava as crianças sempre em ordens. Engraxava os sapatos das

¹¹¹ A autora utiliza em outros momentos do romance o adjetivo “desajustado” para se referir à vida dos personagens, que andava atribulada, confusa, transtornada. Provavelmente, aqui, quer dizer que Maria Alice era sensata, centrada, como repete por diversas vezes através das descrições da personagem proferidas por Silvio ou Dona Claudia.

¹¹² Restringe-me, reduz-me.

crianças e os meus. Eu era o seu ídolo. Ela escolhia as frases de gala para dirigir-me. Devo honrar a sua memória pelos cuidados que me proporcionou. Pretendo usar o luto um ano.

Olga exaltou-se:

– Eu é que não vou ficar em casa um ano, como dama de companhia.

Silvio ouvia resignado os protestos de Olga. Procurava falar-lhe com muita calma, mas era difícil convencê-la a compreender o que era justo. Ele notava as diferenças nos temperamentos de Olga e Maria Alice. Olga era muito bonita, mas não queria preocupações na vida. Gostava de satisfazer seus desejos horríveis. Era nervosa e sem motivos, porque o Silvio era rico. Péssima dona de casa. Quando passava pelas ruas, os homens olhavam-na fascinados pelo seu aspecto fidalgo. As palavras de Olga eram ásperas como cactos. E o Silvio sentia saudades das palavras corteses de Maria Alice.

– Nós precisamos discutir as nossas razões dentro da cortesia, não gosto das ofensas pessoais. Os casais devem tratar-se com educação, um respeitando o outro. Com você que é superior, que é intelectual, vivemos em constante polêmica. O nosso lar é frágil. Com a Maria Alice, que era semialfabetizada, a minha vida era pautada. Eu idealizei a nossa vida conjugal de outro modo. Toca piano para alegrar a nossa casa! Ensina as minhas filhas a tocar piano e bordar. Obedece a Maria Alice que te suplicou, recorda? Quando ela disse-te “se souberes fazer alguma coisa útil, ensina as minhas filhas. Apresenta tuas habilidades para que eu possa admirar-te”. Quando eu cheguei da Argentina, tuas palavras reanimaram-me. Pensei: eis a mulher que sonhei. Mas com a nossa convivência, foi perdendo o esmalte. Você pertence à classe das pessoas que demonstra senso no falar e são medíocres nos atos que praticam. E eu preciso e quero reanimar-me. Devo prolongar a minha existência. Tenho milhas filhas. Você pertence à classe das mulheres que depois que se casam deixam de considerar o esposo, o afeto vai arrefecendo. É preciso que entre nós exista a compreensão. Nós precisamos criar minhas filhas, não quero que elas presenciem estas cenas entre nós. Você deverá tratar-me com mais delicadeza. Não quero perder a força moral no meu lar. Há possibilidade de sermos felizes porque eu te amo. Quero ver se este amor cria raízes e dá flores.

– Está bem. Vou resignar – concordou Olga descontente. – Por que é você diz que eu gasto mais do que a extinta Maria Alice?

– Ela costurava para as crianças. Eu não pagava costureira, ela confeccionava minhas camisas e os agasalhos de lã com todo carinho. Quando ia ser mãe, preparava o enxoval do vindouro. E você compra tudo feito. Não quer ter trabalho com nada. Tudo que era feito por ela, chamava atenção. Minha mãe a admirava muito. Está usando luto e não pretende deixar de usá-lo até o fim de seus dias.

Olga ouvia desinteressada.

– Quando é que você vai levar-me para conhecê-la?

– A mamãe gosta de humilhar as pessoas para experimentar a índole. Ela torturou a Maria Alice e ela não se exaltou.

Olga deu um suspiro.

– Espero que a tua mãe não queira reprise comigo.

Ela olhou o relógio e disse que estava com sono. Abriu a boca. Beijou o seu esposo e foi deitar-se.

Silvio ficou só. Começou a fazer um retrospecto da vida atual, que estava tão desorganizada, porque iludiu-se demasiadamente com Olga, que não era menecma¹¹³ de Maria Alice. Que ilusão fútil ambicionar uma mulher só porque é bonita. Que possui apenas beleza física e não tinha compreensão da vida. Percebeu que com o tempo o afeto que sentia por ela ia arrefecer-se até fenecer. O que seria de suas filhas se fossem criadas com a própria mãe? Uma mulher laboriosa, compreensível, obediente. Ele achava a Maria Alice inculta por não ter estudado. Mas ele podia ter ensinado a ela, porque ela gostava de aprender tudo. Por que é que fui à Argentina? Ela não queria ir. E eu a obriguei. Que viagem fatídica! Tenho a impressão de que fui eu que assassinei a minha esposa. Interrompi a sua existência. Eu pertenço à classe dos homens que anulam os desejos das esposas, agem como senhores absolutos. Eu não fui um esposo, fui um escravocrata. E ela ainda dizia “o meu ilustre esposo”. Deixou várias coisas para eu recordar sempre de sua pessoa. Arrependo-me de desprezá-la por ser filha de dona de pensão. E eu sou um doutor. E um doutor vai armazenando diplomas. Diploma primário, diploma secundário, diploma elementar. E o diploma chave, que é o diploma de doutor. Como se vê, um doutor é um vate. E eu não percebi que Maria Alice era útil, nobre e honesta. Creio que necessito voltar à escola novamente.

Olga preocupava-se unicamente com a sua pessoa. Era insensível igual a uma estátua. Fitou o retrato de Maria Alice longamente, que dilema! Quando vivia com Maria Alice pensava na Olga. Agora que vivia com Olga, pensava na Maria Alice, admirando-a e sentindo falta dos seus beijos quentes, suas mãos acariciando-o, procurava-o no escritório e dizia-lhe: “boa noite, Dr. Silvio Porto, o senhor é muito bonito. É inteligente”. Só agora ele compreendia o valor daquelas palavras que emanavam do coração. Sabia que ele escrevia até tarde, levantava para fazer café, obrigava-o a calçar meias de lã. E agora vivia aos cuidados das criadas. Olga estava sempre de mau humor. Quando ele lhe pedia algo, ela atendia descontente, sempre comentando: “que vida, meu Deus!”. Não aceitava observações, queria ser classificada de superior, mas não comprovava. Reconhecia que a sua vida não modificava, já não era o homem de ação de outros tempos, pensava: eu sou inditoso¹¹⁴. Estava perdendo o interesse pela existência. A casa perdeu aquele encanto. As flores morreram por não ter quem as regasse. Sua casa parecia um retiro de penitentes. Maria Alice tinha os dias designados para limpezas. Não podia culpar ninguém, foi ele que criou aquela situação. Ele devia pensar que era pai e procurar viver com Maria Alice. Silvio tinha impressão de que o seu cérebro estava atrofiado e que se desenvolveu depois que Maria Alice deixou de existir.

As filhas foram crescendo e chegou a idade escolar. Precisou de outra criada para cuidar dos uniformes. Sua mãe¹¹⁵ não mais apareceu em sua casa. Dona Helena, mãe de Olga dava recepções aos amigos e dançavam até tarde. Olga ia ficando por lá, esquecia que tinha um esposo para cuidar. Silvio pensava que as mulheres eram todas iguais. E ele estava analisando o contraste e o confronto. Almoçava sozinho com as crianças. Mesmo tendo criada, a esposa deve fiscalizar se a refeição foi preparada com capricho. Ele detestava jogar, foi obrigado a ceder porque os vícios de Olga eram mais importantes para ela do que seu amor. Existem mulheres do tipo de Olga que agradam o homem antes de casar-se, depois o amor vai regredindo, murchando, igual às pétalas de rosas quando são desprendidas.

¹¹³ Sósia.

¹¹⁴ O mesmo que “desditoso”, infeliz.

¹¹⁵ A mãe de Silvio, Dona Claudia.

As meninas já compreendiam, ele procurava evitar os atritos. Aos sábados ele viajava, passava o domingo com sua mãe. As meninas já sabiam equitar¹¹⁶ e percorriam os prados, iam pescar. O trinar das aves fascinava as meninas que diziam: as aves estão sempre contentes. E dava mais encanto aquele rincão. As meninas não mais imploravam ao seu pai para ele ir procurar a sua mãe. Sabiam que nós, quando morremos, não mais voltamos. Luiza Helena, que era a mais nova, não tinha o pensamento esclarecido e às vezes dizia:

– Será que a vida lá no céu é melhor do que na terra? É tão boa que os mortos não nos procuram.

Quando Maria Alice morreu, ela estava com três anos e não recordava a fisionomia de sua mãe, mas ouvia dizer que era habilidosa, sensata e sabia fazer doces. Ela revoltava por não ter conhecido a mamãe de ouro, porque a Dona Claudia às vezes lhe dizia:

– A tua mãe era de ouro.

Dona Claudia contemplava aquelas meninas com prazer e dizia:

– Eu quero muito bem a vocês, porque são minhas netas autênticas. Eu conheci a mãe de vocês, era a integridade em pessoa. Ela não se casou com meu filho visando a nossa fortuna, ela amava o meu Silvio.

Sábado e domingo eram os dias prediletos de Olga. Silvio ia para a fazenda, Olga ia aos cassinos. Ela era a atração porque era muito bonita. E jogava somas fabulosas. Quando passava nas ruas era notada. Olga, a rainha dos jogos, a deusa dos cassinos. Oh! Se ela amasse o esposo como ama o jogo! Ela é esposa de um doutor. Que coragem... casar-se com uma mulher viciada. E estes rumores e outros mais chegaram aos ouvidos do Dr. Silvio Porto. Dona Claudia condoía-se da vida desajustada de seu filho. Ela pensava: eu chorei tanto, rezei tanto e supliquei tanto pedindo a felicidade para o meu filho e os meus pedidos não chegaram aos ouvidos de Deus. Porque dizem que ele atende a todos, eu tinha a convicção que ia ser atendida. Não perguntava se a Olga era meiga, se ele sentia-se feliz ao lado dela. Dona Claudia não pronunciava o nome de Olga porque achava este nome mais pesado do que mil toneladas de ferro.

Quando completou um ano que Maria Alice faleceu, Silvio já estava com os cabelos brancos. Silvio não estacionou no grisalho, ficou com os cabelos¹¹⁷ de uma vez. Igual a uma fruta que se põe na estufa e não tem outro recurso a não ser amadurecer. E a estufa de sua vida era... a Olga! Escrevia para Dona Julia, não obtinha resposta. Cumprimentava as vizinhas, elas não respondiam. Tinha a impressão de que o desprezavam. E não deixavam suas filhas brincarem com as filhas de Silvio. A morte de Maria Alice lá na Argentina era um enigma que dava margem aos comentários suspeitos. Ninguém o procurava, os amigos ausentaram-se. Tinha a impressão de que estava num exílio. Só não foi desprezado por sua mãe. Silvio estava no pomar colhendo frutas para Olga. Claudinha conversava com sua avó no alpendre.

– A Olga é tão diferente da mamãe. Não obedece ao papai. Eu tenho pena, ele é tão bom! Ela sempre nos diz que não é nossa criada. O papai tolera tudo com paciência. Eu não simpatizo com ela, ela não sabe ficar em casa, sai todas as noites. Eu já sei fazer café! Quando

¹¹⁶ Carolina usa em seu manuscrito “equitar-se”. O verbo não existe no português, mas é perfeitamente compreensível o uso da palavra pela autora como o ato de fazer equitação.

¹¹⁷ Provavelmente a escritora ocultou a palavra “branco” da frase: “Silvio ficou com os cabelos brancos de uma vez”.

procuro o papai no escritório para dar-lhe um café, ele sorri e diz: “a Maria Alice preparava o café para mim. Você está imitando a tua mãe – e acaricia os meus cabelos. – Você herdou algumas qualidades de tua mãe. Você é uma semente preciosa”. Estou aprendendo a arrumar a casa para auxiliar o papai. Todos têm que trabalhar e uns devem obedecer aos outros. Sabe, vovó, a nossa casa era tão diferente no tempo de mamãe. Tinha mais encanto e nós éramos alegres. Parece que a vida fugiu de lá. Vovó, por que é que a gente morre? Eu tenho dito ao papai que a mamãe não devia morrer. Eu não gosto da morte porque ela é muito má.

Dona Claudia pensava na vida desajustada de Silvio. Se o meu esposo fosse vivo, talvez a vida de meu filho seria mais ditosa. Como eu sofro por ver o meu filho desposando jovens obscuras. Maria Alice era obscura, mas tinha personalidade.

Silvio ficava contente vendo as filhas saboreando as refeições reconfortantes e variadas que sua mãe preparava. Quando regressava da fazenda não encontrava a mulher bonita em casa. Perguntava-lhe:

– Onde estiveste?

– Na casa de mamãe. Você visita a tua mãe e eu tenho direito de visitar a minha.

Silvio pegou o telefone e telefonou perguntando a Dona Helena onde estava a Olga. Desligou o fone e disse-lhe:

– Bonito! Tua mãe disse-me que faz dias que você não aparece por lá. Quando eu tive a infelicidade de aparecer naquele cassino e conhecer-te, antes tivesse sucumbido. Várias vezes pensei em romper a nossa amizade porque você não me obedecia. Vocês dedicados ao pano verde, ao álcool, são inúteis. Não podem desligar-se dos vícios. É tão bonito ver uma mulher trabalhando. Maria Alice confeccionava aventais, nuns ela bordava frigideiras e vassouras. Os desenhos dos aventais eram relacionados com os utensílios domésticos. Você recorda quando ela quis ensinar-te a bordar? E você disse-lhe: “eu não tenho paciência”. Eu fui um idiota preferindo-te, onde eu te encontrei? No *Night Club*, sozinha, adorando as garrafas de champanha. E... você é muito bonita. E se estava sozinha, é porque já era conhecida por não ter belas qualidades. Não tinha admiradores. Eu... inciente peguei-te. Você é meu cavalo de Tróia. Que diferença. Eu conheci a Maria Alice na puerícia¹¹⁸. Estava dentro de um lar honrado, trabalhando. A primeira vez que entrei na pensão, ela olhou-me e sorriu. E nunca mais eu a vi sorrir para outro homem. E fui eu quem a conduzi ao *Night Club* e contra a sua vontade. Meu Deus! Desprezei o ouro por causa do chumbo. E agora tenho que suportar este peso na minha vida – passeava de um lado para outro – Maria Alice! Maria Alice, meu amor! – olhou Olga longamente e disse-lhe: todos homens têm as suas aventuras e você é a minha aventura fatal. Oh, meu Deus! Meu Deus! Eu não suporto a ausência de Maria Alice. Ela, preocupada unicamente comigo. Eu fui o seu primeiro namorado, o único homem de sua deleção¹¹⁹. Eu devo orgulhar-me, eu não namorei a Maria Alice, ela é que era a minha namorada. Namorada é a mulher que entra na vida de um homem para ajudá-lo a viver. Que não o torture, que não dissipa os seus haveres. Que lhe proporcione bem-estar. Que faça tudo com prazer. Estas filhas são minhas, elas se parecem com a família de papai. Obrigado, Maria Alice... você sempre me honrou. Eu devia ter sido o teu namorado. Passear com ela, levá-la ao cinema, dar-lhe o anel de noivado, pedi-la em casamento, anunciar o nosso noivado e comprar uma aliança para ela. Ela era tão caprichosa! Com que prazer havia de confeccionar o seu enxoval. E eu fui tão perverso.

¹¹⁸ Período do crescimento da infância para puberdade.

¹¹⁹ Possivelmente a escritora quis dizer “o homem de sua predileção”.

Não lhe dei este prazer, eu devia apresentá-la aos meus parentes. E realizar o casamento na fazenda na época das flores de laranjeiras e o perfume das flores nos envolver. Confeccionar uma grinalda de flores de laranjeira e as abelhas pousando na sua cabeça. Confundindo-a com as flores. O namorado de uma mulher é aquele que lhe proporcionaria conforto e lhe dá o pão de cada dia. E lhe suaviza a existência a amparando moralmente e fisicamente. Maria Alice era digna de usar um vestido de noiva com longa cauda e um véu imenso. E que a nossa união fosse abençoada por Deus.

Olga ergueu a cabeça e fitou o seu esposo com os olhos lacrimosos e exclamou:

– Bonita declaração de amor, Dr. Silvio Porto. É uma lástima a Maria Alice não estar presente para ouvir-te. Nunca um homem falou assim pensando em mim.

Silvio retirou-se deixando sua linda esposa chorar. O seu afeto por Olga estava inclinando-se e desprendia-se um dia no seu exame de consciência. O Dr. Silvio reviu o seu passado até os sete anos. Cresceu convencido de que era superior porque nasceu na opulência. O dinheiro era a sua varinha mágica.

Veralina estava viajando e foi visitá-lo. Silvio recebeu-a com prazer e surpresa. Ela estava mais alta, esbelta igual uma estátua. Ao vê-la, Silvio não pode deixar de admirá-la.

– Então está percorrendo o país?

– Quero conhecer só as cidades principais que já receberam a visita do progresso.

Silvio ouviu-a com atenção, não retirando os olhos do rosto simpático de Veralina. Perguntou-lhe:

– Com que finalidade você visita as cidades principais?

– Para dar conferências na alta sociedade. Convencer as mulheres ricas que devem viajar dentro do nosso país e conhecer o que temos de tradicional. E ensinar o povo a amar o nosso país. Nós tomamos conhecimento do teu casamento após a morte de Maria Alice. Comentava-se que vocês já eram noivos antes de Maria Alice morrer.

Silvio ficou silencioso, não comentou. Era um homem que sabia dissimular tudo com profunda perfeição.

– E a minha sogra, como vai? – aguardou a resposta com profundo interesse.

– Vivendo como uma desiludida.

– Você já ouviu algo se referindo a minha pessoa?

– A Dona Julia quase não fala. O choque foi tão violento que ela ficou afônica. Agora é que está resmungando e começou a falar novamente.

– O Álvaro Leite é que pensa por ela. As insinuações dele são felinas. Ele nunca simpatizou comigo. Eu notava os seus olhares irônicos.

– É porque ele amava a Maria Alice. E ficou ressentido por ser preterido. Os preteridos revoltam-se. Eu também sou uma das preteridas.

– O Álvaro Leite deve instigar a Dona Julia a odiar-me.

– Não notei, mesmo que eu notasse, eu não me interfiro nas polêmicas. E ninguém vive no mundo sem ter um inimigo.

Silvio coçou a cabeça comentando:

– Eu sou um homem vencido, não odeio ninguém.

Olga chegava com seu elegante automóvel, ia repreender o Silvio por ter passado quatro dias na fazenda, mas vendo que ele estava com visita, conteve-se. Sorriu demonstrando alegria.

– Bom dia Dr. Silvio, como foi de viagem? Você é mauzinho! Permaneceu quatro dias ausente. Oh! Se a saudade matasse, hoje você estava viúvo.

Silvio apresentou Veralina, Olga convidou-a para ficar hospedada na sua casa, que tinha prazer em conhecer as amigas de Silvio. Silvio mostrava-lhe as dependências.

– A Maria Alice queria uma casa assim. E eu também apreciei o estilo – era a primeira vez que Olga demonstrava bom humor.

Silvio a observava e pensava: se ela fosse sempre assim, eu seria o homem mais feliz do mundo. Veralina e Olga tocaram piano a quatro mãos. E todos sorriram. A amizade de ambas era recíproca. Olga foi preparar o jantar, Silvio e Veralina ficaram sós.

– Por que é que você continua de luto se já completou três anos que Maria Alice faleceu?

Silvio olhou na direção da porta antes de responder.

– Eu ia ficar de luto apenas seis meses. Depois resolvi ficar um ano, depois que conheci profundamente a minha segunda esposa, resolvi ficar de luto o resto da minha vida em homenagem a Maria Alice. Que mulher! Impressionante. Em vez de Maria Alice devia chamar-se Maria de Ouro. A Olga substituiu a Maria Alice dentro do meu lar, mas não ocupa lugar proeminente no meu pensamento, nem no meu coração. E por falar em amor, por que é que você continua solteira? Pretendentes é que não te faltam!

Veralina fitou-lhe bem nos olhos e disse-lhe:

– Não me casei porque não consegui o homem que amei. E é horrível viver com um homem sem amar. O amor é o combustível da vida. Você foi solteiro e preferiu a Maria Alice. Quando eu soube do teu casamento com a Maria Alice, como sofri. E quando eu soube do segundo, perdi a esperança, pensei. Em parte a vovó é a culpada da minha solidão, não me dava liberdade.

Silvio ficou contente por saber que foi amado por três mulheres.

– Eu queria conhecer a tua esposa por ouvir dizer que é muito bonita. E ela comprova. E dou-te os meus parabéns. Vim porque a curiosidade dominou-me. E para ver-te, porque sentia saudades de você. Lutei para não vir, mas você é um ímã atraindo-me. Aprendi amar-te e não consigo afastar a tua imagem do meu pensamento.

Silvio pensou: outra mulher para recomeçar a sedução.

– Mas você só dá preferência às mulheres bem bonitas e eu estou incluída entre as simpáticas.

– Sabe, Dona Veralina, eu penso que é tolice um homem pensar em amar uma mulher só por ser bonita. O homem necessita ter uma mulher que lhe proporcione tranquilidade de espírito. Se você visse esta casa quando pertencia a Maria Alice, todos que a viam queriam comprá-la. Ela cuidava de minhas roupas. Quando eu saía nas ruas, era notado. Todos paravam para olhar-me. Depois que ela morreu me vi obrigado a aprender pregar botões e passar roupas. Vivo aos cuidados das criadas. E quando elas vêm tratar o serviço, não vêm pensando em nos servir com dedicação, vêm pensando no salário elevado. Não têm capacidade para nos servir e querem ser bem remuneradas.

– Quer dizer que você não a olvidou?

– Não, ninguém esquece as pessoas úteis e sinceras.

Veralina estava horrorizada com as declarações de Silvio.

– Quando entrei aqui, senti inveja de Olga. Mas agora a lastimo. Eu não queria estar no seu lugar. Você transformou-se nestes três anos – disse Veralina observando-lhe.

– Seis meses depois da morte de Maria Alice eu estava assim, transformado em espectro, em fantasma. Os grandes golpes da vida nos deixam assim. Agora eu vivo por viver. Envelheci a alma e o físico.

Veralina alisou os cabelos, comentando:

– Que transtorno na tua vida. Mas você precisa reanimar-se por causa de tuas filhas.

– Elas estavam melhor com a mãe. Quem devia morrer era eu, na minha vida não há mais possibilidade de reorganização.

– Onde estão as tuas filhas?

– Na escola. São inteligentes, tiram boas notas. Mas elas são tristes. A Claudinha vai para a universidade, era o desejo de Maria Alice.

Veralina percebeu que era o desejo de Maria Alice que predominava naquela casa. Silvio não mencionava o nome de Olga. Dava a impressão de que ele tinha pavor de sua presença. Silvio estava neurótico por pensar em excesso.

– Amanhã é sábado, a mamãe espera-me. As meninas já estão habituadas a irmos lá. As refeições são reconfortantes. Elas apreciam tudo que é feito com capricho, gostam de flores. São femininas. Se quero alimentar-me bem, tenho que sair de casa.

Pôs os olhos no chão, pensativo. Exclamou :

– Oh! Que falta faz a minha querida Maria Alice – retirou o lenço do bolso e enxugou umas lágrimas que desprendiam dos seus olhos.

– Por que você não trabalha? Você ficando em casa estará sempre recordando dela. E você no escritório conversa com um, com outro e distrai um pouco. Esta vida apática te enlouquece.

– Mas eu não posso. A Olga não tem temperamento para permanecer em casa. Ela sai todos os dias e deixa as crianças sozinhas. Eu não sei o que é que esta mulher vai fazer na rua todos os dias. No início quis impor a minha autoridade de chefe do meu lar. Mas ela se revolta.

Eu não discuti. Nas discussões levo desvantagem porque ela deriva para o calão. Por isso cedi. Ignoro as suas atividades lá fora. Não sei se ela preza ou enxovalha o meu nome. Como vê... eu sou um homem vencido. Eis tudo.

Olga avisou que o almoço estava na mesa. Era meio-dia, as meninas chegavam da escola. Elas não recordavam de Veralina e nem da vovó da cidade grande. Só a Claudinha é que tinha vaga lembrança. Silvinha era tímida, com aparência de criança criada com severidade. Claudinha sentou-se à mesa e não disse uma palavra a ninguém. Dava a impressão de que todos eram inimigos. Parece que ali ninguém tinha o que dizer um ao outro. Tudo o que se procurava dentro daquela casa encontrava-se, só faltava uma coisa que é ambicionada por todos... a felicidade.

Capítulo IX

Assim que o despertador tilintou, Silvio deixou o leito e acendeu a luz. Dirigiu-se para o quarto das meninas. Fitou-as e dos seus olhos as lágrimas emanaram-se, condoía-se delas por serem órfãs, e órfãs de mãe sofrem muito mais do que as órfãs de pai. Os homens têm a fraca pretensão de pensar que são mais fortes do que as mulheres, mas se a mulher falece, o homem pensa em distribuir os filhos ou interná-los num orfanato. E a mulher luta e cria os filhos procurando alfabetizá-los, mesmo assim há milhares de analfabetos no Brasil. A renda excessiva paga aos dirigentes do país devia ser aplicada na saneação¹²⁰ de escola para este Brasil adentro. E se eu morrer, qual será o destino de minhas filhas? Há de ser ir para um colégio. Pobrezinhas que vão crescer sem ter a possibilidade de receber as carícias de Maria Alice. Não existe melhor advogado que as mães para defenderem os filhos. Minhas filhas não de ter inveja quando virem outras crianças pronunciando o doce nome de mamãe. Ele que pretendia dar tudo a suas filhas não podia dar-lhes a mamãe. A única coisa que elas desejavam.

Recordou-se das palavras de Maria Alice: “eu preciso viver para criar as minhas filhas”. Agora que via suas filhas relegadas, sem o carinho materno, é que dava valor a uma mãe extremosa igual aquela. Reconheceu que iniciou sua vida errando. Ficava triste quando via as meninas segurando as mãos de suas mães, demonstrando alegria. Até ele sentia inveja daquele quadro. A única coisa que Deus deve fazer é conservar a existência da mulher que é mãe para ela mesma criar seus filhos. Suas filhas eram tristes e deixaram de sorrir. Recordou Maria Alice quando bordava os vestidos das filhas, adormecia e despertava pensando em Maria Alice. Tinha a impressão de que ela estava gravada na sua mente. Era com ela que sonhava, perguntando-lhe: “Dr. Silvio, quando é que o senhor vai dizer-me se gosta de mim?”. E ele respondia: “vamos escolher o dia de Natal”. E ela sorria, exibindo seus dentes retos como pauta e níveis iguais à neve. Pisava com cuidado para não despertá-las e ajeitou as cobertas.

Dirigiu-se ao quarto de banho, foi escanhoar-se. Às seis horas foi despertar as filhas. Era sábado. Ele queria chegar à fazenda antes do almoço. Sua mãe recebia as netas com carinho. As meninas percorriam o pomar. E aquele ar de tristeza desaparecia. Silvio observava a transformação de suas filhas. Ele não trabalhava, mas já estava exausto porque tinha medo das responsabilidades da vida. Quando o homem tem a felicidade de casar-se com uma mulher superior, a sua vida será suave. Mas se a mulher é inferior, ele cai num abismo. Ele era um homem que vivia sempre só. Os dias e as noites para ele eram longos e aquela solidão o aborrecia. Não nasceu para viver isolado. Admirava as pessoas cultas com quem manter uma conversação agradável. O mundo é coletivo, ninguém gosta de viver só. Olga só falava no jogo e ele no assunto era um leigaço¹²¹, não sabia nem pegar no baralho. Com sua mãe ele tinha prazer de destravar a língua, ela demonstrava vasto conhecimento literário e despertava o

¹²⁰ Interessante, como em outros casos, que a autora crie este substantivo neste contexto. A palavra talvez fosse “saneamento”, que, mesmo estranha nesta frase, faria sentido, pois sanear é tornar apto, curar, sanar.

¹²¹ Provavelmente a autora quis enfatizar o quanto Silvio era leigo, tinha pouca familiaridade, com jogos de azar.

interesse das pessoas que a ouviam. E quando mencionava algo, tinha conhecimento. As meninas abluíram-se e foram trocar os vestidos e preparar as malas.

Luiza Helena foi fazer o café para o seu pai. A criada chegava às nove horas. Olga deixava o leito às onze horas. Ela chegava em casa às quatro da manhã, passava a noite jogando. Veralina levantou-se e Claudinha insistiu com ela para ir conhecer a fazenda da vovó.

– Podemos andar a cavalo e contemplar aquelas paisagens magníficas. Quero que veja os quadros que a mamãe pintou. Todos dizem que os quadros são majestosos.

– É uma lástima ela não estar presente para ouvir os elogios.

Claudinha deu um longo suspiro e disse com amargura:

– Como é triste não ter mãe.

Veralina, para reanimá-la, disse-lhe:

– Eu também fui criada sem mãe, conheço o teu desgosto. Eu também fui atingida por ele.

– Você conheceu a tua mãe?

– Não. Eu cheguei, ela partiu.

– Como foi? Não compreendi.

– Ela morreu quando eu nasci.

– Agora eu compreendo. Então você não sofreu! Sofre quando conhece e depois perde. A mamãe não exaltava, era a lenidade em pessoa. E deixou boas impressões.

Veralina começou a pensar: qual seria a formação moral de Maria Alice que deixou Silvio obcecado? Ele não sabia falar de outra coisa a não ser de Maria Alice. Não sabia deduzir se aquela veneração era derivada de um grande amor, ou se era um profundo remorso. Para ele só existiu uma mulher e esta mulher foi Maria Alice. Quando olhava outras mulheres era um olhar de indiferença. Para ele as mulheres eram semelhantes às flores, umas aveludadas e perfumosas, outras, rústicas e espinhosas. Quando fitava o retrato de Maria Alice, sua fisionomia transformava-se. Ela era digna de deferência especial. Veralina aceitou o convite de Silvio. De há muito desejava conhecer uma estância e a sorte inesperadamente lhe favoreceu. Quando o automóvel deixava a cidade, ela foi fitando as árvores que adornavam a estrada. Silvio ia ao volante, dirigindo com muita calma.

– Quando penetro no automóvel, recordo-me de Maria Alice. Ela recomendava-me tanto para guiar com cuidado. A Maria Alice era um diamante que a gente ostenta com prazer. A Olga é uma montanha de chumbo que eu não tenho forças para locomovê-la. Ela não mais me acariciou depois do nosso casamento. Às vezes penso que ela arrependeu-se.

Veralina sorriu.

– Oh, Silvio! Isto é exagero. Não creio. Nem todas as mulheres têm a sorte de possuir um homem como você. Com suas belas qualidades, belo físico, um verdadeiro Apolo.

Silvio diminuiu a marcha na curva e disse com uma voz lenta, como se já estivesse super cansado de falar. Deu um longo suspiro:

– Olga não pertence à classe das mulheres que sabem dar valor aos homens de belas qualidades. Maria Alice sim. A Olga é mundana e não dá valor a mim nem a outro. Cheguei à conclusão de que nós não vamos comemorar as bodas de prata.

Veralina estava horrorizada. Silvio, quando falava de Olga, era para criticá-la.

– Você sabe que nós todos somos iguais e diferentes em si. É necessário a tolerância do superior para com o inferior, creio que Olga deve ter prazer de deambular com você.

Silvio acelerou o carro.

– Como você se engana. Nós não saímos juntos. Nem mesmo por formalidades. Eu não adoto a hipocrisia. Eu saio durante o dia, vou comprar sapatos para as meninas. Aliás, faço todas as compras. Se dou dinheiro a Olga, ela reserva-o para o pano verde. Aprendi com Maria Alice a andar só. E a Olga detesta o dia, gosta de andar só de noite. Eu posso dizer que já possuí duas esposas: a diurna e a noturna. A Maria Alice era dirigida pelos astros divinos, e a Olga pelos astros noturnos. O que me deixa horrorizado são os preços da atualidade. Cada loja vende o seu artigo por um preço, as tabelas não vigoram. Quem há de sofrer é o pobre. Onde já se viu um homem gastar dois mil cruzeiros por dia em despesas para refeições? Antigamente com esta quantia preparava-se um banquete.

– E qual é o problema para solucionar este desajuste? Fala-se na reforma agrária, fala-se no congelamento dos preços, na construção de casas populares, no plano de ação, na aliança para o progresso, no auxílio aos países subdesenvolvidos. No auxílio ao pequeno lavrador, na estabilização do homem do campo.

Silvio sorriu.

– Parabéns, Dona Veralina. A senhora decorou tudo isto? Na minha opinião como advogado, creio que os homens têm que ser mais arrojados. Há os que preferem os serviços leves. Os camelôs passam o dia todo na rua implorando a uns e outros para comprarem seus produtos. A tolerância com os camelôs deveria ser apenas com os homens defeituosos. A reforma agrária é uma causa necessária por causa da multiplicação ilimitada da humanidade. O difícil vai ser para o governo estacionar o homem lá no campo. O governo terá que eletrificar as zonas rurais, porque o homem da atualidade quer ter todo conforto. O rádio e a televisão. E fundar escolas para crianças. Temos que renutrir o nosso povo com leite puro, melhorar o nosso pão e vender as frutas e os legumes mais baratos para que o povo possa alimentar-se com menos sacrifícios. O homem da atualidade comercializa tudo. E o pior em tudo isto é o intermediário que retira o suco para ele e a massa para o produtor. O intermediário é o verme do

negócio. O produtor percebe quando está sendo espoliado e vai perdendo o interesse pelo trabalho. É tolice o intermediário pensar que é mais inteligente do que o produtor. Os preços devem ser ao critério do governo. Com o carimbo do estado no preço estabelecido pelo governo, o comerciante já arrecada o lucro. Um comerciante vai angariar lucros paulatinamente. A construção de casas populares é necessária, não podemos mais classificar de povo ajustado enquanto tivermos vários mendigos pelas ruas. Num país como é o Brasil, com vasta extensão de terras, não era para ter mendigo. Eu atribuo a mendicância à deficiência intelectual. Uma pessoa alfabetizada prefere trabalhar a mendigar. Sou contra o extermínio dos mendigos, o homem já nasce predestinado a morrer um dia. Os médicos deviam e devem colaborar na formação do caráter do nosso povo, dizer ao povo que aquele que se alimenta com comida requentada vai adquirindo uma intoxicação lentamente. E o sangue vai escurecendo. E um dia manifesta-se. O alimento tem que ser preparado e ingerido no mesmo dia. E o mendigo vive se alimentando com sobras de comida que ganha dos filantrópicos. É horrível ver um homem dormindo ao relento. Mas a humanidade preocupa-se apenas com os que estão ajustados e não com os desajustados, dá atenção ao Pelé¹²², que já tem o seu ofício, ao Eder Jofre¹²³, que já está com a vida organizada. O tal plano de ação foi uma divulgação para estacionar as realizações de grandes obras projetadas e armazenar as arrecadações dos impostos para gastar nas eleições do senhor José Bonifácio¹²⁴, que ao meu ver são homens que querem ficar acondicionados na história do Brasil. Eles permanecem quatro anos no poder. Quando finda o período mandatário eles estão super ricos e o Brasil está pobre. Os seus bens estão lá na Suíça. Estes capitais que eles depositam no fim do mundo deveriam aplicar nos projetos de melhoria no Norte. Infelizmente o nosso governo federal não inclui o Norte no Brasil. Brasil é o Rio de Janeiro por causa das praias, o carnaval, as boates, o Maracanã, a Gávea, os hipódromos, os cassinos. O povo mais bem alimentado do Brasil é o gaúcho. E é o povo mais bonito do Brasil. Foi de lá que saiu a nossa Miss Universo, Yolanda Pereira¹²⁵. A “Aliança para o Progresso”¹²⁶. Eles falam, mas não explicam ao povo os benefícios que esta tal aliança vai nos proporcionar. É outra força dos políticos para o povo pensar que eles estão fazendo algo pelo universo. São projetos

¹²² O famoso jogador de futebol nascido em Três Corações-MG em 1940, estava no auge quando Carolina escreveu este romance. Jogou na seleção brasileira entre 1957 e 1971, consagrando-se como um dos melhores jogadores de todos os tempos.

¹²³ Éder Jofre (1936) nasceu em São Paulo e foi um famoso pugilista brasileiro reconhecido no mundo inteiro. Ganhou de Benedito Ruy Barbosa o apelido de “galinho de ouro”, referência à categoria pela qual lutava, peso-galo.

¹²⁴ José Bonifácio Lafayette de Andrada (1904-1986), nascido em Barbacena-MG, foi importante político brasileiro. Membro do ramo mineiro do clã Andrada, tetraneto do “Patriarca da Independência”, foi deputado federal por vários mandatos, vice-presidente do partido Arena e presidente da Câmara dos Deputados em 1968, no momento histórico do recesso compulsório do Poder Legislativo entre a decretação do Ato Institucional Número Cinco e a eleição do general Emílio Garrastazu Médici.

¹²⁵ Yolanda Pereira (1910-2001) foi a primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo, em 1930, embora o título não seja reconhecido oficialmente pela *Miss Universe Organization*, por ser conquistado em um concurso realizado no Brasil, no Rio de Janeiro, organizado pelo jornal “A noite”, paralelo, com jurados, na maioria, europeus.

¹²⁶ A Aliança para o Progresso foi um projeto político executado durante o governo de John F. Kennedy nos EUA. O objetivo era integrar os países da América nos aspectos político, social e cultural diante da “ameaça soviética”, vista como um regime comunista. O discurso era humanitário, de ajuda e crescimento aos países americanos, entretanto, tinha também o intuito de proporcionar abertura ao investimento das empresas estadunidenses nos países latino-americanos e propagar os ideais capitalistas nestes países.

abstratos, projetos-figueira, que não dão frutos. No auxílio aos países subdesenvolvidos eu não creio. São homens que estão habituados a fazer promessas. Eles sabem distribuir palavras, mas não sabem distribuir obras concretas, realizações úteis. A única coisa que estes políticos sabem falar é sobre sucessão. Partido do diabo vai apoiar partido do demônio e esta lenga-lenga vai prosseguindo¹²⁷.

Veralina deu uma risada, compreendendo que o Silvio necessitava [...] mulher elementar [...] amá-lo e afastar [...] a recordação de Maria Alice.

– O que você pensa da mulher na [...]?

Silvio pensou [...] as praças [...] flores nas ruas públicas. Nas notas de santos temos aquelas árvores quaresmeiras com suas flores roxas. Deviam plantar mudas nas nossas ruas públicas, nas avenidas. Você já viu a avenida Tiradentes lá em São Paulo? Que rua abandonada. Dá a impressão de que a cidade não tem prefeito. E por falar no prefeito, eu fiquei revoltado quando reduziram a refeição das crianças dos parques infantis. As mães daquelas crianças, a maioria trabalha. É um favor que o Brasil está prestando ao próprio Brasil. Aquelas crianças são os homens de amanhã. Eu ouvi dizer que o leite que devia ser destinado às crianças, eles alimentam os cavalos de corrida¹²⁸.

[...] queria ir. Há mulheres que são mais sensatas do que os homens. E a Maria Alice pertencia à classe das pessoas do Espírito prevenidas. E estas pessoas não sofrem e não deixam os outros sofrerem. Infelizmente estas pessoas não são compreendidas. É sempre assim: as pessoas super inteligentes têm que ficar subordinadas a um asno. Que excentricidade! Estou abismada com o que presenciei – exclamou Veralina – Eu aconselhei a Maria Alice para desiludir-se de você, que a tua mãe não ia aceitar a sua união.

– E você acertou! Ela havia de ser mais feliz se tivesse te obedecido.

– Oh, Silvio! Eu não te compreendo, então você não a amava? – perguntou Veralina horrorizada.

– Não faça caso de minhas respostas incômodas. Sou eu quem me compreendo.

O automóvel entrou no curral e parou em frente ao alpendre. As meninas saltaram e foram correndo abraçar a Dona Claudia. Silvio apresentou Veralina. Dona Claudia cumprimentou-a e convidou-a entrar. As meninas seguravam as mãos de Dona Claudia e beijavam. Claudinha disse-lhe:

¹²⁷ Muito interessante o longo discurso proferido pelo personagem e que, sabemos, condiz com as opiniões da autora. Embora sua ficção, como vemos neste romance, distancie-se predominantemente de sua autobiografia e da escrita dos diários, neste momento, a voz de Carolina, e não de seu personagem, aparece através da crítica social e política.

¹²⁸ Há uma interrupção no caderno 5 do rolo 6 microfilmado, a última página está bastante deteriorada e vamos encontrar a continuação do capítulo IX do romance no caderno 4 do mesmo rolo, que Carolina, na primeira página, numera como 6 (a numeração, portanto, está diferente daquela dada pela Biblioteca Nacional).

– Olha, Veralina, aposto como você vai gostar da vovó. Ela é tão boa! É a nossa tutriz¹²⁹.

Dona Claudia deu uma risada e disse-lhe:

– Agradeço-te o elogio. Passei a gostar exclusivamente do sábado por ser o dia que vocês vêm aqui me visitar. Em consideração a tua mãe que era muito boa, eu resolvi tratar-lhes bem. A senhorita era amiga de Maria Alice? – perguntou Dona Claudia, fitando Veralina, muito bonita, com seu vestido azul, nem curto, nem comprido. Sabia trajar-se com decência.

– Foi a minha única amiga. A vovó não consentia que eu andasse com qualquer uma. A Maria Alice era decente. Quando saía na rua não fitava ninguém, pousava o seu olhar no solo. O único rosto que ela gostava de fitar era o rosto de Silvio. Nós vivíamos em harmonia sem discrepância – Veralina perguntou-lhe: A senhora gostava dela?

– Demasiadamente. Ela não devia morrer! Era uma mulher magnífica, senti imensamente a sua ausência. Que exílio na minha família! Já passaram três anos e eu ainda estou de luto. Não me conformo. Ela era amiga de meu filho. Não o magoava em nada. Ele não era assim. Deixou de agafanhar-se¹³⁰. Mas, vamos entrando.

Veralina ia observando os móveis de alto preço, os tapis¹³¹ de cores vivas e lindos desenhos. Nunca havia presenciado tanto luxo. Dona Claudia conduziu-a ao quarto de hóspedes.

– Mas que casarão! – exclamou Veralina.

Dona Claudia sorriu.

– Eu não sei viver dentro dessas casas modernas, os tais edifícios. O que é grande é bom. Cabe muito e cabe pouco. Esta casa foi construída por minha bisavó e foi transferindo-se. Eu pretendia dá-la a Maria Alice. Agora vou dá-la a Claudinha. Ela é minha primeira neta e minha afilhada. Como vê, há duas razões para eu gostar de Maria Alice. Primeiro, por ser minha nora, segundo, por ser minha comadre. E a Claudinha é a única afilhada. Vamos ver se a Claudinha vai habituar-se com este casarão. Eu convidei a Maria Alice para vir residir aqui, e Deus convidou-a para residir no céu. Esteja ela onde estiver, eu desejo-lhe felicidades. Nós é que estamos mal, sem ela. Ela distanciou-se porque era útil. As pessoas indolentes, medíocres, apáticas e improdutivas, que desviam para o marginalismo e ficam relegadas, estas têm uma existência dilatada.

Veralina foi até a janela contemplar os arvoredos, o jardim com suas flores variadas, o pomar exalando o odor das frutas sazonadas. O céu azul e límpido e o disco solar declinando-se. O gorjeio das aves que não cessavam um só instante. À noite, que silêncio! Os que estavam habituados com o bulício das grandes cidades, pensou: será que estas pessoas que aqui residem não sentem falta de diversões?

¹²⁹ Tutora.

¹³⁰ Empolgar-se.

¹³¹ Provavelmente Carolina quis dizer aqui “tapetes”.

– Isto é um exílio! Pobre Maria Alice ! passou três anos aqui. Que mulher inimitável, que [...]! Nasceu para suportar tudo!

Veralina desfez as malas. Dependurou os vestidos no cabide, trocou o vestido de lã por um de linho branco, calçou os sapatos de salto baixo e se sentou na cama e afundou no colchão. Era de pena. Resolveu deitar-se um pouquinho só para sentir a maciez. Achou delicioso. Claudinha não errou quando disse que na fazenda de sua avó havia algo de surpreendente. Fitou o seu quarto, o espelho era de cristal. Uma estante com vários livros, uma mesa e duas cadeiras. Resolveu sair para ver os quadros que Maria Alice pintou. Ela também conhecia um pouco de pintura. Ia observando as salas amplas e bem ornamentadas. Admirando o bom gosto de Dona Claudia. Que recanto poético! A casa era silenciosa e tépida por causa do vento nos arvoredos. Estava edificada no topo de uma colina. A viração penetrava pela janela entreaberta conduzindo o odor das flores no jardim. Flores de várias espécies. As abelhas eram vistas constantemente pousando ora aqui, ora ali. As mariposas voavam entorno das rosas. Claudinha vinha ao seu encontro.

– Então, está gostando da fazenda?

– É encantadora.

Claudinha sorriu porque gostou da resposta de Veralina. Ela também amava aquela imensidade. Destravou a língua, fazia gestos explicando o valor e a utilidade da terra. E os benefícios que se consegue numa estância. Foram para a sala de visita ver os quadros tão propalados. Veralina ficou estupefata diante do retrato de Silvio.

– Eu creio para não desagradar-vos. Só um pintor com longa prática para pintar assim. Que habilidade!

Depois do almoço foram percorrer os prados e ver as áreas extensas e bem cultivadas.

Claudia conhecia todos os recantos. Veralina achou delicioso o cheiro do araticum¹³², saboreou com prazer os frutos silvestres. O seu aroma atraía e excitava o paladar. Achou bonitas as aves com suas plumagens coloridas. Foi o dia menor para elas. À noite Dona Claudia deliciou os ouvidos fidalgos de Veralina com lindas melodias de autores célebres. Silvio sentia-se à vontade perto de sua mãe, que o tratava tão bem. Com candura. Era extremosíssima. Como é poética a vida ao lado destas criaturas divinas que nunca deixam de nos amar. Quando nos veem na aflição, sofrem também. Quando alguém nos acusa, elas nos defendem. E não há melhor defensor do que a mãe. Anjo metamorfoseado de mulher. Que todos citam como fraca e falastrona, mas que não maldiz o filho.

Ele pensava nas filhas e tinha desgostos por elas não conhecerem os afetos maternos. Reconhecia que o seu segundo casamento foi um infortúnio. Sonhava com as carícias de Maria Alice. Uma companheira compreensível. Ele sentia a solidão que lhe invadia a alma. Tinha sede de amor, de afeto. Sonhava com uma companheira que necessitasse do seu amor, de estar ao

¹³² Denominação comum a várias espécies de plantas anonáceas, da mesma família da fruta-do-conde.

seu lado. Que o procurasse, que o estimulasse a prosperar-se. Olga só o procurava para pedir dinheiro para jogar. E apresentar-se nos prados¹³³ como a senhora Porto. A indiferença de sua esposa era cruciante. Dona Claudia terminou a sinfonia. Veralina a aplaudiu. Silvio deixou de meditar. Veralina sentada na poltrona prestava muita atenção nos dedos de Dona Claudia no teclado do piano. Pensando que podemos educar os nossos dedos em vários mister.

Silvio estava sentado numa cadeira, foi inclinando-se e caiu no assoalho. Veralina deu um grito, Dona Claudia assustou-se e girou na banquetta. Ficou assustada e foi prostrar-se ao lado de Silvio.

– Meu Deus! Meu Deus! Será que o meu filho vai morrer e deixar-me sozinha? Quem será que deu o meu endereço para a fatalidade vir visitar-me?

Silvio estava desfalecido, os lábios pálidos. Os olhos vítreos. Dona Claudia dominou a emoção. Saiu e foi telefonar ao médico. Os criados conduziram o corpo de Silvio para o leito. As meninas choravam e diziam:

– Papai, não morre!

A ideia de que seu único filho viesse a falecer dominou Dona Claudia completamente. Suplicou a Deus que a poupasse aquele golpe. Acendeu as luzes do pomar e do jardim. Quando os colonos viram as luzes acesas perceberam que havia qualquer coisa de anormal na fazenda. E foram saber o que estava acontecendo. Era um corre-corre: uns vinham a cavalo, outros a pé. Veralina e as crianças não deixavam o leito de Silvio. Enquanto as meninas choravam, Veralina esfregava as mãos demonstrando ansiedade e nervosismo. Quando o médico chegou, Dona Claudia respirou aliviada e reanimou-se. Renovou as esperanças em o médico ressuscitar o seu filho.

– Venha depressa, doutor!

Dava passos longos e introduziu o médico no quarto de Silvio, que jazia inerte. Enquanto o médico examinava-o, Dona Claudia fixava o seu olhar no rosto do médico observando-lhe a expressão e isso deixou-a inquieta. Pensava: o que será que tem o meu filho? E se for uma enfermidade grave?. Reuniu suas forças e perguntou:

– O que tem ele, doutor?

– Preocupações e cansaço mental. Ele deve ter inúmeros aborrecimentos.

– Ele perdeu a esposa num desastre na Argentina. E ainda não a olvidou.

O médico cruzou os braços e ficou meditando. Disse-lhe:

¹³³ Hipódromos.

– Quem pensa demasiadamente em algo insolucionável¹³⁴ fica louco ou neste estado deplorável.

Recomendou repouso e distrações. Receitou um calmante e disse-lhe:

– Ele vai dormir três horas e meia. Quando despertar, não façam ruídos. Ele vai delirar. Este homem está muito deprimido. Está igual uma [...] que está secando. É uma pena porque é um homem bonito. Eis aí o resultado de um grande choque emocional. Ele vai dormir vários dias, temos que obrigá-lo a alimentar-se várias vezes ao dia para a enfermidade não se transformar em encefalite letárgica¹³⁵.

Dona Claudia ficou condoída da desventura de Silvio. Fez um exame de consciência para ver se Deus estava castigando o seu filho para remir os pecados dos seus progenitores. E Dona Claudia era como os demais, que não encontram defeitos em si próprios.

Veralina prontificou-se a permanecer ao lado de Silvio e sentou-se numa cadeira, preocupada com as cenas que presenciava, pensando: por que será que o homem que pode ter uma vida encantadora porque sabe discernir os belos momentos e os maus e por infelicidade na sua vida há de existir algo para enegrecer os seus dias. E chegou à conclusão de que o homem só é feliz na infância. Quando o homem cresce, fica ambicioso incontestável. Inconformado com a existência, dizendo-se inditoso.

Dona Claudia telefonou para Olga. Disse-lhe que o Silvio estava doente, para ela levar-lhe uns pijamas. Olga acabava de chegar quando o telefone tilintou. Atendeu e desligou alegre e sorrindo porque desejava conhecer a sua sogra e ver a extensão de terras onde estava localizada a fazenda. Começou a pensar na moléstia de Silvio. E se eu ficar viúva! Ah! Mas isto não acontece. Deus não me faz este favor. Se ele morrer, a avó que se encarregue das netas. O amor de Olga para com o Dr. Silvio foi arrefecendo-se porque ele não a acompanhava nas reuniões sociais. Existe homem que mesmo contra a sua vontade acompanha a esposa. Mas o Silvio dizia que em reunião de mulheres a conversação eram banalidades. Para Olga o Silvio não era o homem ideal. Preparou os pijamas e as roupas para as meninas e colocou-as na mala. Chinelos para o Silvio. Queria impressionar a sua sogra que era uma semi-Maria Alice. Colocou a mala no porta-malas do carro e fechou a casa. Ia saindo quando se recordou. E se for necessário permanecer na fazenda? É melhor levar uns vestidos. Em que ocasião o Silvio foi adoecer! Entrou no automóvel e partiu. Ia pensando na sua vida de solteira. E sentia saudades. Achava a vida de casada insípida, verdadeira escravidão. Quando estava longe de Silvio não sentia saudades. Não compreendia o porquê é que Maria Alice amava o Silvio com fanatismo. Ela tivesse casado com um jovem, aí sim. Podia sair a qualquer hora. Mas com o Silvio era diferente. Ele vivia para suas filhas, preferia sair com elas. Nas ruas, Olga era o ídolo dos olhares. Mas para o Silvio ela era abstrata. Parou de pensar e acelerou o carro. Na estrada encontrou o carro do doutor que foi examinar o Silvio dirigindo o carro com velocidade moderada. Cumprimentaram-se. Quando chegou, ficou apreensiva, sua sogra nunca a convidou

¹³⁴ A autora, possivelmente, queria dizer “insolúvel”.

¹³⁵ Forma atípica de encefalite, cujas causas não são conhecidas. É também chamada de “doença europeia do sono”. Provoca letargia, sonolência incontrolável e tremores.

para fazer-lhe uma visita. Se o Silvio não adoecesse, ela nunca iria conhecer a fazenda. Admirou a quantidade fabulosa de flores. Retirou a mala do carro e o seu olhar circulou ao redor. Só arvoredo, isto aqui é uma miniatura de uma selva. Que lugar irredutível¹³⁶. Tocou a campainha. Veralina foi atender. Estava com os olhos avermelhados, percebia-se que ela havia chorado. Era um tipo sensível que repudiava o sofrimento na humanidade. Estava preocupada. Olga ficou conjecturando, mas não quis interrogá-la. Cada um tem seu problema.

– O Silvio está muito mal?

– Está inconsciente. Entra e vamos vê-lo.

Olga entrou indecisa e preocupada interiormente. Não sabia se estava a caminho do céu ou do inferno. Dona Claudia estava sentada ao lado do filho, pálida e triste como céu sem estrela. Dona Claudia levantou-se para cumprimentá-la. Examinou-a minuciosamente. Ficou encantada com a beleza de Olga. E percebeu que o Silvio amou-a por causa de sua beleza que lhe turvou a mente. Ela suplantava Maria Alice na beleza, mas nas qualidades morais não. Maria Alice não cansava a paciência de Silvio e passava os dias preparando balas e doces para as filhas não enfraquecerem-se. Olga era toda vaidade, vivia para a sociedade, que é a coadjuvante nas incompatibilidades dos casais. Dona Claudia tinha vasta experiência da vida. E mais uma vez foi obrigada a ter pena do seu filho. A primeira vez, quando ele desposou Maria Alice, mas depois de conhecê-la profundamente, deu graças a Deus por ser o mediador naquela união. A segunda vez, quando ele ficou viúvo, porque a perda de Maria Alice ia desmoronar-lhe a vida. E a terceira vez quando ele casou-se com Olga. E agora por conhecê-la pessoalmente. Começou a pensar nos seus projetos que não iam realizar-se. Queria uma nora digna de continuar na fazenda depois de sua morte. Que a fazenda pertencesse sempre aos seus descendentes. Mas a Olga não tem interesse por nada, pensa unicamente nas futilidades.

Olga sentou-se na cama e fitou Silvio, que estava no leito com os lábios entreabertos. As meninas estavam sentadas no divã, tristes e pensativas. Veralina estava sentada numa cadeira fitando o Silvio. Olga pensou: meu Deus! Que confusão nesta família depois que Maria Alice morreu. Parece uma máquina com as peças desmontadas. Ela era o elo. E sou eu a causa deste desastre! Esta família era um edifício. Ninguém falava. A tristeza era a visita fatal naquele ambiente. Silvio começou a mover-se, todos voltaram para ele, que começou a falar.

– Maria Alice, por que você deixou-me? Você era tão boa para mim! Tratava-me tão bem, era minha amiga! Não gostava de sair de casa. Um homem necessita de uma mulher que cuide dele. Eu não tenho quem se preocupe comigo. Vivo só. E um homem não gosta da solidão. Minha existência é insípida. O meu coração está pronto para receber-te. Eu vou comprar o anel de noivado para você. E vamos passar a lua de mel no céu para Deus nos abençoar. Você um dia perguntou-me quando é que eu vou dizer-te que te amava. Compreendi que te amava imensamente quando não mais te vi. Porque nunca mais te olvidei! Se eu pudesse revê-la! A minha vida está desorganizada, como é horrível viver no mundo atualmente. É tão difícil

¹³⁶ A palavra não existe nos dicionários, mas é perfeitamente compreensível, por isso, mantivemos.

nesta época encontrar uma mulher que saiba amar! Você foi a única mulher que me disse coisas bonitas. Minha querida Maria Alice, por que fugiste do teu querido Silvio? Você que me adorava, deixou de me querer. Eu sofro tanto com a tua ausência! Os homens gostam quando uma mulher sente-se feliz ao lado deles. Deus! Enviai boas mulheres ao mundo.

Olga ficou rubra. Sentiu um calor perpassar-lhe as costas. Os olhos de sua sogra estavam fixos no seu rosto. Respirou novamente quando Silvio adormeceu novamente. Dona Claudia deixou o quarto fitando o solo. E abalada com a revelação de Silvio foi preparar um lanche para as meninas. Veralina e Olga ficaram sós. Olga estava nervosa.

– Ele não gosta de mim! Pensa constantemente na Maria Alice. No seu delírio, ele disse que sofre. Minha sogra há de pensar que não sou boa esposa! Silvio deixou-me numa situação crítica – e a Olga começou a chorar, lamentando:

– Como é horrível a vida de casada! Com o esposo a criticar os nossos atos.

Veralina tentou acalmá-la.

– Ele não disse com a intenção de ofendê-la. É consequência da enfermidade. São coisas que a gente olvida.

– Eu não esqueço – chorou Olga. É indireta para mim. Não é nada agradável casar-se para levar uma vida assim. Oh, existência infausta!

Veralina estava descontente com aquela confusão. Perguntou-lhe:

– A Maria Alice foi feliz com o Silvio?

Olga estava exaltada, não refletiu para responder.

– Não. Ela não foi feliz com ele. Ele não gostava dela porque era pobre e não tinha dote, mas ela era inciente para perceber.

Veralina coçou a cabeça como se estivesse decifrando um enigma.

–Oh! Então ele é um ator. E você acha que isto é indireta?

– Creio que sim.

– Mas ele está inconsciente.

Olga estava furiosa.

– Não seja ingênua, Veralina. O Silvio pertence à classe dos homens que passam pela vida sempre inconscientes. Oh, meu Deus! Estas palavras de Silvio vão acompanhar-me até a campa. Enquanto eu viver hei de recordar-me. O Silvio deixou-me numa situação crítica. E a Dona Claudia tem os hábitos arcaicos e dominantes. Mas a porta da atualidade já não se curva para os ricos. Eu sou sensível.

Dona Claudia entrou no quarto. Olga estremeceu-se com a sua presença. Olga fitou-a e recebeu o seu olhar semicerrado.

– Creio que devemos chamar um médico.

Dona Claudia fitou-a nos olhos.

– O meu Silvio não está necessitando de médico. Mas o que lhe falta é uma boa esposa. Coisa difícil nesta época. Houve uma época em que os homens não admitiam que as mulheres aprendessem a ler, que a mulher deveria ser ignorante para que os homens fossem felizes. A senhora é professora e não condiz. Eu estou a par de suas atividades.

Olga nada disse. Enxugou os olhos e fitou Silvio que remexia no leito.

E os dias foram passando. Todos os dias o médico vinha visitá-lo. Silvio adorava falar com a Veralina, que lhe dizia:

– Sabe, Silvio, quando você foi a Santos a Maria Alice chorou. Quando você saía ela ficava preocupada com os acidentes e com receio de ser você o atingido. Quando ia à missa rezava suplicando a Deus para não abandonar-te nos estudos e você não ser reprovado.

Veralina compreendeu que para agradá-lo devia falar unicamente de Maria Alice. Olga permanecia ao lado dele. Ouvindo-o falar de Maria Alice. Sua vista pousava nos arvoredos, recantos e paisagens que ela detestava. Silvio sorria dizendo-lhe:

– O verde te faz recordar o pano verde.

Ela não falava, porque não sabia falar com aquela gente. No início tudo lhe pareceu belo, mas depois foi cansando-se, passar um dia no campo era um suplício para ela. Tinha a impressão de que estava numa sepultura. Silvio não se restabelecia e aquela enfermidade crônica ia cansando-a. Veralina partiu para São Paulo com inveja de Olga por ser a esposa de Silvio e não ser super inteligente para procurar suplantar a Maria Alice. E a Olga ficou invejando Veralina por ser livre como a brisa. Ela era uma mulher de temperamento autoritário, que não se submetia às vontades de ninguém.

Olga e sua sogra quase não se falavam por nada terem que dizer uma a outra. E quando Dona Claudia dizia algo, era para enaltecer a Maria Alice e suas belas qualidades, que Olga reconhecia não possuir. Silvio entristecia cada vez mais. Falava quando estava dormindo, não mencionava o nome de Olga. Ela estava ressentida.

Capítulo X

Veralina chegou em São Paulo. Foi com prazer que fitou a linda metrópole, com seus arranha-céus majestosos com a fusão das raças mescladas e a desigualdade social. A classe rica vivendo ricamente, exibindo lindos automóveis e joias caríssimas. A classe média na sua luta com o salário designado pelos delegados eleitos pelo povo. Mas um salário mísero e mesquinho. O que adianta o homem da atualidade pensar no trabalho ou se trabalha. O salário não dá para suprir os gastos, tendo que recorrer a comprar a prestações. Hoje não se compra o que nos agrada, mas o que nos convém comprar nas nossas possibilidades. E as ruas de São Paulo são um teatro: homens e mulheres e crianças pedindo esmolas. Eles são uns infaustos¹³⁷ desnutridos que não têm forças para raciocinar. Mulheres que não podem permanecer em casa para cuidar dos filhos e enviá-los à escola. O homem sai, vai trabalhar e a mulher vai com os filhos prostrar-se nas calçadas pedindo esmola. Estes são os dramas de certos países da América Latina. Mas com todas as falhas de São Paulo, Veralina amava São Paulo de clima enigmático. Ficou indecisa nas ruas sem saber se deveria dar esmolas àquela quantidade de infelizes que falavam o seu idioma e nasceram no seu torrão, portanto, eram irmãos. Era um problema social que todos reconhecemos, não solucionam. E são estes homens que vão crescendo sem cultura, sem o aconchego de um lar, sem aprender um ofício que lhes possibilita viver como cidadãos decentes. É quem serão os dirigentes do Brasil de amanhã. Devemos temer pelos brasileiros de amanhã. Que os homens não sejam homens fortes no físico e com espírito tuberculosos, raquíticos e atrofiados. O homem deve avançar cada vez mais. Estes homens que trabalham no campo estão revoltados com a sua condição de isolamento. Mas se deixarem a vida no campo para viver na cidade serão futuros hóspedes do albergue noturno. Adquirirão os vícios repugnantes da cidade grande, que são roubar, fumar tóxicos e outras confusões da metrópole. Quem pensa na desigualdade social são as mulheres que lutam com o custo de vida.¹³⁸

Veralina condoía-se da classe pobre do Brasil que vive miseravelmente. Tomou um taxi e dirigiu-se para o seu apartamento. Agora sim estava vivendo ao seu gosto. Só lhe faltava o Silvio. Resolveu sufocar aquele amor. Não queria estar no lugar de Olga porque o Silvio não esquecia a Maria Alice, que continuaria sendo a dona de Silvio. Veralina era uma jovem de aspiração moderna. Agora que era livre, dona de sua vida, vivia ao seu gosto. Herdou uma fortuna considerável e gastava com limites. Não prevalecia. Sua avó recomendou-lhe prudência e afastar-se dos bajuladores que aguardavam o momento propício para lhes solicitar um empréstimo com a intenção de não lhes pagar jamais. Depois que ela ficou só é que reconheceu validades nos conselhos de sua avó. Desfez as malas, tomou banho, telefonou, Dona Julia estava em casa, resolveu ir visitá-la para contar as novidades. Quando chegou aos Campos

¹³⁷ Infelizes.

¹³⁸ Novamente a marca dos diários de Carolina aparece em sua ficção: a crítica social. Desta vez a voz narrativa é utilizada para expressar os pensamentos da autora, que sempre se colocou como preocupada com a desigualdade social. A última frase do parágrafo revela a voz coletiva na qual a autora se inscreve: a das mulheres que lutam com o custo de vida.

Elísios¹³⁹ Dona Julia recebeu-a com demasiada alegria. Estava mais anosa, seus cabelos estavam prateados. As rugas já lhe invadiram o rosto. Aquelas sorrisos espontâneos ausentaram-se para dar lugar a uma melancolia permanente.

– Telefonei-te várias vezes, não te encontrei. Viajaste?

– Fui ao interior visitar o Silvio.

– Ah!... e como está ele?

Veralina procurou uma cadeira e se sentou.

– O Silvio está atrofiando-se, não se sente bem ao lado da segunda esposa, pensa unicamente em Maria Alice e ainda está de luto.

– Oh! – exclamou Dona Julia.

– Isto é uma ofensa para Olga. Disse que, enquanto viver, há de usar a cor negra, que é a cor que condiz com a sua existência. Que a morte de Maria Alice lhe arruinou a vida. Não há incentivo para o trabalho. A Olga tem inveja e ciúmes da extinta Maria Alice. A fazenda é suntuosa. É um verdadeiro palácio no deserto. A Maria Alice pintou uns quadros estupendos. E Dona Claudia guardou-os como relíquia.

– Oh! É espantoso. A minha filha sabia pintar? – Dona Julia ficou admirada com o que acabava de ouvir.

Veralina sorriu achando graça de uma mãe não conhecer as qualidades de uma filha.

– Era ótima pintora, poderia ter ficado rica e famosa, mas a sua obstinação era o Silvio.

– Minha filha pintava! Também, aqui a coitada não dispunha de tempo para dedicar-se a isto ou aquilo. Trabalhávamos muito. E minhas netas?

– Vivendo como vivem os órfãos de mãe. A Olga é passável¹⁴⁰. Não é adequada para ser dona de casa, não se preocupa com o lar. Ela pertence a estes tipos de mulher masculinizadas, aprecia tudo que está fora do lar. Gosta de esporte e guia carro. Não gosta de cozinhar.

Dona Julia ouvia em silêncio como se já estivesse cansando da vida.

– Eu resolvi dar pensão outra vez. A casa é sem encanto quando estamos sós. Eu ainda posso trabalhar.

– Tem novos pensionistas?

¹³⁹ Primeiro bairro nobre da cidade de São Paulo.

¹⁴⁰ Sofrível, tolerável.

– Não, são os mesmos. Disseram que não sabem viver sem mim. Que se habituaram comigo. E sentiram saudades.

José Augusto e Álvaro Leite chegaram. Veralina levantou-se para recebê-los. Cumprimentou-os alegremente.

– Até que enfim torno a revê-los. Vocês são os inimigos do matrimônio.

Álvaro Leite sorriu. Veralina notou o anel de grau que ele trazia no dedo, perguntou-lhe:

– Álvaro, você abandonou os estudos e agora está com um anel de grau.

– Resolvi terminar o curso. E você, o que faz?

– Como não tenho preocupações, viajo. Vou ao interior, quando me aborreço, volto para São Paulo. Cheguei ontem, fui visitar o Silvío.

– Hum! Eu não aprecio aquele homem. Ele não amava a Maria Alice. Era fácil perceber, ela não representava nada para ele. Ela era tudo para mim. O que acho estranho é ela morrer oito dias depois que partiram. Quando revi Silvío após o seu regresso compreendi que ele foi realizar o que premeditava há muito tempo.

Dona Julia era sensata, resolveu adotar o papel de Pilatos, apenas ouvia o Álvaro Leite falar. Veralina ficou pensando: que choque para o Silvío já tão atribulado. Considerava o Silvío um inocente. Ele amou a Maria Alice imensamente. Veralina não acreditou nas insinuações de Olga. Resolveu não interferir. A sua avó lhe dizia para não se preocupar com as polêmicas alheias. Pensou em avisar o Silvío. Mas sabia que ele não estava em condições de receber semelhante golpe. Decidiu ficar como espectadora. Aquela conversa incômoda afetou-lhe a sensibilidade. Despediu-se, foi para a sua casa e deitou-se um pouco. A cama parecia estufa. Sentia muito calor, interno e externo. Percebeu que Álvaro Leite não ia desanimar pretendendo conduzir o Dr. Silvío ao banco dos réus. Notou promessas nos seus olhos. Pensou nas meninas com as avós, marchando para a decrepitude. E um pai desorientado e desalojado na vida. Ela não tinha família, era sozinha e Deus, por isso resolveu não procurar complicações. Pegou um livro e começou a ler.

Dona Julia ficou pensando nas insinuações de Álvaro Leite, chegou à conclusão de que ela não podia conduzir Silvío ao tribunal para não prejudicar o futuro de suas netas. Álvaro Leite a instigava.

– Ele zombou da senhora! Como é pungente ser viúva. Se me interesse pela senhora é porque lhe devo obrigações e por isso devo defendê-la. Não sei por que há de o homem matar o homem. Se a raça humana fosse difícil para nascer, então o homem havia de dar mais valor ao homem. Mas dá a impressão de que o mundo está superlotado de raça humana. E o homem não sente remorso. Às vezes matam-se vultos úteis e preciosos. E a Maria Alice era digna de viver vários anos. Aprendi amá-la. Era uma mulher de classe. Sabia prezar-se. Quantas vezes atrasei no pagamento, a senhora nunca reclamou, esperava eu poder saldar. Na companhia da senhora eu vivia sem tortura mental. Não devemos desprezar quem nos favorece.

Dona Julia resolveu ir visitar suas netas. Ver qual era o apoio moral de Olga para com suas netas. Se era com afeto ou como enteadas. Ela já estava resignada.

Capítulo XI

Silvio ia restabelecendo. Suas faces estavam descoradas. Ele passava horas e horas relatando a sua mãe o seu passado com Maria Alice. Dona Claudia ouvia com profunda atenção. Como se estivesse ouvindo uma novela. Silvio não saía do quarto para não fatigar-se. Ele sentava na cama, reclinando-se no travesseiro. Dizia:

– Sabe mamãe, quando eu era estudante ela preocupava-se unicamente com o meu bem estar. Para os outros, às vezes, faltava manteiga, pra mim, não. Quando eu adoeci com febre tifoide, todos se ausentaram. Ela não consentiu que eu fosse para o isolamento. Tratou-me com profunda dedicação. Que enfermeira sublime! Quando me contemplava, chorava, pedindo a Deus para eu não morrer. Não temia o contágio. Ela mesma preparava minhas refeições. Não atrasava o horário dos remédios. Não sei onde ela encontrou resistência para permanecer noites após noites velando-me. Ela estimulava-me aos estudos, dizendo-me: “Silvio, você não deve decepcionar tua mãe”. Reconheço que era feliz com ela, por isso é que venero a sua memória.

Quando Olga chegava, Silvio e Dona Claudia silenciavam, como se a sua presença fosse indesejável. Será que falam de mim? Olga sentia pavor da presença de Dona Claudia. A sua presunção de superioridade de mulher pautada. Dona Claudia respeitava o silêncio de Silvio. Saía deixando-o ao lado de sua esposa.

Silvio reclusa-se debaixo dos cobertores como se estivesse sozinho e Deus. E começava a pensar. Em grande parte a minha mãe é a culpada da ruína de minha vida. Desclassificou tanto a Maria Alice que me fez perder a simpatia por ela. Então eu queria que ela desaparecesse, que fosse atropelada. Quando eu via um desastre, desejava que ela fosse a vítima. E quando fui à Argentina, vi o meu desejo concretizado. Não sei o local de sua sepultura para eu regá-la com as minhas lágrimas e plantar umas flores. E eu estupidamente dei crédito às insinuações de minha mãe. Eu era um insensato! Agora que sou maduro e compreendo o valor do amor. É que eu desejava viver ao lado de Maria Alice, abraçá-la e beijá-la. Desejos que ele sabia jamais poder realizá-los.

Olga andava dentro daquela casa como se estivesse invadindo um recanto sagrado. Aproximou-se de Silvio acariciando-lhe os cabelos.

– Querido Silvio, você está melhor?

Ele não lhe respondeu. Ela saiu de mau humor e foi para o terraço. Não viu a Dona Claudia que estava sentada entre dois vasos de flores. Começou a chorar. Assustou-se quando ouviu a voz estentórea de Dona Claudia.

– Não necessito perguntar-lhe qual é a razão de tuas lágrimas. Não são para o meu filho. A senhora está com saudades dos cassinos, dos aperitivos que a senhora bebe até ficar inconsciente. Saudades das músicas, dos ruídos dos copos, saudades dos cigarros. Eu sei que a senhora fuma diariamente. E que detesta ficar em casa. Se existe alguém que te odeia, este

alguém sou eu. Ainda bem que a senhora é estéril, porque se tivesse um filho, ele seria apenas neto de tua mãe, que não soube dar-te boa formação moral. Por que interferiste na vida de Silvio para deturpá-la? A senhora uniu-se ao meu filho sem uma afinidade concreta. A mulher quando se une a um homem é amando-o ilimitadamente. Mas a senhora ama é o baralho. Eu sei que a senhora joga. E joga muito mal. Joga para perder. Quem sabe se não joga a honra de meu filho. Se a senhora não abolir os teus vícios, vai arruinar a herança de Silvio. A riqueza de Silvio foi conseguida com pequenas unidades. E eu aprendi a gastar só em coisas úteis porque uma mulher deve ser sensata, incentivar o homem. Mas a senhora é arrogante e não gosta de obedecer. É horrível para um homem que se casa e depois ter que educar a sua esposa. E a senhora é mulher medíocre para ser esposa. Nós, as mulheres, também necessitamos de boas mulheres para casarem-se com nossos filhos. Mas a senhora pertence às mulheres medíocres da época que não sabem considerar um esposo. Atualmente a mulher tem possibilidade de conseguir bons empregos. E não presa o esposo que é relegado ao segundo lugar. Esquecendo elas que mil vezes suportar um esposo do que um patrão. O meu filho está abalado aqui, mas aqui estou eu para impedir tuas dissipações. Para mim, a minha nora continua sendo a Maria Alice. A senhora teve possibilidade de conhecê-la, procura imitá-la. Maria Alice podia ser uma professora de virtude.

Dona Claudia levantou-se e saiu andando altiva como se fosse a dona do universo. Olga ficou petrificada, agitada como se estivesse sendo julgada num tribunal, pensando na sua hedionda condição dentro daquela casa. Silvio não lhe amava. Nem o seu apoio de esposo ela não tinha. Olga estava começando a compreender que os ricos também sofrem. Notou que o Silvio a evitava. Será que os mortos vingam? Será o espírito de Maria Alice que nos perturba? Ela morreu odiando-me. Chegou à conclusão que eram as qualidades excepcionais de Maria Alice que a transformou numa deusa. Deu um longo suspiro. Eles não simpatizam comigo. É por isso que me acham inferior. Como é horrível ter uma sogra que investiga os nossos atos. Que nos segue como sombras. Eu sempre desejei possuir tudo o que eu gosto. E o Silvio é tão bonito! Fiquei alucinada quando o conheci. Queria que este homem maravilhoso me pertencesse. Creio que o Silvio também me desejou porque sou bonita. Mas o amor já está arrefecendo-se. Esta união é igual um edifício que desaba. Somos duas vidas arruinadas. Sou rica, não devia ter me casado. O dinheiro seria o meu arrimo e me daria apoio moral. O dinheiro é uma asa. Eu não preciso levar esta vida humilhante. Minha sogra diz tudo que pensa. E eu não posso defender-me. Oh! Que saudades daqueles tempos que eu era a dona dos meus atos. Livre igual às nuvens no espaço. Não tenho temperamento para esta vida. Vou propor desquite ao Silvio. Um homem dá muito trabalho, temos que passar a nossa vida cuidando do seu bem estar. Deu um suspiro profundo como se estivesse num abismo insolucionável. A criada foi avisá-la que o almoço estava na mesa. Olga entrou na sala de jantar, Silvio estava sentado na mesa, almoçando. Ela andava com passos indecisos dentro daquela casa, como se a casa fosse sinistra. Vendo o Silvio sentado, ela rejubilou-se e pensou: graças a Deus ele está melhor. Olharam-se. Ela sorriu. Ele desviou o olhar demonstrando descontentamento. Na casa de sua mãe ele readquiria energia, tudo lá era bem feito, não havia desordem para aniquilá-lo. Na sua casa era ele que dirigia as criadas, precisava observar o horário escolar, pensar na vida desajustada de Olga que lhe dava mais trabalho e mais preocupações do que suas filhas

adolescentes. Na mesa, quem falava eram as meninas, elogiando a comida da casa da vovó, convidando o Silvio para residir na fazenda. Olga mordeu os lábios. Sentia pavor daquele ambiente que lhe horrorizava, tinha a impressão de que estava entre pessoas estranhas. Silvio comia com apetite. Dona Claudia lhe observava, perguntou-lhe:

– Você está melhor?

– Graças a Deus, mamãe! Com os teus cuidados estou melhorando, meus agradecimentos. O que sofro é abatimento moral, penso em excesso. Não é nada agradável a minha condição de viúvo. Fui obrigado a aprender a fazer tudo. Até passar roupas.

– Pobre de meu filho. Por que você não contrata uma governanta? Você não pode continuar assim!

– Oh, mamãe! Eu não suporto tantas mulheres dentro de casa. Elas falam demasiadamente, para cuidar de uma casa é a própria dona.

– O médico disse que você não pode ter preocupações. Meu filho, eu também penso muito em você. E vivo preocupada com o futuro das meninas. Veja como estou definhando.

– Vê como a Maria Alice nos faz falta? Quando eu adoeci, ela ficou apreensiva. Ela não tinha criada e não atrasava em nada. Cuidava dos seus deveres com tanto carinho. A sua sapiência impressionou-me. A Claudinha há de ser igual.

Olga deu graças a Deus quando terminou a refeição. Foi ao pomar deambular indecisa. E aspirar o odor das flores de laranjeiras, ouvir os zumbidos das abelhas. Reclinou-se no tronco das laranjeiras e ficou pensando. No mundo que é um grande hotel difícil encontrar uma acomodação que nos agrada. Se a mulher casa, não é feliz, se decide viver sozinha, não é feliz. Sobressaltou-se quando ouviu esta exclamação:

– Que mulher bonita! Ah! É a segunda esposa do Dr. Silvio. Eu ouvi dizer que o doutor não gosta dela. Que amava a outra. Que esta bebe e joga cartas. Pobre doutor!

Eram os colonos. Então a sua vida desregrada já estava nos ouvidos dos serviçais. O que lhe feriu foi ouvir: “o Dr. Silvio não gosta dela!”. Ficou triste compreendendo que não preencheu a vaga de Maria Alice. Quer dizer que a primeira mulher na vida de um homem é a eterna predominante. Como fui insensata incluindo-me nesta família. Por mais que me esforço, não consigo compreendê-los. A Maria Alice era uma mulher atilada¹⁴¹, adaptava-se com qualquer condição de vida. Mesmo que fosse insultada, não revoltava. Era afônica. Não pensava nas distrações. O que eu sei é que os nossos temperamentos não se ajustam. Qual será o meu fim com esta família? Ela estava desalojada naquele núcleo. Começou a perder o interesse pela vida. Eu não conhecia a tristeza, eu não conhecia a hipocrisia. Como eram causticantes as ironias e as indiretas de Dona Claudia. Silvio era um homem que acatava as insinuações de sua mãe. Ela era a causadora de suas derrotas com as esposas, fazia ele perder o interesse pelas

¹⁴¹ Cumpridora de suas obrigações, correta.

esposas. Não sou mulher que tolera a tutela da sogra. É impossível uma vida assim! Estes descontentamentos recíprocos. Quem sabe se já foi substituída no coração de Silvio! Quem será minha sucessora? Será que vou ter o mesmo fim que teve a Maria Alice? Se ele convidar-me para viajar, eu recusarei. Eu sempre recusei as reprises. Até ela estava aprendendo a pensar com intensidade. Os que pensam demasiadamente nas coisas trágicas, começam a achar a vida insípida. Sobressaltou-se quando ouviu vozes. Eram Silvio e sua mãe. Ele andava apoiado no seu ombro. Silvio sentou-se debaixo de um abacateiro. Dona Claudia falava e ele ouvia. Olga, que observava, irritava-se. Era a primeira vez que era tratada com indiferença. As meninas desceram as escadas correndo e foram abraçar Silvio, que as recebeu sem sorrir. Apenas alisava os cabelos de Claudinha. Silvinha saiu correndo e parou subitamente quando viu Olga. Aproximou-se perguntando-lhe se estava triste. Ela não lhe respondeu. Estava tão desorientada. Queria apenas solidão. Convidou-lhe com carinho:

– Vamos, Olga, sentarmos ao lado de papai. Você parece que nos evita. Por que você chora? Você é feliz! Quem deve chorar somos nós que somos infelizes porque não temos mãe. Eu pensava que eram só as crianças que choravam. Eu pensava que a vida dos adultos era melhor que a vida das crianças. Você não gosta do campo? Sabe, Olga, é horrível você lá dentro de casa porque nós não podemos te chamar de mamãe.

Olga deixou Silvinha e galgava os degraus. Silvio fitava-a indiferente como se ela não existisse. Estava desiludido. Ele pensava que todas as mulheres eram iguais. Pensava que a mulher era uma massa fácil de moldar-se. E agora ele compreendia a diferença dos caracteres. A criada foi servir-lhe o lanche na mesinha de rodas. Ele e sua mãe tomaram café e comeram broinhas de fubá. Dona Claudia fazia tudo que o Silvio apreciava. Era ele o seu hóspede predileto. Amava aquele filho que era o retrato do seu esposo. E porque sabia que ele vivia isolado. Sem atenção de Olga. Desejava perguntar-lhe como foi que eles conheceram-se, mas desistiu. Quando os filhos atingem a maturidade, as mães articulam o que lhes dizem. Não sabem como interrogá-los. Terminaram o lanche. Silvio fatigou-se e pediu-lhe:

– Eu quero ir para o meu quarto. Estou indisposto. Este perfume que exala das flores dá-me náuseas. Sabe, mamãe, eu devo agradecer a Deus por ter adoecido aqui, porque a senhora olha-me. Eu e as meninas gostamos daqui.

– Vamos para o teu quarto, já que aqui você se aborrece.

Galgaram as escadas devagar, sem agitar-se. Silvio recusou o apoio de sua mãe, disse-lhe:

– Já estou melhor! A senhora é boa enfermeira.

– Aprendi ser boa com a tua esposa! Era uma mulher humana e educada. Era um tipo que deve ser um modelo para várias senhoras. Os nossos colonos já estavam admirando-a. Ela dizia para eles plantarem hortaliças nos quintais e criarem galinhas, que o homem não pode ser acomodado. Se residir num barracão, lutar para conseguir uma alvenaria e aprender um ofício. As mulheres devem incentivar os homens a trabalhar. O que noto nas tuas esposas. Maria Alice

não era professora e parecia ser e a Olga é professora e é marginal. Foi criada na riqueza, cresceu ociosa e petulante. O homem que se casar com estes tipos de mulher, o fim e o divórcio, com esta mulher não se aprende nada. Na minha fraquíssima impressão, penso que com o decorrer dos tempos, os filhos dos ricos é quem vão ser os transviados. Infelizmente o mundo é assim. Os que têm dinheiro querem predominar-se. Aprendem ler superficialmente. Os ricos é que deviam ou devem estudar para educar as massas e não utilizar o dinheiro para a orgia. Tua segunda esposa dentro de uma casa é uma madame zero, é uma mulher que pretere o que se relaciona com o seu sexo. É altiva e fidalga, igual aos nobres do século dezesseis. Não aceita observação, inimiza-se com os que lhe aconselham. Eis aí o seu grande erro. Devemos aceitar as boas orientações. Ela é uma mulher que não sabe viver com pouco dinheiro, mas não utiliza o dinheiro em coisas úteis.

Silvio coçou a cabeça como se estivesse combatendo numa grande batalha. Sua luta com as mulheres.

– Eu também já observei isso. Repreendo-a várias vezes por gastar demais em coisas indispensáveis.

Pararam no topo da escada. Silvio reclinou-se nas grades de ferro e ficou contemplando os arvoredos que eram visitados constantemente pelos pássaros.

– O teu pai gostava de reclinar-se aqui e contemplar-te brincando com os soldadinhos de chumbo. Ele não confiava na ama e dizia: “o meu Silvio!” pronunciando o teu nome com prazer. Ele dizia que você deveria ser médico, engenheiro, por fim disse que ia deixar você decidir. Mas, que você deveria ser doutor. Agradeço-te por ter realizado o desejo de teu pai. Ele suplicou-me para não vender a fazenda. E eu o obedeci. Depois que ele morreu, tudo que me ordenou executei.

Silvio pensava: como é bonito uma mulher que obedece a um homem. Claudinha e Silvinha galgaram as escadas dizendo:

– Vamos ver quem atinge o topo em primeiro lugar?

Claudinha chegou primeiro e abraçou as pernas de Silvio, que sorriu.

– Eu cheguei primeiro! – exclamou contente.

– É... você é mais velha! – e começou a chorar.

– Oh! Por que chora?

– Hoje é o dia das choronas, a Olga também está chorando – comentou Silvinha – A mamãe também chorou.

– Ah! É mesmo! Foi o dia que nós íamos da fazenda para a cidade.

– E eu disse a Olga que a mamãe nunca chorou. É que eu esqueci.

Dona Claudia ouvia o diálogo das meninas.

– A professora nos diz que os que choram são os tristes. O que quer dizer triste, vovó?

Dona Claudia retirou-se silenciosa porque percebeu que não podia dar uma resposta definida a sua neta. Não se impressionou com as lágrimas de Olga. O que a preocupou foram as lágrimas de Maria Alice. Por que será que ela chorou? Silvio é que podia responder-lhe, mas não ousava interrogá-lo. Estranhou o Silvio não se preocupar com as aflições de Olga. Ele às vezes afastava-se de Maria Alice e agora se afastava de Olga.

Silvinha foi procurar sua avó, percorreu várias salas e quartos e encontrou-a na sala de jantar dando corda ao relógio.

– Sabe vovó, a Olga quando nos fala, nos deixa triste.

– Existem pessoas assim mesmo, minha filha, que quando falam, ferem a nossa sensibilidade.

– A mamãe quando falava nos agradava, não é vovó?

– A tua mãe era superior.

– A mamãe não puxava as nossas orelhas. Quando nos tocava era para nos acariciar.

Silvio estava sentado na cadeira de balanço com os olhos fechados. Qual seria o temperamento daquele homem? Silvio era um enigma, dava o que pensar.

Capítulo XII

Silvio entrou na sala de jantar e disse a sua mãe que pretendia partir no outro dia. Que já estava restabelecido. Olga recebeu a notícia com prazer. Sorriu e abraçou Silvio. Dona Claudia, que a observava, deu um muxoxo irônico.

– A senhora está contente porque vai encontrar-se com teu amigo predileto, o pano verde, a quem a senhora rende culto. A senhora não examinou tuas qualidades para assumir suas responsabilidades ao lado do meu filho. Quando não tem criada, o Silvio é que vai para a cozinha. A senhora não tem habilidades para ensinar trabalhos manuais às meninas. A senhora só sabe dissipar o dinheiro do meu filho. O dinheiro na tua mão é como confete.

Olga reclinou a cabeça no ombro de Silvio e começou a tremer com medo de Dona Claudia. Ela não estava habituada a ser repreendida.

– Tuas amigas de jogos relatam-me quando a senhora perde ou ganha. Eu classifico as mãos úteis as que lavam roupas, que pregam botões, que manejam uma agulha de crochê. As que pegam um giz para ensinar uma criança a ler. As mãos de um médico, as mãos de um operário. As mãos de um agricultor. As mãos laboriosas. Tuas mãos são repugnantes, só sabem jogar baralho. Dissipar tudo que os Porto acumularam com tanto sacrifício. Na família dos Porto nunca entrou uma mulher igual à senhora. Procure modificar teus hábitos para ser digna de responsabilidade na formação moral de minhas netas. Uma mulher casada tem que ser decente.

Retirou-se pisando duro no assoalho. Olga e Silvio ficaram sozinhos. Olharam-se como dois estranhos percebendo que o afeto que lhes unia extinguiu-se. Ela não necessitava dele, ele não necessitava dela. Ela não ousava abandoná-lo para não dar motivos para sua sogra criticá-la.

- Sabe Silvio, hoje estou tão triste e chorei. Dizem que a tristeza é prenúncio das coisas funestas. Eu vou preparar as malas já que amanhã vamos partir.

Olga dirigiu-se ao seu quarto. Silvio sentou-se numa poltrona e ficou cismando. Dona Claudia foi para o seu quarto deitar-se um pouco e ficou revendo o passado de Silvio. Em parte ela era culpada daquela situação. Não devia permitir que o Silvio fosse residir na cidade. Ele devia permanecer sempre ao seu lado, seguindo seus conselhos. Não culpava o destino e nem a fatalidade. Culpava a si própria. Pensou que seu filho, por estar formado, era um homem que sabia conduzir-se na vida. Com a Maria Alice ele ia triunfar. Ela pensava que o seu filho ia ser um advogado de renome e, no entanto, era obscuro. Não se sentia compensando o dinheiro que gastou na sua formatura. Ninguém o procurava. Era um homem obcecado por uma mágoa profunda que ninguém sabia o que era. Mas que lhe roubava as horas de sono. Silvio era um velho prematuro. Estava na sala de jantar sentado com os olhos fitos no solo. Assustou-se quando ouviu a voz de Olga que entrou na sala subitamente e perguntou-lhe:

– Silvio, onde estão as meninas?

– Hein? Não ouvi bem. Tive a impressão de ouvir a Maria Alice. Ela é que perguntava sempre pelas meninas. Creio que estão no pomar. A Claudinha gosta de flores e a Silvinha gosta de borboletas, aprecia suas cores variadas. Por que você as procura?

– Porque já faz meia hora que não as vejo. E porque estou substituindo a Maria Alice. Quando vejo elas andando neste capinzal, fico apavorada, podem pisar numa cobra. Atualmente ando com os nervos agitados, qualquer coisa me apavora. O que admiro é esta casa tão bonita aqui no campo. Vive-se aqui com tanto conforto. Quando a gente habitua-se, começa a gostar. É a primeira vez que passo uns dias no campo. Eu não conhecia as árvores frutíferas. Acho poético apanhar uma laranja ou um abacate. Começo a gostar da terra que produz tudo o que plantamos. O que admiro aqui é a quantidade de aves. Estão sempre cantando e vão onde querem. Mas elas também não são felizes, existem as aves fortes que dominam as aves fracas. Mas isto terá que acabar um dia porque ninguém quer ser dominado. É a luta do fraco odiando o forte.

Silvio sorriu com a narração de Olga.

– Nós, os humanos, somos escravos dos desejos. Estamos sempre desejando algo. E quando conseguimos o que ambicionamos, logo vem a decepção. Depois adotamos a hipocrisia.

As meninas entraram com uma braçada de flores silvestres.

– Veja papai, como são lindas!

Silvio olhou-as e sorriu. Seus vestidos estavam cheios de picão e os cabelos em desordem. Começou a ajeitar os cabelos delas.

– Sabe papai, as filhas dos colonos nos insultaram. Eu disse-lhes que esta fazenda é nossa! Que nós somos ricos e residimos nas casas bonitas. Que elas são pobres e residem nos barracões desconfortáveis. E que eles são obrigados a trabalhar para nos enriquecer. Que nós que não trabalhamos é que vivemos felizes. Eu já viajei de avião. Que temos bonecas que vieram da Europa. E elas disseram que nós somos infelizes porque não temos mãe. Que ninguém pode ocupar o lugar da mãe no coração de um filho. E elas têm mãe, papai! E nós não temos. Elas estavam rotas¹⁴² e demonstravam alegria sorrindo. Eu disse-lhes que temos dinheiro e elas repetiam: “nós temos mãe! E vocês não têm!”. Oh, papai! Eu não gosto de ser vencida. E elas nos venceram. E ninguém deve vencer os que têm dinheiro! Não é, papai? Manda elas irem embora, papai. Nós somos ricas e os ricos não devem ser humilhados.

– Quem vai embora somos nós. Vamos amanhã cedo.

Silvio acariciava sua filha temperamental que nasceu com espírito de ditadora.

¹⁴² Maltrapilhas (do adjetivo roto).

- Minha filha, no mundo vencem os que podem provar e elas podem provar que têm mãe. E vocês não podem. Nem sempre o dinheiro nos favorece. Às vezes nos arruína. Só a educação nos beneficia.

- Oh, papai! Eu não quero ir. Eu não gosto da nossa casa sem a mamãe! Deixa eu ficar com a vovó. A mamãe o senhor deixou morrer, mas a vovó o senhor não deixa, ouviu, papai?

Silvio ficou silencioso, agitado, sem saber o que responder. Apenas pensou. Há certos atos que praticamos que nos servem de sombra a vida toda. Sombras funestas iguais à aroeira. Seu olhar e o de Olga encontraram-se. Ela demonstrava muitas tristezas. Todos lhe admiravam a sua beleza. Existem coisas belas e inúteis. Olga foi o início de seu calvário, que ele não sabia como ia ser o fim. Eu era feliz e na ânsia de querer mais felicidade não prestei atenção nos encantos que Maria Alice proporcionou-me. Os homens super ambiciosos têm suas decepções. Olga, a mulher que ele desejou possuir, não tinha classe. É conhecida nos clubes, já lhe denominavam a “rainha do baralho”. Oh, meu Deus! Que dilema na minha vida. Eu não devia preocupar-me com as observações de mamãe quando começou exaltar as credenciais dos nossos antepassados. Ninguém pode conservar as tradições. Os tempos vão evoluindo-se e outros hábitos vão surgindo. Dona Claudia entrou na sala, olhou as meninas, exclamou:

- Como vocês estão amarfanhadas! No tempo de Maria Alice vocês não andavam assim. Ela não deixava vocês percorrerem os prados. Quem pensa constantemente nas filhas são as mães.

Deu um longo suspiro e disse, com a voz amargurada:

- Eu não disse Silvio! Que a tua esposa ia nos fazer falta?

Olga ficava rubra quando Dona Claudia falava. E prestava muita atenção para ver quem ela ofendia. As palavras rústicas e os olhares irônicos de Dona Claudia eram como um câncer atacando a sua sensibilidade.

- Faz tempo que estou procurando-as. Não é verdade, Silvio?

Silvio não lhe respondeu. Abriu a cigareira, retirou um cigarro e acendeu. Fumou calmamente, parecia que seu pensamento estava ausente. Ele não queria enaltecer-me aos olhos de sua mãe. Olga ficou compreendendo o poder da mulher contra a outra. E ali Dona Claudia vencia por ter mais prática na vida. Tinha tudo ao seu favor. A idade e além da idade, era mãe de Silvio. Quem penetra nesta família vai murchando-se até transformar-se em pó. Eles não dão oportunidades. Mãe e filho marcham no mesmo compasso. Que dupla insuportável! O Silvio pertence à classe dos homens que a gente apenas pode olhar. Admirar o seu físico de Apolo, seus passos decididos e o seu olhar perturbador. Por mais que me esforço não consigo compreendê-lo. Quando uma mulher casa-se, tem a impressão que está marchando para os braços da felicidade. Mas no dia em que me casei com Silvio a felicidade estava de férias, quem estava substituindo-a era a infelicidade. Não tenho esposo nem para me defender. Dona Claudia tocou a campainha, a criada surgiu. Ela ordenou-lhe:

– Troca os vestidos das meninas.

E as meninas acompanharam a criada para o interior da casa. Olga as seguia com o olhar profundo e melancólico. Era uma mulher vencida que havia ferido o seu coração. E a ferida estava cicatrizando. E estas cicatrizes chamam-se desilusão! Olga tinha a impressão de que comprou um bilhete de loteria e não foi premiada. Tinha aspecto resignado. Após o jantar, Dona Claudia tocou piano. Silvio e Olga eram os únicos a ouvi-la. Olga a aplaudiu. Ela não se emocionou porque já estava habituada com os aplausos e com as bajulações. Pediu a Olga para tocar para ela ouvir. Cedeu-lhe a banqueta, Olga sentou-se nervosa, seus dedos trêmulos percorriam o teclado.

– Já que a senhora sabe tocar, peço-te para ensinar as minhas netas. Eu ouvi dizer que a senhora não sabe obedecer, não sei se vai considerar o meu pedido.

Olga tocou as músicas prediletas de Dona Claudia. E ficou admirada da transformação de sua sogra. Sentia-se melhor reconhecendo que ninguém gosta de ser desprezado. Estava mais tranquila com as palavras amáveis de sua sogra, percebendo que o Silvio era um barco e Dona Claudia o motor. Aquela tristeza interior que lhe estava causando mal estar estava dissipando. E dormiu tão bem que não viu a aurora surgir. Despertou-se com o ruído de Silvio abrindo as gavetas. Deixou o leito e foi abluir-se, apreciando o gorjeio das aves e reconhecendo que a vida é um fardo de mil toneladas para conduzir-se. A vida de Maria Alice foi dramática. Minha vida é a reprise da tragédia.

Quando foi tomar café, Dona Claudia respondeu-lhe. Ela animou-se mais, percebendo que sua sogra estava de bom humor. Começou a apreciar a fazenda. O que lhe deixava triste era a indiferença de Silvio e Dona Claudia. Sorriu satisfeita quando viu a criada conduzindo as malas para o automóvel. Silvio estava observando o seu contentamento. Ela estava ajeitando o chapéu quando um auto chegou. Silvio exclamou:

– Minha sogra!

– É a mamãe, Silvio?

– Não. É a mãe de Maria Alice – correu pressuroso para cumprimentá-la. – Bom dia, Dona Julia!

– Bom dia, doutor Silvio. O senhor, como vai?

– Vivendo como um viúvo inconsolável.

– Mas a minha filha já foi substituída.

– No meu coração ainda não. E eu creio que o teu coração de mãe sofre igual ao meu. É do conhecimento de todos que as mães não olvidam os filhos. É uma pena olvidá-la, ela era tão boa, era uma mulher ajustada.

Olga surgiu radiante no seu tailleur cor de vinho adornado com arminho preto. Silvio apresentou-a:

– Eis a minha esposa!

Dona Julia fitou-a longamente e não quis pegar a mão que Olga estendeu-lhe. Olga ficou confusa com a indiferença. O motorista perguntou-lhe se devia retirar as malas do carro.

– Não. Porque nós vamos voltar para a cidade – disse Silvio, confuso.

Dona Julia entrou apenas para cumprimentar Dona Claudia.

– Prazer em conhecê-la. É uma lástima a Maria Alice não estar presente.

– A senhora vai passar o resto do dia aqui?

– Não. Vou aborrecer?

– Oh, não! Apenas dá-me prazer. A senhora deve ser uma mulher elevada porque soube educar a Maria Alice. O Silvio disse-me que a senhora é habilidosa.

Dona Julia sorriu.

– O Silvio é agradável. Foi meu hóspede por dezesseis anos¹⁴³. Nunca me aborreceu.

Silvio ouvia as amabilidades das duas mães. Uma infausta, outra feliz. A feliz era a sua mãe, que podia contemplá-lo.

– Fez boa viagem? – quis saber Silvio, notando que sua ex-sogra estava abatida.

– Tudo correu bem. Uma viagem é sempre agradável quando a gente viaja e regressa.

Silvio mordeu os lábios.

– Eu vim aqui para rever as minhas netas. E ver os quadros que Maria Alice pintou. A Veralina disse-me que são belíssimos. Eu não sabia que a minha filha professava a arte de Miguel Ângelo¹⁴⁴. Dizem que a curiosidade é a irmã gêmea das mulheres.

Silvio prontificou-se a apresentar-lhe os quadros.

– Eu ia partir para a cidade. Já faz vinte e cinco dias que estou aqui. Vim passar o fim de semana e adoeci. Deus foi o meu amigo, deixando-me chegar à casa de minha mãe. A senhora sabe que os filhos estão sempre bem com as mães.

¹⁴³ O tempo de permanência de Silvio na pensão de Dona Julia não é exato. No enredo, em outros momentos, Silvio diz ter passado cinco anos na pensão, ou seja, o tempo da faculdade de Direito. Dezesseis anos seria o tempo da faculdade mais a educação básica.

¹⁴⁴ O narrador refere-se a Michelangelo, famoso pintor italiano, autor de, entre outras obras, a pintura do texto da capela Sistina, no Vaticano.

– Oh! Por que você não me escreveu? Seja lá como for eu estou ligada a você, porque também amo minhas netas. Creio que a nossa amizade não sofreu alterações. Várias pessoas incitam-me contra você, mas eu não dou crédito aos intrigantes.

Silvio sorriu. Contente com as palavras reconfortantes de sua sogra que tinham o efeito de um combustível para lubrificar o seu espírito atribulado com as fatalidades a enlaçá-lo.

– Eu escrevi várias vezes para a senhora e não obtive respostas, pensei: a Dona Julia deixou de gostar de mim.

– Oh, Silvio! Não devemos dar crédito às imaginações. É necessário certificar-se.

A fisionomia de Silvio transformou-se com a presença de Dona Julia. Ela despiu o casaco e colocou-o nas costas da cadeira.

– Já estou começando a sentir calor. A Maria Alice disse-me que não tolerava o interior por causa do calor.

Silvio deu um suspiro profundo.

– Se eu soubesse que ela adorava o São Paulo frio, eu não a transferia para o interior.

– Ela não gostava de magoar-te.

– Eu percebi – afirmou Silvio, com voz amargurada.

Dona Claudia e Dona Julia foram percorrer a casa e ver os lindos quadros.

– Estão no mesmo lugar que ela colocou.

Dona Julia chorou.

– Se eu soubesse, mandava-a pintar o meu retrato. Eu ignorava esta habilidade de minha filha. Ela possuía diversas qualidades. Eu não posso ver nada que foi executado por minha filha.

Dona Claudia abraçou Dona Julia para consolá-la. E ambas choraram. Silvio olhou as duas mães chorando. Dona Claudia lamentava o destino de Silvio após a morte de Maria Alice. As meninas acabaram de vestir-se e estavam procurando a vovó da capital para cumprimentá-la. Dona Julia beijou-as longamente.

– Como estão bonitas e crescidas! Parece que a minha filha não está lhes fazendo falta.

As meninas sorriram. Luiza Helena disse-lhe:

– Nós temos duas vovós: a vovó do mato e a vovó da capital. Se pudéssemos ter duas mães...

- Minhas netas não são felizes! – exclamou Dona Julia com voz comovida - Percebe-se. Só as que sofrem é que sabem lamentar-se. Eu não queria vir aqui para não presenciar estas desditas. Agora é que não vou ter tranquilidade.

Olga, que estava disposta, ficou apreensiva. Não interferia no diálogo. Era uma cena que não tinha papel para ela representar. Tinha pavor daquele núcleo. Compreendendo que a atriz principal era Maria Alice.

Dona Claudia ordenou à criada que fosse preparar o café. Perguntou:

– Como vai São Paulo e suas dificuldades?

Dona Julia sentou-se e coçou a cabeça antes de respondê-la.

– A vida em São Paulo está ficando insípida. As ruas são maltratadas. Os jardins estão abandonados. As mulheres que são vereadoras deveriam ser mais vaidosas e cuidar das ruas e dos jardins. Os bancos de nossas praças públicas deveriam estar num museu. Estas mulheres que entram na política é visando deixar o nome na história. Elas deviam deixar realizações na história. O povo não sente atuação dos políticos. Dá a impressão de que eles governam o país por telepatia. Agora estão falando na reforma agrária, dizendo que é outra libertação.

Silvio e Dona Claudia, que eram donos de terras, entreolharam-se. E o olhar de Silvio circulou através da janela fitando aquela imensidão de terras abandonadas, ouvindo Dona Julia falar nos libertadores das terras: Miguel Arraes, João Goulart, Otávio Mangabeira, os estudantes de São Paulo e Carolina Maria de Jesus¹⁴⁵.

– Na minha opinião esta propalada libertação há de ter o mesmo efeito da libertação dos escravos, que foram libertos, mas não foram educados, até hoje as regras ainda estão desorganizadas. Os que querem avançar sofrem muito. E o negro desiludido renuncia. O negro trabalha, produz e avança, impulsionado pela ilusão.

Silvio interferiu dizendo que podiam iniciar a reforma agrária através das terras federais para ver seu efeito.

¹⁴⁵ Os nomes citados pela personagem Dona Julia são conhecidos na história da política brasileira pela luta pela reforma agrária. Miguel Arraes (1916-2005) foi político brasileiro conhecido, sendo governador de Pernambuco por três mandatos, talvez, inclusive, ocupando o cargo na época em que Carolina escreve este romance. Em seus discursos, especialmente os de posse como governador, citava sempre a necessidade da reforma agrária. João Goulart (1919-1976), conhecido popularmente como “Jango” foi presidente do Brasil entre 1961 e 1964, também no contexto em que o *Dr. Silvio* é escrito. Seu governo foi marcado pelo “Plano Trienal”, um programa que incluía uma série de reformas, entre elas, a reforma agrária. Otávio Mangabeira (1886-1960) foi governador da Bahia, deputado federal e, no governo Washington Luís (em 1926), ministro do Exterior. Foi exilado durante o Estado Novo, retorna ao país e é eleito novamente deputado, depois senador. Interessante que a autora também se inclui como uma personalidade na luta a favor da distribuição de terras, ao lado desses importantes e históricos políticos brasileiros. Carolina cita a reforma agrária em outros textos seus, inclusive nos manuscritos de *Dr. Silvio*, em partes que ela retirou ou mudou. Como morou no campo em sua infância, no interior de Minas, sabia o que era precisar da terra e a importância do pequeno agricultor. No final de sua vida, como sabemos, optou por morar em um sítio, em Parelheiros, onde também cultivava alimentos para sua subsistência e de seus filhos.

– Mas é necessário que o governo ceda maquinário aos homens e dê assistência aos desnutridos. E onde se formar o núcleo agrário, devem formar escolas, porque o homem alfabetizado por força há de ser melhor. Vamos ver se isto não fica em projeto. Mas o povo não pode continuar como está: sacrificado com o custo de vida. Nós aqui não temos problema com o solo, que é fértil. Os nossos problemas são criados pelos homens. Até quando o Brasil há de ser um país subdesenvolvido? Se temos tudo em casa e vamos procurar o que está feito no outro país? O fundo monetário de outro país, será o senhor do Brasil. É outra forma dos brasileiros venderem o Brasil. E daqui a uns anos, o povo terá que lutar para libertar o país novamente. E há de ser uma liberdade conquistada com guerra. Um país para avançar deve libertar-se das amarras. Negociar com todos os países, com o ocidente e com o oriente. Até quando o homem há de viver com polêmicas e preconceitos? O que devemos fazer é incentivar o nosso povo a estudar, trabalhar e não ser muito acomodado. Enfim, o problema do país é educação. Um país deve lutar na educação do povo, o homem que trabalha dá exemplos aos vindouros.

Dona Julia sorriu dizendo que adorava ouvir um homem falar no trabalho. Citou que achava horrível ver a quantidade de mendigos circulando pela capital, pedindo esmolas com as crianças que vão crescendo desajustadas. Deveriam fundar um colégio para retirar estas crianças dos pais incapazes para educá-las.

Silvio levantou-se dizendo que os problemas são fáceis de solucionar.

– O país tem recurso, o que nos falta é boa vontade. Os nossos homens preocupam-se com o que lhes dá lucro. A criação de gado, que tem médicos especiais para cuidá-los. Mas o homem camponês nasceu e morreu sem saber o que é um exame médico. Dá a impressão que foi o dinheiro o causador da desorganização do mundo. O homem pensa ser o dinheiro o solucionador dos problemas. Com o dinheiro compravam Cristo porque estava perturbando o mundo com a sua ideologia. Com o dinheiro compravam os negros para trabalhar e dar impulso ao país. E até hoje o negro vive sofrendo humilhações deste jaez¹⁴⁶. “Negro não presta”. Quem não presta é quem retirou o negro do seu país para vendê-lo.

Olga estava impaciente, com receio de Silvio transferir a viagem. Pretendia não mais por os pés naquela casa. Ficou contente quando Silvio despediu-se de sua mãe e voltaram para a cidade. Luiza Helena ia no outro carro com sua avó. Olga, sentada ao lado de Silvio, ia pensando. Será que ela está interrogando a menina? Será que a menina já tem senso de observação para conservar na mente as cenas que presencia quando me indisponho com o Silvio? Silvio acelerava o carro. Ele e Olga iam silenciosos como se fossem dois desconhecidos. As meninas rejubilaram-se quando chegaram. Silvio ia abrir o portão, disse-lhes:

– Eu esqueci as chaves na fazenda. Empresta-me as tuas. Vou telefonar para a mamãe enviá-las com o motorista que vem com o teu carro.

¹⁴⁶ Desta espécie, gênero.

Dona Julia ficou abismada, como se estivesse ouvindo uma heresia. Puxa... nesta casa tudo mudou! Dois carros e duas chaves. No tempo de Maria Alice era um carro e uma chave. E quem usava a chave principal era o Silvio por ser o dono da casa.

Silvio deu um suspiro. No tempo de Maria Alice eu era o chefe da casa. A minha vida também se modificou muito. Na época atual, um homem, para ter mulher deve-lhe obediência. Minha vida é um edifício desmoronando. Tenho a impressão de que fui atingido por uma hecatombe.

O motorista conduziu as malas para o interior da casa. Dona Julia perpassou o olhar pelo jardim. Será que as flores sentem saudades?

– A senhora vai achar tudo diferente.

Ele pagou o motorista que se despediu. Entraram e Dona Julia começou a abrir as janelas. Silvio observava os gestos rápidos de mulher que está habituada ao trabalho e desempenha com facilidade as tarefas domésticas. Dona Julia carregou as malas para o quarto de hóspedes e dirigiu-se para a cozinha, foi preparar o almoço. Olga refugiou-se no seu quarto. Dona Julia foi procurá-la para indicar-lhe onde estavam os gêneros. Ela atendeu demonstrando descontentamento. Era o tipo das que gostam de passar pela vida comodamente.

Quando Dona Julia abriu as gavetas, ficou horrorizada com a quantidade de cartas de baralho espalhadas. Perguntou-lhe:

– Onde estão os panos de prato? Aqui nesta gaveta a Maria Alice guardava os panos de prato. Onde estão as toalhas de mesa?

Olga ficou perturbada.

– A criada é quem sabe.

– Ah! Esta casa agora é dirigida pelas criadas? – disse, com ironia – Se formos emendar estes baralhos dá pra confeccionar uma dúzia de panos de pratos. Como a senhora gasta dinheiro em coisas inúteis. Tudo aqui cheira a mofo e fumo. Parece que a senhora não teve mãe para ensinar-te a dirigir um lar. Eu soube que a senhora foi amiga de Maria Alice. Não sei se foi amiga legal ou amiga fatal. A minha filha não trouxe dote. Trouxe belas qualidades e um amor imenso pelo Silvio. Não sei qual das duas tem mais valor!

– A tua filha, Dona Julia!

Olga sobressaltou-se:

– Silvio! Silvio... até você critica-me! – a voz de Olga era uma voz lacrimosa – Faz tempo que estou ouvindo-as. Estou apreciando a Dona Julia trabalhar. Mulher que gosta de trabalhar eu classifico-a de atriz, que está representando a peça felicidade no lar. Não estou criticando-a, apenas acato aos que procuram corrigir-te.

Dona Julia coçou a cabeça como se estivesse no outro mundo.

– A senhora quer indicar-me onde estão os gêneros? As latas estão vazias. Nem parece que vocês são fazendeiros e que têm terras para plantar.

– Silvio, me dá dinheiro para fazer as compras.

– Mas Dona Olga, antes de irmos para a fazenda, dei-te dinheiro para fazer compras! O que você fez? Gastou em quê? Quem ganha dinheiro sou eu! Tenho o direito de saber como é utilizado! A minha mãe disse-te que o dinheiro na tua mão é como confete. Vê, Dona Julia, no tempo de Maria Alice a senhora nunca presenciou estas cenas. A senhora soube criar a tua filha. Merece menção honrosa. A avó de Olga jogava, a mãe joga e a neta joga. O vício do jogo nesta família é hereditário.

Silvio abriu a carteira e retirou dez cédulas de mil cruzeiros e entregou-as a Dona Julia. Olhava o rosto de Olga com os olhos semicerrados e disse-lhe:

– Sinto retirar a tua força moral deste lar. Mas a gente cansa. E eu já estou cansado.

Dona Julia pegou uma sacola e saiu. As meninas acompanharam-na. Olhavam o rosto de Dona Julia e sorriam.

– A senhora parece com a mamãe!

Olga reclinou-se no umbral da porta e olhava indiferente a água que fervia na chaleira. Não se interessava por nada que continha naquele lar. Parecia Lázaro depois de ressuscitado. Silvio desligou o fogão, dizendo:

– As donas de casa têm o hábito de desligar o fogão para economizar. Foi bom a tua mãe ter apenas você, porque para ter filhos inúteis não vale a pena. Dona Julia é excelente dona de casa, vai aprendendo com ela a fazer qualquer coisa. Como é horrível um homem casar-se com uma mulher e ter que educá-la.

Olga conservava os olhos fixos no ladrilho enegrecido. Disse-lhe, sem erguer a cabeça:

– Silvio, eu não gosto de você!

– Eu sei Dona Olga. Eu percebo. A senhora cursou universidade, confia muito no teu estudo. São tipos de mulheres intoleráveis, deixam de ser femininas na falsa convicção de que podem viver sem o homem. Você é gosta é do baralho. E quer viver igual ao baralho, girando em torno de uma mesa, passando de mão em mão. Agora que você é minha é que percebo que você não tem qualidades para ser a minha esposa. Você é uma mulher que serve só para distrair os problemas. Não serve para ser dona de casa. Maria Alice quando me abraçava contemplava-me como se estivesse abraçando um anjo. E você quando me abraça, os teus pensamentos estão distantes. Você pensa no pano verde. Nas fichas. Só agora é que percebo que você é de baixa competição moral. Infelizmente o mundo é mesmo assim. Um homem estuda para depois ser destruído por uma mulher creio que se houvesse um concurso de pessoas categorizadas, você seria eliminada. Não ia conseguir classificação nem no quinto lugar. Eu sou bonito e você é bonita. Nós nos iludimos com as nossas belezas. Eu era muito orgulhoso, pensava que um

advogado diminui-se por casar-se com uma mulher humilde. E Deus castigou-me, arrebatou-a porque me achou indigno de possuí-la. Deus é o rei dos advogados e quando interfere numa causa, vence.

Capítulo XIII

Que tortura para Olga não podendo adaptar-se com o Silvio e Dona Julia. Como é horrível para uma mulher que não mais ama o esposo ter que continuar ao seu lado. Meu Deus, se eu ficar aqui, ficarei louca. Dona Julia procurava ensinar-lhe a cozinhar, mas Olga não gostava de gordura nas mãos.

– A senhora revolta com as observações. Os que não acatam as observações são candidatos ao fracasso e não se aperfeiçoam. Você não se interessa por nada que nos cerca. É horrível ficarmos num lugar quando se gosta.

Silvio estava reanimando-se porque a casa estava em ordem. Mas Dona Julia estava cansada. Ela é que preparava as netas para irem à aula. Olga aparecia na cozinha às dez horas aludindo que não tinha filhos, que é muito difícil as madrastas serem recompensadas na gratidão das enteadas. Dona Julia citava-lhe que as mães suportavam as má-criações dos filhos sem revolta. Ela ia fazer as compras todas as manhãs aludindo não suportar as verduras que permanecem vários dias na geladeira. Obrigava as crianças a tomar todos os dias um prato de sopa com farinha de soja para fortificá-las. Silvio olhava as compras na mesa da cozinha.

– Hoje nós vamos passar bem. A senhora sabe cozinhar.

Auxiliava a Dona Julia a colocar os gêneros nas latas.

– As latas estão cheias de gordura, é necessário lavá-las. O ladrilho está escuro, dá a impressão de casa abandonada. É, a tua casa é mesmo casa de viúvo.

Começou a fazer o almoço, cada vasilha que ela ia usar precisava lavar antes de por no fogão. Ficou horrorizada com a desordem. Depois do almoço, ela foi abrir os guarda-roupas para guardar os vestidos das meninas que estavam nas malas. Várias roupas sem botões. Vestidos rasgados e descosturados. Os móveis recobertos de pó. Não é toda mulher que dá valor a uma casa. Silvio lhe acompanhava, disse-lhe:

– A senhora podia vir morar conosco. Enerva-me esta vida desajustada. A senhora pode vender a pensão. Creio que a senhora já está cansada de trabalhar. Passei mais tempo com a senhora do que com minha mãe, portanto, já estou familiarizado com a senhora. Nunca fui tão considerado a não ser pela senhora e tua filha. Eu era tratado como rei. E agora sou tratado como vassalo.

– Não lamenta Silvio. Você tem possibilidade de modificar a tua vida. Você é rico.

Silvio fechou os olhos e ficou silencioso meditando.

– Eu já fui rico. Hoje não mais. Quando estava com a Maria Alice. A riqueza de um homem é ter uma boa esposa. Eu pensava que as mulheres eram todas iguais. Maria Alice me amava. Era uma amizade diferente de Olga. Dona Julia ouvia embevecida os elogios de Silvio.

Era um homem imunizado com o sofrimento. Não mais era altivo e orgulhoso, era um homem atingido pela fatalidade. Resignado com a frustração dos seus ideais. E convencido que neste mundo nós precisamos uns dos outros. Até o que a natureza nos dá é cotizado e é comum. O sol, a lua, as estrelas, o vento, a água com que mitigamos a sede. E o sol, que é um único astro e abastece o mundo com seu calor. Beneficia o homem, os animais e as ervas. Compreendeu que uma pessoa, por mais insignificante que seja, tem uma parcela de utilidade e inteligência. Mas o Silvio só dava valor às pessoas de inteligências inofensivas. Devemos adotar a solidariedade. Educar a nossa inteligência para o bem. Quem prejudica o próximo não tem valor. Não devemos afastar quem quer que seja deste mundo porque o mundo é semelhante a um hotel, somos hóspedes do mundo por uns tempos. Não devemos ser jactanciosos, supor que somos superiores para não praticarmos injustiças e gravíssimos erros. Não devemos deixar o ódio dominar o nosso senso. Ele afastou Maria Alice de sua vida e prejudicou a si próprio. Silvio fazia o exame de consciência.

– A senhora vem viver comigo, Dona Julia.

– Não sei, Silvio.

Ele empalideceu. Dona Julia prosseguiu:

– Tua mulher não há de apreciar-me. E os meus hóspedes não ficam sem mim.

– Oh, Dona Julia! Eles são hóspedes e eu sou genro. Sou teu filho! Os teus cuidados, a tua compreensão contribuirão para prolongar a minha existência. O que me preocupa são as minhas filhas. A Olga disse que não tolera esta casa e quer partir. Eu não me oponho. Não vou insistir com ela para ficar. Não vou sofrer com a tua ausência. Não vou sentir saudades. Ela pertence à classe das mulheres que desiludem um homem. Ela é inconstante. É andorinha que quer arribar-se. Aqui a senhora terá todo conforto.

Dona Julia ergueu a cabeça fitando o rosto semienrugado de Silvio.

– Eu não gosto de cidade pequena. Já estou habituada com o bulício de São Paulo. O que eu posso fazer é levar as meninas e interná-las num colégio e você vai ficar com a tua mãe para refazer-se e descansar o espírito. As pessoas que ficam nervosas diariamente vão desgastando-se e ficam neste estado.

Dona Julia pegou as roupas que precisavam ser consertadas e reformadas. E dirigiu-se para a copa. Abriu a máquina de costura e ficou perplexa. Estava cheia de pó.

– A Olga nunca usou esta máquina. Ela compra tudo feito. Ela é instável. E o homem para ser feliz necessita de uma mulher estável.

As meninas agruparam-se ao redor de Dona Julia demonstrando contentamento.

– Que bom! Agora a vovó vai ficar aqui. Vamos ter uma vovó que sabe fazer doces e costurar. Vamos ter uma vovó que nos dá beijos!

Claudinha perguntou-lhe:

– A senhora vai ficar aqui?

– Devo atender um pedido de tua mãe.

– O que foi que ela pediu? – quis saber Silvio, curioso.

– Pediu-me: “mamãe, se eu morrer, a senhora vele as minhas filhas”.

– Ah! Quando foi isto?

– Antes de vocês viajarem. Ela estava com pressentimento que não ia regressar. Parece que o seu anjo da guarda estava advertindo-a.

Dona Julia ligou o rádio. Pegou um pano para retirar o pó, procurou o óleo para amaciar as peças da máquina. E o seu olhar perpassou pela casa. Até eu ver esta casa ao meu gosto! Cada dia Dona Julia limpava um pouquinho. Quinze dias depois a casa estava magnífica. Os vestidos das meninas eram engomados. E os cabelos bem penteados, presos com laços de fita. Silvio estava mais calmo. E dormia durante o dia. Olga saía de casa dizendo:

– Já que fui substituída...

Dona Julia interferia:

– Não, Olga! A senhora parece criança! Uma mulher quando é casada não pode passar o dia fora de sua casa. A senhora tem que preocupar-se com o bem estar das crianças e de Silvio.

Mas ela era obstinada e não obedecia. Dona Julia ficou horrorizada, compreendendo que a Olga cresceu e continuou infantil. Era uma mulher rica. E aos ricos ninguém ousa criticá-los nos seus erros. Apenas condoía-se de Silvio. Ele almoçava com as crianças, que já estavam mais resignadas. A campainha tocou. Dona Julia foi atender. Era um mensageiro com uma carta para o Dr. Silvio. Ele abriu a carta e leu, ficou pálido.

– Não é possível! É incrível. Isto é prevalecer. Será que esta mulher está pensando que se casou com um idiota? Acabo de receber uma conta de jogo de minha esposa. Mas não sou eu quem há de pagar.

Ligou do telefone para Dona Helena suplicando-a para ir à sua casa. Silvio andava de um lado para outro maldizendo a sua negra sorte.

– A Olga procedendo assim me obriga a continuar amando a Maria Alice. As mulheres compreensíveis passam como brisas na vida de um homem. E as medíocres passam como um furacão. São mulheres que se casam, mas não tomam posses do coração do homem. Quando um homem tem uma mulher assim, não tem prazer de prosseguir vivendo.

Dona Helena chegou assustada.

– O que aconteceu, Dr. Silvio? A Olga está doente?

Silvio ergueu o olhar para o céu compreendendo que deveria ser mais enérgico com a sua esposa. A sua conduta ia afetar o futuro das meninas.

– A minha filha não está?

– A tua filha nunca está em casa. Oh! Ela está chegando. A senhora oculta-se naquele quarto para presenciar as qualidades de tua filha.

Olga entrou nervosa como se fosse uma fera perseguida por um caçador. Silvio olhou-a no rosto, ela desviou o olhar.

– Chegou esta carta para a senhora.

Ela leu e ficou pálida.

– Mas eu não vou pagar.

– A senhora disse-me que é filha de capitalista, que é rica. Então resolva tuas confusões, isto é dissipar dinheiro. Onde você passa o dia?

– Na casa de mamãe.

Silvio abriu a porta do quarto perguntando:

– Dona Helena, a Olga passa os dias na casa da senhora?

– Não. Ela passa meses sem me procurar. Ela sempre foi assim.

– Que tipo inferior a senhora pôs no mundo. Uma mãe deve ser enérgica com os filhos, tua filha decepcionou-me. E arruinou o meu ideal, sou um homem falido.

Dona Helena estava confusa igual a um joalheiro que em vez de vender uma joia autêntica, vende uma joia falsa. Procurou uma cadeira e sentou-se.

– Lamento a tua desventura, mas o senhor não foi a minha casa solicitar a mão de minha filha. Eu teria lhe aconselhado a não se casar, que o senhor ia desiludir-se. Não mereço admoestações. Minha filha cresceu na ilusão de que é rica porque eu procurava satisfazer-lhe todos os desejos. Ela não conhece o lado negro da vida. Ela não me obedecia, por fim resignei. Porque as mães toleram os filhos sejam eles superiores ou inferiores. Infelizmente todas mães têm o seu filho inferior, o filho asa negra. Minha filha é convencida e petulante. E vaidosa, porque é bonita. Todos nós somos flores que vamos murchando.

– Tua filha já solicitou a separação.

– E o senhor, como há de viver?

– Eu já esperava por isso. A mãe de Maria Alice virá cuidar das netas. Uma casa não pode ficar sem uma mulher.

Dona Helena deu um longo suspiro dizendo:

– A Olga é a minha cruz. A de Cristo era de madeira. A Olga é de ferro. Eu ouvi dizer que a tua esposa extinta era magnífica. Gostaria de conhecê-la.

Dona Julia estava fatigada por ter trabalhado demasiadamente. Não apreciava as divergências conjugais. Quando os casais passam a brigar todos os dias, o afeto entre ambos vai diminuindo. Silvio apresentou-a:

– Dona Helena, esta é a minha sogra, a mãe de Maria Alice. Dona Julia, esta é a mãe de Olga.

Olga já havia notado que Silvio não designava a sua mãe como sogra.

– Dona Helena, tenho a dizer-te que a sua filha fez uma dívida de 60.000,00 cruzeiros no jogo e eu não vou pagar.

Dona Helena exclamou:

– Outra vez, Olga! Quando é que você vai aprender a viver? Devemos gastar o dinheiro em coisas úteis. Uma mulher casada não deve fazer dívidas sem autorização do esposo. O que presenciei basta para convencer-me de que a minha filha é mulher só no aspecto. Nasceu destituída dos deveres femininos e estas mulheres sem qualidades vão descendo os degraus da vida. Eu vou-me embora porque fechei a casa para vir aqui. É a primeira vez que o Dr. Silvio convida-me para vir na tua casa. Mas os atos de Olga chocaram-me.

Ela despediu-se convencida de que sua filha era um enigma insolucionável. Dona Julia disse ao Silvio que ia viajar para São Paulo e solucionar seus negócios.

– Não vou vender a casa. Vou alugá-la. É bom ter uma casa em qualquer lugar do mundo. Casa é sempre casa. Deixei tudo em ordem, reformei tuas camisas, troquei os colarinhos e os vestidos de minhas netas estão passados. Gosto da tua casa. Tem de tudo que se quer: formas de bolo. Creio que posso passar anos e anos dentro desta casa sem sair na rua. O meu temperamento quase igual ao de Maria Alice.

– Está bem, Dona Julia. A senhora deve ir porque tem compromissos com seus hóspedes. Quem está tomando conta da pensão?

– A Veralina.

Silvio estava nervoso andando de um lado para outro. Compreendendo que ia terminar seus dias na solidão. Dona Julia foi preparar o jantar. Pretendia sair na ausência das meninas. Ia viajar à noite. Mas sentia profundo pesar por deixar o Dr. Silvio sozinho. Quantos homens que são casados têm esposa e vivem sozinhos e Deus. Quando as mulheres compreenderem que o homem é o elo do mundo e que deve ser tratado como deferência especial. Talvez não há de imperar tantas desventuras neste mundo. Que é um verdadeiro palco, onde cada vida tem o seu drama.

O andar de Silvio de um lado para outro enervava Olga. Dona Julia pediu ao Silvio para sair um pouco para distrair-se.

– Oh, Dona Julia! Orgulha-me de tê-la como sogra. Desde que Maria Alice morreu que não saio de casa. Tenho a impressão de que o mundo acabou-se para mim. Já que a senhora está aqui e olha a casa, eu vou sair um pouco. Já estou farto deste cenário de tristezas.

Vestiu o paletó e saiu. Olga não falava com a Dona Julia. É que Olga era uma mulher rica e os ricos, por confiar demasiadamente no dinheiro, ficam medíocres e mal educados. Dona Julia procurava agradá-la, temendo a separação. Mas o Silvio era um advogado com ampla compreensão da vida. Olga admirava a perícia de Dona Julia conservando a casa em ordem. Olga tinha pavor de trabalho doméstico, dizendo:

– Arruma-se hoje e amanhã temos que arrumar novamente. Já o que o homem faz está feito.

Estava triste pensando: a sua mãe não lhe apreciava. O Silvio não se sentia feliz na sua companhia. Qual seria a sua qualidade inferior que lhe obstruía o roteiro da existência? Examinou profundamente os ângulos de sua vida. Não tenho vocação para nada.

Dona Julia convidou-a para o almoço antes do Silvio.

– A senhora está exausta, deveria procurar um médico. O povo da atualidade pensa com intensidade na dificuldade que se depara para viver.

Olga ouvia sem responder. Dona Julia pensou: que mulher difícil para compreender. Sendo assim ela e Silvio terão que se separar. A minha filha sabia dizer não a todos os caprichos de Silvio. E a Olga não se curva. E quando a esposa não diz amém às exigências do esposo, o lar desmorona-se.

Silvio ficou guiando pelas ruas. Observando as fisionomias dos habitantes do Brasil com seus olhares tristes, como se estivessem à espera de uma hecatombe fatal que é a elevação do custo de vida. E o nosso povo, que há de fazer economia em todos os gastos domésticos, vai se desnutrindo. E os homens que estão predominando, não interessam em congelar os preços. Ou então marcar os preços nos produtos a serem consumidos pelo povo para não pagar o excesso. É sabido que os que espoliam o próximo, espoliam sem comiseração. As pessoas que conheciam o Dr. Silvio comentavam:

– Por que será que ele ainda está trajando roupas pretas? Será homenagem à extinta ou desgosto de ter se casado com a Olga? Só ele poderá responder... mas os homens em geral não gostam de revelar suas derrotas na vida.

Ele ia olhando os mendigos que ficam prostrados nas calçadas pedindo esmolas. Alguns não têm defeitos físicos, mas não procuram outro meio de vida por serem desiludidos e analfabetos. O homem alfabetizado sabe lutar. Não depende de ninguém para orientá-lo. Alfabetizar o nosso homem é entregar-lhe uma bússola nas mãos. Alfabetização no homem tem

o efeito da tocha acesa no balão que há de impedi-lo a galgar. Enfim, o problema do país é educação. Os intelectuais devem estimular os outros.

Silvio olhava as ruas e várias construções compreendendo que a cidade estava dilatando-se. Se a sua sogra voltar e cuidar de suas filhas, ele ia abrir um escritório. Quando chegou em casa estava com fome. E mais calmo. Dona Julia contratou uma criada que dizia ser nortista e queixava-se que os políticos não favorecem o norte, que eles são obrigados a deixar o seu estado e vir para São Paulo e ter que ser favelado. E a sociedade discrimina o infeliz que é obrigado a viver nas favelas. Esquecendo eles que ninguém é favelado por vontade própria.

Dona Julia não levou roupas porque pretendia regressar o mais breve possível. Quando as crianças despertaram, ficaram tristes perguntando:

– Por que é que a vovó foi-se embora? Será que ela não nos quer? A nossa vida não é boa, não é verdade, papai? A mamãe nos deixou e a vovó também nos deixa. É horrível ser criança, não é papai? Porque as crianças precisam dos adultos.

Silvio já estava mais resignado com a sua vida.

– Minha filha! Os adultos também precisam dos adultos.

Claudinha já sabia ler, já estava compreendendo as confusões da vida. Querendo saber tudo.

– Qual a melhor vida? A das crianças ou a dos adultos?

Silvio pensou um pouco.

– A vida das crianças é melhor, porque tudo de mal que existe no mundo são os adultos que fazem. Fizeram as armas mortíferas que matam o próprio homem. Se o homem entra no exército, vai aprender a lidar com as armas destruidoras. Fizeram as bombas nucleares. Os adultos ficam desumanos. Se um inquilino atrasa no pagamento da casa, o dono porque é dono, já quer jogar o inquilino na rua. A humanidade ainda não aprendeu a amar-se.

E a Claudinha ficou satisfeita em saber que as crianças são melhores do que os adultos e deu um sorriso largo dizendo:

– Se eu pudesse ficar sempre criança! Porque eu tenho medo de crescer e ter o mesmo destino de mamãe.

Silvio sobressaltou-se como se estivesse ouvindo uma acusação. Mas era o efeito de consciência culpada por ouvir os lamentos de suas filhas que diziam ser infaustas por serem órfãs. Claudinha dizia:

– Morre um diretor da escola, aparece outro para substituí-lo. Morre um papa, outro poderá substituí-lo. Só a mamãe é que não tem substituto.

E ele que pensava que a Olga ia substituir Maria Alice, enganou-se.

Dona Julia deixou vários bolos, frangos recheados e carne assada para as meninas preparem sanduíches.

– Com a vovó a nossa casa vai ser sempre assim. Ela vai voltar, o papai disse.

Olga surgiu na porta e disse-lhe:

– Silvio, eu vou-me embora. Quero a minha certidão de nascimento. E você depois trata do nosso desquite.

Silvio deu um suspiro.

– Está bem! A Bíblia diz que se os casais separam-se, o homem deve restituir a liberdade à mulher. A sociedade não vê com bons olhos as mulheres desquitadas. Classifica-a de levianas e irresponsáveis. Incapazes de proporcionar felicidade a um homem. A mulher depois que se casa, o seu dever é obedecer ao homem. Se não obedece, o fim é este. Você é prepotente e quer dominar-me e me destruir. Quando uma mulher tem muito estudo, quer subjugar o esposo e um homem não se casa para ser escravo da mulher. Sou um tronco fenecendo, Dona Olga. As desilusões e as decepções também nos arruinam. Já que você quer deixar-me, a única coisa que te peço é não mais voltar. Você mumificou a minha vida. Moralmente e fisicamente. O que você gastou nestes últimos três anos inutilmente, a Maria Alice teria gastado em quinze anos. Você fez um rombo nas minhas economias. Antes de deixar esta casa, peço-te devolver-me as joias de família.

Olga empalideceu e mordeu os lábios.

– Enquanto a senhora não devolver-me as joias, não te concedo a tua liberdade. E você sabe que sou advogado, eu mesmo posso tratar de desligar os nossos nomes, porque os nossos corpos e nossos espíritos há muito que estão desligados.

A criada avisou-lhe que o café estava na mesa. Olga ficou só, não o acompanhou. Estava aniquilada, pensando como sair daquela casa. Ela queria partir antes do retorno de Dona Julia, porque detestava os conselhos e a sua mania de querer moldar-lhe os seus hábitos. Ela não se despediu das meninas. Saiu de cabeça curvada. Silvio acompanhou-a até a porta.

– Ah! É mesmo! Você quer os teus documentos. Vamos até o escritório. Ninguém pode andar sem documentos. Espero que enquanto você estiver usando o meu nome, saiba portar-se. É costume de vocês, desquitadas, namorarem os jovens incientes e praticar várias tolices. Não perturbe os jovens, não os desvie. Uma mulher errada é uma catástrofe na vida de um homem.

As meninas surgiram com os olhares espantados. Vendo as malas de Olga.

– Vai viajar, Olga?

Ela não lhes respondeu.

– Você não gosta da nossa casa? A mamãe nos deixou e a Olga nos deixa.

Silvinha disse:

– Nós, as crianças, não compreendemos os adultos.

Claudinha comentou:

– Eu compreendia só a mamãe!

Olga sentou-se enquanto Silvio remexia as gavetas procurando o seu registro. Ia dizendo-lhe:

– A Maria Alice devia chamar Vitória, porque sempre foi vitoriosa. Eu fiquei doente e fui obrigado a casar-me com ela. Minha mãe adoeceu e ela tratou-a com solicitude. Passei a gostar de Olga desprezando-a. Agora que tenho Olga é que vejo o péssimo negócio que eu fiz. Eu não posso olvidá-la. Mesmo depois de ausente, ela vence. A Maria Alice deixou várias recordações. Não me deixou só. Deu-me três filhas. Eu sonhei com a Maria Alice, ela estava com um vestido branco e um colar vermelho. E os sapatos eram vermelhos. Eu estava aqui no escritório escrevendo. Ela disse-me: “Boa noite, Dr. Silvio! Eu senti saudades do senhor, vim visitar-te”. Quando eu fui abraçá-la, ela desapareceu no espaço e eu despertei. Olhei na cama, você não estava ao meu lado. Você sabe que o homem gosta de despertar e olhar a mulher que deve estar dormindo ao seu lado. Pensei: a Olga não está pensando em mim. Ela está adorando o jogo. O seu ideal! Que falta me faz a minha esposa proletária. Como ela era meiga e saudável! A filha da dona da pensão.

As meninas olhavam Silvio e diziam:

– A nossa vida é tão triste com a ausência de mamãe. O papai não falava tanto assim. A Olga é que atrofiou a nossa vida.

Silvinha interferiu:

– Não é atrofiou, é atrapalhou.

– Até eu, minhas filhas, já estou farto destas discussões.

Ele entregou-lhe o registro.

– Até a volta, Dona Olga Breni. Lamento o dia que incluí o nome de Porto no teu nome. E os gastos no nosso casamento.

– Fica com Deus, Dr. Silvio Porto. Peço-te desculpas se não consegui fazer-te feliz. O senhor não amava a Maria Alice. E não gosta de mim. O senhor é um enigma. Um homem como o senhor é difícil de suportar.

Silvio fitou-a sem perturbar-se. A beleza de Olga não lhe atraía. Olga saiu e fechou a porta com tanta força que o retrato de Maria Alice caiu no assoalho. Silvio ficou imóvel contemplando-o, ergueu o retrato, beijou-o e disse-lhe:

– Querida, é você que está expulsando-a? Agora que sou um homem maduro é que gostaria de tê-la ao meu lado. Perdoa-me tudo que te fiz sofrer. A minha sogra há de auxiliar-me a criar as minhas filhas. Ninguém há de substituir a Maria Alice no meu coração.

Pegou um pano e retirou o pó que estava acumulado no retrato. Silvinha lhe observava. As lágrimas de Silvio caíam no vidro. Ela lia a Bíblia. “E queria ter um filho varão para por o nome de Moisés”. Ela dizia:

– Como deve ter sofrido a mãe de Moisés quando foi obrigada a abandonar o filho no rio Nilo. A mãe tem um grande dever moral que é amparar o filho e transformá-lo num cidadão decente. Como deve ter sofrido a pobre mulher. A coisa mais pungente é separar a mãe de um filho.

Silvio olhou a folhinha e disse:

– Hoje é a data de aniversário de Maria Alice. Hoje completam dez anos que lhe dei o primeiro beijo. Silvio sabia que a Olga havia vendido as joias de Maria Alice. Ele queria reavê-las¹⁴⁷.

E o Silvio compreendeu que as mulheres que têm possibilidade de trabalhar ficam arrogantes e no lar não obedecem ao esposo, querem dominar. E autoridade de mulher é uma autoridade insolente. Com a tal vida moderna em que tudo que se adquire custa um dinheirão e a mulher tem que trabalhar para auxiliar o homem, o mais sacrificado. O mais infeliz é o próprio homem. Se um governo aumenta os preços dos gêneros de primeira necessidade vai complicando cada vez mais a vida do homem. Há os que não podem casar-se porque não [...]. não tem valor quando punimos alguém para defender interesses pessoais. Castigo por vingança.

¹⁴⁷ Neste momento, Carolina insere a palavra “Fim” entre parênteses na pauta final da folha do caderno manuscrito. Entretanto, há outras páginas a seguir. A próxima, que seguimos transcrevendo, e mais 5 com anotações esparsas, um poema, um endereço, e uma nota do dia 5 de julho de 1965 em que a autora lamenta, indignada, o atentado contra a rainha Elizabeth.

À guisa de posfácio: *Dr. Silvio* e sua importância no projeto literário de Carolina Maria de Jesus

Dr. Silvio confirma-se como um romance pertencente ao projeto literário de Carolina de Jesus. Mantém os traços folhetinescos já indicados e analisados em *Pedaços da fome* e em outros textos ficcionais da autora. E apresenta a Carolina romancista por inteiro, do primeiro ao décimo terceiro capítulo.

Os manuscritos nos mostraram a face escritora de Carolina. As correções, os capítulos reescritos, as mudanças de enredo e de nome de personagens, entre outros rastros, revelam uma escritora dedicada, preocupada com os rumos da narrativa, zelosa de seu texto e determinada, como um romancista deve ser, com fôlego para conduzir o enredo e seus personagens até o final.

Certamente percebe-se que Carolina é ingênua com relação à estética. Seu romance repete as características folhetinescas e melodramáticas porque era esta a literatura que ela tinha como referência. Na tentativa de imitar os autores do século XIX que com certeza leu, a escritora tece uma história simples, mas rica se pensarmos na forma como conduziu sua escrita e na precária formação literária que teve. Não é o caso de atribuir ao romance de Carolina Maria de Jesus apenas o valor sociológico, mas não se pode também abster-se dele, pois é louvável que uma catadora de papel e moradora de uma favela tenha tido uma obra literária com tantos gêneros e tão longa produção.

Pensando a partir desses princípios e mirando desse lugar, é possível perceber em *Dr. Silvio* sua importância literária dentro do projeto da autora. Lembrando os preceitos sobre valor do texto literário que Compagnon discute em *O demônio da teoria*, quando questiona “Qual é a arte superior?” (1998, p. 224) e afirma que “Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão. Dizer que um texto é literário subentende sempre que um outro não é” (p 33), pode-se discutir e analisar o romance a partir do ponto de vista da não exclusão, sem exigir de Carolina grandes critérios estéticos e comparativos com os clássicos ou com os modernistas, seus contemporâneos.

O romance apresenta um enredo simples e personagens pouco complexos psicologicamente, mas há observações e análises interessantes que podem ser feitas. Começando pelo protagonista que dá nome ao romance, *Dr. Silvio* apresenta mudança

de caráter durante a história. O personagem nos é apresentado no primeiro capítulo como um rapaz bonito e rico, mas frágil moralmente e de caráter duvidoso. Quando estudante e morador da pensão de Dona Júlia, mãe de Maria Alice, mostra-se um jovem estudioso, mas fútil e vaidoso, especialmente no que se refere aos sentimentos de Maria Alice por ele. Quando descobre que a moça está apaixonada, ele a nutre de esperanças, mas deixa claro, em pensamentos captados pelo narrador, que não pretendia casar-se com a filha da dona da pensão. Ao engravidá-la, arma para fugir e voltar à fazenda de sua mãe no interior de São Paulo, mas adoece e, impedido pela febre tifoide, acaba obrigado a casar-se com ela. Um pouco mais maduro, quando volta para a casa da mãe, Silvio, ainda que muitas vezes solidário a Maria Alice diante dos desmandos da mãe, continua aceitando o papel de filho único submisso às suas vontades, numa relação freudiana que Carolina conduz muito bem. Ao se apaixonar por Olga revela sua sordidez (tipicamente masculina nos romances românticos) diante da esposa dedicada: deseja várias vezes que Maria Alice morra ou que fique livre dela, o empecilho para sua felicidade com a amante. Mesmo após a morte trágica da esposa, mostra-se frio e só vai realmente ser atingido pelo remorso e constatar a perda amorosa da esposa quando se casa com Olga e percebe a diferença entre as duas.

Carolina apresenta Silvio cercado por personagens femininas, todas girando ao seu redor; são poucos os homens da narrativa e nenhum tem força no enredo, algumas vezes parece haver uma tentativa diferente neste aspecto, como no caso de Álvaro Leite, que parece querer levar pra frente uma investigação sobre a morte de Maria Alice, por quem era apaixonado, mas é impedido pela mãe dela, Dona Júlia, e desencorajado por muitos. Veralina é apaixonada por Silvio e nos primeiros capítulos chega a enxergar Maria Alice, a melhor amiga, como sua rival. Volta no final do romance, ainda apaixonada por ele e encantada com seu amor pela amiga. Olga apaixona-se por Silvio desde a noite em que o conheceu no *Night Club* e, embora demonstre certa indiferença por ele e independência, o enredo não confirma sua coragem e vanguardismo feminino, infelizmente. Pelo contrário, ela é acusada de ser uma péssima mulher e de exercer mal seu papel de esposa e dona de casa. Dona Claudia, mãe de Silvio, é outra edipianamente apaixonada pelo filho único. Sua viuvez reforça a solidão da mulher que depende afetivamente do filho, para quem vai investir todos os esforços e canalizar a afeição.

Além disso, há as três filhas do casal Silvio e Maria Alice, todas meninas, mais mulheres em volta dele.

A protagonista Maria Alice, como afirmamos, lembra as personagens do romance folhetinesco do século XIX, é submissa, cegamente apaixonada e tem na morte trágica seu “castigo” pela fidelidade e lealdade ao marido até o fim da vida. Afinal, estava na Argentina obrigada por ele, já que detestava viajar ou sair de casa, encontrando no lar sua maior identificação como esposa e mãe. Seu sofrimento inicia-se efetivamente no terceiro capítulo, quando é apresentada à sogra, dona Claudia, que a despreza e rejeita o casamento dela com o filho Silvio. A mulher vocifera humilhações contra a pobre jovem e não perdoa o filho por ter se casado sem seu consentimento com uma filha de dona de pensão, sem dote e linhagem, longe de suas pretensões para ele. O narrador nos relata o sofrimento da protagonista: “Quando Maria Alice entrou no banheiro, chorou. Estava tão atribulada com os modos descorteses de sua sogra. Aquelas palavras irônicas eram como brasas queimando-a interiormente. Se é que existe purgatório, aquela casa era a sua sucursal” (p.122). As comparações já utilizadas nos diários permanecem na ficção; como já observamos, Carolina vale-se delas para intensificar ainda mais a dor e a alegria de seus personagens. A transformação de Maria Alice se dará no quarto capítulo, quando ela se muda da fazenda da sogra depois de tanto tempo e terá, enfim, uma casa sua para criar as filhas e mimar o amado marido:

Quando ela deixou a fazenda, sentiu-se leve como uma pluma. A melancolia não a deixava um instante extinguir-se. Preparou sua residência ao seu gosto. Ela mesma preparava as refeições, não era exigente, conformava-se com a mesada que Silvio lhe dava. Passou a ser fagueira como noutros tempos. Silvio observava a transformação. Demonstrou ser excelente dona de casa e uma esposa muito atenciosa (p.126).

Começa então a fase de boa e submissa esposa e dedicada mãe. Carolina, no romance, vai na contramão do que vivia em sua própria vida, independente e pouco machista que era, justamente por acreditar ser esta a literatura que alcançaria sucesso e leitores. Maria Alice torna-se o exemplo de mulher ainda propagado pela maioria da sociedade e cultivado nos romances que a escritora havia lido. Comportando-se dessa forma, ela acredita poder manter seu casamento com o homem amado, embora, em certo momento, o narrador nos dê a dimensão da consciência crítica da personagem:

Se Maria Alice não fosse tolerante, há muito o seu lar já estaria desfeito. Suportara com resignação as indiferenças de Silvio e as humilhações de sua sogra. Ela atingira a maturidade, estava intelectualmente desenvolvida, já não era mais ingênua, percebia que Silvio não a amava. Às vezes chorava, mas não pensava numa separação porque longe dele quem ia sofrer era ela. Percebia que as carícias de Silvio eram apenas para equilibrar o lar. Ela, que sonhava com um esposo apaixonado, que lhe arrebatasse, lhe acariciasse. O que devia fazer para atraí-lo? (p.127).

Assim a jovem apaixonada percebe a dificuldade de ser amada, mas permanece empenhada em conquistar o homem que vive ao seu lado, repetindo, mais uma vez, o comportamento esperado da mulher, que vive em função do marido para ser feliz: “não pensava numa separação porque longe dele quem ia sofrer era ela”.

A benevolência e o altruísmo da personagem surtirão efeito, como numa lição moralista literária, no quinto capítulo, quando a sogra adoece e tem de receber os cuidados da nora, a quem tanto humilhou. Maria Alice e seu grande coração cuidarão sem mágoas de dona Cláudia e esta, enfim, vai se render aos encantos da boa nora. Com o surgimento da antagonista Olga, no entanto, o narrador de Carolina provocará no leitor raiva de Silvio e da moça elegante e refinada, oposto de Maria Alice, que enganará a protagonista dentro de sua própria casa, seduzindo seu marido e filhas. Maria Alice chega a descobrir o envolvimento de Silvio, mas morrerá em seguida, num trágico acidente no elevador do hotel na Argentina, país visitado por Carolina na época da fama de *Quarto de despejo* e lugar que ela muito apreciou.

Após a morte de Maria Alice, Olga poderá usufruir do lugar de esposa ao lado do amado Silvio. Entretanto, sofrerá por causa das comparações com a falecida esposa, lembrando romances românticos como *A sucessora*, de Carolina Nabuco, em que a protagonista Marina, casada com o viúvo Roberto, vive sob a sombra da falecida esposa dele, Alice. Também *Encarnação*, de José de Alencar, em que o protagonista Hermano, viúvo inconformado e apaixonado pela esposa morta Julieta, casa-se com Amália, mas não consegue se livrar do fantasma da falecida. Amália tenta se aproximar ao máximo de Julieta para agradar e conquistar o marido. Olga não se esforça tanto, mas sofre o tempo inteiro as acusações de Silvio por não zelar pela casa e pela família e por se

mostrar uma mulher que gosta de sair para jogar e se divertir, mesmo sem o marido. Estas serão acusações que pairarão sobre ela até o último capítulo.

Embora a postura crítica da escritora mineira fique velada na maior parte do romance, a denúncia social aparece no nono capítulo de forma ostensiva no diálogo entre Silvio e Veralina. Quando ela propõe como solução para os problemas sociais do país a reforma agrária, Silvio responde: “A reforma agrária é uma causa necessária por causa da multiplicação ilimitada da humanidade” e segue num discurso político de várias linhas, no qual propõe melhorias na educação e no trabalho e responsabiliza o governo por não gerenciar bem essas questões. Assim, percebemos no personagem o alter ego da escritora, que já havia revelado tais opiniões políticas em seus diários, entrevistas, provérbios, entre outros textos de seu projeto literário.

Na introdução do décimo capítulo, novamente a denúncia social se revela no pensamento da personagem Veralina, misturado à voz do narrador na terceira pessoa. A moça havia voltado para São Paulo depois de estar com a família de Silvio e o regresso lhe provoca reflexões:

Foi com prazer que fitou a linda metrópole, com seus arranha-céus majestosos com a fusão das raças mescladas e a desigualdade social. A classe rica vivendo ricamente, exibindo lindos automóveis e joias caríssimas. A classe média na sua luta com o salário designado pelos delegados eleitos pelo povo. Mas um salário mísero e mesquinho. O que adianta o homem da atualidade pensar no trabalho ou se trabalha. O salário não dá para suprir os gastos, tendo que recorrer a comprar a prestações. Hoje não se compra o que nos agrada, mas o que nos convém comprar nas nossas possibilidades. E as ruas de São Paulo são um teatro: homens e mulheres e crianças pedindo esmolas (p.202).

Inevitável a comparação da opinião exibida no trecho com o que sabemos ter Carolina de Jesus vivido e pensado sobre São Paulo e suas mazelas. Suas metáforas para o quarto de despejo e para a sala de visitas são aqui expostas em outras linhas, agora na ficção.

Esteticamente, percebe-se o cuidado de Carolina com o texto e sua destreza com a linguagem. A escritora vale-se do discurso indireto livre para permitir que o leitor adentre os pensamentos dos personagens. É assim que temos certeza, por mais de uma

vez, do que Silvio sentia, como no trecho em que ele, na fazenda da mãe, pensa em Olga e em Maria Alice:

Pensava na sua vida. Um casamento para ser realizado é preciso que os dois queiram unir-se para o resto da vida. E ele não desejava casar-se com a Maria Alice. E queria conservar a Olga na sua vida, tinha receio de perdê-la. Ele agora era um homem maduro e com experiência para conseguir realizar os seus desejos. Não tinha preocupações como dinheiro, a sua luta era Maria Alice e Olga, por isso era nervoso e sentia profunda revolta interior. Reconhecia que não podia dominar-se a não ser que Olga decidisse viver maritalmente. Evocava o seu passado, até aquela data só havia surgido contratempo na sua vida. Ele, que era inimigo de atribulações. O seu casamento não deixou recordações deliciosas, pensou que ia conseguir escapar de Maria Alice, mas a maldita enfermidade favoreceu-a. Todos têm suas preferências e Maria Alice não era a mulher que ele pretendia ter como esposa. E quando não há amor, o ente humano não sabe dissimular.

Os elementos da narrativa são trabalhados de forma clara e correta por Carolina, mostrando seu conhecimento sobre os gêneros que escrevia, por mais ingênuos e simples que fossem.

Os últimos capítulos de *Dr. Silvio* confirmam a linha que o enredo já previa nos anteriores: Silvio volta para a casa na cidade, depois de ter se recuperado de uma grave doença que somatiza, na verdade, o remorso diante da morte de Maria Alice. Olga é rechaçada pela sogra antes de voltar para casa por não ser uma boa esposa e não cuidar bem do marido. Dona Cláudia faz contra a nora acusações conservadoras como já vinha dizendo ao compará-la com Maria Alice, o exemplo de esposa e mãe perfeita. O final não é feliz para Olga e Silvio, mas faz justiça à mocinha, protagonista Maria Alice, pois Silvio não consegue suportar o casamento com Olga e seu remorso transforma-se em obsessão pela esposa morta. A sogra, dona Júlia, vem para Ribeirão Preto morar com ele e as netas.

Dr. Silvio se encaixa, portanto, no projeto de ficção de Carolina Maria de Jesus: um romance com ares de folhetim do século XIX, bem parecido com os românticos brasileiros, os quais fizeram parte do arcabouço de leitura da autora. É ingênuo, muitas vezes previsível e de enredo e personagens simples, mas está situado na obra de uma

escritora preocupada com os rumos de sua prosa, embora ela não tenha sido nada convencional, levando em conta sua trajetória e seu projeto literário totalmente à margem do que conhecemos como literatura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não existe algo mais pesado na
existência do que a própria existência.*

Carolina Maria de Jesus

A partir do provérbio de Carolina nesta epígrafe, teço minhas considerações finais sobre este trabalho. Sua existência, tão emblemática para a literatura brasileira, foi de fato pesada, mas ao mesmo tempo gloriosa. A literatura que produziu durante a vida chega até nós como verdadeiro “soco no estômago” através de um diário escrito em cadernos catados no lixo ou comprados com o dinheiro obtido pelos mesmos dejetos que vendia. Surge então uma narrativa cotidiana em forma de diário que surpreende São Paulo, o Brasil e vários outros países, uma narrativa vinda de dentro de uma realidade que a sociedade brasileira teima em negar. Já havia negado antes, ocultando escritoras como Maria Firmina dos Reis por muitos anos e aceitando que, entre as mulheres escritoras estudadas e consagradas, apareceram poucas, pouquíssimas, mesmo brancas e pertencentes a classes sociais mais privilegiadas que a de Carolina Maria de Jesus.

Ao utilizar a metáfora que cruzou o mundo, o quarto de despejo de São Paulo, Carolina inicia a divulgação de seu projeto literário, na verdade iniciado bem antes do *best-seller*, mas que se consolida com a publicação dele e suas muitas traduções. Mesmo com as críticas às edições de Audálio Dantas, é com elas que o fenômeno Carolina surge em nossa literatura e fortalece a literatura escrita por autores negros no país.

O desejo de Carolina de recolher, além dos dejetos, sua memória, faz dela uma arqueóloga de sentidos. Sua escrita performática ganha distinção através das histórias contadas nos textos autobiográficos, como uma forma de traduzir o desejo de fazer parte da literatura brasileira, mesmo não conhecendo os caminhos certos para isso. Sua voz, que representa a de milhares de brasileiros pobres e negros, renegados e relegados em seu país, passa para a escrita o corpo ultrajado pela difícil realidade por ela vivida.

Dessa forma, os diários *Quarto de despejo*, *Casa de Alvenaria*, *Meu estranho diário* e *Diário de viagem* formam uma série importante de textos da escrita de si que se transformaram em tradição de escrita de autoria feminina negra, germinando e gerando sucessoras como Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Cristiane Sobral, Míriam Alves, entre outras escritoras negras brasileiras que afirmam serem influenciadas pela escritora de Sacramento. A voz antes silenciada irrompe o Modernismo em meados do século XX e mostra uma outra face da literatura brasileira, diferente e inusitada. Tão à parte das características dos movimentos literários surgidos na mesma São Paulo em que vivia, Carolina teima em escrever seus diversos gêneros textuais e literários, mesmo não obtendo mais o sucesso do primeiro livro.

Os diários revelam a força performática de Carolina, que utiliza a escrita como parte de seu corpo, uma voz corporificada que dia a dia propaga em sua rotina a realidade de sua existência. Em *Quarto de despejo* percebem-se esses aspectos na apresentação de Carolina para o mundo como uma catadora de papéis, moradora de uma favela da maior cidade do país, pobre, negra, mãe solteira que luta pela sobrevivência numa sociedade alheia ao que acontece em sua periferia. Depois do susto, os leitores poderão acompanhar, em *Casa de Alvenaria*, a performance de Carolina nos escritos que mostram sua passagem do anonimato para a fama oriunda do primeiro diário. E então conhecemos a mudança de vida da escritora e o fortalecimento da sua vontade de pertencer ao mundo da literatura. Abordando temas políticos, percebe-se nos primeiros livros publicados a consciência crítica que perpassa sua vida e se mantém ainda mais forte quando ela alcança a fama e frequenta espaços além do Canindé e das ruas de São Paulo. Fama que também é compartilhada com o leitor através do diário escrito durante suas viagens de lançamento de livro na América do Sul. Nelas a autora vai se identificar com a América Latina que ela conhecia de longe e se sentir parte dela, mesmo quando sente na pele o racismo e o preconceito de gênero.

Em *Meu estranho diário* vamos conhecer a escrita de Carolina mais de perto, sem edições, revelando ainda mais o caos de sua escrita, sua pressa em dizer muito, a mistura de sua escrita diarística com listas de compras, comentários políticos, queixas de indignação e observações em geral sobre o mundo a sua volta. A escrita muda, cortada e tagarela ao mesmo tempo, confirma o que já havia sido percebido nos diários, mas a ideia é fortalecida depois do acesso aos textos sem edições; as “estranhas”

contradições da autora denotam sua força escrita, muitas vezes sem pontuação, como que a metralhar as palavras de dentro dela numa atitude performática, por ser também transgressora.

Sabendo da força de sua história pessoal, ela performatiza também sua escrita em textos como “Minha vida”, “Sócrates africano” e “Um Brasil para os brasileiros”, este publicado como “Diário de Bitita” na França após sua morte. Nestes relatos vimos que ela, ao reinventar seu passado, cria uma figura autoral coerente com o que relatou em seus diários, provando sua sintonia nos textos que performatizam sua experiência de vida. A escrita de protesto também aparece através das histórias, misturando as identidades da escritora adulta com a menina nascida no interior de Minas. Bitita é revelada ao leitor como uma menina perspicaz, crítica e esperta, bem nos moldes da Carolina que conhecemos nos diários publicados.

Seguindo os traços do projeto de Carolina, a poesia também externa aspectos já observados nos outros gêneros. A veia política tão gritante nos diários e na autobiografia permanece nos poemas que denunciam o racismo, o descaso com o homem do campo, o desabafo diante dos políticos e dos desmandos com a pátria que ela tanto defende, nos moldes dos românticos poetas do século XIX. A face lírico-amorosa que norteia os romances também está presente nos versos da *Antologia pessoal*. A idealização do ser amado e a mulher casta e submissa ao marido, a qual ganha conselhos muitas vezes do eu lírico de Carolina. O tom moralizante que ela também revela em *Provérbios* permeia os poemas e até os sambas que compôs, gravados no LP *Quarto de despejo*.

O melodramático tom dos romances é ricamente mostrado na publicação de *Pedaços da fome*, em 1963, que apresenta a prosa de ficção de Carolina ao leitor brasileiro, embora em tiragem pequena e tímida recepção, já alardeando o esquecimento da escritora, tão pouco tempo depois de *Quarto de despejo*. O sentimentalismo da história de Maria Clara e Paulo Lemes permanece nos romances inéditos e em *Dr. Silvio*, proposto em edição crítica nesta tese. As dificuldades para viver um grande amor serão mostradas em enredos simples, mas trabalhados nos elementos da narrativa, com a caracterização expressiva dos personagens e uso de recursos literários dignos do gênero romance, como o discurso indireto livre e a descrição atenta dos ambientes.

Os romances inéditos continuam a proposta anunciada no primeiro publicado. Alguns trazem aspectos da prosa autobiográfica e da poesia, como a denúncia social, tão marcada nas falas dos personagens Silvio, Veralina e dona Júlia, de *Dr. Silvio*, ou a idealização feminina e a exaltação da natureza, presentes em todos eles. O casamento patriarcal é marcado pela submissão das personagens femininas aos maridos, que são transformados em caráter pelo amor fiel e leal das esposas. O sofrimento das mulheres é outra característica recorrente em todos os romances, seja por alguma doença, como a personagem Glória, de um dos romances inéditos sem título, que é portadora da doença de Chagas, ou pelo abandono familiar, como Rita, do romance que traz como título o nome da protagonista.

Esta tese procurou demonstrar, portanto, as intenções literárias de Carolina Maria de Jesus e sua contribuição para a literatura brasileira e também internacional, já que ela é tão estudada fora do Brasil, especialmente nos Estados Unidos. Além disso, com a edição crítica do romance inédito *Dr. Silvio*, espera-se contribuir para a divulgação e futura publicação de sua obra, além de despertar novos interessados no vasto material que se encontra inédito à espera de leitores e pesquisadores.

REFERÊNCIAS

Da autora

Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1961.

Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Diário de Bitita. 2. ed. Sacramento (MG): Bertolucci, 2007.

Meu estranho diário. Organização de, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

“Minha Vida... Prólogo”. In: LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 172-189.

Pedaços da fome. São Paulo: Águila Ltda, 1963.

Provérbios. São Paulo: [s.n., 196-?].

Onde estaes felicidade? Organização de Raffaella A. Fernandez e Maria Nilda da C. Mota. São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014.

“O Sócrates Africano”. In: LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 190-19.

Quarto de despejo. São Paulo: Ática, 2000.

Coleção Carolina Maria de Jesus. Cadernos microfilmados. Rolos MS565 (1-10). P/b, 35mm. Microfilme.

Sobre a autora:

BUENO, Eva Paulino. Carolina Maria de Jesus no Kansas: uma história de amor. In: *Revista Espaço Acadêmico*, Kansas, n.46, março de 2005. <http://www.espacoacademico.com.br/046/46bueno.htm> . Acesso em: 15/05/2011.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. *Muito bem, Carolina!* Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria: história de uma ascensão social. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961. p. 5-10.

FELINTO, Marilene. Clichês nascidos na favela. In : http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/29/mais!/28.html#_=_. Acesso em 18/05/2015.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2000. p.3-5.

DOUBROVSKY, Serge. *Le livre brisé*. Paris: Gallimard, 1977.

GODINHO, Marta Teresinha. Depoimento. In: LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 115-121.

LAJOLO, Marisa. A leitora no quarto dos fundos. *Leitura: Teoria e Prática*. Campinas: Mercado Aberto, ano 14, n.25, p.10-18, Junho de 1995.

LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo ou um ramo de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; revisão de Armando Freitas Filho). Rio de Janeiro, UFRJ, 1996. p. 37-61.

LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. Uma história para Carolina. In: LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994b. p. 17-53.

LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. Preâmbulo necessário. In: Jesus, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organização de José Carlos S. B. Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996. p. 7-10.

LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. A integridade das frações. In: Jesus, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996. p. 285-307.

LOPES, Elisângela. Denúncia e reflexão no quarto de despejo. Crítica. In: www.letras.ufmg.br/literafro - Acesso em: 20/08/2010.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*. 2002. 267 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MANFRINI, Bianca Ribeiro. *A mulher e a cidade: imagens da modernidade brasileira em quatro escritoras paulistas*. São Paulo: Fapesp/Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MEYHY, José Carlos Sebe Bom. O inventário de uma certa poetisa. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 07-36

OLIVEIRA, Eduardo de. Apresentação. In: JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome*. São Paulo: Águila Ltda, 1963.

PERPÉTTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. 2000, 367 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

PUERTA, Dona Maria. Depoimento. In: LEVINE, Robert M; MEYHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 108-114.

SOUZA, H. P. Germana. A tradução francesa da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 28, 2011. Acesso em: 15 de fev. 2012.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

Geral

ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d].

ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Klick Editora, [s/d].

ARAÚJO, Emanuel. Edição crítica. In: ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 193-245. Capítulo 4.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitete/AnnaBlume, 2002.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. 1).

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CALVINO, Italo. *Assunto encerrado*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. A escrita da mulher negra no Brasil: do século XVIII ao limiar do século XXI. In: VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. *Anais*. Belo Horizonte: Abralic, 2002. p. 1-11.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v. 2

CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto. Narrativa autobiográfica: um gênero literário?. In: CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto. *Narrativas do eu: memórias através da escrita*. Bauru: Unesp, 2009. p. 9-22.

CORTES, Cristiane F. R. de Araújo. *Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. 2010, 143 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

DANTAS, Marta. *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras/UFMG, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afro-descendência. In: DUARTE, Eduardo de Assis *Literatura, Política e Identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005. p. 22-30.

DUARTE, Eduardo de Assis. Virginia Woolf: a androginia como desconstrução. In: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_eduardo.htm Acesso em 12/09/2010.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações*

performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FIGUEIREDO, Eurídice. Régine Robin: autoficção, bioficção, ciberficção. *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 21-30, jul. 2007. Semestral.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*.

FRIEDMAN, Susan Stanford. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 213-226

HERVOT, Brigitte; SAVIETTO, Maria do Carmo. A escrita autobiográfica. In: CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto. *Narrativas do eu: memórias através da escrita*. Bauru: Unesp, 2009. p. 23-36.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEAL, Juliana Helena Gomes. *Literatura e performance: incursões teóricas a partir da escrita literária de Lemebel, Lispector, Prata e Saer*. 2012. 175 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *A moreninha*. São Paulo: Klick Editora, [s/d].

MACIEL, Maria Esther. A enciclopédia de Arthur Bispo do Rosário. *Outra travessia*, Florianópolis, n. 7, p. 117-124, 2008.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. *Aletria*, Belo Horizonte, n. 18, p. 105-119, jul. 2008.

MATOS, Claudia Neiva de. Literatura e performance. In: CARREIRA, . *Mediações performáticas latino-americanas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 49-58.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, Marlyse. Aspectos da mulher no folhetim do século XIX: seduzidas e abandonadas. In: *Seminário Nacional Mulher e Literatura - Anais*. Natal, UFRN: Editora Universitária, 1995. p. 103-111.

MIRANDA, José Américo. Edições críticas e o “leitor comum”. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 89-103.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RAVETTI, Graciela. Performances escritas: o diáfano e o opaco da experiência. In: HILDEBRANDO, A; NASCIMENTO, L.; ROJO, S. (Org.). *O corpo em performance*. Belo Horizonte: NELAP/FALE-UFMG, 2003. p. 31-61.

RAVETTI, Graciela. Autoficção e testemunho: a interseção literatura/estudos culturais. In: OLIVEIRA, Silvana Pessôa; OTTE, Georg (Org.). *Mosaico crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17-24

RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: FALE-UFMG/Poslit, 2002. p. 47-68.

RAVETTI, Graciela. *Nem pedra na pedra, nem ar no ar: reflexões sobre literatura latino-americana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHECHNER, Richard. O que é performance?. *O Percevejo*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SILVA, Flávio Luiz Porto e. Melodrama, folhetim e telenovela: anotações para um estudo comparativo. *Facom*, São Paulo, n. 15, p. 46-54, ago. 2005. Semestral. Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_15/_flavio_porto.pdf. Acesso em: 03 abr. 2014.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TAYLOR, Diana. *Acciones de memória: performance, historia y trauma*. Santiago de Surco: Fondo Editorial de la Asamblea Nacional de Rectores, 2012.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Sites:

<www.lettras.ufmg.br/literafro>. Portal da Literatura Afro-brasileira. Vinculado ao Projeto Integrado Literatura Afro-brasileira: configurações e contextos, coordenado pelo professor Eduardo de Assis Duarte. Acesso em: 20 de jul. de 2010.

<www.vidaporescrito.com>. Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus, parte do projeto Vida por Escrito - Organização, classificação e preparação do inventário da obra de Carolina Maria de Jesus, coordenado pelo professor Sergio Barcellos. Acesso em: 16 de jan. de 2015.

ANEXOS

Anexo 1

Capítulo VII e VIII em que Maria Alice morre envenenada por Silvio

VII

Lá fora a chuva caía. O vento rugia furioso. A chuva caía em catadupas. Maria Alice foi deitar e na quietude do seu lar, reclinou a cabeça no travesseiro e começou a ler um romance. Mas não compreendia o que lia, o seu cérebro estava agitado. Silvio passava as noites fora, regressava tarde, ela não via quando ele chegava. Aquela ausência de Silvio a mortificava. Ela não imiscuía nos atos de Silvio. Eram um casal cerimonioso, faltava a liberdade mútua. Ela não sabia discutir, não tinha vontade própria. Silvio lhe preteria? Quem era a sua preferida? Não tinha uma amiga que ela confiasse para pedir opinião. Pensou em escrever para sua mãe, mas ia afligi-la. Chorar não solucionava e não diminuía a sua angústia. Compreendia que ninguém passa por esse mundo sem afligir-se.

Silvio não lhe dizia onde passava a metade da noite. A felicidade ausentava-se de seu lar para receber a desconfiança que ia sempre multiplicando e a desilusão começou a surgir vagarosamente. Apenas Olga notou a nostalgia de Maria Alice. Ela já não demonstrava aquela alegria de outrora. Estava definhando. Silvio não notava nada que se passava em casa. Um dia tratava Maria Alice com meiguices, depois passava dias sem se preocupar com ela. Vivia obcecado por Olga, que sabia prendê-lo. Usava sempre tailleurs de alto preço. Silvio observava com ela trajava bem. Com Olga sim que ele desejava percorrer a Europa. Vale a pena ter dinheiro para gastar com uma mulher igual a esta. Quem possui uma bela mulher tem prazer no mundo e gosta de viver.

A chuva cessou. O dia despontou cheio de sol e convidativo. Maria Alice vestiu as meninas e foi passear na estação. Precisava sair para dissipar os maus pensamentos que avolumavam no seu cérebro. O seu sofrimento era irremissível. Enquanto as meninas brincavam no jardim, Maria Alice sentou num banco, aparou o rosto nas mãos e começou a pensar. Não percebia o que se passava ao seu redor. Assustou-se quando viu que alguém a tocava nos braços. Olhou assustada. Era José Augusto. Ela o fitou longamente e sorriu. Exclamou:

- Sete anos que não te vejo... como você está bonito - José Augusto riu.

- Agora que você me acha bonito... depois que se casou. Você nunca me fitou. A sua indiferença feria quase todos pensionistas de sua mãe. Você só vivia para o Silvio, você é persistente no amor. Mas o que se passa contigo? És feliz ou infeliz?

- Oh, muito! – disse Maria Alice, com amargura na voz.

- Não creio, as pessoas felizes têm outra expressão. Os olhos traduzem o que sente o coração. Fala-me de seu lar! Silvio é meigo ou irroso?

- Oh! Ele é muito bom – afirmou Maria Alice, com ar de tristeza.

- Eu sei que você o pinta com as sete cores do arco-íris. Você destruiu muitas ilusões, pensou que se não se casasse com Silvio não encontraria mais pretendentes.

- O que veio fazer em Ribeirão Preto? – perguntou Maria Alice fitando-os nos olhos.

- Estou de férias, resolvi percorrer um pedaço do país. Faz dias que cheguei. Não esperava te encontrar, mas confesso-te que de há muito desejava te ver. E agradeço ao acaso. Tenho um pressentimento que você não é feliz. Se sofres, não oculta, brada... já não se usa sofrer mais, estamos na época das soluções. Tudo pode ser solucionado.

As meninas vieram correndo. Maria Alice apresentou-as. José Augusto afagou-as e disse:

- São lindas!

- E você? Por que não se casa? – perguntou Maria Alice sorrindo.

- Eu só pensei em casamento antes de você se casar. Depois que você se casou eu deixei de pensar e ainda estou solteiro.

Maria Alice despediu-se de José Augusto e deu o seu endereço.

- Sinto, mas não vou. Sei que não seria bem recebido por Silvio. Ele não aprecia os pobres.

Maria Alice estremeceu. Recordou-se das palavras duras de D. Claudia aludindo a sua falta de dote. Será que Silvio pensava igual a sua mãe? Sentiu mal estar, dor de cabeça. O enigma estava resolvido. Agora compreendia tudo. Silvio ligou-se a ela sem possuir um pecúlio. Tinha desejo de lhe dizer eu não me casei com seu dinheiro. Apenas te amei muito a ponto de perder a noção. Foi para sua casa pensando na sua desdita. Quando chegou, o mal estava no auge, foi direto para o leito. Sentia frio, seu organismo desfalecia. A criada foi procurar Silvio no escritório. Quando ele penetrou no quarto, ela estava pálida. Pousou a mão no seu rosto para ver se ela estava com frio. Será grave a sua enfermidade? Ela nunca ficou doente. Será que Santo Antônio atendeu-me? Com sou feliz! Será que vou ficar viúvo? Era a primeira vez na sua vida que sentia alegria. Vou ver o meu sonho realizado. E ele que duvidava do poder de Santo Antônio. Pensou em chamar um médico, era melhor telefonar para Olga vir urgente a sua casa. Era melhor ele ir de automóvel buscá-la. Disse a Maria Alice que ia procurar um médico.

Olga estava em casa.

- Venha depressa! Preciso muito de você !

- O que se passa? – perguntou Olga, curiosa para saber do que se tratava.

- Deus está nos ajudando! A Maria Alice está doente. Devo chamar um médico ou não? – perguntou Silvio com ansiedade.

- Deve sim! – sugeriu Olga admirada com a novidade – chama um médico, manda aviar a receita, mas não dê o remédio. Dá-lhe água açucarada, ela pensa que é remédio, pode ser que o mal agrava-se e ela sucumbirá.

- E nós seremos felizes.

Silvio chamou um médico, queria saber se o mal era grave. Olga ouviu com atenção as prescrições. Assim que Silvio saiu para mandar preparar o remédio, Olga procurou um vidro e encheu d'água açucarada. Silvio dava-lhe uma colher d'água açucarada e jogava fora outra de remédio. Olga estava contentíssima, pediu ao Silvio:

- Se ela morrer, vá buscar-me.

Não dormiu a noite toda aguardando o telefonema de Silvio. Três dias se passaram, Maria Alice reestabeleceu-se. Ela foi ao escritório procurar Silvio para agradecê-lo. Ele estava de branco, usando uma gravata roxa, presente de Olga. Estava lendo um jornal. Maria Alice penetrou de mansinho, fitou-o e disse-lhe:

- Boa noite, ilustre Dr. Silvio Lemes, vim agradecer-te os cuidados que me dispensou. Foste ilimitadamente atencioso. Tudo que fizestes por mim ficará arquivado em meu coração. Se algum dia precisares de mim, estarei ao seu dispor. Não costumo olvidar os benefícios que recebo. Eu já gostava muito de você, agora gosto mais. Como é sublime possuir um homem como você – deu-lhe um beijo e se retirou.

Assim que ela saiu, Silvio amarrotou o jornal e atirou no assoalho. Maria Alice sempre pensava nas palavras de José Augusto: Silvio não gosta de pobre. O certo é que ele nunca dissera que a amava. Esta dúvida ia medrando. Silvio decidiu ir para a fazenda. Quando Maria Alice não mais avistou a cidade, concentrou sua atenção nas paisagens, era a quadra das flores. As árvores estavam adornadas, davam um lindo aspecto à colina. Estava contente, sua sogra disse-lhe que estava com muitas saudades das netinhas. Quando Silvio a agradava, era uma festa para o seu coração. Onde ele ia fazia questão de sua presença. Um dia ela estava indisposta, pediu-lhe para ficar em casa. Silvio, muito amável, disse-lhe:

- Não posso compreender-te, você não tem indisposição para o trabalho e tem para sair de casa.

- Eu gosto imensamente de minha casa, mamãe habituou-me assim.

O automóvel deslizava placidamente, as meninas iam cantando, olhando as paisagens através dos vidros.

- Você ontem saiu, onde foi? – perguntou Silvio sem olhá-la.

- Tomar chá na casa de dona Ruthe, ela estava maldizendo seu esposo. Foi ela que me contou que há homens que maltratam suas esposas. Eu disse-lhe que você nunca me fez chorar, que me cerca de todas as atenções. Ela disse-me: “Deus permita que sua vida seja sempre assim”. Condoeu-me vê-la chorar, que seu esposo passou a gostar de outra. É a outra que ele apresenta à sociedade como sua legítima esposa. Que um homem quando passa a amar outra, as esposas sofrem. Que perdem a simpatia pelo lar. Ela disse que inveja a minha vida, que você é apontado como esposo exemplar.¹⁴⁸

¹⁴⁸ O restante do capítulo VII é idêntico ao transcrito e editado nesta tese: a família de Maria Alice chega à fazenda de Dona Claudia, Silvio está cada vez mais impaciente com Maria Alice e apaixonado por Olga. Sai escondido da fazenda para ver a amante na cidade, espanta-se com o fato de Olga nunca estar em casa, Maria Alice pinta os quadros que encantam a sogra. Em seguida, voltam para Ribeirão Preto e Maria Alice faz as malas para São Paulo. Ela continua desconfiada de Silvio e Olga e com mau pressentimento sobre a viagem, comenta isso com a mãe em São Paulo e pede que D. Júlia cuide das filhas caso algo lhe aconteça.

Capítulo VIII

(...) ¹⁴⁹

Assim que o navio atracou, as meninas rejubilaram-se exclamando:

- Que cidade magnífica!

Silvio foi hospedar a família numa pensão. Maria Alice ficou nervosa:

- Silvio, por que não fomos para um hotel?

As meninas não se conformavam com a falta de conforto. Silvio saía o dia todo, não se preocupava com elas. O colar de diamante, as pérolas, o brilhante, Silvio levou consigo. Deixou apenas a aliança.

- O que planejava Silvio?

As meninas recusavam-se a tomar banho porque o banheiro não era nível igual ao do navio. As meninas recusavam alimentos, ela é quem suportava o clamor.

- Mamãe, eu quero ir-me embora. Vamos voltar para nossa casa?

Quando Silvio regressava era sempre às duas horas da manhã. Chegava e deitava. A cama fazia um ruído, era de arame, muito frágil.

- Silvio, as meninas querem voltar. Não comem nada, choram o dia inteiro. Por que você tranca-me aqui neste quarto? Por que me aprisiona? Tenho sido tão sua amiga. Se eu não te conhecesse, pensaria que era loucura, ou que começa a enlouquecer. Qual é o seu objetivo?

- Quero dormir – ordenou Silvio.

Ela parou de falar. Meu Deus, vós que sois e será sempre meu grande amigo, proteja-me. Eu não queria vir. Eu sofro vendo minhas filhas sofrerem. Se eu estivesse em liberdade eu passaria um telegrama para a mamãe mandar dinheiro para eu retornar ao meu país. Maria Alice pensava. Silvio nunca me tratou assim! Mas percebi que ele me odeia. Uma hora ele me agrada muito, outrora me magoa.

Assim passaram-se oito dias. Maria Alice estava magra, com olheiras. Silvio antes de sair enchia a moringa d'água. Ela estava tão apreensiva. Silvio lhe prometera tanta coisa e a realidade era apavoradora. Às oito horas da noite Silvio chegou. Maria Alice ficou contente pensando: ele vai mandar-me preparar as malas para viajarmos. Assim que eu me ver em liberdade não o acompanho. Se ele não me der dinheiro, vou pedir ao cônsul. E quando eu chegar ao meu país, quero desquitar-me. Vou abrir uma pensão para criar minhas filhas. Silvio não me ama, pretendo dar-lhe liberdade.

- Prepara as malas, amanhã vamos partir – disse Silvio.

- Até que enfim! Onde estão as meninas? Por que me separou delas? Seis dias que não as vejo! Quero ver minhas filhas, Silvio! Imploro-te, diz-me pelo amor de Deus!

¹⁴⁹ O início do capítulo VIII também é igual ao transcrito e editado nesta tese: Silvio, Maria Alice e as filhas embarcam em Santos num navio rumo à Argentina. As crianças adoram a viagem de navio, Maria Alice continua apreensiva.

Silvio não condoía-se da angústia de Maria Alice, não lhe respondia.

- Vou buscar um calmante para você – disse Silvio, saindo e fechando a porta à chave.

- Não é de calmante que eu preciso, o que eu preciso é ar e liberdade. E saber onde estão minhas filhas! E regressar ao meu país. Silvio transformou-se num tirano, seu coração empederniu-se.

Maria Alice já não tinha mais forças para chorar. Silvio não demorou nem cinco minutos e retornou. Maria Alice estava deitada naquela cama de ferro, onde não se notava o asseio. Os demais utensílios eram uma mesa, duas cadeiras e um *toilette* muito antigo. Pelo aspecto da casa ela percebeu que não estava no centro da cidade.

Silvio despejou o líquido num copo e ordenou-lhe que sorvesse. Assim que ela acabou de beber, começou a desfalecer. Seu estômago começou a queimar.

- Silvio, o que foi que você deu-me?

Ele não respondeu. Cruzou os braços e a fitava. Ela foi começando a gemer.

- Silvio, você me envenenou. Eu quero minhas filhas. Você ama a Olga. Eu percebi. Você vai sofrer muito com ela. A gente só é feliz quando vive tranquilo. E com ela você não terá tranquilidade. Peço, pelo amor de Deus, não deixe minhas filhas crescerem do lado de lá. Ela não tem capacidade para formar o caráter de ninguém porque nem o dela é formado. Silvio, você tem corpo de santo e coração de ferro. Oh! Meu Deus! Em vez de amar um homem, amei um monstro. José Augusto me disse que você não gosta de pobre.

Ela começou a repuxar as pernas no estertor. Esforçou-se para falar, mas não conseguia. Silvio cruzou-lhe as mãos e retirou-se, deixando sozinho o corpo de Maria Alice. Ia contente, porque era livre. Ia gozar, passear, viver como sonhava. Foi procurar um médico para lhe dar o atestado de óbito. Eram dez horas da noite, estava ansioso para passar aquela noite. Saiu, foi às *dancings* ouvir as lindas melodias portenhas. Cansou, resolveu ir para o hotel onde estavam suas filhas. Elas não toleravam hotel sem luxo e conforto. As meninas estavam aos cuidados da dona do hotel, que estava sendo muito bem paga. Quando chegou foi respeitosamente cumprimentado. Dirigiu-se ao seu quarto, deitou vestido como estava. Ficou inquieto, o sono não vinha. E sem querer, recordou-se das palavras da sua esposa: “A gente só é feliz quando vive tranquilo”. Para ele foi a noite mais longa do mundo. Eram oito horas quando despertou. Estava todo amarrotado, era preciso sair para sepultar sua esposa.

Quando ia sair, encontrou com as filhas, que estavam sentadas tomando chá. Assim que elas o viram, perguntaram:

- Onde está a mamãe? Leva-me para junto dela – perguntou Claudinha.

Silvio não prestou atenção em suas filhas. Quando penetrou no quarto onde jazia o corpo de Maria Alice sentiu uma forte emoção ao contemplá-la. Estava hirta, a pele roxa. Chegou o esquife, ele colocou o corpo gélido e o enterro partiu. Silvio suspirou aliviado quando a sepultou. Regressou, retirou as malas e foi para o hotel. Quando as meninas o viram, disseram:

- Papai, por que não trouxe a mamãe? Ela é tão boa! Onde está ela?

Pediu um banho, trocou-se, sentou na cama para pensar se devia avisar sua mãe e decidiu que sim. Passou um telegrama para sua sogra e outro para sua mãe. Procurou nos bolsos uma fotografia de Olga. Fitou-a e beijou-lhe. Com que prazer ela há de me receber! Foi o que me prometeu. Pediu à dona

do hotel para preparar as meninas que ele ia partir no outro dia, precisava recomeçar sua vida. Resolveu viajar de avião. Fretou um só para ele e suas filhas¹⁵⁰.

¹⁵⁰ A parte que se segue é quase idêntica a que está transcrita nesta tese: Silvio volta para São Paulo, para a casa da sogra e é recebido com a tristeza dela e dos amigos de Maria Alice, que vão cumprimentá-lo pela perda da esposa.

ANEXO II

Trecho de manuscrito de Dr. Silvio

X

Urbino chegou em São Paulo tão
 com prazer que fitou a linda etno-
 ple, com seus aranha-céus
 magestosos e a furção das
 raças mescladas e a desi-
 gualdade social. A classe
 rica uniu domica este
 excluindo lindos autônomois
 e jóias caríssimas.

A classe média na sua luta
 com o salário designado
 pelos delegados eleitores pelo
 país, mas um salário misero
 e mesquinho. O que adianta
 o nome de atualidade
 pensar no trabalho ou se
 trabalho. O salário não dá
 para suprir os gastos.
 tendo que se cuidar de a
 com pagar as prestações.
 Hoje não se compra o que
 nos agrada. Mas o que
 não nos compra com pagar nos
 obter nossas possibilidades

que, devia chamar
aquele sempre foi
eu fiquei da frente, e
do a casar-me com ela
ficou da frente, e ela
com solicitude.

Estava de Olga, despressa
que tentos a
nêgo que pessimo a
fig. Lu não passo all

Mesmo depois de
que a Maria Alice
com um vestido

a filha
da
de Olga
de

João
três e orgulhoso
fingido pela
essigado do

e neste mundo
uns dos outros
meço nos da e
nem.

Olhe o lado
do meu lado
haverá gostar
a mulher que
ao seu lado
Pensei, a Olga
em mim. Isto
seu ideal.

Deu folto
como era
felha do da
de

e ficou
e narro di

seja a me
de

Deverá a data
de
de

que quer que seja
porque o mundo
a um hotel
mundo por uns
de

de